

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (PPGFil)

GUSTAVO CAMPASSI SALGADO

**A PASSAGEM DO PRIMEIRO AO SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL E O
PROBLEMA DA CONSTITUIÇÃO DO EU: UM ESTUDO SOBRE FREUD**

SÃO CARLOS - SP

2024

GUSTAVO CAMPASSI SALGADO

**A PASSAGEM DO PRIMEIRO AO SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL E O
PROBLEMA DA CONSTITUIÇÃO DO EU: UM ESTUDO SOBRE FREUD**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da Universidade
Federal de São Carlos, para obtenção do
título de mestre em Filosofia

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva
Soria

SÃO CARLOS - SP

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Campassi Salgado, Gustavo

A passagem do primeiro ao segundo dualismo pulsional e o problema da constituição do Eu: um estudo sobre Freud / Gustavo Campassi Salgado -- 2024.

138f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Ana Carolina Soliva Soria

Banca Examinadora: Richard Theisen Simanke, Julia König

Bibliografia

1. Filosofia da psicanálise. 2. Freud. 3. Metapsicologia. I. Campassi Salgado, Gustavo. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Mestrado do candidato Gustavo Campassi Salgado, realizada em 21/08/2024:

Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Soliva Soria

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof^º. Dr^º. Richard Theisen Simanke

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof^ª. Dr^ª Julia König

Bergische Universität Wuppertal (BUW)

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao CNPq e à FAPESP. Ao primeiro, pelo apoio financeiro concedido nos meses iniciais do desenvolvimento da pesquisa. À segunda pelo financiamento concedido à pesquisa aqui desenvolvida, pelo processo de número 2021/03597-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e, em especial, pela Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior, através do processo de número 2022/11076-7. Esse auxílio foi essencial no aprofundamento no idioma alemão e possibilitou o contato com pesquisas e pesquisadores alemães e uma rica experiência de pesquisa no exterior. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, por ter possibilitado o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço à Johannes Gutenberg Universität - Mainz pela acolhida na realização do estágio de pesquisa e por possibilitar acesso ao acervo bibliográfico da instituição.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, Prof^o. Dr^o. Richard Theisen Simanke e Prof^a. Dr^a. Janaina Namba, pela leitura atenta e cirúrgica da versão inicial deste trabalho e pelas ricas considerações. Foram essenciais para o avanço da discussão que procurei aqui realizar.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a Ana Carolina Soliva Soria, pela preciosa orientação que vem realizando desde minha graduação e por ter possibilitado minha inserção no campo de investigação da Filosofia da Psicanálise. Agradeço à leitura sempre atenta de meu texto e pela disponibilidade nas orientações e estudos. Agradeço à Prof^a. Dr^a. Julia König pela preciosa supervisão durante meu Estágio de Pesquisa, por ter me recebido em Mainz, pelas conversas e pela leitura atenta da versão em inglês do presente trabalho. Agradeço à Prof^a. Dr^a. Marília Gonçalves, pelos instigantes diálogos, por ter me apresentado à Psicanálise e pela insistência e apoio durante minha graduação.

Não posso deixar aqui de agradecer a meus pais, Ildeu Pereira Salgado e Roseli Campassi Salgado, e à minha irmã, Gabriele Campassi Salgado, por sempre terem acreditado em mim e por terem arduamente pavimentado o caminho que me possibilitou acesso à educação superior. Não poderia deixar de mencionar Beatriz Tumbert Vasconcellos, a quem agradeço pelo carinho, pela paciência e por ter partilhado da sua presença ao meu lado ao longo desse percurso.

Por fim, agradeço aos amigos, em especial Guilherme, Vinicius, Caio, Suelen, João e Rafael. Sou grato a todos pelo companheirismo e pela parceria ao longo desses anos e pelos diálogos instigantes, essenciais nesse percurso.

Vocês foram essenciais.

Lieber Wilhelm, ich habe allerlei nachgedacht, über die Begier im Menschen, sich auszubreiten, neue Entdeckungen zu machen, herumzuschweifen; und dann wieder über den inneren Trieb, sich der Einschränkung willig zu ergeben, in dem Gleise der Gewohnheit so hinzufahren und sich weder um rechts noch um links zu bekümmern. (*Die Leiden des jungen Werther*, Goethe, p. 25)

Wenn alles Ich überwunden und gestorben war, wenn jede Sucht und jeder Trieb im Herzen schwieg, dann mußte das Letzte erwachen, das Innerste im Wesen, das nicht mehr Ich ist, das große Geheimnis. (*Siddhartha*, Hermann Hesse, p. 15)

RESUMO

Desde os primórdios do desenvolvimento do *Trieb* enquanto conceito psicanalítico há uma necessidade interna à teoria de sustentação de um dualismo no que concerne à classificação das pulsões. Esse dualismo inicialmente se deu entre as chamadas pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. Em sua concepção inicial a pulsão é entendida como um estímulo (*Reiz*) que, partindo do corpo, sua fonte (*Quelle*), vai gerar uma pressão, ou ímpeto (*Drang*), visando a satisfação (*Befriedigung*) por meio da anulação do estado de estimulação. Configurar-se-á a partir de então a entrada da pulsão no campo psíquico por meio de um representante (*Repräsentant*) da pulsão, na forma de afeto (*Affekt*) e representação (*Vorstellung*). Conceber esse movimento de circulação pulsional se complexifica a partir de 1920 se levarmos em conta que, nesse momento da construção do discurso psicanalítico, temos introduzida uma pulsão para a qual não há representação no psiquismo, ou seja, sem o elemento que configura a entrada pulsional no campo psíquico: a pulsão de morte (*Todestrieb*). Se assumirmos, munidos do texto freudiano, que é pela necessidade da circulação pulsional que o aparelho psíquico se forma, e que a representação é um momento privilegiado nessa circulação, a introdução de uma pulsão cuja característica é a ausência desse elemento abre um campo profícuo de investigação. E levando em conta que no segundo dualismo pulsional a finalidade última da pulsão é a sua anulação total enquanto estado de estimulação e que a instância psíquica denominada Eu surge tardiamente e em íntima relação com a necessidade da circulação pulsional e do estabelecimento de um campo representacional no psiquismo, o presente trabalho se trata de uma investigação a respeito da constituição do Eu à luz do segundo momento da doutrina pulsional freudiana, partindo, inicialmente, de uma investigação preliminar da passagem do primeiro ao segundo dualismo.

Palavras-chave: pulsão, Eu, metapsicologia, Freud.

ABSTRACT

From the very beginning of the development of the *Trieb* as a psychoanalytic concept, there was a need within the theory to sustain a dualism in terms of the classification of drives. This dualism initially took place between the so-called sexual drives and the self-preservative drives. In its initial conception, the drive is understood as a stimulus (*Reiz*) which, coming from the body, its source (*Quelle*), will generate a *urge* (*Drang*), aimed at satisfaction (*Befriedigung*) through the annulment of the state of stimulation. The drive will then enter the psychic field through a representative (*Repräsentant*), in the form of affection (*Affekt*) and representation (*Vorstellung*). Conceiving this movement of drive circulation becomes more complex after 1920 if we take into account that, at this point in the construction of the psychoanalytic discourse, we have the introduction of a drive for which there is no representation in the psyche, in other words, without the element that configures the drive's entry into the psychic field: the death drive (*Todestrieb*). If we assume, with the Freudian text, that it is through the need for drive circulation that the psychic apparatus is formed, and that representation is a privileged moment in this circulation, the introduction of a drive whose characteristic is the absence of this element opens up a fruitful field of investigation. Bearing in mind that in the second drive dualism the ultimate goal of the drive is its total annulment as a state of stimulation and that the psychic instance called the "I" arises late and in close relation to the need for drive circulation and the establishment of a representational field in the psyche, this dissertation is an investigation into the constitution of the "I" in the light of the second moment of Freudian drive doctrine, starting initially with a preliminary investigation of the transition from the first to the second dualism.

Keywords: drive, *I*, metapsychology, Freud.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e os textos dos anos 1910: traçando contornos anteriores à formalização dos trabalhos metapsicológicos	22
1.1. Os <i>Três Ensaios</i> : Apoio (<i>Anlehnung</i>) e influência recíproca (<i>Gemeinsamkeit</i>)	23
1.2. “ <i>Caso Schreber</i> ”: a preponderância das discussões clínicas na reformulação da doutrina das pulsões	41
1.3. Narcisismo em questão: nova extensão do conceito de sexualidade	45
Capítulo 2 - Um olhar para a Metapsicologia	53
2.1. A definição do conceito fundamental	54
2.2. As pulsões primordiais	58
2.3. Os destinos do sexual	59
2.4. A pulsão e seu representante representacional	64
Capítulo 3 - A pulsão e sua representação no segundo dualismo	71
3.1. Algumas palavras preliminares sobre a passagem de um dualismo a outro: a compulsão à repetição nos textos clínicos	74
3.2. A introdução do segundo dualismo pulsional	79
3.3. O lugar da representação no segundo dualismo: uma tentativa de interpretação	102
Capítulo 4 - O Eu: da diferenciação ao desvio	108
4.1. Eu e pulsão na emergência da segunda tópica	110
4.2. O Compêndio de Psicanálise: o Eu no testamento inacabado de Freud	124
Conclusão	129
Bibliografia	133

Introdução

A doutrina pulsional (*Triblehre*), pensada por Freud como ponto de ancoragem do saber que inaugura, é um tópico que traz em si uma série de problemáticas ainda hoje em discussão entre os comentadores de seu pensamento¹. No texto em que o autor explicitamente se propõe a delinear o que seria a pulsão, *As pulsões e seus destinos*, de 1915, lemos que se trata de um conceito “convencional a essa maneira e até agora bastante obscuro, mas do qual não podemos abrir mão na Psicologia” (FREUD, 1915/2021, p. 17)².

O referido conceito é pensado como absolutamente necessário para a sustentação do campo do saber que inaugura, a Psicanálise, ao mesmo tempo em que é predicado com certa obscuridade, a qual Freud atribui ao caráter ainda nascente desse saber e, assim, também dos conceitos que o sustentam. Para Fonseca (2012, p. 23) “essa é uma questão crucial para quem se debruça sobre a teoria da psicanálise. É a questão freudiana por excelência: o conceito mais importante é ao mesmo tempo o mais obscuro”. No texto mencionado, Freud define a pulsão (*Trieb*) da seguinte maneira:

[...] então nos aparece a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal. (FREUD, 1915/2021, p. 23-25)³

¹ Indicamos trabalhos como os já clássicos *Freud: o movimento de um pensamento* (1989), de Luiz Roberto Monzani; *Freud: a trama dos conceitos* (2001), de Renato Mezan; *Estilo e Modernidade em Psicanálise* (1997), de Joel Birman; e a *Introdução à metapsicologia freudiana* (2008), de Luiz Alfredo Garcia-Roza. Para trabalhos mais recentes, podemos aqui citar *Psiquismo e Vida* (2012), de Eduardo Ribeiro da Fonseca; *Freud: Filosofia e Psicanálise* (2019), de Luiz Roberto Monzani e Ana Carolina Soliva Soria (orgs.); *Cem anos de Além do princípio do prazer* (2023), de Ana Carolina Soliva Soria e Janaina Namba (orgs.). Na literatura de língua alemã podemos citar aqui os trabalhos *Das Unbewusste Denken: Wiederholung und Todestriebe* (2012), de Udo Hock; *Trieb: Grundelemente psychodynamischen Denkens* (2018), de Timo Storek; e o também já clássico *Der dritte Schritt in der Triblehre* (2013), de Ulrike May.

Os autores mencionados, nas obras citadas, abordam questões diversas concernentes à doutrina pulsional freudiana, algumas das quais serão discutidas no presente trabalho, como a relação entre pulsão de morte e representabilidade. Trazemos essas referências aqui, logo de partida, no intuito de indicar que as discussões em torno desse elemento da teoria freudiana, tendo já suas referências clássicas, permanecem ainda vivas no interior do debate filosófico.

² "ein solcher konventioneller, vorläufig noch ziemlich dunkler Grundbegriff, den wir aber in der Psychologie nicht entbehren können" (FREUD, 1915/2021, p. 16).

³ [...] so erscheint uns der "Trieb" als ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperlichen auferlegt ist. (FREUD, 1915/2021, p. 22-24)

A partir dessa definição vemos no texto um processo de análise do conceito, no sentido da divisão do mesmo em seus elementos constituintes. Tais elementos são: sua *fonte* (*Quelle*), seu *ímpeto* ou *pressão* (*Drang*), seu *objeto* (*Objekt*) e sua *meta* (*Ziel*), sendo essa última a satisfação através do objeto, inicialmente situado no corpo próprio e, posteriormente, também no mundo externo. Toda pulsão se inicia como um estímulo que tem sua origem em alguma parte do corpo. Através da acumulação da estimulação, seu ímpeto, o caráter impulsionante da pulsão, aumenta, forçando sua entrada no campo psíquico. Diante disto, a ação do aparelho psíquico acontece de acordo com uma *tendência*⁴, que será chamada por Freud de *princípio de constância*. De acordo com esse princípio, o aparelho psíquico funcionaria de modo a procurar livrar-se da estimulação que o atinge e, se possível, “manter-se completamente livre de qualquer estímulo” (FREUD, 1915/2021, p. 21)⁵. Analisando mais proximamente o processo de circulação pulsional, gostaríamos aqui de chamar a atenção, como Freud nos apresenta, ao caráter motor da pulsão:

Poderíamos concluir, pois, que são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua infundável capacidade de realização, ao seu tão elevado patamar atual de desenvolvimento. (FREUD, 1915/2021, p. 23)⁶

Luiz Hanns⁷, em um trabalho de referência a respeito da doutrina freudiana das pulsões, salienta a proeminência de dois dos aspectos característicos da pulsão, o *estímulo* (*Reiz*) e a *pressão* (*Drang*). De acordo com o autor, é através do acúmulo do primeiro que o segundo se faz presente (HANNNS, 1999, p. 57). Baseado em tal indicação, pode-se conceber o aparelho psíquico como tendo por função lidar com o acúmulo de estimulação que lhe é

⁴ Dizemos logo a frente que esta tendência a qual Freud se refere trata-se daquilo que ele denominou como *princípio de constância*. Não pretendemos aqui ignorar o longo debate sobre as problemáticas relações entre o *princípio de constância*, o *princípio de inércia*, o *princípio do prazer/desprazer* ou o *princípio do Nirvana*, se acompanhamos o desenrolar da obra freudiana de seus textos pré-psicanalíticos até os momentos finais de sua teorização. Tomamos como referência, no presente momento do trabalho, o texto de 1915 acima mencionado. Discussões sobre essas relações serão desenvolvidas no curso dos capítulos. Dada a temática aqui abordada, passar por tais problemas será inevitável, mas, a título de introdução, entendemos que essa indicação basta.

⁵ “sich überhaupt reizlos erhalten wollte” (FREUD, 1915/2021, p. 20)

⁶ Wir dürfen also wohl schließen, dass sie, die Triebe, und nicht die äußeren Reize, die eigentlichen Motoren der Fortschritte sind, welche das so unendlich leistungsfähige Nervensystem auf seine gegenwärtige Entwicklungshöhe gebracht haben. (FREUD, 1915/2021, p. 22)

⁷ HANNNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editores, 1999. 232p.

acarretado pelas pulsões, sendo, em virtude disso, definido um circuito de escoamento que tem como propósito final anular esse estado. No modelo mais simples de aparelho, pensado a partir do *paradigma do arco reflexo*⁸, tal eliminação de estimulação se daria de forma automática. No entanto, as necessidades pulsionais requerem objetos para o alcance da satisfação, o que demandará que uma ação seja realizada. Diante disso, não se pode conceber a pulsão sem que se pense em uma noção teleológica, com vistas a um fim, que consistiria na anulação da estimulação na fonte pulsional, no cessar do estado que a gerou. Seguindo essa concepção, o fundamento basilar de qualquer movimento psíquico pode ser pensado na forma de um circuito que tem seu início no acúmulo de estimulação, que gera desprazer, e um movimento tal que deve culminar no prazer da descarga energética. De acordo com Hanns, esse modo de pensar acompanha o trabalho freudiano de ponta a ponta:

Também, em textos mais maduros de sua obra, Freud, mesmo tratando das esferas imagéticas mais complexas, jamais deixa de remeter o leitor à fórmula econômica *Reiz-Lust-Unlust*, a qual *regula na base* a direção e o ritmo das ações do sujeito. (HANNS, 1999, p. 69)

O que temos então é um movimento que se inicia a partir do corpo e por conta do excessivo acúmulo de estimulação advém a necessidade de se ir além dessa dimensão. Parece haver, seguindo essa via de pensamento, um privilégio dado à dimensão mais básica da pulsão, seu caráter de estímulo que *impõe uma demanda* (HANNS, 1999, p. 69). Quando, em virtude do aumento da estimulação e, conseqüentemente, de seu caráter impelente, a pulsão atinge o aparelho psíquico, se apresenta ali como representação (*Vorstellung*) e como afeto (*Affekt*) (SORIA, 2012, p. 20).

Um estímulo pulsional (*triebhaft*) não pode, em termos psíquicos, ser apresentado diretamente, mas precisa, para adentrar à esfera psíquica, vincular-se a *representantes pulsionais* (*Triebrepräsentanten*). O afeto acima mencionado é seu *fator quantitativo*, derivado do estímulo. A esse afeto, por sua vez, liga-se o *fator qualitativo da pulsão*: a *representação* (*Vorstellung*). Representação (*Vorstellung*) é aqui entendida como

⁸ “Que significa isso aos olhos de Freud? Algo um pouco aberrante em termos biológicos, mas que Freud formula assim: o organismo o mais simples, o mais elementar, se recebe uma determinada quantidade de estímulos ou excitação, tende a descarregar imediatamente essa quantidade, evacuá-la.” (MONZANI, 2005, p. 160)

compondo-se das “(..) imagens guardadas na memória que reproduzem objetos ou ações aos quais a pulsão se liga e que são ativáveis” (HANNS, 1999, p. 83). Há na ideia de representação, portanto, uma conexão com a memória, no sentido do uso de traços mnêmicos como meios para guiar as ações que devem culminar na satisfação da necessidade pulsional:

São elas que compõem o mundo interno, são a matriz através da qual o sujeito decodifica os estímulos internos e externos que lhe chegam. É esse sistema de *Vorstellungen* (que podem se encontrar em estado consciente ou inconsciente) que compõe o que Freud denomina como aparelho psíquico. (HANNS, 1999, p. 84)

Se toda pulsão visa anular o estado que a originou, isto é, sua estimulação, então se justifica conceber uma tendência de movimento que vai do desprazer ao prazer, e este assume na teoria um caráter negativo, à medida que é atingido indiretamente pela evitação do desprazer ou pela descarga da tensão desprazerosa (MONZANI, 1989, p. 219). Fonseca (2012, p. 108), reconhece que “a ênfase no prazer como algo secundário e resultante da cessação dos estímulos é comum às diversas fases de desenvolvimento da teoria do impulso (*Trieblehre*) freudiana”. Um primeiro problema que se coloca nesse momento é o de compreender em mais detalhes a relação da circulação pulsional com a representação, sua entrada no campo psíquico. Uma via interpretativa possível que nos é oferecida, tendo a obra freudiana como norte, é a de que o acesso imediato à satisfação, sendo bloqueado de maneira primordial pela situação inicial de dependência na qual o ser humano se encontra em seus momentos iniciais (CAROPRESO, 2020, p. 51)⁹, torna necessário o aparecimento de uma dimensão que não apenas a corporal, permitindo o aparecimento do campo representativo. Por esta via, torna-se possível certa tolerância para com o desprazer momentâneo a fim de que se procure no mundo externo os objetos que tornam possível a almejada satisfação, o que demanda uma *ação específica*:

Tomemos um exemplo elementar, ao nível biológico. No caso da fome, temos originalmente um conjunto de desequilíbrios químicos que geram uma tensão específica no organismo,

⁹ “No Projeto de uma psicologia, Freud afirma que o desamparo inicial do organismo é a mola pulsional de todo o desenvolvimento psíquico.” (CAROPRESO, 2020, p. 51)

tensão esta que só é eliminada (vivência de satisfação) por meio de um objeto específico (o alimento). (MONZANI, 2005, p. 125)

Tal fato terá severas consequências econômicas na constituição do aparelho psíquico e, portanto, na circulação da energia pulsional em seu interior. Haverá uma estocagem de estimulação que possibilite que essa ação em direção ao mundo externo seja feita e, deste modo, a satisfação real possa ser atingida. É digno de nota que o alcance dessa satisfação necessariamente passe, à luz desse primeiro momento da doutrina freudiana das pulsões, pela dimensão representacional. Fonseca (2012, p. 112) aponta no *Drang*, enquanto fator motor, “o aspecto essencial” do *Trieb*. Esse aspecto essencial, que o vincula ao acúmulo de tensão, coloca o *Trieb* entre a necessidade fisiológica e a ânsia dirigida ao objeto. Fundamentado no estímulo, sua parte orgânica, o *Drang* abarca, no entanto, o âmbito psíquico, na medida em que implica um certo sentido para a descarga almejada e que se conecta ao campo representacional:

Trata-se de uma região fronteira entre a necessidade do organismo, que pode estar no âmbito da conservação ou da repetição de um prazer conhecido, e as representações psíquicas em cuja conexão possa ser gerada a ação correspondente ao alívio. (FONSECA, 2012, p. 112)

Com essa demarcação, cabe-nos aqui a pergunta: seria o acúmulo de excitação que, não encontrando as adequadas situações para sua descarga, viria a causar o aparecimento do aparelho psíquico e, assim, as instâncias psíquicas? Tendo em mente o problema que nos interessa, qual seja: o problema da constituição do aparelho psíquico e, especialmente, da instância psíquica denominada “*Eu*” (*das Ich*), gostaríamos de adentrar, tendo por base os elementos circunscritos até aqui, na segunda tópica freudiana, que se inaugura com a publicação, em 1923, de *O Eu e o Isso* (*Das Ich und das Es*). Compreendemos essa publicação como que iniciando o que será o momento final das elaborações freudianas a respeito de sua noção de aparelho psíquico. Na referida obra, vemos que, em seus momentos iniciais, não há uma diferenciação entre instâncias, mas apenas um “*Isso*” (*Es*) indiferenciado, local primeiro de inscrição psíquica das pulsões. Uma primeira diferenciação será causada

nesse “Isso” devido ao influxo do mundo externo, cindindo de maneira primeira o “*indivíduo*” (*Individuum*):

Um indivíduo é então, para nós, um Isso [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcp, seu núcleo. Se buscamos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Isso, mas apenas à medida que o sistema Pcp forma a sua superfície [do Eu], mais ou menos como o “disco germinal” se acha sobre o ovo. O Eu não é nitidamente separado do Isso; conflui com este na direção inferior. (FREUD, 1923/2011, p. 30)¹⁰

Como Freud enfatiza em diferentes momentos de sua obra, a instância chamada “Eu” tem sua formação tardiamente em relação a outra instância, o “Isso”, primeiro local de inscrição pulsional no psíquico. Em *Inibição, Sintoma e Angústia (Hemmung, Symptom und Angst)*, de 1926, Freud escreve que:

O terceiro fator, o psicológico, deve ser buscado numa imperfeição de nosso aparelho psíquico relacionada justamente à sua diferenciação em um Eu e um Isso, ou seja, também remonta, em última instância, à influência do mundo exterior. (FREUD, 1926/2014, p. 76)¹¹

É digno de nota que, nessas passagens, a instância psíquica do “Eu” é colocada como tendo sua origem ligada, *em última instância (in letzter Linie)*, ao influxo do mundo externo, que impõe muito precocemente limitações às demandas de satisfação pulsional do “Isso”. Ou seja, a partir dessas indicações entende-se aqui ser possível estabelecer uma discussão em torno das relações entre o Eu e a pulsão, objetivo do presente trabalho. Nessa discussão procura-se dar especial ênfase à emergência do Eu no interior do jogo de forças estabelecido

¹⁰ Ein Individuum ist nun für uns ein psychisches Es, unerkant und unbewusst, diesem sitzt das Ich oberflächlich auf, aus dem *W*-System als Kern entwickelt. Streben wir nach graphischer Darstellung, so werden wir hinzufügen, das Ich umhüllt das Es nicht ganz, sondern nur insoweit das System *W* dessen Oberfläche bildet, also etwa wie die Keimscheibe dem Ei aufsitzt. Das Ich ist vom Es nicht scharf getrennt, es fließt nach unten hin mit ihm zusammen. (FREUD, 1923/1947, p. 251)

¹¹ Der dritte oder psychologische Faktor ist einer Unvollkommenheit unseres seelischen Apparates zu finden, die gerade mit seiner Differenzierung in ein Ich und ein Es zusammenhängt, also in letzter Linie auch auf den Einfluß der Außenwelt zurückgeht. (FREUD, 1926/1955, p. 187)

entre o pulsional e os influxos externos no aparelho psíquico. Da citação que fizemos no início da presente introdução, retirada de *As pulsões e seus destinos*, para as considerações agora feitas, uma questão pode se estabelecer em relação ao fundamento básico da origem e movimento do aparelho psíquico, tal qual concebido no interior da teoria freudiana. Isso nos leva a perscrutar mais detidamente os termos nos quais se elabora a circulação pulsional nos diferentes momentos da teorização freudiana para, por fim, averiguarmos os termos da relação pulsão - Eu no momento de maior acabamento conceitual desta doutrina. Procura-se compreender a emergência do Eu como, por um lado, produto das necessidades impostas pela circulação pulsional no interior do aparelho e, por outro, como advindo dos influxos externos sobre o aparelho.

Se, em 1915, onde se apresenta a circunscrição de seu primeiro dualismo pulsional, o fundamento basilar de todo e qualquer movimento psíquico é posto como advindo das pulsões, em textos da década de 1920, como o acima citado *Inibição, sintoma e angústia* (*Hemmung, Symptom und Angst*), assim como em *Além do princípio de prazer* (*Jenseits des Lustprinzips*), é o mundo externo que parece exercer essa função, enquanto que a pulsão visa apenas o retorno a um estado prévio de ausência de estimulação. Da assunção desse novo objetivo como propósito último da pulsão enquanto tal, qual seja: a total anulação do estado de estimulação interna ao organismo, que tem como paradigma o retorno ao estado inorgânico, o mundo externo vem assumir o lugar de dificultador desse propósito máximo. De que modo produz-se tal dificuldade, podemos nos perguntar, e a resposta é esboçada por Freud em *Além do princípio de prazer*: através do constante incremento de excitação que esse mundo externo introduz, de modo que o almejado retorno se torna mais e mais complexo:

Uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob a influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferir, a manifestação da inércia na vida orgânica. (FREUD, 1920/2020, p. 131)¹²

¹² *Ein Trieb wäre also ein dem belebten Organischen innewohnender Drang zur Wiederherstellung eines früheren Zustandes, welchen dies Belebte unter dem Einflusse äußerer Störungskräfte aufgeben mußte, eine Art von organischer Elastizität, oder wenn man will, die Äußerung der Trägheit im organischen Leben. (FREUD, 1920/2020, p. 130)*

Vimos até aqui que, quando há uma manifestação pulsional, para que seu objetivo seja alcançado, um complexo de imagens e afetos é evocado, ao qual denominamos como os *representantes pulsionais*. Deste modo, o movimento para a ação aparece vinculado ao campo das representações que são evocadas nesse circuito de escoamento. Para que esse processo seja concluído, então, é necessário que uma tarefa prévia seja realizada, de modo que o estímulo se torne psicicamente manifesto: a *ligação (Bindung)* do estado de estimulação ao campo representacional. Segundo definição dada por Hanns (1999, p. 92), entendemos que:

[...] a palavra *Bindung* significa “ligação” na acepção material e concreta de “atamento”, “fixação”, “aprisionamento”, ou a ligação funcional na acepção de “enlaçamento”, “elo”. Em geral, a pulsão está *gebunden* (atada, amarrada, fixada) às representações e estas estão *verknüpft* ou *verbunden* (interligadas, interconectadas) entre si. (HANNIS, L., 1999, p. 92)

Essa *ligação* pulsional se dá às representações daquelas experiências já vividas de satisfação de necessidades pulsionais que se apresentam, como no caso já mencionado da fome, por exemplo. Se pensarmos à luz de seu segundo dualismo pulsional, i. e., aquele que coloca no quadro das grandes pulsões aquelas *de vida e de morte (Lebenstrieb e Todestrieb)*, respectivamente), temos nesse ponto a abertura de uma problemática. A morte é algo não vivido, não experienciado e, portanto, não cabe enquanto representação de uma meta a ser alcançada¹³. No texto de *Além do princípio de prazer* vemos Freud procurar por algo que possa indicar a manifestação da pulsão de morte, indo, inicialmente, ao sadismo à procura de “um exemplo” (*ein Beispiel*) de uma possível manifestação ligada a essa classe de pulsões: “Se for possível fazer uma suposição como essa, então teria se cumprido a exigência de apontar um exemplo de pulsão de morte, muito embora deslocada.” (FREUD, 1920/2020, p. 179)¹⁴.

A isso se segue uma revisão da concepção prévia em relação ao problema do sadismo e do masoquismo, exposta, por exemplo, no texto sobre as pulsões de 1915, onde o último era entendido como uma virada de um sadismo em direção ao Eu, mas que originariamente

¹³ Para um melhor esclarecimento da afirmação, remetemos aqui à discussão preliminar que abre o terceiro capítulo do presente trabalho, que tem precisamente o intuito de demonstração interna de tal conclusão com base no texto freudiano.

¹⁴ "Wenn es erlaubt ist, eine solche Annahme zu machen, so wäre die Forderung erfüllt, ein Beispiel eines – allerdings verschobenen – Todestriebes aufzuzeigen." (FREUD, 1920/2020, p. 178)

dirigia-se ao objeto, como componente da pulsão sexual. Essa concepção prévia encontrava-se em íntima conexão com a concepção do narcisismo esboçada no ano anterior à publicação do texto em questão. O que Freud faz agora é inverter os pólos do problema: o sadismo seria, na verdade, uma virada de um masoquismo original para fora, para o mundo externo. Fenômeno que seria tornado possível pelo processo chamado de *mistura pulsional* (*Triebvermischung*), no qual uma ligação íntima se estabeleceria entre as duas classes de pulsões. Uma conclusão que pode ser esboçada a partir de tal movimento é a de que, através de Eros, a pulsão de morte encontra uma via de manifestação, e que, de outro modo, sem tal mescla, permaneceria muda. Por meio desse processo, as últimas fazem uso dos objetos aos quais as pulsões de vida estão ligadas, e se desviam de seu ímpeto original, isto é, da aniquilação, da descarga energética total da tensão interna ao organismo. Salientamos aqui que Freud não apresenta um representante da pulsão de morte, mas um exemplo de uma manifestação na qual a mesma encontra-se envolvida, mas para a qual precisa estar ligada à pulsão de vida. Há, nessa manifestação, no entanto, uma ideia de desvio (“*allerdings verschoben*”) em relação à sua meta original, como podemos constatar na leitura do texto de *Além do princípio de prazer*, especialmente em seus capítulos V e VI, onde Freud realiza o movimento de fundamentação do caráter conservador da pulsão enquanto tal. Segundo Hock (2012), a procura pelo estabelecimento de um representante da pulsão de morte acompanhará a obra freudiana até seu final, permanecendo uma questão em aberto:

Apesar de anos de luta para encontrar um representante da pulsão de morte (sadismo, masoquismo, pulsão de destruição, ódio, agressão aparecem um após o outro e lado a lado nesta função), nenhuma das suas soluções consegue satisfazê-lo plenamente. E mesmo a prova de uma energia específica da pulsão de morte como contrapartida da libido, sobre a qual ele especula em "O mal-estar na cultura", permanece uma promessa não cumprida até o fim de sua obra. (HOCK, 2012, p. 288, tradução própria)¹⁵

Se há na vida psíquica uma pulsão que objetiva à morte como seu propósito final, isto é, como sua meta (*Ziel*), e se essa meta, se pensarmos à luz do texto de 1915, é alcançada através do objeto e, posteriormente, com a entrada da pulsão, por meio de seus representantes,

¹⁵ Trotz jahrelangen Ringens um eine Repräsentantes des Todestriebes (Sadismus, Masochismus, Destruktionstrieb, Haß, Aggression treten nacheinander und nebeneinander in dieser Funktion auf) kann ihn keine seiner Lösungen uneingeschränkt befriedigen. Und auch der Nachweis einer spezifischen Energie des Todestriebes als Pendant zur Libido, über die er in “Das Unbehagen in der Kultur” mutmaßt, bleibt bis zum Ende seines Werks ein uneingelöstes Versprechen. (HOCK, 2012, p. 288)

no campo representacional, temos aqui uma problemática que subjaz à passagem de um dualismo a outro no discurso freudiano sobre as pulsões: como conceber a conquista dessa meta se a pulsão de morte não ganha representação psíquica e se a morte não é passível de representabilidade? E, mais ainda, de que modo se pode pensar a relação entre uma tal categoria de pulsões com a emergência de uma instância organizada no psiquismo? São estas as perguntas que guiarão os momentos finais do presente trabalho, para as quais espera-se ao menos traçar contornos para possíveis caminhos interpretativos.

Com a introdução de seu segundo dualismo, a questão do que, em última instância, coloca em movimento o aparelho psíquico, se torna ainda mais complexa, em nossa leitura. Tal complexificação se deve à consideração de que, a partir desse momento, Freud parece assumir a existência de uma pulsão sem representação, sem aquele elemento que configura sua entrada no âmbito psíquico. Com isso em vista, que a pulsão de morte nomeada a partir de *Além do princípio de prazer*, se caracteriza pela ausência de representabilidade, isto é, não encontra expressão no elemento que possibilita a entrada da pulsão, ainda que de maneira sempre indireta e derivada, no campo psíquico, uma problemática é posta sobre a fundação última e a origem do aparelho psíquico, assim como sua posterior diferenciação em instâncias. Não precisamos nos afastar do texto para constatar que tal problemática é de fato colocada textualmente em íntima vinculação à nova conceituação de pulsão, se levamos em conta a especulação desenvolvida por Freud, em seu texto de 1920, a respeito da ficção heurística do ser vivo em sua maior simplicidade, a vesícula indiferenciada, e sua posterior diferenciação. Nessas considerações estamos aqui dando primazia ao representante ideativo (*Vorstellung*) que compõe o representante pulsional, por entendermos que a problemática da possibilidade ou impossibilidade do representante afetivo comporia uma discussão a parte. Ainda assim, na discussão dos textos metapsicológicos tomamos o cuidado de remeter a esta importante distinção que compõe a teoria representacional na qual se apoia a metapsicologia freudiana.

Isso dito, uma questão norteadora nos surge, tendo como ponto de ancoragem a passagem do primeiro ao segundo dualismo pulsional: seria possível conceber a constituição do “Eu” como um desvio à realização da meta pulsional *par excellence*, isto é, a total evacuação ao nível zero de tensão? Tal suspeita se baseia nos elementos circunscritos até aqui: a problemática conceituação de uma pulsão cuja finalidade não é inscrita no campo

representacional e a constatação de que esse campo de inscrição parece ser essencial na estruturação do aparelho psíquico e em sua diferenciação em instâncias distintas.

Considerando o que foi demarcado, o fio condutor do presente trabalho passa por três problemas principais, abertos pela passagem de um dualismo a outro na teoria freudiana: inicialmente, o entendimento e demonstração da vinculação entre pulsão e representação na concepção tal qual estabelecida em seu primeiro dualismo pulsional. Isso demonstrado, aborda-se a problemática conceitualização da pulsão de morte em *Além do princípio de prazer*, em relação ao momento anterior de sua doutrina. Por fim, se pensarmos sobre a concepção de uma pulsão que almeja o retorno ao inorgânico e cuja meta não é inscrita no campo representacional, de que maneira podemos pensar a estruturação de uma instância psíquica apresentada por Freud, como uma unidade sintética de representações e cujo aparecimento é tardio: o *Eu (das Ich)*?

Pudemos ver que em um momento de sua construção teórica sobre as pulsões, estas assumem o caráter de algo que impele o psíquico em tal sentido que culmina em um “progresso” (*Fortschritt*), como vemos em *As pulsões e seus destinos*. Em um momento posterior, aberto com *Além do princípio de prazer*, no entanto, seu caráter *impelente* não mais almeja a um “progresso”, mas a um retorno (*Wiederherstellung*). Nesse segundo momento, os progressos e desenvolvimentos atingidos pelo aparelho psíquico são creditados aos influxos do mundo externo, que complicam o alcance da meta pulsional, cujo *telos* é a morte. Essa observação nos trouxe, então, às questões que servem de guia para a presente investigação.

Dessa forma, esta dissertação está estruturada da seguinte maneira: nossos primeiros dois capítulos irão seguir a construção do discurso freudiano sobre o conceito de pulsão, ao menos naqueles textos que são nodais nesse caminho, no momento que se consolidou chamar de primeiro dualismo pulsional. Iniciaremos, no primeiro capítulo, com a análise do conceito e das discussões em seu entorno, a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, originalmente publicados em 1905, e iremos até o momento imediatamente anterior à publicação dos *Trabalhos sobre Metapsicologia*, parando em *Introdução ao Narcisismo*, publicado em 1914. Em nosso segundo capítulo, trabalharemos nos textos que podem ser considerados como a tentativa freudiana de formalização de seu primeiro dualismo: os *Trabalhos sobre Metapsicologia* publicados entre 1915 e 1917, de modo a explicitar além de seu intuito de fundamentação teórica, a demarcação de seus limites. Limites estes que irão culminar na reformulação do pilar da doutrina freudiana a partir da década de 1920, que será

objeto de nossos últimos capítulos. Nesses capítulos finais, seguindo o trabalho freudiano e algumas discussões por ele suscitadas, tentaremos elaborar nossa análise buscando oferecer contornos para uma possível resposta à questão que nos norteia. Isso será buscado através do tensionamento entre as noções de *pulsão (Trieb)*, *representação (Vorstellung)* e *Eu (das Ich)*, procurando oferecer elementos para um possível entendimento de seu entrecruzamento.

Capítulo 1 - “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” e os textos dos anos 1910: traçando contornos anteriores à formalização dos trabalhos metapsicológicos

Dispersemos os *corpus*, aprofundemos as fissuras, adensemos a desordem, sempre restará algo: é o que, me parece, um bom livro de epistemologia acaba sempre por sugerir. (LEBRUN, G. *A ideia de epistemologia*, in: *A filosofia e sua história*, 2006, p. 140)

Nosso primeiro capítulo busca delinear a teorização freudiana em torno do conceito de pulsão no momento de seu primeiro dualismo, que terá sua formulação final com a publicação dos artigos metapsicológicos em 1915 e 1917. Nesse percurso através dos textos que são essenciais na configuração no referido conceito, buscamos mostrar como a noção de representação (*Vorstellung*), entendida como um dos componentes do representante-representacional (*Vorstellungsrepräsentanz*) da pulsão, seria necessária para a operacionalização do conceito de pulsão. Inicialmente, neste primeiro capítulo, iremos lidar com esse construto em dois momentos anteriores aos artigos metapsicológicos, preparando, deste modo, o caminho para enfim adentrá-los. Primeiramente, os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, originalmente publicados em 1905, onde teremos a conceptualização da pulsão enquanto conceito fundamental (*Grundbegriff*) da obra freudiana e, logo, do saber psicanalítico por ele inaugurado. Em seguida, nos movimentaremos internamente por uma série de três artigos breves, porém densos, publicados nos anos iniciais da década de 1910: *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão (Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung)*, publicado em 1910; a terceira parte de *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia [Dementia Paranoides] relatado em autobiografia (Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides))* e *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens)*, ambos publicados em 1911. Por fim, como último movimento do presente capítulo, avançaremos nossa discussão pelo artigo sobre o narcisismo, de 1914. Em nosso segundo capítulo olharemos mais detidamente para os artigos metapsicológicos publicados. Com esse caminho

percorrido e nosso objetivo atingido, nos moveremos ao segundo momento deste trabalho: abordar os problemas advindo da definição de 1920, isto é, quando da introdução de uma pulsão que, de acordo com o modo pelo qual Freud a apresenta, não parece ganhar inscrição psíquica, ao menos não uma própria.

O objetivo deste trabalho é realizar uma leitura de Freud, numa tentativa de extrair dali certas consequências teóricas de suas formulações, seguindo a via aberta por Luiz Roberto Monzani (1989). Ao final do trabalho esperamos possuir elementos para pensar possíveis articulações entre os conceitos que aqui nos interessam, em especial a noção de Eu após a introdução da segunda doutrina freudiana das pulsões. Se o Eu é uma aquisição tardia na vida psíquica e se a pulsão é seu conceito mais fundamental, esperamos poder tecer contornos para uma possível resposta à questão que delineamos na introdução: se poderia o primeiro, do ponto de vista da segunda, ser pensado como um desvio. Para tanto entendemos necessário esse percurso inicial detido aos textos freudianos, procurando lê-lo, inicialmente, em sua própria letra e em seu próprio idioma.

1.1. Os *Três Ensaios*: Apoio (*Anlehnung*) e influência recíproca (*Gemeinsamkeit*)

Com a publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905, teremos o estabelecimento formal do *Trieb* como conceito no interior da obra freudiana. O termo aparece em momentos anteriores a essa data, como, por exemplo, no *Projeto* de 1895. No entanto assume em 1905 o papel de fundamento da teoria psicanalítica da sexualidade. De fato, o vemos já enunciado na abertura do primeiro dos ensaios. Em relação de analogia com a fome, tomada como o modelo da expressão daquilo que Freud irá brevemente nomear como *pulsão para a nutrição* (*Trieb nach Nahrungsaufnahme*), ele postulará a *libido* como o correlato do sexual:

A existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa na biologia, com a suposição de uma “pulsão sexual”. Nisso faz analogia com a pulsão de nutrição, a

fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra “fome”; a ciência emprega “libido”.¹⁶ (FREUD, 1905/2016, p. 20)

No intuito de oferecer uma descrição do funcionamento dessa pulsão sexual, ela será submetida a um processo de análise, de divisão em partes constituintes. Neste momento do trabalho Freud apresenta tal configuração como composto-se por um objeto (*Objekt*) e uma meta (*Ziel*), sendo esta última definida como “a ação à qual a pulsão impele” (FREUD, 1905/2016, p. 21)¹⁷. Metodologicamente, para descrever a pulsão sexual tal qual a concebe, Freud recorre a dois procedimentos no início de seu ensaio: 1) a relação de analogia com as necessidades vitais, aqui representadas pela fome. Analogia que funciona à medida em que ambas, fome e sexualidade, expressam necessidades que encontram suas expressões determinadas. Sendo, no entanto, conforme veremos no decorrer da exposição, de naturezas diversas. 2) O processo analítico que, através da divisão em elementos constituintes, possibilita certa inteligibilidade a essa ordem de fenômenos. Para tanto, o ponto de partida é o estabelecimento da sexualidade como sendo constituída por uma espécie de energia própria, a libido:

Com o conceito de libido, Freud introduz uma quantidade de energia específica da pulsão sexual, que lhe parece quantitativamente variável e, portanto, potencialmente mensurável. Em outras palavras, é a substância que é introduzida no ciclo de produção do aparelho psíquico, sobre a qual este realiza o seu trabalho (por exemplo, o trabalho do luto e do sonho) e que, por conseguinte, sofre vários destinos: O represamento da pulsão, a descarga da pulsão e os deslocamentos da pulsão são inconcebíveis sem um substrato subjacente. (HOCK, 2012, p. 206, tradução própria)¹⁸

¹⁶ Die Tatsache geschlechtlicher Bedürfnisse bei Mensch und Tier drückt man in der Biologie durch die Annahme eines “Geschlechtstriebes” aus. Man folgt der Analogie mit dem Trieb nach Nahrungsaufnahme, dem Hunger. Eine dem Worte “Hunger” entsprechende Bezeichnung fehlt der Volkssprache; die Wissenschaft gebraucht als solche “Libido”. (FREUD, 1905/1949, p. 33)

¹⁷ "heissen wir die Person, von welcher die geschlechtliche Anziehung ausgeht, das Sexualobjekt, die Handlung, nach welcher der Trieb drängt, das Sexualziel [...]" (FREUD, 1905/1942, p. 34)

¹⁸ Mit dem Libidobegriff führt Freud eine dem Sexualtrieb eigene Energiegröße ein, die ihm quantitativ veränderlich und deshalb potentiell meßbar erscheint. Das heißt, sie ist der Stoff, der in den Produktionskreislauf des psychischen Apparats eingeführt wird, an dem dieser seine Arbeit (z. B. Trauer- und Traumarbeit) verrichtet und der damit verschiedene Schicksale erleidet: Triebstauungen, Triebabfuhr und Triebverschiebungen sind nicht denkbar ohne ein ihnen zugrunde liegendes Substrat. (HOCK, 2012, p. 206)

Esse procedimento tem o intuito de servir como ponto de partida para a crítica da noção de sexualidade que Freud procura empreender ao longo do primeiro ensaio: algo que seria ausente na infância, aparecendo apenas com a puberdade, e que se manifestaria na atração de um sexo pelo outro (portanto heterossexual por natureza), cujo objetivo seria a união sexual entre os diferentes sexos, tendo nos genitais sua primazia por excelência. Através da divisão proposta logo ao início, Freud argumenta que entre os supostos objeto e meta “normais” existiriam variações inúmeras que, não sendo meros desvios acidentais, requerem maiores esclarecimentos. Essa será a linha argumentativa seguida através do primeiro ensaio, para culminar na construção propriamente psicanalítica da noção de sexualidade. Tomando inicialmente os desvios em relação ao objeto, Freud inicia sua discussão pela questão da *inversão*, então em voga, para questionar a suposta validade da norma heterossexual em se tratando da sexualidade humana.

O início do primeiro ensaio caminha pelo estabelecimento de problemáticas que subjazem à teoria da degenerescência de então na concepção dos chamados desvios da função sexual. O que servirá para uma contraposição à uma suposta base instintual da sexualidade humana, por meio do estabelecimento do caráter contingente de seu objeto. Freud opera no primeiro ensaio uma espécie de desmontagem da noção de sexualidade construída pela fisiologia de seu tempo, como pontua Soria (2012, p. 73):

O que ele pretende é dar um golpe fatal na noção de sexualidade cuidadosamente construída pela ciência do século XIX: uma disposição inata, organizada sob um propósito biológico determinado (a reprodução e, portanto, heterossexual e genital) e que irromperia em uma época apropriada (a puberdade). (SORIA, 2012, p. 73)

Tal procedimento pode ser exemplificado na demonstração que Freud empreende da insuficiência da oposição *inato x adquirido* como fator explicativo ao problema da escolha de objeto; estando qualquer das escolhas possíveis, seja a considerada normal ou seja seus supostos desvios, carentes de um melhor entendimento. De fato, Freud parece afirmar seu distanciamento em relação à certas concepções biológicas no prólogo que abre a terceira edição do obra, datado de outubro de 1914, ao fim do qual lemos a seguinte declaração:

Além da dependência geral da pesquisa psicanalítica, devo ressaltar como característica deste meu trabalho a independência proposital em relação à pesquisa biológica. Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral ou da de espécies animais particulares neste estudo, relativo à função sexual do ser humano e possibilitado pela técnica da análise. (FREUD, 1914/2016, p. 16)¹⁹

Se Freud abre o ensaio apresentando a libido como uma expressão do sexual, estabelecendo esse domínio de fenômenos em analogia à nutrição, muito rapidamente salienta tratarem-se de ordens de fenômenos diversos: a sexualidade não deixa-se explicar por uma meta biológica determinada. Fonseca (2012), por exemplo, entenderá que:

Nesse texto [*Três ensaios...*], Freud dissocia a sexualidade humana do suposto alvo privilegiado da biologia: genitalidade reprodutiva. Esta é uma norma apenas relativa, possível ou plausível, que depende do processo de desenvolvimento da própria sexualidade. (FONSECA, 2012, p. 21)

Não por acaso, a meta da sexualidade será apresentada de maneira genérica como um ímpeto por satisfação, isto é, não há uma finalidade estritamente demarcada. Em verdade, Freud procura demonstrar a seu leitor que as tentativas de fixar tal finalidade foram, senão falhas, ao menos insuficientes. Deste modo, em 1915, temos adicionada à obra a seguinte nota, que atesta o fato de que, do ponto de vista freudiano, não há vínculo objetal óbvio em se tratando da sexualidade humana: “Na concepção da psicanálise, portanto, também o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si (...)” (FREUD, 1915/2016, p. 35)²⁰. O objeto, desse modo, é posto como contingente, sendo necessário mas não presente desde o início, portanto não originário:

¹⁹ Neben der durchgängigen Abhängigkeit von der psychoanalytischen Forschung muss ich die vorsätzliche Unabhängigkeit von der biologischen Forschung als Charakter dieser meiner Arbeit hervorheben. Ich habe es sorgfältig vermieden, wissenschaftliche Erwartungen aus der allgemeinen Sexualbiologie oder aus der spezieller Tierarten in das Studium einzutragen, welches uns an der Sexualfunktion des Menschen durch die Technik der Psychoanalyse ermöglicht wird. (FREUD, 1905 [1914]/1942, p. 30)

²⁰ “Im Sinne der Psychoanalyse ist also auch das ausschließliche sexuelle Interesse des Mannes für das Weib ein der Aufklärung bedürftiges Problem und keine Selbstverständlichkeit [...]” (FREUD, 1905 [1915]/1942, p. 44)

O conhecimento obtido em casos considerados anormais nos diz que neles há apenas, entre pulsão sexual e objeto sexual, uma soldagem, que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal, em que a pulsão parece já trazer consigo o objeto. Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre pulsão e objeto que há em nosso pensamento. É provável que a pulsão sexual seja, de início, independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste. (FREUD, 1905/2016, p. 38)²¹

Ocupemo-nos, então, com a tese que vemos ser delineada nessas passagens. O objeto da pulsão sexual não está contido na mesma de maneira originária, apenas posteriormente aparecerá como tal. Isso se dá por duas razões: o caráter autoerótico das pulsões sexuais parciais e sua tardia independência das funções que servem à preservação da vida. A fome, o outro modelo de pulsão, não admite variações em demasia na escolha de seu objeto de satisfação. Nesse caso, o objeto ao qual é possível estabelecer-se uma ligação deve satisfazer necessidades biologicamente condicionadas. Tais necessidades respondem à manutenção e preservação da vida no organismo. Falamos aqui em organismo, no que diz respeito a essa segunda classe de pulsões, por entendermos que se tratam de necessidades que vão para além da configuração psíquica humana, tal qual Freud nos apresenta. Posteriormente, em textos que irão compor o quadro do segundo dualismo pulsional, essa noção passará a ter maior relevância no pensamento freudiano, como veremos em *Além do princípio de prazer* e, especialmente, em *O problema econômico do masoquismo*. Tendo por modelo o alimento que nutre, a fome “se atém muito mais energicamente a seu objeto” (FREUD, 1905/2016, p. 39)²².

Freud, nesse primeiro ensaio, define o outro componente da pulsão sexual, sua *meta* (*Ziel*), como ação ou atividade a que se dirige a pulsão visando satisfazer-se, ação que se direciona ao objeto. Na abertura da segunda seção do ensaio, que tem precisamente a pretensão de lidar com o problema dos “desvios” em relação à meta sexual, temos

²¹ Die Erfahrung an den für abnorm gehaltenen Fällen lehrt uns, daß hier zwischen Sexualtrieb und Sexualobjekt eine Verlötung vorliegt, die wir bei der Gleichförmigkeit der normalen Gestaltung, wo der Trieb das Objekt mitzubringen scheint, in Gefahr sind zu übersehen. Wir werden so angewiesen, die Verknüpfung zwischen Trieb und Objekt in unseren Gedanken zu lockern. Der Geschlechtstrieb ist wahrscheinlich zunächst unabhängig von seinem Objekt und verdankt wohl auch nicht den Reizen desselben seine Entstehung. (FREUD, 1905/1942, p. 46-47)

²² Immerhin wirft es ein Licht auf die Natur des Geschlechtstriebes, daß er so viel Variation und solche Herabsetzung seines Objektes zuläßt, was der Hunger, der sein Objekt weit energischer festhält, nur im äußersten Falle gestatten würde. (FREUD, 1905/1942, p. 47)

importantes conclusões concernentes ao nosso problema de investigação. Novamente vemos demonstrada a dificuldade de demarcação de um objetivo estático e invariável. O fator psíquico é evocado na medida em que, face às diversas possíveis variações em relação à meta, “justamente nas perversões mais abomináveis devemos reconhecer que é maior a participação psíquica na transformação da pulsão sexual” (FREUD, 1905/2016, p. 57)²³. O fator psíquico se mostraria mais claramente nos exageros observados nas escolhas perversas de objetos e metas de satisfação sexual. No entanto, esse exagero denuncia a presença do fator psíquico enquanto constituinte dos caminhos pelos quais a pulsão sexual constituirá sua meta e seu objeto.

Após essas considerações, chegamos, enfim, à primeira definição de certo modo sintética daquele conceito considerado por Freud como fundamento, ainda que obscuro:

Por “pulsão” não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir, à diferença do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas oriundas de fora. Assim, “pulsão” é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico. A mais simples e imediata suposição sobre a natureza das pulsões seria que elas não possuem qualidade nenhuma em si, devendo ser consideradas apenas como medida da exigência de trabalho feita à psique. O que diferencia as pulsões umas das outras e as dota de atributos específicos é a relação com suas *fontes* somáticas e suas *metas*. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e sua meta imediata consiste na remoção desse estímulo no órgão. (FREUD, 1915/2016, p. 66-67)²⁴

Antes de comentar os componentes da definição, parece-nos relevante, neste ponto, apontar que, de acordo com indicações de Strachey, essa parte do parágrafo foi adicionada por

²³ "Vielleicht gerade bei den abscheulichsten Perversionen muß man die ausgiebigste psychische Beteiligung zur Umwandlung des Sexualtriebes anerkenne." (FREUD, 1905/1942, p. 61)

²⁴ Unter einem “Trieb” können wir zunächst nichts anderes verstehen als die psychische Repräsentanz einer kontinuierlich fließenden, innersomatischen Reizquelle, zum Unterschiede vom “Reiz”, der durch vereinzelte und von außen kommende Erregungen hergestellt wird. Trieb ist so einer der Begriffe der Abgrenzung des Seelischen vom Körperlichen. Die einfachste und nächstliegende Annahme über die Natur der Triebe wäre, dass sie an sich keine Qualität besitzen, sondern nur als Masse von Arbeitsanforderung für das Seelenleben in Betracht kommen. Was die Triebe voneinander unterscheidet und mit spezifischen Eigenschaften ausstattet, ist deren Beziehung zu ihren somatischen Quellen und ihren Zielen. Die Quelle des Triebes ist ein erregender Vorgang in einem Organ und das nächste Ziel des Triebes liegt in der Aufhebung dieses Organreizes. (FREUD, 1905[1915]/1942, p. 67)

Freud apenas em 1915, na terceira edição dessa obra. Mesmo ano, portanto, da publicação do artigo metapsicológico dedicado propriamente à circunscrição do conceito: *As pulsões e seus destinos*, que abre os então chamados *Trabalhos sobre metapsicologia*. Se em 1905 temos uma primeira tentativa de conceptualização, sua formulação não está ainda finalizada, e passará por processos de adição ao longo das sucessivas edições do trabalho. Essas adições irão culminar na publicação dos textos metapsicológicos de 1915.

A definição é deveras extensa se comparada àquela primeira presente na primeira edição dos ensaios, logo no início do primeiro. Temos aqui novos elementos e outra forma de apresentar aqueles já nomeados: objeto e meta. A definição parte de uma negação: a pulsão não é simplesmente um estímulo. E isso por duas razões: primeiramente, o estímulo, assim como a pulsão, é uma excitação, mas que se apresenta de maneira singular. Por seu lado, o estímulo pulsional (*triebhaft*) é caracterizado pelo constante fluir. Em segundo lugar, mas não menos importante, temos uma demarcação quanto à origem: o estímulo vem de fora, do mundo externo, e a pulsão tem sua fonte localizada internamente ao organismo.

Cabe aqui um breve parêntese, a título de maiores esclarecimentos à definição dada acima. Nem todo estímulo de origem endógena deverá ser confundido com um estímulo pulsional. Para compreender essa distinção podemos aqui recorrer, de maneira um tanto estratégica, porém justificada, a um texto freudiano que, ainda que não publicado em vida, foi posteriormente objeto de extenso debate: o *Projeto de uma psicologia (Entwurf einer Psychologie)*, escrito em 1895²⁵. Na primeira parte do manuscrito podemos ler o seguinte:

O que sabemos dos estímulos *endógenos* pode expressar-se pela suposição de que sejam de natureza intercelular, gerados continuamente e que só periodicamente se tornem estímulos psíquicos. A ideia de uma acumulação é irrecusável, e a intermitência do efeito psíquico só autoriza a seguinte concepção: elas {as quantidades}, no seu caminho de condução para Ψ , deparam-se com resistências que somente são superadas pelo aumento da quantid[ade]. (FREUD, 1895[1950]/2003, p. 194)²⁶

²⁵ Como ótimo exemplo de trabalho atual que procura lançar luz sobre certas obscuridades desse texto, indicamos o trabalho em andamento de Simanke (2023), *A fundação da psicanálise: Uma análise do Projeto de uma psicologia de Freud*.

²⁶ Was wir von den *endogenen* Reizen wissen, lässt sich in der Annahme ausdrücken, dass sie interzellulärer Natur sind, kontinuierlich entstehen und nur periodisch zu psychischen Reizen werden. Die Idee einer Anhäufung ist unabweislich, und die Intermittenz der psychischen Wirkung lässt nur die Auffassung zu, dass sie auf ihrem Leitungsweg nach Ψ auf Widerstände stoßen, die erst bei Anwachsen der Quantit[ät] überwunden werden. (FREUD, 1895[1950]/1987, p. 408-409)

E, logo à frente, lemos que “chama-se um processo assim de somação. As conduções Ψ são preenchidas por somação até se tornarem permeáveis” (p. 194)²⁷. Em 1905, a concepção de um estímulo de origem interna como fator constitutivo do psíquico não é nenhuma novidade no pensamento freudiano. No entanto, vemos nesse momento o *Trieb* ganhar o estatuto de um conceito dentro do saber psicanalítico, sobre o qual Freud sustentará sua concepção da sexualidade. Podemos recorrer ao manuscrito de 1895, no entanto, para extrair dali considerações relevantes em relação à distinção adicionada em 1915: nem todo estímulo endógeno constituirá uma pulsão. Para que seja possível que determinado estímulo venha a se tornar pulsional, será necessário que certo nível de estimulação (que Freud chama de *quantidade* no *Projeto...*) seja atingido. No *Projeto...* lemos que certos estímulos, sendo capazes de ultrapassar um determinado nível de excitação, começam a impor-se ao psíquico, de modo que uma ação motora passa a ser requerida. De certo modo, podemos dizer que o psíquico tem de defender-se do estímulo que o atinge, visando reduzir ao máximo o nível desta estimulação. Todavia, após esse rebaixamento, um processo estimulatório tem lugar novamente, de modo que temos o caráter de constância que caracteriza o mecanismo pulsional para Freud, conforme fica claro na exposição elaborada na primeira sessão do manuscrito póstumo objeto deste breve parêntese. Assim, o manuscrito nos ajuda a compreender que se a pulsão é um estímulo de origem interna, nem todo estímulo interno é, todavia, pulsional.

Agora Freud introduz, com especial ênfase, outro componente da pulsão: sua *fonte* (*Quelle*), um processo de excitação interno ao organismo, e seu caráter imponente, caracterizado como uma demanda por trabalho imposta ao psíquico. Temos aqui os quatro componentes essenciais da pulsão: objeto, meta, fonte e seu ímpeto ou pressão (*Drang*). A definição coloca-a como um atravessamento entre as dimensões do corpo e do psíquico. Não é simplesmente um estímulo, mas um “*representante psíquico*” (*psychische Repräsentanz*) deste, isto é, tem de haver uma delegação psíquica para que se constitua como tal. Encontramos autores, como, por exemplo Almeida (2019, p. 183), que vão procurar sustentar que em certos termos operativos da metapsicologia freudiana, dentre os quais a pulsão, Freud estaria referindo-se à “entidades mentais, e não propriamente a processos neurofisiológicos”. A partir da leitura do texto freudiano, não diríamos que não há um fundamento fisiológico

²⁷ "Man heisst einen solchen Vorgang: *Summation*. Die Ψ Leitungen erfüllen sich durch Summation, bis sie durchlässig werden." (FREUD, 1895[1950]/1987, p. 409)

para a pulsão, como é claro na insistência freudiana em demarcar a importância da fonte da pulsão como seu momento somático. De fato, a fonte não a determina em termos de seu destino, mas é um elemento irreduzível ao psíquico, como ficará mais claro no decorrer de nosso avanço pelos textos. Soria (2019) diz a esse respeito que:

Os “processos somáticos em um órgão ou parte do corpo” (tal como a fome para o aparelho digestivo) são representados no psiquismo sem que a consciência tenha notícia de sua natureza (*Natur*), seja ela química, mecânica ou de qualquer outro tipo. Para os fins da investigação psicológica, não é de modo algum necessário o conhecimento das fontes (*Quelle*) de estimulação somática. Freud afirma inclusive que a busca de tal conhecimento deve até mesmo ser afastada do campo de atuação da psicanálise, ainda que a fonte de estimulação psíquica seja absolutamente decisiva para a vida anímica. (SORIA, 2019, p. 194)

O fato da definição ser apresentada ao final do primeiro ensaio, logo após o processo de desmontagem das teorias que defendiam um fundamento inato para a sexualidade, não deve passar despercebido. Não seria isso parte do esforço freudiano de desmontagem dos mencionados fundamentos inatos, estabelecendo, por outro lado, um fundamento *pulsional* (*triebhaft*)? Considerando o volume da discussão do primeiro ensaio, acreditamos ser possível ao menos indicar tal possível interpretação. E aqui nos alinhamos à leitura que faz Monzani (1989, p. 29): precisamente o caráter instintual do sexual é o ponto de ataque aqui, porque tal caráter implicaria no fato de que a sexualidade conteria em si mesma, analiticamente, o objeto ao qual se dirige, “como uma espécie de comportamento preexistente” (MONZANI, 1989, p. 29).

Se a sexualidade é pulsional e não instintual, afirma-se o caráter genérico de sua meta: a satisfação através do objeto. É necessário que a pulsão se estabeleça para além da dimensão somática, para que possa constituir-se seu circuito de escoamento. Se seu objeto não está inscrito previamente desde o brotar da pulsão em sua fonte somática, deverá ser, portanto, psiquicamente construído. Para tanto, deve haver, como primeiro ponto de ancoragem, a marca de uma inicial experiência de satisfação. Através dessa primeira marca, inscreve-se o primeiro traço mnêmico do objeto que, posteriormente, através de sua re-ocupação,

constituirá uma representação de objeto (*Objektvorstellung*). A partir de então, está posto o objeto enquanto representação inscrita psicicamente²⁸.

Se tomarmos em consideração a acurada análise semântica que Hanns (1999) empreende em torno da diferença de significação entre os termos *Trieb* e *Instinkt* no idioma alemão, temos argumentos a favor da leitura que aqui se delineia. De acordo com o autor, em relação ao núcleo semântico de tais termos, há uma diferença que toca justamente na determinação ou indeterminação de objeto como elemento distintivo:

Em geral, o *Trieb* abarca *todo o arco* que se inicia na origem como Força Impelente Geral dos Seres Vivos e desemboca como Impulso ou Tendência do Indivíduo, enquanto *Instinkt* se refere primordialmente à manifestação dessa Força na *espécie* como Tendência de Comportamento Dirigido a Atividades e Objetos Determinados. (HANNSS, 1999, p. 34-5)

Fonseca (2012, p. 122; p. 136) também salienta como fator demarcador da diferença entre *Trieb* e instinto a determinação do objeto nesse último e sua indeterminação no primeiro. Na conclusão de seu trabalho, aponta também para outra demarcação importante: “daquilo que constitui a especificidade do conceito de impulso em relação ao de instinto, isto é, a possibilidade de deslocamento psíquico entre representações e o que isso significa em termos de atividade psíquica, de comportamento prático e de interação entre indivíduos e grupos sociais” (FONSECA, 2012, p. 295). A variabilidade do objeto é resultado do deslocamento psíquico entre representações, isto é, faz parte dos destinos do pulsional. E nisso se constitui o objeto como intrinsecamente ligado ao psíquico, através das representações que o representam.

²⁸ Este ponto será retomado e esclarecido em mais detalhes no próximo capítulo, na discussão do modo como se compreende a formação de uma representação a partir dos artigos metapsicológicos. No presente momento da discussão, tendo por base o texto em questão, o que queremos ressaltar é este primeiro ponto de partida no entendimento da inscrição psíquica da pulsão: o fato dela não trazer analiticamente seu objeto desde seu brotar, implica que este deve ser encontrado ou então construído. A desvinculação do objeto é um primeiro passo para que se possa sustentar tal compreensão.

Enquanto no primeiro ensaio vemos uma desmontagem tomar forma, nas linhas que viemos comentando até aqui, no segundo e terceiro, por sua vez, será posta em marcha a construção da noção propriamente psicanalítica da sexualidade humana. Conforme já mencionado, o conceito de *Trieb* será o fundamento basilar dessa construção.

Ao longo da obra freudiana, temos explicitado o intuito de substanciar um dualismo no que diz respeito à sua doutrina pulsional (*Trieblehre*). Freud irá sustentar que temos em operação na vida psíquica duas grandes classes de pulsões distinguíveis entre si. No início de nossa exposição vimos que a pulsão sexual é tomada em analogia àquela que foi de início nomeada como *pulsão para a nutrição* (*Trieb nach Nahrungsaufnahme*). De início ambas as classes de pulsões, ainda que distintas, não são, no entanto, distinguíveis. Esta diferenciação entre “distinto” e “distinguível” será deveras importante no decorrer de nosso argumento, especialmente ao tratarmos, mais a frente, ainda no presente capítulo, do problema do narcisismo e, no terceiro capítulo, do segundo dualismo pulsional freudiano.

Tomando esta pulsão para a nutrição como outro elemento constituinte do dualismo que aqui se delineia, teremos estabelecida a seguinte relação: de início estão as pulsões sexuais de tal modo vinculadas às outras, constituindo uma relação de apoio (*Anlehnung*). De acordo com Limongi (1994, p. 87), em um trabalho de análise das diferentes versões do texto em questão, a noção de *Anlehnung* ganhará maior relevância conceitual com a edição de 1915, já estando, no entanto, presente desde a primeira versão do texto.

Se Freud não deixa de mencionar tratar-se de um dualismo, não vemos, no entanto, um esforço sistemático em definir ou preencher com conteúdo essa outra categoria pulsional, ainda que dela se parta para definir as pulsões sexuais, como vimos. Tal característica é apontada, por exemplo, por Razinsky (2013), segundo o qual:

A teoria referente às pulsões do eu, dos quais a autopreservação será uma, foi revisada diversas vezes na obra de Freud. Em nenhuma de suas versões foi a autopreservação objeto de considerações sérias. Enquanto no começo, as pulsões do eu foram identificadas com a necessidade por auto-preservação, sendo a fome seu protótipo, elas foram negligenciadas

diversas vezes em comparação às pulsões sexuais, sua contraparte. (RAZINSKY, 2013, p. 25, tradução própria)²⁹

Trazemos aqui três momentos, retirados do segundo ensaio, nos quais se mencionam certos componentes dessa outra classe de pulsões, para então comentar as relações estabelecidas entre ambas neste momento:

O ato de *chupar* ou *sugar*, que aparece já no lactente e pode prosseguir até o fim do desenvolvimento ou se conservar por toda a vida, consiste na sucção, repetida de maneira rítmica, com a boca (os lábios), sem a finalidade da alimentação. (FREUD, 1905/2016, p. 82-83)³⁰

No começo, a satisfação da zona erógena estava provavelmente ligada à satisfação da necessidade de alimento. A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela. (FREUD, 1915/2016, p. 85-86)³¹

Já pudemos ver, no ato de chupar ou sugar com leite, as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta surge apoiando-se numa das funções vitais do corpo, ainda não tem objeto sexual, é autoerótica, e sua meta sexual é dominada por uma zona erógena. Antecipamos que essas características valem igualmente para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis. (FREUD, 1905/2016, p. 87)³²

²⁹"The theory concerning ego instincts, of which self-preservation is one, was revised several times in Freud's work. In none of the versions was self-preservation given serious consideration. While in the beginning, the ego instincts were identified with the need for self-preservation, hunger being the prototype of such an instinct, they were severely neglected in comparison to the sexual instincts, their counterpart." (RAZINSKY, 2013, p. 25)

A tradução do trecho é de nossa responsabilidade. Tomamos a liberdade de verter "instinct" por "pulsão", visando manter o texto fiel à distinção freudiana. Cabe apontar que no presente momento as pulsões do eu, ou de autopreservação, ainda não estão nomeadas, mas aparecem como pulsão para a nutrição. No entanto, justifica-se a citação, uma vez que o autor menciona que a concepção dessa classe pulsional passa, ao longo da obra, por reconsiderações diversas, reconsiderações estas que percorremos no presente trabalho.

³⁰ Das Lutschen oder Lutschen, das schon beim Säugling auftritt und bis in die Jahre der Reife fortgesetzt werden oder sich durchs ganze Leben erhalten kann, besteht in einer rhythmisch wiederholten saugenden Berührung mit dem Munde (den Lippen), wobei der Zweck der Nahrungsaufnahme ausgeschlossen ist. (FREUD, 1905/1942, p. 80)

³¹ Anfangs war wohl die Befriedigung der erogenen Zone mit der Befriedigung des Nahrungsbedürfnisses vergesellschaftet. Die Sexualbetätigung lehnt sich zunächst an eine der zur Lebenserhaltung dienenden Funktionen an und macht sich erst später von ihr selbständig. (FREUD, 1905[1915]/1942, p. 82)

³² Am Lutschen oder Wonnesaugen haben wir bereits die drei wesentlichen Charaktere einer infantilen Sexualäußerung bemerken können. Dieselbe entsteht in Anlehnung an eine der lebenswichtigen Körperfunktionen, sie kennt noch kein Sexualobjekt, ist autoerotisch, und ihr Sexualziel steht unter der

A sexualidade tem seu brotar apoiada nas funções que servem à preservação da vida, aquelas que têm a fome e a nutrição como modelo. No entanto, apesar desse *apoio* inicial a sexualidade se tornará independente, em virtude de sua natureza diversa. Em uma tentativa de preencher com certo conteúdo a outra classe de pulsões, com base nos elementos que temos até o presente momento, podemos entender que terá a boca como seu órgão privilegiado de acesso à satisfação.

Inicialmente, as pulsões sexuais, devido a esse apoio, terão por objeto de satisfação aqueles mesmos que vêm satisfazer as necessidades da outra classe de pulsões. No entanto, concomitantemente à satisfação da fome, há também uma satisfação de outra ordem, que se expressa na repetição do ato que satisfaz a ambas: o sugar. Deste modo, podemos constatar que:

O próprio Freud fala, nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", de uma "necessidade de repetição da satisfação sexual" (G.W. V: 82; cf. também 85 e 89), que ele distingue "da necessidade de nutrição" (ibid.). A divergência entre as duas formas de necessidade, para as quais Freud afirma uma relação de apoio, marca precisamente o ponto em que a sexualidade se separa das funções de manutenção da vida e segue as suas próprias vias. (HOCK, 2012, p. 161, tradução própria)³³

Repete-se o mesmo ato, não no sentido da busca por alimento, mas sim desse outro prazer, apoiada nas funções que servem à manutenção vital. Seria esse ato a manifestação inicial da pulsão sexual, o início da constituição de seus caminhos de satisfação próprios. Em seu segundo momento, no qual se torna independente da satisfação das necessidades vitais, manifesta-se de forma autoerótica e dispersa. Nesse momento autoerótico uma parte do

Herrschaft einer erogenen Zone. Nehmen wir vorweg, dass diese Charaktere auch für die meisten anderen Betätigungen der infantilen Sexualtriebe gelten. (FREUD, 1905/1942, p. 83)

³³ Freud selbst in den "Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie" von einem "Bedürfnis nach Wiederholung der sexuellen Befriedigung" spricht (G.W. V: 82; vgl. auch 85 und 89), das er "von dem Bedürfnis nach Nahrungsaufnahme" unterscheidet (ebd.). Das Auseinanderklaffen der beiden Bedürfnisformen, für die Freud ein Anlehnungsverhältnis konstatiert, markiert exakt die Stelle, an der sich die Sexualität von den lebenserhaltenden Funktionen abtrennt und ihren eigenen Bahnungen folgt. (HOCK, 2012, p. 161)

próprio corpo é tomada como objeto de satisfação, aquela mesma parte da qual brota a necessidade, de modo que temos uma mistura entre *fonte* e *objeto* da pulsão:

Então a necessidade de repetir a satisfação sexual se separa da necessidade de nutrição [...]. A criança não se utiliza de um objeto do mundo exterior para sugar, mas sim de uma área da própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque assim independe do mundo externo que ainda não consegue dominar [...]. (FREUD, 1905/2016, p. 86)³⁴

Do momento de separação das duas ordens de satisfação em diante outro circuito se constituirá para a excitação de natureza sexual, um circuito *suplementar* ao biológico, tendo em vista que o ato de sugar não responde a uma necessidade biológica (MONZANI, 2005, p. 125). Outra ordem de necessidades advém e, devido ao momento inicial de indistinguibilidade, no qual um mesmo órgão servia à satisfação de ambas, terá lugar um fenômeno chamado por Freud de *influência recíproca* (*Gemeinsamkeit*)³⁵. Podemos entender por isso uma espécie de disputa entre ambas por aquelas regiões do corpo que foram aptas em possibilitar a satisfação almejada (FREUD, 1905/1992, p. 187). Essas pulsões parciais e dispersas, não são nunca completamente ordenadas, de modo que seus vestígios se farão presentes ao longo de todo o desenvolvimento libidinal:

[...] os *Triebe* parciais infantis atuam na idade adulta proporcionando prazer preliminar subordinado à sexualidade genital. Esses *Partialtriebe*, também presentes na sexualidade adulta, demonstram que a genitalidade reprodutiva não é sequer necessária do ponto de vista

³⁴ Nun wird das Bedürfnis nach Wiederholung der sexuellen Befriedigung von dem Bedürfnis nach Nahrungsaufnahme getrennt [...]. Eines fremden Objektes bedient sich das Kind zum Saugen nicht, sondern lieber einer eigenen Hautstelle, weil diese ihm bequemer ist, weil es sich so von der Außenwelt unabhängig macht, die es zu beherrschen noch nicht vermag [...]. (FREUD, 1905/1942, p. 82-83)

³⁵ Optou-se por esta tradução composta por entendermos que ela melhor denota o processo que Freud está aqui descrevendo. Outras opções consultadas foram *similaridade*, *dupla destinação* (opção adotada por Paulo César de Souza) e *ação recíproca* (opção adotada pelos tradutores da edição Amorrortu). Trata-se de um fenômeno em que uma mesma parte ou conjunto de partes do corpo são tomadas como meios de acesso à satisfação pelas duas espécies de pulsões: tanto aquelas que servem à manutenção do organismo quanto aquelas que servem ao ganho de prazer sexual. Deste modo, há uma reciprocidade no controle da parte do corpo em questão, de modo que, a partir desta parte, ambas as pulsões podem exercer influência mútua uma sobre a outra. Esse processo pode ser exemplificado, por exemplo, na utilização da boca tanto como órgão que serve ao acesso ao alimento quanto ao prazer extraído da sucção. Trata-se da capacidade de ambas as pulsões, reciprocamente, exercerem influência sobre uma mesma parte do corpo.

da organização da libido, como caso do fetichismo, ou da sodomia. (FONSECA, 2012, p. 46)

Com essas indicações, podemos agora avançar para 1910, ano em que teremos pela primeira vez na obra freudiana publicada o uso do termo *pulsões do Eu (Ichtriebe)*, no breve artigo *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão (Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung)*, onde lemos que:

Passamos a atentar para a importância das pulsões na vida representativa (*Vorstellungslieben*); verificamos que cada pulsão procura se impor mediante a vivificação das representações (*Vorstellungen*) condizentes com suas metas. Nem sempre essas pulsões são compatíveis entre si; com frequência têm conflitos de interesses; as oposições da representação (*Vorstellung*) são apenas expressão das lutas entre as pulsões que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e as outras, que têm por meta a autoconservação do indivíduo, as pulsões do Eu (*Ichtrieben*). (FREUD, 1910/2013, p. 245)³⁶

A partir desse breve parágrafo, as pulsões do Eu passam a integrar, nomeadamente, o quadro de referência do dualismo pulsional, vindo abarcar o que em 1905 foi nomeado como pulsão para a nutrição. Nesse momento Freud faz questão de salientar a vinculação dessas pulsões ao campo representacional: se ambas as pulsões entram em conflito, este encontra expressão justamente através do campo representacional.

A pulsão tem seu início como um estímulo (*Reiz*), cuja fonte (*Quelle*) é um processo orgânico interno ao organismo. Essa estimulação, através de seu acúmulo, impõe uma demanda de trabalho ao psiquismo, tendo em vista uma meta (*Ziel*), que consiste na satisfação

³⁶ Wir sind auf die Bedeutung der Triebe für das Vorstellungsleben aufmerksam geworden; wir haben erfahren, dass sich jeder Trieb durch die Belebung der zu seinen Zielen passenden Vorstellungen zur Geltung zu bringen sucht. Diese Triebe vertragen sich nicht immer miteinander; sie geraten häufig in einen Konflikt der Interessen; die Gegensätze der Vorstellung sind nur der Ausdruck der Kämpfe zwischen den einzelnen Trieben. Von ganz besonderer Bedeutung für unseren Erklärungsversuch ist der unleugbare Gegensatz zwischen den Trieben, welche der Sexualität, der Gewinnung sexueller Lust, dienen, und den anderen, welche die Selbsterhaltung des Individuums zum Ziele haben, den Ichtrieben. (FREUD, 1910/1943, p. 97-98)

(*Befriedigung*). Se apresentam, portanto, como um estado de tensão que, para seu cessar, faz necessário que uma atividade seja realizada na direção daquilo que possibilite a realização de sua meta, aquilo que é chamado de objeto (*Objekt*).

Não podemos deixar de lado, no entanto, que entre as duas classes de pulsões existe uma diferença, que se dará precisamente na configuração do circuito de escoamento que as compõem. A circunscrição desse aspecto demarcador será empreendida por Freud em seu também breve, porém esclarecedor artigo de 1911: *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens)*. Sendo elas aquilo que mobiliza, que colocam o psiquismo em atividade, Freud aponta para um estado originário de repouso do psiquismo que “foi inicialmente perturbado pelas exigências imperiosas das necessidades internas” (FREUD, 1911/2010, p. 111)³⁷. Haveria no psiquismo primariamente um estado de repouso, que teve de ser abandonado justamente devido ao surgimento destas necessidades internas, é esta a concepção freudiana neste momento. Para Freud, são os processos anímicos (*seelischen Vorgängen*) primariamente inconscientes: “Nós os vemos como os mais antigos, como primários, vestígios de uma fase de desenvolvimento em que constituíam a única espécie de processos anímicos” (FREUD, 1911/2010, p. 111)³⁸.

Para critérios meramente esquemáticos e explicativos, poderíamos traçar uma linha que teria seu início no orgânico, passaria pelos processos psíquicos inconscientes e atingiria, em alguns casos, a consciência. Nesse traçado, com os elementos que temos até este momento, a consciência adviria a partir da necessidade de se levar em consideração o mundo exterior para o alcance da satisfação daquelas necessidades internas ao organismo que chegam a atingir o psiquismo. Desse modo, “as forças imperiosas e contingenciais da efetividade precisam ser reguladas pelo aparelho anímico ou psíquico (*Seelischer / Psychischer Apparat*) para facilitar o reconhecimento de objetos favoráveis e desfavoráveis.” (FONSECA, 2012, p. 73, destaques no original). A efetividade precisou, então, ser apreendida em percepções:

³⁷ "der psychische Ruhezustand anfänglich durch die gebieterischen Forderungen der inneren Bedürfnisse gestört wurde." (FREUD, 1911/1943, p. 231)

³⁸ "Wir halten diese für die älteren, primären, für Überreste aus einer Entwicklungsphase, in welcher sie die einzige Art von seelischen Vorgänge waren." (FREUD, 1911/1943, p. 231)

A maior significação da realidade externa elevou também a significação dos órgãos dos sentidos voltados para o mundo externo e da *consciência* a ele vinculada, que além das qualidades de prazer e desprazer, as únicas que até então lhe interessavam, começou a aprender também as qualidades sensoriais. (FREUD, 1911/2010, p. 113)³⁹

Através do processo de inscrição psíquica das pulsões, na configuração de seu circuito de escoamento, será estabelecida a diferenciação entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. Isso se dá no seguinte sentido: estas, em vista do objetivo de manter vivo o organismo, têm de submeter-se muito mais precocemente à realidade, substituindo o funcionamento regido pelo princípio do prazer pelo de realidade. Enquanto que aquelas, devido a seu momento autoerótico, apenas tardiamente têm de realizar tal substituição. Dada a importância concedida a tal diferenciação, cabe citar mais demoradamente o autor que, no ponto 3 do texto em questão, escreve:

Pois enquanto ocorre esse desenvolvimento nas pulsões do Eu, as pulsões sexuais se destacam delas de modo significativo. As pulsões sexuais se comportam a princípio autoeroticamente; acham satisfação no próprio corpo e por isso não chegam à situação de frustração que levou ao estabelecimento do princípio de realidade. E, quando mais tarde começa nelas o processo de busca do objeto, ela experimenta logo uma demorada interrupção no período de latência, que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Esses dois fatores - autoerotismo e período de latência - têm por consequência que a pulsão sexual é detida em seu desenvolvimento psíquico e permanece muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer, ao qual em muitas pessoas não consegue jamais se subtrair. (FREUD, 1911/2010, p. 115)⁴⁰

³⁹ Die erhöhte Bedeutung der äußeren Realität hob auch die Bedeutung der jener Außenwelt zugewendeten Sinnesorgane und des an sie geknüpften Bewußtseins, welches außer den bisher allein interessanten Lust- und Unlustqualitäten die Sinnesqualitäten, auffassen lernte. (FREUD, 1911/1943, p. 232)

⁴⁰ Während aber diese Entwicklung an den Ichtrieben vor sich geht, lösen sich die Sexualtriebe in sehr bedeutsamer Weise von ihnen ab. Die Sexualtriebe benehmen sich zunächst autoerotisch, sie finden ihre Befriedigung am eigenen Leib und gelangen daher nicht in die Situation der Versagung, welche die Einsetzung des Realitätsprinzips erzwungen hat. Wenn dann später bei ihnen der Prozess der Objektfindung beginnt, erfährt er alsbald eine lange Unterbrechung durch die Latenzzeit, welche die Sexualentwicklung bis zur Pubertät verzögert. Diese beiden Momente – Autoerotismus und Latenzperiode – haben zur Folge, dass der Sexualtrieb in seiner psychische Ausbildung aufgehalten wird und weit länger unter der Herrschaft des Lustprinzips verbleibt, welcher er sich bei vielen Personen überhaupt niemals zu entziehen vermag. (FREUD, 1911/1943, p. 234-235)

E, no item 7, lemos Freud postular os diferentes caminhos tomados em seu desenvolvimento em relação à consideração pela realidade. A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade irá se dar de maneira mais imperiosa em relação às demandas relacionadas às pulsões do Eu, dado que sua satisfação necessita ser suprida por objetos que advenham do mundo exterior. Portanto:

Enquanto o Eu perfaz sua transformação de Eu-de-prazer em Eu-realidade, as pulsões sexuais experimentam as mudanças que as levam do autoerotismo inicial até o amor objetual a serviço da procriação, passando por várias fases intermediárias. [...] Adquirem insuspeitada importância, desse modo, as características temporais dos dois desenvolvimentos, ainda não estudadas, o possível retardamento de uma em relação à outra. (FREUD, 1911/2010, p. 119)⁴¹

Observamos, portanto, a afirmação das consequências resultantes dos diferentes caminhos tomados por cada uma das pulsões em seu desenvolvimento. Enquanto as pulsões do Eu, que têm por objetivo a autopreservação do organismo, têm de levar o mundo externo em conta muito mais precocemente, devido à natureza de seu objeto, as pulsões sexuais, como vimos, tem no autoerotismo sua modalidade inicial de satisfação, o que significa ter no próprio corpo seu objeto, de modo que o mundo externo apenas tardiamente tem de ser levado em conta.

⁴¹ Während das Ich die Umwandlung vom Lust-Ich zum Real-Ich durchmacht, erfahren die Sexualtriebe jene Veränderungen, die sie vom anfänglichen Autoerotismus durch verschiedene Zwischenphasen zur Objektliebe im Dienste der Fortpflanzungsfunktion führen. [...] Die noch nicht studierten zeitlichen Charaktere der beiden Entwicklungen, deren mögliche Verschiebung gegeneinander, kommen so zu unvermuteter Bedeutung. (FREUD, 1911/1943, p. 237)

1.2. "Caso Schreber": a preponderância das discussões clínicas na reformulação da doutrina das pulsões

A veces pienso que tú no estás loco, dijo mi hija. No estoy loco, dije yo, sólo confundido. Pero la confusión te dura desde hace mucho, dijo mi hija. El tiempo es una ilusión, dije yo y pensé en gente que hacía mucho que no había visto e incluso en gente que no había visto nunca. (Roberto Bolaño, Los detectives salvajes, p. 451)

Considerando estarmos situados nas formulações freudianas de 1911, movamo-nos para o texto seguinte, guiados por nossas indagações: as considerações teóricas do “caso Schreber”. Esse movimento tem justificativa metodológica, uma vez que vemos nesse texto delinear-se o que será entendido por Freud alguns anos mais tarde, em 1914, como um novo passo na construção de sua doutrina pulsional. Esse novo passo, que se insere dentro do momento do primeiro dualismo, mas anuncia a elaboração do segundo, é a elaboração do conceito de narcisismo. Realizamos aqui um percurso diacrônico em torno dos momentos da elaboração da doutrina pulsional freudiana. É importante que se diga aqui, de partida, que, como veremos à frente, o narcisismo será entendido como um estágio intermediário entre o autoerotismo e a escolha de objeto. Portanto, nos interessa aqui enquanto momento das elaborações em torno da vinculação entre pulsão e objeto.

Como veremos no texto de 1914, a introdução desse conceito é compreendida por Freud como um terceiro passo em sua teoria da libido e, por consequência, em sua doutrina pulsional. Apesar desse texto ser colocado por vezes dentro dos artigos metapsicológicos, tal como o faz Garcia-Roza (2008), a razão de não o abordarmos no capítulo dedicado àqueles artigos é que o próprio Freud, ao nomear os artigos que compõem essa série, no *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos*, não o menciona. Por essa razão, entendemos aqui a elaboração desse conceito, com sua inserção na teoria psicanalítica, como um antecedente aos textos metapsicológicos. Como aponta Aires (2019, p. 135):

Se, por um lado, os artigos de metapsicologia sistematizavam o conhecimento produzido até então, “visando uma sùmula e preparando uma revisão”, por outro, indicavam claramente os limites teóricos encontrados por Freud. (AIRES, 2019, p. 135)

Entendemos o texto do narcisismo, dentro desse quadro de referência, como um indicador dos referidos limites teóricos encontrados por Freud que a autora salienta. Isso dito, o presente momento da teorização freudiana interessa-nos enquanto momento da elaboração da doutrina pulsional. Fazemos essa ressalva, pois trata-se de um texto extremamente rico em elaboração conceitual e deveras importante para outros problemas concernentes à teoria freudiana, como a elaboração de uma teoria sobre as psicoses, por exemplo.

O narcisismo é mobilizado diante de duas ordens de problemas: primeiramente, o da passagem do autoerotismo para a escolha de objeto, de tal modo a ocupar uma posição intermediária nessa trama:

Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou suas pulsões sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. (FREUD, 1911/2010, p. 81)⁴²

Na passagem entende-se que o narcisismo se constituiria através da unificação das pulsões sexuais inicialmente autoeróticas. Tal unificação se daria pela tomada em comum de um mesmo objeto de investimento: o Eu. Freud tem de lidar com isso devido a certos sintomas que são manifestados no quadro paranoico: uma relativa desconsideração pelo mundo externo e seus objetos, acompanhada de um excessivo investimento do Eu, que culmina no desenvolvimento de um delírio de grandeza (*Größenwahn*). Ao discutir o processo de formação do sintoma, Freud conclui que:

⁴² Es besteht darin, dass das in der Entwicklung begriffene Individuum, welches seine autoerotisch arbeitenden Sexualtriebe zu einer Einheit zusammenfasst, um ein Liebesobjekt zu gewinnen, zunächst sich selbst, seinen eigenen Körper zum Liebesobjekt nimmt, ehe es von diesem zur Objektwahl einer fremden Person übergeht. (FREUD, 1911/1943, p. 297)

O doente retirou das pessoas de seu ambiente e do mundo exterior o investimento libidinal que até então lhes dirigira; com isso, tudo para ele tornou-se indiferente e sem relação, e tem de ser explicado, numa racionalização secundária, como “produzido por milagre, feito às pressas”. O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo acabou, depois que retirou dele o seu amor. (FREUD, 1911/2010, p. 93)⁴³

O mecanismo de construção do sintoma paranoico passa pelo desinvestimento do mundo externo, não apenas das ocupações libidinais, mas também “provavelmente o interesse em geral, isto é, também os investimentos que procedem do Eu” (FREUD, 1911/2010, p. 93)⁴⁴, conforme adiciona Freud em nota. Interessa-nos pontuar que vemos no texto tanto a assunção do fenômeno da tomada do Eu como objeto do investimento libidinal, como também a existência de outra espécie de energia de investimento de natureza não sexual, provinda do Eu e denominada como *interesse*.

O processo de desinvestimento libidinal pode tomar diversos caminhos, mas aquele que será especialmente característico da destinação tomada no quadro analisado consiste no seu retorno para o Eu e seu conseqüente uso para seu engrandecimento. Oposto a isso estaria o destino tomado no caso das neuroses, o qual consistiria no uso do investimento retirado do objeto para o investimento das fantasias⁴⁵. Se é patente a retirada das ocupações de natureza libidinal do mundo externo, no que diz respeito à outra ordem de investimento, as de interesse, o mesmo não pode ser dito de maneira tão taxativa. Na nota que citamos, Freud menciona a possibilidade desse desinvestimento, porém, no decorrer da discussão deparamo-nos com a consideração de que para estes uma retirada total do mundo externo seria um tanto quanto problemática de se assumir. Podemos derivar isso de sua distintiva característica de maior fixação ao mundo externo, que vimos ser desenvolvida na discussão dos textos anteriores, ou seja, sua menor maleabilidade no que tange à escolha objetual. Diante disso, a perda do vínculo com o mundo exterior não se dá por completo, mas esse mundo

⁴³ Der Kranke hat den Personen seiner Umgebung und der Außenwelt überhaupt die Libidobesetzung entzogen, die ihnen bisher zugewendet war; damit ist alles für ihn gleichgültig und beziehungslos geworden und muss durch eine sekundäre Rationalisierung als “hingewundert, flüchtig hingemacht” erklärt werden. Der Weltuntergang ist die Projektion dieser innerlichen Katastrophe; seine subjektive Welt ist untergegangen, seitdem er ihr seine Liebe entzogen hat. (FREUD, 1911/1943, p. 307)

⁴⁴ Vielleicht nicht nur die Libidobesetzung, sondern das Interesse überhaupt, also auch die vom Ich ausgehenden Besetzungen. (FREUD, 1911/1943, p. 307)

⁴⁵ “Se a neurose é apresentada como solução, como um direcionamento da carga libidinal narcísica, que promove a substituição da realidade pela fantasia, mantendo a relação erótica com pessoas e coisas, a psicose, por sua vez, é pensada como desligamento do investimento libidinal.” (AIRES, 2019, p. 136)

exterior ainda impõe suas impressões ao doente através dos investimentos provindos das pulsões do Eu. E ele tem de com elas lidar, fazendo-as caber, de alguma forma, na construção de seu delírio:

Ele percebe o mundo externo, cogita razões para as mudanças, é incitado a elaborar explicações (os “homens feitos às pressas”) pela impressão que dele recebe, e por isso acho bem mais provável que sua relação alterada com o mundo se explique apenas ou sobretudo pelo fim do interesse libidinal. (FREUD, 1911/2010, p. 99)⁴⁶

Vemos que Freud constrói sua doutrina pulsional de maneira insistentemente dualista⁴⁷. Se os termos desse dualismo não estavam ainda bem demarcados em 1905, vemos ser nominalmente postos em 1910, para, logo no ano seguinte, ser objeto de nova reformulação. Nessas sucessivas reformulações a soberania do fato clínico se impõe na elaboração conceitual de seu arcabouço teórico. Na análise que Freud empreende no caso Schreber duas linhas de compreensão em torno do conceito de narcisismo se reúnem: como mecanismo que tem papel na gênese da paranoia e como mecanismo que tem papel na gênese da homossexualidade masculina. É nesse momento da elaboração teórica freudiana que podemos dizer que “o narcisismo se consolidou como estágio intermediário entre o auto-erotismo e libido objetal” (Guimarães, 2012, p. 48). Ou seja, podemos compreendê-lo dentro da linha de desenvolvimento que teve início no primeiro dos três ensaios, com o afrouxamento da relação entre pulsão sexual e seu objeto. O narcisismo, então, pode ser encarado como parte da resposta à questão de como se dá a vinculação entre pulsão e objeto.

⁴⁶ Er nimmt die Außenwelt wahr, er gibt sich Rechenschaft über ihre Veränderungen, wird durch ihren Eindruck zu Erklärungsleistungen angeregt (die “flüchtig hingemachten” Männer), und darum halte ich es für weitaus wahrscheinlicher, dass seine veränderte Relation zur Welt allein oder vorwiegend durch den Ausfall des Libidointeresses zu erklären ist. (FREUD, 1911/1943, p. 312)

⁴⁷ “Há várias formas de “dualismo” em Freud: dualismo de princípios (princípio de prazer/princípio de realidade), dualismo tópico (Inconsciente/consciente), dualismo pulsional (pulsões de vida/pulsões de morte), e temos ainda: processo primário/processo secundário, energia livre/energia ligada, pulsão/representação, pulsões sexuais/pulsões de autoconservação etc.” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 275-276)

1.3. Narcisismo em questão: nova extensão do conceito de sexualidade

Seguindo o caminho argumentativo através de textos que são nodais na elaboração da doutrina pulsional, iniciamos com os *Três ensaios*, passando pelos breves artigos sobre as desordens psicogênicas da visão e sobre os dois princípios do funcionamento psíquico, até chegarmos à discussão teórica do caso Schreber. Estamos agora nas proximidades dos artigos metapsicológicos e adentraremos um texto deveras denso, porém de importância decisiva nas elaborações freudianas, ainda que posteriormente considerado argumentativamente insuficiente por Freud (AIRES, 2019, p. 135)⁴⁸.

Vimos que, no texto anterior, o narcisismo é mobilizado como fator explicativo por duas razões principais: a passagem do autoerotismo à escolha objetal e a tomada do Eu como objeto de investimento libidinal. O narcisismo é então compreendido como o momento posterior ao autoerotismo e prévio ao investimento objetal. Se ele é um fator explicativo, todavia, requer uma fundamentação mais elaborada. Será esse o intuito do texto *Introdução ao narcisismo*, de 1914.

O Eu até o presente momento é apresentado como o local de onde parte uma determinada classe de pulsões e, ao mesmo tempo, como objeto de investimento das outras, as sexuais. Todavia, esse Eu não é um dado originário, diferentemente das pulsões. As pulsões, sejam as de natureza sexual ou as autopreservativas, são mais originárias que a instância psíquica denominada Eu. Sua entrada no aparelho psíquico se dá anteriormente à organização de qualquer instância psíquica. Será a partir desta entrada e do jogo de determinações com os influxos do mundo externo, que se constituirá este aparelho. Esta entrada, por sua vez, ocorre por via de seus representantes, o que veremos em mais detalhes no próximo capítulo.

Voltando ao texto em questão, se o Eu não é originário, deve, portanto, passar por um processo de gênese. Sua gênese se dará, em vista desse momento da elaboração freudiana, justamente através da organização das então dispersas pulsões sexuais autoeróticas:

⁴⁸ “Segundo Peter Gay, em suas correspondências, Freud afirma que a escrita do artigo sobre o narcisismo foi desagradável pelo reconhecimento de uma *séria insuficiência* nos argumentos apresentados.” (AIRES, 2019, p. 135)

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas as pulsões auto eróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao auto erotismo, uma nova ação psíquica para que se forme o narcisismo. (FREUD, 1914/2010, p. 12-13)⁴⁹

Após esse primeiro momento de organização das pulsões sexuais, entra em cena um fator de ordem quantitativa para demarcar a necessidade de investimento externo das pulsões sexuais, originalmente voltadas para si mesmas e, depois, para o Eu:

A partir disso ousamos abordar esta outra questão: de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. (FREUD, 1914/2010, p. 20)⁵⁰

Se há uma libido que investe o Eu, essa libido é, no entanto, anterior a ele e parte dele em direção ao objeto em virtude de certo acúmulo que passa a ser desprazeroso, pelo excesso. A diferenciação entre *libido de objeto (Objektlibido)* e *libido do Eu (Ichlibido)*, que Freud opera no artigo, trata-se, portanto, não de uma diferença de natureza da energia, mas apenas de seu destino. Em virtude disso, encontramos autores e pesquisas que apontam a existência de um monismo neste momento da concepção freudiana, com o que, no entanto, somos levados a discordar. Guimarães (2012, p. 66-67), por exemplo, diz tratar-se, no texto em questão, de um dualismo de natureza monista no que diz respeito à diferenciação entre libido do Eu e libido de objeto. De fato, trata-se da mesma energia, libido sexual, porém com

⁴⁹ Es ist eine notwendige Annahme, dass eine dem Ich vergleichbare Einheit nicht von Anfang an im Individuum vorhanden ist; das Ich muss entwickelt werden. Die autoerotischen Triebe sind aber uranfänglich; es muss also irgend etwas zum Autoerotismus hinzukommen, eine neue psychische Aktion, um den Narzissmus zu gestalten. (FREUD, 1914/1949, p. 142)

⁵⁰ Von hier aus mag man es selbst wagen, an die Frage heranzutreten, woher denn überhaupt die Nötigung für das Seelenleben rührt, über die Grenzen des Narzissmus hinauszugehen und die Libido auf Objekte zu setzen. Die aus unserem Gedankengang abfolgende Antwort würde wiederum sagen, diese Nötigung trete ein, wenn die Ichbesetzung mit Libido ein gewisses Maß überschritten habe. (FREUD, 1914/1949, p. 151)

destinos de investimento diferentes. E, pela primeira vez em seu texto, o autor menciona a energia da outra classe de pulsões que Freud não cessa de mencionar no artigo em questão: o interesse, como energia das pulsões do Eu. No entanto, somos levados a discordar do autor quando o mesmo afirma, nas referidas páginas, que temos, nesse momento da teorização freudiana, um monismo localizado entre os dois grandes dualismos e que o espaço ocupado pelo não-sexual teria desaparecido. Freud jamais abandona o dualismo em seu texto. De fato, uma sombra monista paira através do texto, mas, o *interesse*, enquanto ordem de energia não sexual, é expressamente mencionado no desenrolar do argumento. Esse elemento exerce, inclusive, papel central na concepção da construção do delírio na paranoia, um dos operadores nos quais se articula a concepção do narcisismo. O vínculo do paranoico com a realidade não é rompido por completo justamente em função da permanência de certo investimento não sexual no mundo externo, como pudemos ver na discussão teórica do caso Schreber. É justamente esse influxo do mundo externo, por meio desse investimento, que levará à necessidade de reconstrução de sua realidade, ou seja, terá papel central na configuração do delírio enquanto tentativa de cura. Fonseca (2012, p. 19) é outro autor que aponta para a presença de uma concepção monista em determinados momentos da elaboração freudiana, especialmente com as elaborações em torno do narcisismo. Com o desenvolvimento de seu argumento, no entanto, mais em consonância com a leitura aqui empreendida, aponta que não há coincidência entre narcisismo e energias de investimentos outras que partem do Eu:

Freud, além disso, ao longo do desenvolvimento de sua obra, tenderá a colocar os *Triebe* do *Eu*, ligados à conservação, como um desenvolvimento gradual do psiquismo, em contraste aos *Triebe* parciais, originalmente autoeróticos e inconscientes. Desse modo, não há coincidência entre o narcisismo (que é a **percepção** do Eu como **objeto sexual**) e os *Triebe* do Eu (que representam os **investimentos de objeto** ligados à **conservação**). (FONSECA, 2012, p. 46, destaques no original)

Concordamos que pouca atenção é dedicada a conceituar a outra classe de pulsões, conforme já dissemos. No entanto, sua diferenciação é insistentemente mencionada e defendida:

Por fim concluímos, quanto à diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu. (FREUD, 1914/2010, p. 12)⁵¹

O que Freud procura destacar é que essas energias podem estar de tal maneira conexas que se tornam *indistinguíveis (ununterscheidbar)*, porém, são distintas umas das outras, apesar disso. O fato da pouca atenção dedicada a essas pulsões traz sim a tão mencionada “sombra do monismo” ao debate, como Freud bem reconhece, mas dizer que a teoria passa por um momento monista, parece-nos não ser o caso, do ponto de vista textual.

Na metade da primeira parte do texto, Freud procura, ainda que não satisfeito argumentativamente, sustentar a existência de uma base empírica para a distinção que o dualismo procura explicar, “que se nos impôs através da análise das neuroses de transferência” (FREUD, 1914/2010, p. 15)⁵². Essa base empírica será o fato clínico, tal qual se apresenta nas neuroses de transferência. Freud propõe na sequência alargar o dualismo, no sentido de verificar sua aplicabilidade às então chamadas neuroses narcísicas. O funcionamento descrito pela noção de narcisismo será o operador central no entendimento das últimas. Em outras palavras, a hipótese do narcisismo como uma extensão da teoria da libido parece a Freud responder satisfatoriamente a problemas oriundos da prática clínica e tal fato endossa tal hipótese com valor heurístico. Sua inserção no arcabouço conceitual da teoria torna-se favorável devido à sua capacidade explicativa. Fonseca (2012, p. 76), referindo-se a Fulgêncio (2008), aponta que vai nesse sentido o uso do termo *Trieb* por Freud, assim como das noções *econômica, dinâmica e descritiva*, ou seja, a metapsicologia. A respeito do valor dos conceitos freudianos, menciona o autor que esse se encontra na sua utilidade e eficiência na resolução dos problemas diante dos quais são mobilizados. Entendemos aqui que isso pode ser aplicado ao modo como Freud aborda o narcisismo neste momento de suas elaborações teóricas.

⁵¹ Endlich folgern wir für die Unterscheidung der psychischen Energien, dass sie zunächst im Zustande des Narzissmus beisammen und für unsere grobe Analyse ununterscheidbar sind, und dass es erst mit der Objektbesetzung möglich wird, eine Sexualenergie, die Libido, von einer Energie der Ichtriebe zu unterscheiden. (FREUD, 1914/1949, p. 141)

⁵² "die sich uns durch die Analyse der Übertragungsneurosen aufgedrängt hat" (FREUD, 1914/1949, p. 145)

Na segunda parte do texto, através do encadeamento em série de fenômenos, vemos Freud circunscrever o narcisismo a partir de determinadas expressões nas quais estaria envolvido. Nesse caminho passa-se pela doença orgânica, tendo a dor por modelo, pelas parafrenias, até chegar à vida amorosa do ser humano, à sua escolha de objeto. Conforme vimos a respeito do primeiro dos *Três ensaios...*, onde Freud parte das concepções a respeito da sexualidade humana em voga para construir a noção psicanalítica da sexualidade, ancorado no conceito de *Trieb*, no texto do narcisismo, podemos observar semelhante proceder. O termo narcisismo, no contexto das teorias sobre a sexualidade, não é novo, e Freud reconhece tal fato logo de partida. Uma primeira referência ao mito de Narciso, no contexto de uma problemática diagnóstica, aparecerá em uma nota de rodapé no texto "*Le fétichisme dans l'amour*", publicado em 1888 por Alfred Binet. No entanto, sem ainda o uso do termo narcisismo, que será cunhado apenas uma década depois. Em 1898, Havelock Ellis em *Auto-erotism: a study of the spontaneous manifestation of the sexual impulse*, o concebe com o termo *Narcissus-like*. No ano seguinte, ao comentar o ponto de vista de Ellis, Paul Näcke cunha o termo *Narcismus*, em *Kritisches zum Kapitel der normalen und pathologischen Sexualität*. (Guimarães, 2012, p. 28-29). O estudo de Ellis é "um apanhado de casos e descrições sem nenhuma tentativa substancial de explicação ou análise" (Guimarães, 2012, p. 24). Em todos esses autores dos finais do século XIX, o ponto comum em torno do entendimento do narcisismo é sua concepção como signo de uma sexualidade patológica, relegado ao âmbito das perversões sexuais.

Freud, porém, recorrerá ao termo não para usá-lo no sentido de uma perversão. O mecanismo que o termo descreve será aqui usado como constituinte de outros quadros clínicos, especialmente as parafrenias, para então ser elevado à categoria de mecanismo essencial do desenvolvimento libidinal no ser humano em geral e, em especial, na formação de seu "Eu".

Em relação à primeira manifestação, a doença orgânica, Freud verá na especial disposição da energia psíquica devido à presença de dor, como um fenômeno cuja construção se dá em acordo com um funcionamento que pode ser descrito como narcísico, mais precisamente aquele entendido como secundário. O narcisismo primário consiste na unificação das pulsões autoeróticas, enquanto que o secundário consiste em um retorno da libido ao Eu, a parte daquele montante que já havia tomado como objeto de investimento as representações de objeto. Representações essas que, como vemos ser claramente distinguido

no *Projeto* (Simanke, 2023, p. 70), tratam-se da ocupação de sistemas de traços mnêmicos. Trata-se da retirada dos investimentos libidinais das representações dos objetos do mundo externo e sua realocação no interior do órgão do corpo atingido pela sensação dolorosa. Nesse ponto, Freud parece insistir novamente não apenas na existência de outra categoria energética no interior do psiquismo, mas também na possibilidade de ambas as energias, libido e interesse, novamente estarem indistinguíveis em certos funcionamentos, tal qual o eram nos momentos iniciais de apoio, conforme se concebe nos *Três ensaios...*: “Libido e interesse do Eu têm aí o mesmo destino e são de novo inseparáveis” (FREUD, 1914/2010, p. 17-18)⁵³. O mesmo poderá ser dito em relação à hipocondria, compreendida como espécie de modelo para as neuroses narcísicas em vista de seu característico mecanismo de super-investimento em determinado órgão do próprio corpo: “O hipocondríaco retira interesse e libido - esta de maneira bem nítida - dos objetos do mundo exterior e concentra ambos no órgão que o ocupa” (*idem*)⁵⁴.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud introduz as diferenças entre neuroses de transferência e parafrenias (esquizofrenia), recuperando o conceito de dor e introduzindo a hipocondria. A dor (diferente da dor no *Projeto*) atrai para o órgão dolorido toda a libido e interesse. A hipocondria – que fundamenta a psicose, como a angústia fundamenta a neurose – caracteriza-se pela sexualização da dor. (CÔRREA, 2019, p. 175)

Em 1905 vemos Freud sustentar, em seu estudo sobre a inversão, na primeira parte dos *Três ensaios*, a ausência de um objeto natural da pulsão sexual, de modo a comprometer as categorias de inversão e aberração. Nesse primeiro momento de nossa análise, vemos a pulsão sexual ser definida a partir de dois elementos constituintes: meta e objeto. Ao longo das sucessivas edições da obra, o conceito passará por algumas edições, que culminarão na versão que se consolidará como definidora do primeiro dualismo pulsional: aquela que divide

⁵³ Libido und Ichinteresse haben dabei das gleiche Schicksal und sind wiederum voneinander nicht unterscheidbar" (FREUD, 1914/1949, p. 149)

⁵⁴ Der Hypochondrische zieht Interesse wie Libido – die letztere besonders deutlich – von den Objekten der Außenwelt zurück und konzentriert beides auf das ihn beschäftigende Organ. (FREUD, 1914/1949, p. 149)

a pulsão em quatro elementos constituintes (fonte, ímpeto, meta e objeto), e que a estabelece como conceito fronteiro. Essa definição consta da edição de 1915. É também nessa edição que a noção de *apoio* (*Anlehnung*) se consolidará como demarcadora da relação inicial entre as duas classes de pulsões. O segundo elemento do par, que, em 1905, foi nomeado como *pulsão para a nutrição* (*Trieb nach Nahrungsaufnahme*), passará, a partir de 1910, a ser denominado de *pulsões do Eu* (*Ichtriebe*). É também em 1910 que será dado especial destaque ao caráter representativo das pulsões, ou seja, a necessidade de haver uma inscrição psíquica para a sua constituição, para ambas as classes de pulsões, e não apenas para as de natureza sexual, que já vinham sendo assim descritas desde 1905.

Em 1911, Freud dá especial destaque às diferenças entre ambas. O demarcador dessa diferença será, em parte, o vínculo objetal. As pulsões sexuais, para colocar de maneira esquemática, passarão, antes de se voltarem à inscrição de objetos de satisfação, pelas seguintes fases: 1) apoio nas funções que servem à conservação da vida, 2) autoerotismo e 3) narcisismo primário. As pulsões do Eu, por sua vez, necessitarão com muito mais urgência, voltar-se a representar o mundo externo, na busca por objetos que possam manter vivo o organismo. Serão justamente as necessidades impostas pelas pulsões de autoconservação que irão possibilitar uma modalidade de associar representações de modo a culminar no acesso a via motora, para a realização de uma ação:

[...] por uma exigência da pulsão de autoconservação, surge um novo modo de associar as representações, assim como um novo processo de rebaixamento da excitação psíquica, mais eficiente para a satisfação autoconservativa: a *ação voluntária*. (SORIA, 2019, p. 198)

Acreditamos ser possível, com base nos textos, averiguarmos que o objeto buscado terá de ser representado. De que modo isso se dará ficará mais claro com nossa incursão pelos artigos metapsicológicos, nos quais ganhará peso a noção *Vorstellungsrepräsentanz*. A concepção da pulsão como conceito fronteiro (*Grenzbegriff*) parece apontar para a necessária vinculação entre pulsão e representação. Se, por um lado, temos aquela como originada de uma fonte somática, não psíquica, por outro lado temos a última como seu corolário psíquico. Se o corpo, como fonte pulsional, se impõe como exigência de trabalho e

de constante estimulação, as representações, enquanto constituintes do psíquico, apontam para a possibilidade de realização da meta, por meio do objeto.

Nessa medida, a ordem das representações pode ser entendida como uma certa captura das pulsões, em si mesmas dispersas e caóticas. É nesse processo de captura, ou de ligação/atamento (*Bindung*), que se configura o alvo e o objeto no circuito pulsional. Portanto, eles não estão inscritos na fonte, mas são produtos já dos destinos da pulsão. Essa captura implicará num ordenamento do escoamento pulsional, sem perder de vista, em última instância, a descarga final. E aqui a principal questão que se nos colocaria seria a de “como se opera a transformação desse *Triebreiz*, da pulsão considerada “do ponto de vista biológico”, em seus representantes psíquicos” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 256). Para abordar esse ponto da teoria, avançaremos, a seguir, pelos textos metapsicológicos.

Capítulo 2 - Um olhar para a Metapsicologia

No quarto artigo que compõe a série que será objeto do presente capítulo, e que tem por título *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos (Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre)*, somos informados por Freud que essa série de artigos tem o intuito de esclarecimento (*Klärung*) e de aprofundamento (*Vertiefung*) dos pressupostos teóricos (*theoretischen Annahmen*) que poderiam servir de base (*zu Grunde legen*) a um “sistema psicanalítico” (*psychoanalytisches System*). Para além do referido texto, Freud inclui três outros precedentes: *As pulsões e seus destinos (Triebe und Tribschicksale)*, *A Repressão (Die Verdrängung)* e *O Inconsciente (Das Unbewusste)*. Aos quatro soma-se outro, posterior: *Luto e Melancolia (Trauer und Melancholie)*. Os três primeiros tiveram sua publicação no ano de 1915, enquanto que os dois últimos vieram à luz apenas dois anos depois, em 1917. No entanto, sabemos, por meio de Ernest Jones⁵⁵, que ambos foram escritos no mesmo período, em 1915, fato que se corrobora pela nota à qual fazemos referência, que demarca o intuito de fundamentação teórica da série. Sabemos também, por meio deste autor, que a esses textos publicados se somariam outros sete, totalizando-se doze, que seriam organizados em formato de livro para uma publicação conjunta. No entanto, os demais artigos perderam-se por razões que fogem ao escopo da presente discussão, excetuando-se um sétimo artigo a respeito das neuroses de transferência. O que nos interessa no presente capítulo, partindo da indicação acima mencionada, será percorrer os artigos publicados no intuito de investigar as articulações ali elaboradas em torno de nosso objeto de investigação. Visamos averiguar em que relação se encontra a pulsão para com o campo psíquico da representação; especialmente em que medida essa é necessária para a constituição daquela. A escolha desse problema é metodológica: visa abrir caminho para, nos capítulos seguintes, melhor compreendermos a relação entre pulsão e psiquismo no momento do segundo dualismo pulsional.

⁵⁵ STRACHEY, J. Introducción. 1992, p. 101. in: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Amorrortu Editores: Buenos Aires, v. XIV, 1992.

2.1. A definição do conceito fundamental

Se esta série serve como base para a fundamentação do edifício teórico psicanalítico, Freud a inicia pelo alicerce que sustentará o edifício. Parte-se do artigo que versará justamente sobre as pulsões e seus destinos, que se trata, como vimos no capítulo anterior, do conceito pensado como basilar e fundamental, o *Grundbegriff* do saber freudiano. Poder-se-ia mesmo arriscar, como o faz por exemplo Ianinni (2013, p. 96), afirmar ser esse conceito mais fundamental e originário, de um ponto de vista lógico, que o de inconsciente (IANINNI, 2013, p. 96)⁵⁶. Fonseca (2012, p. 106) aponta também que a pulsão seria “a condição prévia para o surgimento do psiquismo”. Isso coloca o orgânico como a base do psíquico, se tivermos em vista que a pulsão é, antes de tudo, um acúmulo de estimulação de natureza irritativa.

O texto de abertura pode ser caracterizado por quatro movimentos distintos e complementares, que servem à nomeação dos problemas a serem enfrentados: inicialmente, preencher com conteúdo o conceito, defini-lo a partir de suas partes componentes, especificar em termos de quantidade quais e quantas seriam as “pulsões originárias” (*die Urtriebe*) e, por fim, quais os seus possíveis destinos. O primeiro movimento será a tentativa de preencher o conceito a partir de diferentes lados, partindo-se, para tanto, da Fisiologia. Este primeiro momento será levado a cabo por uma diferenciação: o que não é uma pulsão, mas sim um estímulo. Um estímulo, para Freud, é uma força de impacto único que se imporia ao psíquico e da qual este procuraria livrar-se também por meio de uma ação única, que consistiria em fugir da fonte estimuladora, quando ela situar-se no mundo externo, ou em realizar uma ação que a faça cessar, quando de origem fisiológica interna (FREUD, 1915/2013, p. 18)⁵⁷. Será a partir dessa oposição que Freud iniciará a definição da pulsão. Ela começa então por ser posta como espécie de estímulo de origem sempre interna, mas que não atua como um estímulo fisiológico, ou seja, que não atua como uma força de impacto momentânea (*momentane Stoßkraft*), mas sim como força constante (*konstante Kraft*), da qual não há ação de fuga possível. O modelo de aparelho psíquico construído por Freud parte, essencialmente, das ideias de fuga e domínio de estímulos (*Reizbewältigung*). Diante do caráter inexpugnável das

⁵⁶ “Pela primeira vez o conceito de pulsão aparece em seu justo lugar: tão ou mais fundamental do que o próprio conceito de inconsciente. Isso porque a pulsão é “anterior” ao próprio aparelho psíquico: ela é o elemento de ligação entre o corpo e a psique.” (IANINNI, 2013, p. 96)

⁵⁷ Alles für den Reiz Wesentliche ist gegeben, wenn wir annehmen, er wirke wie ein einmaliger Stoß; er kann dann auch durch eine einmalige zweckmäßige Aktion erledigt werden, als deren Typus die motorische Flucht vor der Reizquelle hinzustellen ist. (FREUD, 1915/2013, p. 18)

pulsões, complexifica-se a execução dessa tarefa, tendo em vista que elas mantêm um afluxo contínuo de estimulação. Aquilo a que visa essa estimulação será denominado de satisfação (*Befriedigung*), que pode ser entendida como a sensação advinda da descarga de um excesso estimulatório. Sua eficácia depende de certa tolerância para com o aumento temporário do nível de estimulação interna (FREUD, 1915/2013, p. 22). Será justamente em função da imposição dessa necessidade (*Bedürfnis*) que Freud as colocará como “os verdadeiros motores dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua infindável capacidade de realização, ao seu tão elevado patamar atual de desenvolvimento” (FREUD, 1915/2013, p. 23)⁵⁸. Freud, ocupando-se nesse momento do texto com o elemento mais basilar do conceito, não deixa de remetê-lo ao sistema nervoso (*Nervensystem*), ou seja, não deixa de salientar sua base orgânica.

Após essa diferenciação Freud então define a pulsão, destacando seu caráter de fronteira entre domínios distintos (o anímico e o somático), como partindo do último e representando-se no primeiro:

[...] como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal. (FREUD, 1915/2013, p. 25)⁵⁹

A partir de então caminha-se para o segundo movimento do texto, após a apresentação sintética da definição: o momento analítico da exposição a partir da divisão em partes componentes. Ainda que já tenhamos comentado a respeito desse procedimento no capítulo anterior, tendo em vista que semelhante conceituação aparece na edição de 1915 dos *Drei Abhandlungen*, vale aqui ser brevemente retomada, visando acompanhar o movimento do trabalho conceitual realizado por Freud da maneira diacrônica que vimos procedendo. As referidas partes componentes, lembrando, são sua *pressão* ou *ímpeto* (*Drang*), sua *meta* (*Ziel*), seu *objeto* (*Objekt*) e sua *fonte* (*Quelle*). O primeiro elemento, conforme se apreende

⁵⁸ Wir dürfen also wohl schließen, dass sie, die Triebe, und nicht die äußeren Reize, die eigentlichen Motoren der Fortschritte sind, welche das so unendlich leistungsfähige Nervensystem auf seine gegenwärtigen Entwicklungshöhe gebracht haben. (FREUD, 1915/2013, p. 22)

⁵⁹ [...] ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperliche auferlegt ist. (FREUD, 1915/2013, p. 22-24)

da definição até aqui elaborada, é derivado justamente de seu caráter de constante força que impele, a própria essência (*Wesen*) da pulsão (FREUD, 1915/2013, p. 24). Dele se depreende imediatamente o segundo: a meta é justamente aquilo ao que a pulsão impele, consistindo no cessar, na suspensão (*Aufhebung*) de sua estimulação. Meta deveras genérica, para a qual “diferentes caminhos podem conduzir” (FREUD, 1915/2013, p. 24)⁶⁰. Justamente esse caráter genérico, conforme nossa leitura, será um ponto nodal através do qual Freud desenvolverá a noção psicanalítica de sexualidade⁶¹, desvinculando-a da fixidez. O elemento fixo, constante, da pulsão, será justamente seu ímpeto por descarga. Os caminhos para tanto, todavia, serão um fator de maleabilidade, ao menos em seus momentos iniciais: “Há uma variável constante, o impulso, e outra inconstante, o objeto de satisfação” (FONSECA, 2012, p. 308).

Sua meta, sendo genérica, é também, na mesma medida, coercitiva: é posta como uma imposição ao psíquico, através do que ele deve procurar por aquilo que possibilite o cessar do estímulo. Será justamente aqui que se configurará o aporte psíquico pelo qual a pulsão se constituirá. Partindo da necessidade de suspender o caráter coercitivo da estimulação, ela se colocará ao psíquico inicialmente como demanda por algo que possibilite seu próprio cessar. Será esse algo precisamente o objeto, aquilo que é o mais variável na pulsão e que, nas palavras de Freud, será o seguinte:

O objeto de uma pulsão é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta. É o que há de mais variável na pulsão, não estando originariamente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação. (FREUD, 1915/2013, p. 25-27)⁶²

Por *fonte* da pulsão, por sua vez, “entende-se o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão” (FREUD,

⁶⁰ Aber wenn auch dies Endziel für jeden Trieb unveränderlich bleibt, so können doch verschiedene Wege zum gleichen Endziel führen, so dass sich mannigfache nähere oder intermediäre Ziele für einen Trieb ergeben können, die miteinander kombiniert oder gegeneinander vertauscht werden. (FREUD, 1915/2013, p. 24)

⁶¹ “Se o *Trieb* é a base da sexualidade humana, não esqueçamos que Freud a considera, nos *Três ensaios sobre a teoria sexual*, uma sexualidade perverso-polimorfa, já que a biologia não mais determina de modo exclusivo e direto nossas ações, e que dela sempre nos desviamos (derivamos) através do processo de subjetivação e de inserção na cultura.” (TAVARES, 2013, p. 82)

⁶² Das *Objekt* des Triebes ist dasjenige, an welchem oder durch welches der Trieb sein Ziel erreichen kann. Es ist das variabelste am Triebe, nicht ursprünglich mit ihm verknüpft, sondern ihm nur infolge seiner Eignung zur Ermöglichung der Befriedigung zugeordnet. (FREUD, 1915/2013, p. 24)

1915/2013, p. 27)⁶³. A respeito desta última, Freud aponta que seu conhecimento se dá apenas no que toca ao âmbito psíquico, cuja expressão se dará pela meta que mira ao objeto que a possibilita. Ou seja, ela é psiquicamente inapreensível, apenas chegam ao psíquico derivados seus, os quais configuram o representante pulsional:

A definição de Freud da pulsão de "Triebe und Tribschicksale", segundo a qual ela é um "conceito limítrofe entre o anímico e o somático" (G. W. X: 214), pode certamente ser inserida nessas coordenadas por meio de uma certa mudança de ênfase: a pulsão denota precisamente a fronteira entre o representável psiquicamente e um valor adicional que aponta para além dela, que se revela como um excesso de exigência do trabalho. (HOCK, 2012, p. 207, tradução própria)⁶⁴

Portanto, convém salientar que a pulsão possui em si um elemento que é anterior ao psíquico e que neste não se esgota, dado que constantemente se impõe. No entanto, é necessário para sua configuração que ela encontre meios através do psíquico que, lembremos, é, antes de tudo, inconsciente⁶⁵. Se são estes elementos os constituintes da pulsão e tendo em vista a definição sintética que Freud nos coloca desta como "*Grenzbegriff*", não parece-nos possível, ao menos neste momento da teorização freudiana, conceber a pulsão ausente de seu elemento representativo, ainda que esse elemento não a esgote em si mesmo. A representação não é o todo da pulsão mas, somos levados a concluir, constitui-se em componente essencial. Do contrário estaríamos lidando apenas com um estímulo de natureza fisiológica.

⁶³ Unter der *Quelle* des Triebes versteht man jenen somatischen Vorgang in einem Organ oder Körperteil, dessen Reiz im Seelenleben durch den Trieb repräsentiert ist. (FREUD, 1915/2013, p. 26)

⁶⁴ Freuds Definition des Triebes aus "Triebe und Tribschicksale", wonach es sich um einen "Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem" (G. W. X: 214) handelt, läßt sich durch eine gewisse Akzentverschiebung durchaus in diese Koordinaten einfügen: der Trieb bezeichnet exakt die Grenze zwischen dem psychisch Repräsentierbaren und einem darüber hinausweisenden Mehr-Wert, der sich als Unmaß an Arbeitsanforderung zu erkennen gibt. (HOCK, 2012, p. 207)

⁶⁵ "É esse esquema energético que motiva a inversão: em primeiro lugar, há a modalidade inconsciente (Freud fala doravante "de atos psíquicos inconscientes"); em seguida, o devir consciente é uma possibilidade que se conjuga ou não. A consciência não está, de direito, mas advém do inconsciente." (RICOEUR, 1977, p. 107).

2.2. As pulsões primordiais

Tendo seu conceito sido delimitado, a pergunta que se coloca passará a ser: quais e quantas seriam as pulsões⁶⁶? Ao responder à questão, Freud nos apresenta aquilo que já fora demarcado esparsamente nos momentos anteriores, especialmente no breve artigo sobre os problemas psicógenos da visão, ou seja, as *pulsões primordiais (die Urtriebe)*, que se relacionam entre si por complexas relações de oposição, de apoio ou de complementaridade, são as *pulsões do Eu (die Ichtriebe)*, ou de *autoconservação (Selbsterhaltungstriebe)*, aqui colocadas como sinônimas, e as *pulsões sexuais (Sexualtriebe)*. Interessante apontar que Freud oferece como fator preponderante na construção dessas noções um valor tanto à práxis psicanalítica quanto à história de desenvolvimento dessa práxis. Isso significa dizer que, para Freud, a construção de um saber encontra-se atrelada a fatores acidentais que dizem respeito a como determinada ciência vai se constituindo pelos problemas práticos que encontra ao longo de seu desenvolvimento. Através desse movimento, esbarra-se também com limitações no tocante à apreensão de seus objetos. Tenhamos em vista o seguinte trecho:

Tal classificação resultou do desenvolvimento histórico da Psicanálise, que tomou por objeto primeiro as psiconeuroses, ou, mais precisamente, aquelas designadas como “neuroses de transferência” (histeria e neurose obsessiva), e, através delas, chegou à compreensão de que um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu estava na raiz de todas aquelas afecções. (FREUD, 1915/2013, p. 29-31)⁶⁷

Tendo essa classificação sido construída a partir dos fatos com os quais a Psicanálise, em seu início, teve acesso, impõe-se, em virtude desses mesmos fatos, limitações à concepção que o texto busca fundamentar: a definição elaborada até o presente momento melhor se aplicaria à classe das pulsões de natureza sexual. O conteúdo com o qual Freud vem até aqui preenchendo o seu conceito fundamental melhor se aplicaria a apenas uma dentre as duas

⁶⁶ Welche Triebe darf man aufstellen und wie viele? (FREUD, 1915/2013, p. 28).

⁶⁷ Der Anlass zu dieser Aufstellung hat sich aus der Entwicklungsgeschichte der Psychoanalyse ergeben, welche die Psychoneurosen, und zwar die “Übertragungsneurosen” zu bezeichnende Gruppe derselben (Hysterie und Zwangsneurose) zum ersten Objekt nahm und an ihnen zur Einsicht gelangte, dass ein Konflikt zwischen den Ansprüchen der Sexualität und denen des Ichs an der Wurzel jeder solchen Affektion zu finden sei. (FREUD, 1915/2013, p. 28-30)

pulsões fundamentais que seu saber busca demarcar. Deste modo, permanece em aberto o preenchimento do conteúdo do outro elemento do par para os problemas futuros com os quais venha a Psicanálise, em sua prática, se deparar: as aqui chamadas psiconeuroses narcísicas (*narzisstischen Psychoneurosen*) (FREUD, 1915/2023, p. 30)⁶⁸, estabelecendo uma continuidade com a discussão que foi desenvolvida em *Introdução ao narcisismo*. As considerações referentes às pulsões do Eu, como vimos anteriormente, são especialmente relevantes para a compreensão das aqui chamadas psiconeuroses narcísicas, ou parafrenias, em momentos anteriores.

O que nos leva a considerar que o próximo movimento do texto, a demarcação dos destinos possíveis aos quais pode submeter-se uma pulsão, poderia melhor ser aqui colocado como sendo possíveis desde que a pulsão seja de natureza sexual. O texto, ou mesmo toda a série dos artigos metapsicológicos, dará atenção, portanto, a esse elemento da dualidade.

2.3. Os destinos do sexual

Os destinos da pulsão sexual, que são por Freud apresentados como quatro possíveis (reversão em seu contrário, retorno à própria pessoa, repressão e sublimação), são compreendidos como espécies de *defesa* (*Abwehr*) que têm de se constituir em função das forças que se contrapõem (*entgegenwirken*) ao fluxo direto de escoamento da pulsão sexual⁶⁹. O mundo externo entra aqui na trama da configuração pulsional, tendo em vista que será ele o grande dificultador do escoamento pela via mais direta possível. De certa forma, podemos conceber os destinos como tendo um elemento acidental, na medida em que não primordial, ou seja, não inscritos na pulsão mesma, uma vez que são entendidos como espécie de defesa contra o que seria um ímpeto primordial da pulsão por seguir a via mais direta para o alcance de sua meta. A partir de seu *ímpeto* (*Drang*) original por quiescência, e em função das dificuldades impostas pelo mundo externo, que demandará que uma diferenciação ocorra na

⁶⁸ Ihrem Entwicklungsgang entsprechend hat uns aber die Psychoanalyse bisher nur über die Sexualtriebe einigermaßen befriedigende Auskünfte bringen können, weil sie gerade nur diese Triebgruppe an den Psychoneurosen wie isoliert beobachten konnte. Mit der Ausdehnung der Psychoanalyse auf die anderen neurotischen Affektionen wird gewiss auch unsere Kenntnis der Ichtriebe begründet werden, obwohl es vermessen erscheint, auf diesem weiteren Forschungsgebiete ähnlich günstige Bedingungen für die Beobachtung zu erwarten. (FREUD, 1915/2013, p. 32)

⁶⁹ Mit Rücksicht auf Motive, welche einer direkten Fortsetzung der Triebe entgegenwirken, kann man die Tribschicksale auch als Arten der *Abwehr* gegen die Triebe darstellen. (FREUD, 1915/2013, p. 34)

parte mais externa do aparelho indeterminado onde as pulsões inicialmente se inscrevem, elas poderão ser transformadas:

[...] remodelando a sua situação original, como força cega a partir de um trabalho de constituição de objetos e de inscrição do regime quantitativo no campo da representação, de maneira a se constituir um “circuito pulsional” que sobredetermina *a posteriori* os caminhos dos *Triebe*. (FONSECA, 2012, p. 95-6)

Essas pulsões, como vimos, encontram, de início, sua satisfação pela via autoerótica. Isso significa dizer que, em seus momentos iniciais, após sua separação das pulsões de autoconservação, elas encontram sua satisfação por meio do órgão mesmo do qual brotam. Seu objeto é ao mesmo tempo externo e interno. Externo em relação à pulsão, uma vez que não se encontra identificado com ela. A pulsão parte dali, tem no órgão sua fonte, e se satisfaz também no órgão, de modo que pode-se estabelecer uma relação de exterioridade. Interno porque, justamente, o órgão está no próprio corpo. Mas, lembremos, esse corpo não é, nesse momento, investido como uma síntese, tendo em vista que as pulsões são parciais e dispersas. Somente com a entrada na fase do narcisismo primário poderíamos falar em um corpo em sentido sintético, como espécie de representação unitária. Ao menos o artigo do narcisismo assim parece indicar. Dizemos isso para apontar que a necessidade do objeto exterior é introduzida pelas pulsões de autoconservação, que não podem se satisfazer autoeroticamente no mesmo local onde têm sua fonte:

Como foi dito, o objeto é levado do mundo externo ao Eu, inicialmente pelas pulsões de autopreservação, e não se pode negar que também o sentido original do odiar indique sua relação com o mundo exterior estranho e portador de estímulos. (FREUD, 1915/2013, p. 55)⁷⁰

E também em nota:

⁷⁰ Das Objekt wird dem Ich, wie wir gehört haben, zuerst von den Selbsterhaltungstrieben aus der Außenwelt gebracht, und es ist nicht abzuweisen, dass auch der ursprüngliche Sinn des Hassens die Relation gegen die fremde und reizzuführende Außenwelt bedeutet. (FREUD, 1915/2013, p. 54)

As pulsões sexuais, que desde o início demandam um objeto, e as necessidades das pulsões do Eu, que jamais podem ser satisfeitas autoeroticamente, perturbam naturalmente esse estado e preparam o terreno para avanços. (FREUD, 1915/2013, p. 65)⁷¹

O artigo seguinte, *A Repressão*, que trata desse específico destino pulsional, inicia-se apresentando-o como consequência de certas resistências impostas às moções pulsionais (*Triebregung*) sexuais (FREUD, 1915/1949, p. 248)⁷². Tendo em vista que frente a elas o caminho da fuga não encontra qualquer eficiência, dada sua origem em fontes estimuladoras internas, a alternativa repressiva consistirá na recusa (*Abweisung*) e no distanciamento (*Fernhaltung*) do acesso de seus representantes à consciência⁷³. Em se tratando do aparelho psíquico tal qual concebido por Freud no que se conhece como sua primeira tópica, temos de nos lembrar aqui que o acesso à consciência representa justamente um dos polos desse aparelho, vinculado à possibilidade da saída motora. Portanto, trata-se do acesso ao mundo externo, por via do qual a pulsão encontraria sua satisfação. Se toda pulsão tem por meta essa satisfação, coloca-se a pergunta sobre os motivos que levariam a um tal impedimento de seu acesso a uma via possível de satisfação⁷⁴. Neste ponto insere-se o caráter tópico da satisfação. A razão pela qual uma moção pulsional cairia sob tal destino adviria do fato de que, em um momento no qual já se pode conceber um aparelho psíquico em funcionamento, a satisfação não tem caráter absoluto, mas sim relativo. Isso significa que a realização da meta de uma determinada moção pulsional pode, ao mesmo tempo, representar a almejada satisfação para a instância da qual se origina, e um desprazer em face de outra instância, aquela que tem na consciência seu representante.

Logo, a *repressão propriamente dita (die eigentliche Verdrängung)* exige como condição de possibilidade que exista uma diferenciação entre processos psíquicos conscientes e processos psíquicos inconscientes e que o desprazer gerado pela possibilidade da realização de uma meta pulsional tenha mais relevância que o prazer de sua realização para a consciência⁷⁵. Lembremos que essa diferenciação, se seguimos a construção do pensamento

⁷¹ Die Sexualtriebe, welche von vornherein ein Objekt fordern, und die autoerotisch niemals zu befriedigenden Bedürfnisse der Ichtriebe stören natürlich diesen Zustand und bereiten die Fortschritte vor. (FREUD, 1915/2013, p. 64)

⁷² Es kann das Schicksal einer Triebregung werden, daß sie auf Widerstände stößt, welche sie unwirksam machen wollen. (FREUD, 1915/1949, p. 248).

⁷³ [...] dass ihr Wesen nur in der Abweisung und Fernhaltung vom Bewussten besteht. (FREUD, 1915/1949, p. 250).

⁷⁴ Warum sollte eine Triebregung einem solchen Schicksal verfallen? (FREUD, 1915/1949, p. 248).

⁷⁵ Halten wir uns lieber an die klinische Erfahrung, wie sie uns in der psychoanalytischen Praxis entgegentritt. Dann werden wir belehrt, dass die Befriedigung des der Verdrängung unterliegenden Triebes wohl möglich und

freudiano conforme viemos fazendo até aqui, não pode ser originária. O essencial do psíquico é inconsciente e é como inconsciente que todo processo psíquico se inicia. O surgimento da consciência, que significa uma abertura para o acesso ao mundo externo, se dará em um momento posterior ao do surgimento de um processo psíquico originário. Esse acesso se dará justamente pelas necessidades impostas pelas moções pulsionais, em face das dificuldades dessas em encontrarem satisfação sem esse acesso. No jogo estabelecido entre as necessidades pulsionais e as imposições dificultadoras do mundo externo, se abrirá o caminho da consciência.

O estabelecimento do processo repressivo tem para si um modelo fundador, que Freud denomina como o momento da *repressão originária (die Urverdrängung)*. Este momento é entendido como um primeiro momento repressivo, que consistiu na recusa (*Versagung*) do acesso à consciência ao representante-representacional (*(Vorstellungs-) Repräsentanz*) da pulsão⁷⁶: “A repressão propriamente dita só vem a existir depois da fixação da pulsão ao seu representante, isto é, a partir da *repressão primordial ou recalque originário.*” (NAMBA, 2019, p. 155). Através desse processo, funda-se a diferenciação entre inconsciente e consciente enquanto sistemas psíquicos distintos e permanece esse representante pulsional originário como inalterado no núcleo do primeiro sistema. Será justamente esse o momento da primeira inscrição psíquica de um estímulo de natureza pulsional que fundará a distinção entre processos psíquicos distintos:

É o recalque originário que opera a clivagem do psiquismo em dois grandes sistemas – o Ics e o Pcs/Cs -, de modo que se estabeleça uma fixação da pulsão nessas representações primordiais e sua inscrição no inconsciente. Por esta operação, cria-se uma representância da pulsão no psiquismo, e o agente desta representância é nomeado de *Vorstellungsrepräsentanz des Triebes*. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 274)

dass sie auch jedesmal an sich lustvoll wäre, aber sie wäre mit anderen Ansprüchen und Vorsätzen unvereinbar; sie würde also Lust an der einen, Unlust an anderer Stelle erzeugen. Zur Bedingung der Verdrängung ist dann geworden, dass das Unlustmotiv eine stärkere Macht gewinnt als die Befriedigungslust. Wir werden ferner durch die psychoanalytische Erfahrung an den Übertragungsneurosen zu dem Schluss genötigt, dass die Verdrängung kein ursprünglich vorhandener Abwehrmechanismus ist, dass sie nicht eher entstehen kann, als bis sich eine scharfe Sonderung von bewusster und unbewusster Seelentätigkeiten hergestellt hat, und dass ihr Wesen nur in der Abweisung und Fernhaltung vom Bewussten besteht. Diese Auffassung der Verdrängung würde durch die Annahme ergänzt werden, dass vor solcher Stufe der seelischen Organisation die anderen Triebchicksale wie die Verwandlung ins Gegenteil, die Wendung gegen die eigene Person, die Aufgabe der Abwehr von Triebregungen bewältigen. (FREUD, 1915/1949, p. 249-250).

⁷⁶ Wir haben also Grund, eine Urverdrängung anzunehmen, eine erste Phase der Verdrängung, die darin besteht, dass der psychischen (*Vorstellungs-*) Repräsentanz des Triebes die Übernahme ins Bewusste versagt wird. Mit dieser ist eine Fixierung gegeben; die betreffende Repräsentanz bleibt von da an unveränderlich bestehen und der Trieb an sie gebunden. (FREUD, 1915/1949, p. 250).

Embora se trate da pulsão, mais propriamente de sua inscrição psíquica, Freud não faz menção à noção de *Vorstellungsrepräsentanz* no artigo das pulsões. Será no artigo sobre a repressão que essa noção começará a tomar forma nos artigos metapsicológicos, na medida em que o processo repressivo incide justamente sobre esse elemento de inscrição psíquica da pulsão. A partir dessa primeira fixação (*Fixierung*) se estabelece a repressão como mecanismo de defesa contra os derivados (*Abkömmlinge*) desse representante, contra as representações que chegam à consciência e que estabelecem alguma relação associativa para com o mesmo⁷⁷. A repressão, portanto, sendo fundada, por um lado, e fundadora, por outro, da diferenciação entre os sistemas psíquicos, consiste não na anulação ou destruição de um representante pulsional, mas no seu rechaço ao acesso direto a um determinado sistema específico. Cabe ressaltar que apenas o acesso *direto* do representante pulsional à consciência está impedido, tendo em vista que o mesmo consegue ainda acessá-la por vias indiretas e deslocadas, conforme se depreende do avanço da discussão pelo artigo *O Inconsciente*. Ricoeur (1977) afirma que a repressão propriamente dita será já uma repressão secundária em relação àquela primordial, e será justamente em função dessa repressão primordial que nos será impedido a apreensão direta da expressão psíquica da pulsão (RICOEUR, 1977, p. 119). Tratar-se-á sempre, em termos de sua representação, de derivados e de desvios:

O recalque primário significa que já estamos sempre no mediato, no já-expresso, no já dito. Com maior razão, o recalque propriamente dito nos condena a mover-nos entre simples derivados (...). O inconsciente aparece, então, como um feixe ramificado, constituído pelas indefinidas arborescências desses “rebentos”. (RICOEUR, 1977, p. 119).

⁷⁷ Die zweite Stufe der Verdrängung, die eigentliche Verdrängung, betrifft psychische Abkömmlinge der verdrängten Repräsentanz, oder solche Gedankenzüge, die, anderswoher stammend, in assoziative Beziehung zu ihr geraten sind. (FREUD, 1915/1949, p, 250).

2.4. A pulsão e seu representante-representacional

Isso posto e tendo-se estabelecido o caráter representacional da pulsão em sua dimensão psíquica, cabe aprofundar o entendimento sobre esse representante. E aqui entra em cena novamente o procedimento analítico na tessitura dos conceitos freudianos. O representante-representacional da pulsão (*Vorstellungsrepräsentanz des Triebes*) é um elemento composto. Ou seja, pode ser também dividido em outras partes constituintes. Ele é composto por uma parte componente ideativa, a *Vorstellung*, e outra quantitativa, o *Affekt*. A primeira componente pode ser entendida como a reativação de um conjunto de traços mnêmicos ligados a objetos outrora percebidos. Enquanto que a segunda pode ser relacionada à quantidade envolvida no mecanismo estimulatório que virá a constituir uma pulsão por meio de seu acúmulo além de determinado nível, como Freud concebe ao menos desde a época da escrita do *Projeto*. Desse modo, coloca o autor que:

Em nossa discussão tratamos, até o momento, da repressão de uma representante pulsional, entendendo por isso uma ideia ou grupo de ideias investido de um determinado montante de energia psíquica (libido, interesse) a partir da pulsão. (FREUD, 1915/2010, p. 67)⁷⁸

A agência representante é uma representação ou grupo de representações investidas desde a pulsão com certa quantidade de energia, seja libido, tratando-se da representação de uma pulsão sexual, ou interesse, tratando-se daquelas representações investidas por pulsões de autoconservação. Mas não nos esqueçamos que a repressão, enquanto destino pulsional, recai sobre aquelas representações de natureza sexual:

A observação clínica nos leva agora a decompor o que até então apreendemos como uma unidade, pois nos mostra que é preciso considerar, além da ideia, uma outra coisa que representa a pulsão, e o fato de que ela experimenta um destino de repressão que pode ser inteiramente diverso do da representação. Para designar esse outro elemento da representante

⁷⁸ In den bisherigen Erörterungen behandelten wir die Verdrängung einer Triebrepräsenz und verstanden unter einer solchen eine Vorstellung oder Vorstellungsguppe, welche vom Trieb her mit einem bestimmten Betrag von psychischer Energie (Libido, Interesse) besetzt ist. (FREUD, 1915/1949, p. 254-255)

psíquica já se encontra estabelecido o termo de *montante afetivo*; ele corresponde à pulsão, na medida em que esta se desligou da representação e acha expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são percebidos como afetos. De agora em diante, ao descrever um caso de repressão, teremos de acompanhar separadamente aquilo em que resultou a ideia, devido à repressão, e o que veio a ser da energia pulsional que a ela se ligava. (FREUD, 1915/2010, p. 67-68)⁷⁹

Representação e afeto sofrem destinos diferentes: a primeira é retirada da consciência e torna-se necessário um uso constante de contra-investimentos para assim mantê-la. Ao outro componente, o quantitativo, por outro lado, recaem outros destinos. Levando-se em conta que a razão pela qual se estabeleceu o processo repressivo foi justamente o desprazer tópico, temos que a destinação do afeto, seu fator quantitativo, torna-se deveras importante para a execução do processo repressivo⁸⁰: “A pulsão é inteiramente suprimida, de modo que dela nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformado em angústia” (FREUD, 1915/2010, p. 68)⁸¹. O *afeto* (*Affekt*), entendido como o elemento quantitativo do *Vorstellungsrepräsentanz* (ainda que não nomeado neste termo composto), indicaria de forma mais direta o compromisso da pulsão com o corpo, sua fonte (Garcia-Roza, 2008, p. 267).

Se podemos afirmar que a consciência é fundada pela necessidade pulsional de aceder ao mundo externo e que a diferenciação entre o inconsciente e o consciente se funda no fato da repressão primordial, não podemos, no entanto, afirmar que todo inconsciente seja composto por aqueles representantes pulsionais que sofrem o destino da repressão, conforme é salientado em *O Inconsciente* (FREUD, 1915/1949, p. 264)⁸². Isso se deve ao fato de que

⁷⁹ Die klinische Beobachtung nötigt uns nun zu zerlegen, was wir bisher einheitlich aufgefasst hatten, denn sie zeigt uns, dass etwas anderes, was den Trieb repräsentiert, neben der Vorstellung in Betracht kommt, und dass dieses andere ein Verdrängungsschicksal erfährt, welches von dem der Vorstellung ganz verschieden sein kann. Für dieses andere Element der psychischen Repräsentanz hat sich der Name Affektbetrag eingebürgert; es entspricht dem Triebe, insofern er sich von der Vorstellung abgelöst hat und einen seiner Quantität gemäßen Ausdruck in Vorgängen findet, welche als Affekte der Empfindung bemerkbar werden. Wir werden von nun an, wenn wir einen Fall von Verdrängung beschreiben, gesondert verfolgen müssen, was durch die Verdrängung aus der Vorstellung und was aus der an ihr haftenden Triebenergie geworden ist. (FREUD, 1915/1949, p. 255)

⁸⁰ Wir erinnern uns, daß Motiv und Absicht der Verdrängung nichts anderes als die Vermeidung von Unlust war. Daraus folgt, daß das Schicksal des Affektbetrags der Repräsentanz bei weitem wichtiger ist als das der Vorstellung, und daß dies über die Beurteilung des Verdrängungsvorganges entscheidet. (FREUD, 1915/1949, p. 256)

⁸¹ Der Trieb wird entweder ganz unterdrückt, so dass man nichts von ihm auffindet, oder er kommt als irgendwie qualitativ gefärbter Affekt zum Vorschein, oder er wird in Angst verwandelt. (FREUD, 1915/1949, p. 255-256)

⁸² Wir haben aus der Psychoanalyse erfahren, das Wesen des Prozesses der Verdrängung bestehe nicht darin, eine den Trieb repräsentierende Vorstellung aufzuheben, zu vernichten, sondern sie vom Bewußtwerden abzuhalten. Wir sagen dann, sie befinde sich im Zustande des “Unbewußten”, und haben gute Beweise dafür vorzubringen, daß sie auch unbewußt Wirkungen äußern kann, auch solche, die endlich das Bewußtsein

existem moções pulsionais que nunca chegam a se impor à consciência. A essência do psíquico é em si inconsciente⁸³, mas nem todo inconsciente é em si reprimido, pois para que haja a repressão é necessário que ao menos um intuito de aceder à consciência advenha na moção pulsional:

O inconsciente é, então, a base geral da vida psíquica, uma esfera muito mais ampla do que a do consciente, e mesmo sendo tão desconhecido quanto a realidade mais íntima do mundo externo, é, para Freud, a realidade psíquica verdadeira. (ALMEIDA, 2019, p. 189)

Neste ponto, cabe, então, a pergunta a respeito do que permitiria a passagem de um sistema a outro, ou seja: se há diferentes sistemas psíquicos pelos quais um determinado representante pulsional deve passar para acercar-se de seu objetivo, que espécie de procedimento possibilitaria tal passagem? É com essa questão, deixada em aberto, que Freud termina a segunda parte do artigo, em se tratando do fator representativo do representante pulsional:

Se um ato psíquico (limitemo-nos, aqui, a um que tenha a natureza de uma representação) é transposto do sistema *Ics* para o sistema *Cs* (ou *Pcs*), devemos supor que a essa transposição se liga uma nova fixação, como que um segundo registro da representação em questão, que então pode estar contida também numa nova localidade psíquica, e junto à qual continua a existir o registro inconsciente original? Ou devemos antes acreditar que a transposição consiste numa mudança de estado, que se produz no mesmo material e na mesma localidade? (FREUD, 1915/2010, p. 82)⁸⁴

erreichen. Alles Verdrängte muß unbewußt bleiben, aber wir wollen gleich eingangs feststellen, daß das Verdrängte nicht alles Unbewußte deckt. Das Unbewußte hat den weiteren Umfang; das Verdrängte ist ein Teil des Unbewußten.” (FREUD, 1915/1949, p. 264)

⁸³ Es bleibt uns in der Psychoanalyse gar nichts anderes übrig als die seelischen Vorgänge für an sich unbewußt zu erklären und ihre Wahrnehmung durch das Bewußtsein mit der Wahrnehmung der Außenwelt durch die Sinnesorgane zu vergleichen. (FREUD, 1915/1949, p. 270)

⁸⁴ Wenn ein psychischer Akt (beschränken wir uns hier auf einen solchen von der Natur einer Vorstellung) die Umsetzung aus dem System *Ubw* in das System *Bw* (oder *Vbw*) erfährt, sollen wir annehmen, dass mit dieser Umsetzung eine neuerliche Fixierung, gleichsam eine zweite Niederschrift der betreffenden Vorstellung verbunden ist, die also auch in einer neuen psychischen Lokalität enthalten sein kann, und neben welcher die ursprüngliche unbewußte Niederschrift fortbesteht? Oder sollen wir eher glauben, dass die Umsetzung in einer Zustandsänderung besteht, welche sich an dem nämlichen Material und an derselben Lokalität vollzieht? (FREUD, 1915/1949, p. 272-273)

A pergunta deixada em aberto será, então, respondida na quarta sessão do texto, após retomar na parte anterior⁸⁵ a característica separação entre representação e afeto efetuada pelo processo repressivo:

Logo, há retirada do investimento pré-consciente, manutenção do inconsciente ou substituição do investimento pré-consciente por um inconsciente. (...) a passagem do sistema *Ics* para o seguinte não ocorre por um novo registro, mas por uma mudança de estado, uma modificação do investimento. (FREUD, 1915/2010, p. 88)⁸⁶

Com isso se estabelece que a repressão se dá sobre uma representação na passagem de um sistema a outro, do inconsciente para o pré-consciente, o sistema intermediário onde estarão aqueles conteúdos passíveis de serem objeto de consciência, ou seja, de atingir o sistema consciente (FREUD, 1915/1949, p. 279)⁸⁷. O núcleo do inconsciente e, logo, do psíquico, consiste, antes de tudo, em representantes pulsionais⁸⁸, que podem ou atingir a consciência ou no inconsciente permanecer⁸⁹. Por seu lado, o conteúdo dos demais sistemas (pré-consciente e consciente) consiste em partes de componentes pulsionais, por sua derivação do inconsciente, e em partes de percepções⁹⁰, derivadas de sua abertura ao mundo externo. O que se estabelece nessas importantes passagens é que sem pulsão não há propriamente aparelho psíquico. É em função das pulsões que se constitui um aparelho psíquico, conforme entendemos aqui estabelecer-se nos textos metapsicológicos. Existirá inscrição do mundo externo no psiquismo em função do escoamento pulsional, ou seja,

⁸⁵ Wir haben behauptet, daß bei der Verdrängung eine Trennung des Akkechts von seiner Vorstellung stattfindet, worauf beide ihren gesonderten Schicksalen entgegengehen. (FREUD, 1915/1949, p. 278)

⁸⁶ Also Entziehung der vorbewußten, Erhaltung der unbewußten Besetzung oder Ersatz der vorbewußten Besetzung durch eine unbewußte. (...) der Übergang aus dem System *Ubw* in ein nächstes geschehe nicht durch eine neue Niederschrift, sondern durch eine Zustandsänderung, einen Wandel in der Besetzung. (FREUD, 1915/1949, p. 279)

⁸⁷ Wir haben das Resultat erhalten, daß die Verdrängung im wesentlichen ein Vorgang ist, der sich an Vorstellungen an der Grenze der Systeme *Ubw* und *Vbw* (*Bw*) vollzieht. (FREUD, 1915/1949, p. 279)

⁸⁸ Der Kern des *Ubw* besteht aus Triebrepräntenzen, die ihre Besetzung abführen wollen, also aus Wunschregungen. Diese Triebreregungen sind einander koordiniert, bestehen unbeeinflußt nebeneinander, widersprechen einander nicht. (FREUD, 1915/1949, p. 285)

⁸⁹ An den Wurzeln der Triebtätigkeit kommunizieren die Systeme aufs ausgiebigste miteinander. Ein Anteil der hier erregten Vorgänge geht durch das *Ubw* wie durch eine Vorbereitungsstufe durch und erreicht die höchste psychische Ausbildung im *Bw*, ein anderer wird als *Ubw* zurückgehalten. (FREUD, 1915/1949, p. 292)

⁹⁰ Der Inhalt des Systemes *Vbw* (oder *Bw*) entstammt zu einem Teile dem Triebleben (durch Vermittlung des *Ubw*), zum anderen Teile der Wahrnehmung. (FREUD, 1915/1949, p. 293)

visando possibilitar esse escoamento, ainda que adiado. O sistema mais externo (*Pcs/Cs*) terá uma parte sensorial, derivada das inscrições mnêmicas de percepções. Sua raiz, todavia, estará fixada no *Ics*, local de inscrição das pulsões. Como aponta Hock: “Sem ocupação, nenhum psíquico. Sem ligação, nenhuma ocupação.”⁹¹(HOCK, 2012, p. 261, tradução própria). É necessário que haja, primeiro, a inscrição da pulsão na forma de uma representação ocupada com certo montante de afeto, para que, então, se estabeleça o funcionamento psíquico.

Em sua sétima sessão e última sessão, a resposta que foi apresentada na parte quatro do texto passa por uma reformulação, que se estabelece por mais um processo de decomposição: a conceituação de uma representação como mais propriamente uma representação-objeto (*Objetkvorstellung*) e sua divisão em dois componentes distintos, em representação-coisa (*Sachvorstellung*) e representação-palavra (*Wortvorstellung*). Por *representação-coisa* se entende a impressão, ou a reativação dessa impressão, de restos mnêmicos de coisas no psíquico, e por *representação-palavra* os traços acústicos de restos mnêmicos:

Então teremos que fazer uma modificação: o investimento nas representações verbais dos objetos é mantido. Agora o que poderíamos chamar de representação consciente do objeto se decompõe para nós em *representação da palavra* e em *representação da coisa*, que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. Acreditamos saber agora como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente. As duas não são, como achávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo em diferentes locais psíquicos, e tampouco diferentes condições funcionais de investimento no mesmo local - a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa. O sistema *Ics* contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetivos propriamente ditos; o sistema *Pcs* surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem. (FREUD, 1915/2010, p. 105-106)⁹²

⁹¹ “Ohne Besetzung, keine Psyche. Ohne Bindung, keine Besetzung” (HOCK, 2012, p. 261)

⁹² Wir müssen dann modifizieren: die Besetzung der Wortvorstellungen der Objekte wird festgehalten. Was hier die bewußte Objektvorstellung heißen durften, zerlegt sich uns jetzt in die Wortvorstellung und in die Sachvorstellung, die in der Besetzung, wenn nicht der direkten Sacherinnerungsbilder, doch entfernter und von ihnen abgeleiteter Erinnerungsspuren besteht. Mit einem Male glauben wir nun zu wissen, wodurch sich eine bewußte Vorstellung von einer unbewußten unterscheidet. Die beiden sind nicht, wie wir gemeint haben, verschiedene Niederschriften desselben Inhaltes an verschiedenen psychischen Orten, auch nicht verschiedene

A partir dessa caracterização podemos melhor compreender o processo de inscrição psíquica da pulsão e seu papel na constituição do aparelho psíquico, tal qual concebido por Freud nesse momento de sua doutrina. Para Garcia-Roza (2008) “o que a coisa externa fornece é um disperso sensível, que somente adquirirá unidade de objeto a partir da ligação com a *Wortvorstellung*.” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 272). Nos chama a atenção para o seguinte ponto:

O que me parece essencial na *Vorstellungslehre* é que a representação não é vista como representação da coisa externa, embora esta forneça os elementos sensoriais que vão se constituir na matéria-prima da *Objektvorstellung*. Mas, se o objeto (*Objekt*) retira seus elementos sensíveis da coisa (*Ding*), ele só se constitui como objeto a partir da ligação entre esses elementos e a *Wortvorstellung*.” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 245)

Soria (2019), por sua vez, salienta que:

[...] para que algo ganhe expressão na consciência, tem de estar associado à palavra, pois esta possui a chave de entrada para este novo mundo que se ergueu acima do solo fundador do psiquismo. (SORIA, 2019, p. 200)

Enquanto a autora acima citada aponta que o acesso à consciência depende do vínculo com a palavra, Garcia-Roza (2008) nos indica que a própria constituição de um objeto dependerá de uma inscrição representacional. Poderíamos dizer que há objeto para a pulsão, por meio do qual ela encontra satisfação, na medida em que há representação psíquica do objeto. Tanto no caso de uma classe de pulsões quanto de outra, parece haver uma necessidade de inscrição psíquica para que se constituam. A pulsão pode ser entendida como início e condição de possibilidade do psiquismo. Mas, para que assim o seja, deve existir

funktionelle Besetzungszustände an demselben Orte, sondern die bewußte Vorstellung umfaßt die Sachvorstellung plus der zugehörigen Wortvorstellung, die unbewußte ist die Sachvorstellung allein. Das System *Ubw* enthält die Sachbesetzungen der Objekte, die ersten und eigentlichen Objektbesetzungen; das System *Vbw* entsteht, indem diese Sachvorstellung durch die Verknüpfung mit den ihr entsprechenden Wortvorstellungen überbesetzt wird. (FREUD, 1915/1949, p. 300)

inscrição psíquica da pulsão e, portanto, representação, tanto no sentido da *Vorstellung* quanto do *Affekt*.

Tendo sido possível, ao longo deste nosso percurso, se estabelecer essa característica da doutrina pulsional freudiana, tanto no interior de sua obra quanto no diálogo com comentadores de seu pensamento, ficamos aqui com uma questão: de que maneira Freud poderia conceber, no interior de sua obra, uma pulsão que não possua representação psíquica, a partir de 1920, se, ao menos até os artigos metapsicológicos, a representação parece necessária para que uma pulsão seja uma pulsão? Procuramos entender como opera essa questão nos capítulos seguintes.

Cabe salientar que mudanças importantes advirão no decorrer da década de 1920 no interior da obra freudiana. Em relação à doutrina pulsional, nesse primeiro momento, o lugar psíquico da pulsão se estabelece, de início, pela inscrição psíquica de representações de coisa, às quais se ligará um determinado montante afetivo. Esse montante afetivo deriva-se da origem orgânica da pulsão, como acúmulo de estimulação. Freud enfatiza a pulsão como *ímpeto (Drang)* que se impõe ao psíquico. Na década de 1920, no entanto, teremos uma mudança importante na teoria, que consistirá na elaboração da teoria topológica do psiquismo, em 1923, com a publicação de *O Eu e o Isso (Das Ich und das Es)*. Ou seja, o aparelho psíquico não será concebido apenas em termos de sistemas psíquicos, como foi o intuito nos artigos metapsicológicos, mas em termos de instâncias (*Instanzen*) psíquicas distintas. Haverá uma preocupação maior nesse momento, segundo Fonseca (2012, p. 89), com a necessidade de oferecer um lugar no psiquismo para as pulsões. Essa preocupação nos será bastante cara em nosso quarto e último capítulo. Antes disso, no entanto, procuraremos estabelecer os termos nos quais se introduz o segundo dualismo pulsional freudiano, tema do capítulo seguinte, visando averiguar se há, neste momento, uma vinculação tão estreita entre pulsão e representação.

Capítulo 3 - A pulsão e a sua representação no segundo dualismo

Encontramos na obra freudiana uma insistência na afirmação de que na vida psíquica não há lugar para a representação da morte, seja consciente ou inconsciente (RAZINSKY, 2013, p. 15). Em textos como *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* (*Zeitgemässes über Krieg und Tod*) e *O Eu e o Isso* (*Das Ich und Das Es*) encontramos relevantes considerações a esse respeito. No primeiro texto, datado de 1915, podemos ler o seguinte:

[...] o nosso inconsciente não acredita na própria morte, ele se conduz como se fosse imortal. O que chamamos de nosso “inconsciente”, as mais profundas camadas de nossa alma constituídas por moções pulsionais, não conhece absolutamente nada que seja negativo, nenhuma negação - nele os opostos coincidem -, e por isso também não conhece a própria morte, à qual só podemos dar um conteúdo negativo. Logo, nada do que é pulsional em nós vai ao encontro da crença na morte. (FREUD, 1915/2023, p. 127)⁹³

Esse texto situa-se no momento que assumimos como sendo do primeiro dualismo pulsional freudiano, enquanto *O Eu e o Isso*, publicado em 1923, situa-se num momento posterior, após a introdução do conceito de *pulsão de morte* (*Todestrieb*) no discurso psicanalítico. Neste segundo momento das formulações freudianas, a morte é entendida não apenas como um fenômeno, mas como a meta de uma das pulsões maiores (*Haupttriebe*). Em *Além do princípio de prazer* assume-se que estas dizem respeito não apenas à vida psíquica, mas também à própria vida orgânica (FREUD, 1920/2020, p. 130), como podemos ler no texto de 1920, no qual iremos adentrar mais detidamente no presente capítulo.

Mesmo após a introdução da pulsão de morte no interior da teoria, mantêm-se no texto de 1923 a formulação anterior a respeito da relação entre morte e representação psíquica: “Ele oferece à psicanálise um difícil problema, pois a morte é um conceito abstrato de teor

⁹³ Also unser Unbewußtes glaubt nicht an den eigenen Tod, es gebärdet sich wie unsterblich. Was wir unser “Unbewußtes” heißen, die tiefsten, aus Triebregungen bestehenden Schichten unserer Seele, kennt überhaupt nichts Negatives, keine Verneinung - Gegensätze fallen in ihm zusammen - und kennt darum auch nicht den eigenen Tod, dem wir nur einen negativen Inhalt geben können. Dem Todesglauben kommt also nichts Triebhaftes in uns entgegen. (FREUD, 1915/1946, p. 350)

negativo, para o qual não se acha uma correspondência inconsciente.” (FREUD, 1923/2016, p. 72)⁹⁴. Procuraremos investigar, no interior da obra, de que modo poderíamos entender a inscrição desta meta se ela é concebida como irrepresentável, como vemos nas afirmações freudianas deste período, como, por exemplo, em *O infamiliar*, texto cuja escrita se dera concomitantemente a de *Além do princípio do prazer*: "nosso inconsciente agora tem tão pouco espaço quanto antes para a representação de nossa própria mortalidade" (FREUD, 1919/2008, p.161)⁹⁵.

Uma questão que se coloca é o que significaria exatamente a ausência de representação da morte no pensamento de Freud. Essa questão ganha forma se tivermos em conta que a morte aparece de fato no pensamento freudiano desde o início da construção do arcabouço teórico psicanalítico. Já nos sonhos do próprio Freud⁹⁶, relatados e analisados em *A interpretação dos sonhos*, em 1900, ou como meta de uma classe de pulsões (*Triebe*), em 1920, temos a morte como presença no texto freudiano.

Nos primeiros momentos da constituição da doutrina freudiana das pulsões, temos que o alcance da satisfação (*Befriedigung*), sua meta, se dá através de um objeto. Este último, por sua vez, é psiquicamente inscrito no campo das representações, primeiramente como representação de coisa (*Sachvorstellung*) e, posteriormente, através do vínculo com a representação de palavra (*Wortvorstellung*), em representação de objeto (*Objektvorstellung*). A meta da pulsão pode ser simplificadamente colocada como o fluxo de tensão; no entanto, os caminhos que podem ser tomados para consumir este fluxo são os mais variáveis possíveis. Para chegar a tal conclusão, podemos lembrar aqui a desmontagem que Freud realiza em 1905, com a primeira publicação de sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, das teorias inatistas vigentes em sua época a respeito dos fins da sexualidade dita normal, como mostramos em nosso primeiro capítulo.

⁹⁴ Sie gibt der Psychoanalyse ein schweres Problem auf, denn Tod ist ein abstrakter Begriff von negativem Inhalt, für den eine unbewußte Entsprechung nicht zu finden ist. (FREUD, 1923/1940, p. 288)

⁹⁵ "unser Unbewußtes hat jetzt sowenig Raum wie vormals für die Vorstellung der eigenen Sterblichkeit" (FREUD, 1919/2008, p.161)

⁹⁶ Para uma discussão aprofundada sobre a presença da morte nesses primeiros momentos do discurso psicanalítico, recomendamos a obra de Liran Razinsky *Freud, Psychoanalysis and Death* (2013), especialmente o seu terceiro capítulo, onde o autor trata justamente da presença da morte nos sonhos freudianos. Após uma análise minuciosa dos sonhos de Freud, o autor conclui que:

“We gradually come to see that death is recurrent in Freud’s dream book in a way that was not initially evident. It emerges as a continuous concern behind many of his dreams, both directly present or indirectly and in disguise.” (2013, p. 74)

Segundo esta concepção, o objeto é meio para o alcance da satisfação, porém, sua especificidade não é originária, sendo, na verdade, constituído no decorrer da história do desenvolvimento do específico percurso de escoamento pulsional pelo aparelho psíquico. Tal característica implica a necessidade, portanto, da representação (*Vorstellung*) para a constituição da pulsão como tal. Diante de tal caracterização e da insistência na afirmação do suposto caráter irrepresentável da morte no aparelho psíquico, pretendemos traçar neste capítulo algumas possibilidades de compreensão da relação entre a pulsão, tal qual pensada neste momento, e a representação. Assumimos de partida e tendo por base os capítulos precedentes, alinhados à leitura de Hanns (1999, p. 84), que essas representações são aquilo que constitui o próprio aparelho psíquico e, portanto, estão na base da diferenciação entre as instâncias psíquicas. O estudo elaborado no presente capítulo visa abrir caminho para, no capítulo final, termos ferramentas para abordar a relação entre pulsão e Eu a partir deste momento da teorização freudiana, ou seja, à luz de seu segundo dualismo. Inicialmente, demonstramos, nos primeiros capítulos do trabalho, que tal conceito está intimamente ligado à realização do circuito pulsional na formalização de seu primeiro modelo, de modo que procuraremos salientar as mudanças decorrentes da passagem de um modelo para outro.

Visando atingir esse objetivo e dar uma melhor circunscrição à questão que norteia este trabalho, ele acompanhará o desenvolvimento do segundo momento da teoria freudiana das pulsões, iniciando, primeiramente, com uma breve discussão a respeito do que se pode chamar de uma das bases empíricas diante da qual o conceito será convocado como fator explicativo: o problema da compulsão à repetição em um conjunto de textos clínicos publicados por Freud entre 1912 e 1915. Após este momento preliminar, seguir-se-á o desenvolvimento da discussão sobre esta segunda classe de pulsões, desde a sua introdução, em *Além do princípio de prazer*, passando por momentos cruciais da obra, que tratarão deste desenvolvimento posterior da teoria: *O problema econômico do masoquismo* (1924), *O mal-estar na cultura* (1932), a 32^a das *Novas conferências introdutórias à psicanálise (Angústia e vida pulsional [Angst und Triebleben])* (1932) e *A análise finita e a infinita* (1937). Nesta tentativa, procurar-se-á seguir a possível articulação deste novo dualismo ao campo representacional, tendo em perspectiva a primeira definição do conceito de *Trieb*, cujo desenvolvimento acompanhamos nos capítulos anteriores.

3.1. Algumas palavras preliminares sobre a passagem de um dualismo a outro: a compulsão à repetição nos textos clínicos

Antes de entrarmos na discussão a respeito do segundo dualismo pulsional freudiano, queremos apresentar aqui um breve comentário sobre outro conceito, intimamente vinculado à introdução e à necessidade de um novo dualismo: a "*Wiederholungszwang*" ou "*Zwang zur Wiederholung*". Decidiu-se deste modo proceder para se manter fiel à nossa estratégia metodológica: procuramos acompanhar os textos e seu desenvolvimento para melhor delinear como o problema é construído no interior da obra, colocando-se em discussão com a bibliografia secundária encontrada no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

Esse conceito será de grande importância para a construção do discurso freudiano a partir deste momento (1920), pois está em íntima relação com a fundamentação do conceito de pulsão de morte. No entanto, a compulsão à repetição, enquanto fenômeno, não surge pela primeira vez neste momento da escrita freudiana, sendo, na verdade, já utilizada alguns anos antes, no contexto da discussão clínica, numa série de textos publicados por Freud entre 1912 e 1915: *Sobre a dinâmica da transferência (Zur Dynamik der Übertragung)* (1912), *Lembrar, repetir e perlaborar (Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten)* (1914) e *Observações sobre o amor transferencial (Bemerkungen über die Übertragungsliebe)* (1915). O modo como esta discussão se processa nestes textos parece, no entanto, não exigir o estabelecimento de um funcionamento para além do princípio do prazer, e isto em virtude da relação íntima com a noção de resistência (*Widerstand*) que ali se estabelece.

Em 1920, porém, com a retomada dessa discussão, nos primeiros capítulos de *Além do princípio de prazer*, mais precisamente em seu terceiro capítulo, sua vinculação se estabelece não apenas ao campo da discussão clínica, mas passa a constituir o quadro da composição metapsicológica. Isso se faz possível pela retomada da compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*) no interior de uma série de fenômenos, e não apenas restrita à manifestação clínica no contexto da transferência (*Übertragung*). Nisso nos alinhamos à leitura que Monzani desenvolve a esse respeito no terceiro capítulo de *Freud: o movimento de um pensamento*. Mas não apenas isso, como também uma nova abordagem de sua manifestação no contexto clínico, que será crucial no terceiro capítulo do texto de 1920, como

apresentaremos na discussão a seguir, atestando novamente a preponderância do fato clínico nas elaborações metapsicológicas freudianas.

Em *Lembrar, repetir e perlaborar*, Freud introduz o problema da repetição na transferência, estabelecendo uma espécie de "tipo" (*Typus*) de caso psicanalítico no qual:

[...] o analisando não se *lembra* de mais nada do que foi esquecido e recalçado, mas ele *atua* com aquilo. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele *repete* sem, obviamente, saber que o repete. (FREUD, 1914/2017, p. 154)⁹⁷

E esse tipo de fenômeno em sua manifestação clínica está em íntima relação com a resistência em sua oposição ao tratamento (*Kur*), numa relação de proporcionalidade tal que “quanto maior for a resistência, de forma mais frequente o lembrar será substituído pelo atuar [*agieren*] (repetir)” (FREUD, 1914/2017, p. 156)⁹⁸. Podemos notar que nesse momento de sua compreensão sobre a repetição, que aqui é nomeada não como será a partir de 1920, *Wiederholungszwang*, mas como *Zwang zur Wiederholung*, parece haver alguns conteúdos específicos que se repetem na situação clínica, conteúdos estes que advêm do recalçado (*Verdrängen*): “[...] ele repete tudo que já se impôs a partir das fontes do seu recalçado em sua essência evidente, suas inibições e posições inviáveis, seus traços de caráter patológicos” (FREUD, 1914/2017, p. 156)⁹⁹.

Em relação a esse conteúdo, devemos ressaltar aqui que Freud o aborda como uma espécie de retorno do recalçado que toma a forma da repetição. A repetição, neste contexto, é a transferência do passado esquecido para a situação presente. Ela torna presente algo que já aconteceu, mas não da mesma forma que a *recordação* (*Erinnern*) o faz. Nesta última, o passado é colocado como algo que permanece num tempo anterior, estabelecendo a sua distância do presente através da memória. Na repetição, porém, esse passado se mostra como presente, como um agir (*agieren*), que se presentifica na situação em curso. O que se repete

⁹⁷ [...] der Analytisierte *erinnere* überhaupt nichts von dem Vergessenen und Verdrängten, sondern er *agiere* es. Er reproduziert es nicht als Erinnerung, sondern als Tat, er *wiederholt* es, ohne natürlich zu wissen, daß er es wiederholt. (FREUD, 1914/1992, p. 89)

⁹⁸ Je größer der Widerstand ist, desto ausgiebiger wird das Erinnern durch das Agieren (Wiederholen) ersetzt sein (FREUD, 1914/1992, p. 90)

⁹⁹ [...] er wiederholt alles, was sich aus den Quellen seines Verdrängten bereits in seinem offenkundigen Wesen durchgesetzt hat, seine Hemmungen und unbrauchbaren Einstellungen, seine pathologischen Charakterzüge. (FREUD, 1914/1992, p. 91)

são aquelas situações que, de alguma forma, já existiram em outros momentos, mas que se tornaram inviáveis e, por isso, sofreram o destino da repressão. Não há nada no texto que possa nos levar a concluir que esses conteúdos repetidos sejam fontes primárias de desprazer. A repetição aqui permanece como uma forma de resistência, como modo de não adentrar àqueles conteúdos que deveriam levar ao desprazer, produzindo um desconforto que visa paralisar o processo analítico.

A leitura do texto leva-nos a concluir que a resistência e a repressão parecem ser o ponto nodal em que a transferência e a repetição vão se ligar. E, se nos debruçarmos devidamente sobre o texto metapsicológico que visava circunscrever os fenômenos da repressão, *Die Verdrängung*, de 1915, podemos afirmar que este funcionamento se estabelece em função e em face do princípio do prazer. Toda moção pulsional visa a satisfação, e este é sempre o seu objetivo (*Ziel*). O que a torna uma possibilidade de desprazer que legitima, então, a repressão, seria um conflito entre as instâncias psíquicas. Dessa forma, a realização da moção pulsional seria fonte de prazer para uma instância, ao mesmo tempo em que atuaria como fonte de desprazer para outra: “Então se torna condição para a repressão que o motivo do desprazer adquira um poder maior que o prazer da satisfação” (FREUD, 1915/2010, p. 63)¹⁰⁰. A repressão é entendida como um mecanismo de defesa, uma defesa contra o desprazer que seria causado em uma das instâncias psíquicas pela realização da necessidade pulsional.

O autor prossegue dizendo que, ao mesmo tempo que existe uma força de repulsão que é exercida pela consciência em relação ao conteúdo reprimido, existe também uma força de atração que esse conteúdo reprimido exerce sobre outros conteúdos com os quais pôde estabelecer uma ligação. Hock (2012, p. 158), expõe esse mecanismo da seguinte forma:

Dois vectores que normalmente trabalham um contra o outro entram assim numa coalizão: em vez de repelir o que deve ser reprimido, a mente consciente segue os traços do reprimido num movimento regressivo e reforça assim a atração das pulsões inconscientes. (HOCK, 2012, p. 158, tradução própria)¹⁰¹

¹⁰⁰ “Zur Bedingung der Verdrängung ist dann geworden, daß das Unlustmotiv eine stärkere Macht gewinnt als die Befriedigungslust” (FREUD, 1915/1949, p. 249)

¹⁰¹ Zwei Vektoren, die in der Regel gegeneinander wirken, gehen also eine Koalition miteinander ein: statt das zu Verdrängende abzustoßen, folgt das Bewußtsein in einer regressiven Bewegung den Spuren des Verdrängten und verstärkt dadurch noch die Anziehungskraft der unbewußten Triebe. (HOCK, 2012, p. 158)

Será, então, esse jogo de forças que irá compor o quadro da repressão. A partir de uma repressão primordial, a agência representacional permanece no inconsciente, exercendo seu poder, atraindo para si outros conteúdos que a ela se associam. Por meio dessa associação, esses conteúdos passam a ter o mesmo destino que os primeiros, sendo vitimados pela repressão. A partir disso, pode-se concluir que a ocorrência da repressão não retira totalmente a força da agência representacional, de modo que fora da consciência ela ainda pode exercer força, de forma a buscar expressão através de conteúdos associativos. A repressão apenas afeta a sua ligação com a instância psíquica consciente; mas não de forma a retirar totalmente o seu acesso a esta instância. Quanto maior a repressão, mais próximo está o vínculo associativo com os conteúdos originalmente reprimidos.

Portanto, a repressão se dá como um processo que funciona segundo a lógica do princípio do prazer, age de modo a evitar o desprazer que adviria caso a moção pulsional se realizasse; e é esse desprazer que motiva o processo repressivo. Portanto, a repressão, se levarmos em conta o texto de 1915, não se opõe ao princípio do prazer, mas se estabelece como processo justamente por causa dele, assim como as resistências que são evocadas no caso de conteúdos associativos que de alguma forma se relacionam com o conteúdo reprimido.

É este o caso também da análise que Freud promove em *Observações sobre o amor transferencial*, de 1915. Neste texto, o fenômeno do enamoramento da paciente no contexto da transferência é entendido como um caso especial de resistência pela repetição, enfatizando “principalmente a porção indubitável de resistência nesse amor” (FREUD, 1915/2017, p. 175)¹⁰², Freud escreve que:

Como segundo argumento contra a autenticidade desse amor, introduzir a afirmação de que ele não traz um único traço novo, oriundo da situação presente, mas é composto integralmente de repetições e retomadas de reações antigas, até mesmo as infantis.” (FREUD, 1915/2017, p. 175)¹⁰³

¹⁰² Man betont vor allem den unverkennbaren Anteil des Widerstandes an dieser "Liebe". (FREUD, 1915/1992, p. 107)

¹⁰³ Als zweites Argument gegen die Echtheit dieser Liebe führt man die Behauptung ein, daß dieselbe nicht einen einzigen neuen, aus der gegenwärtigen Situation entspringenden Zug an sich trage, sondern sich durchwegs aus Wiederholungen und Abklatschen früherer, auch infantiler Reaktionen zusammensetze. (FREUD, 1915/1992, p. 107)

Este conteúdo reprimido, que “repete-se inúmeras vezes no decorrer de uma análise” (FREUD, 1912/2017, p. 113)¹⁰⁴, constituirá um “clichê” (*Klischee*) através do qual as moções pulsionais encontram uma forma de se manifestar, em consonância com o princípio do prazer:

As moções inconscientes não querem ser lembradas, tal como o tratamento o deseja, mas elas almejam se reproduzir, de acordo com a atemporalidade e a capacidade alucinatória do inconsciente. (FREUD, 1912/2017, p. 118)¹⁰⁵

Através do breve percurso por este momento da abordagem clínica da compulsão à repetição, alinhamo-nos com as conclusões de Hock que, de maneira muito didática, aponta que, nos textos em questão:

Porque é que a transferência nos confronta em análise como a mais forte resistência ao tratamento?" é o problema em "Sobre a dinâmica da transferência" (G.W. VIII: 366), que Freud tenta abordar distinguindo entre diferentes tipos de transferência; e em "Lembrar, repetir e perlaborar" Freud inicialmente isola e identifica a "repetição" como nada mais do que uma certa forma de resistência transferencial, que ele já tinha delineado na última seção de "Sobre a dinâmica da transferência". As "Observações sobre o amor transferencial" negociam finalmente uma transferência atuada e simultaneamente erótica, na qual "a resistência tem, sem dúvida, uma grande parte" (G.W. X: 310); [...]. (HOCK, 2012, p. 156-157, tradução própria)¹⁰⁶

¹⁰⁴ "[...] wiederholt sich im Verlaufe einer Analyse ungezählte Male" (FREUD, 1912/1992, p. 43)

¹⁰⁵ Die unbewußten Regungen wollen nicht erinnert werden, wie die Kur es wünscht, sondern sie streben danach, sich zu reproduzieren, entsprechend der Zeitlosigkeit und der Halluzinationsfähigkeit des Unbewußten. (FREUD, 1912/1992, p. 48)

¹⁰⁶ Weshalb (tritt) uns bei der Analyse die Übertragung als der stärkste Widerstand gegen die Behandlung entgegen", heißt die Problemstellung in "Zur Dynamik der Übertragung" (G.W. VIII: 366), der Freud durch die Unterscheidung verschiedener Übertragungsarten näher zu kommen sucht; und in "Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten" isoliert und identifiziert Freud als "Wiederholen" zunächst nichts anders als eine bestimmte Form des Übertragungswiderstands, die er bereits im letzten Abschnitt von "Zur Dynamik der Übertragung" skizziert hatte. Die "Bemerkungen zur Übertragungsliebe" verhandeln schließlich eine agierte und gleichzeitig erotische Übertragung, an der "der Widerstand unzweifelhaft einen großen Anteil" (G.W. X: 310) hat; [...]. (HOCK, 2012, p. 156-157)

Conforme veremos logo à frente, esse debate é retomado por Freud no terceiro capítulo da obra de 1920, mas apenas após percorrer uma série de outras manifestações repetitivas. E, nesta retomada, veremos um fato novo ser acrescentado à repetição transferencial. Nos textos que são objeto do comentário da presente sessão, temos destacado que: 1) a compulsão à repetição, neste momento, não parece exigir um além do princípio do prazer, e 2) pode ser compreendida como espécie de retorno do recalçado e, portanto, a serviço do princípio do prazer.

3.2. A introdução do segundo dualismo pulsional

Em face da discussão que elaboramos acima, iniciaremos a presente sessão pela apresentação do terceiro capítulo de *Além do princípio de prazer*, retomando, em seguida, no corpo do texto, os capítulos anteriores. Através disso, visamos indicar o movimento que leva, no interior do texto, à introdução do novo dualismo pulsional, que se opera pelas vias da abordagem do problema da compulsão à repetição no capítulo de *Além do princípio de prazer* em questão. Freud começa, numa revisão panorâmica sobre o desenvolvimento do tratamento psicanalítico, por retomar a discussão que vimos ter lugar nos textos clínicos anteriores, comentados acima:

O doente pode não se lembrar de tudo o que nele está recalçado, talvez justamente do que seja essencial, e assim não adquire nenhuma convicção sobre a precisão da construção que lhe foi comunicada. Ele se vê antes forçado a *repetir* o recalçado como experiência no presente, em vez de *lembrá-lo* como uma parte do passado, como preferiria o médico. (FREUD, 1920/2020, p. 87)¹⁰⁷

E então prossegue:

¹⁰⁷ Der Kranke kann von dem in ihm Verdrängten nicht alles erinnern, vielleicht gerade das Wesentliche nicht, und erwirbt so keine Überzeugung von der Richtigkeit der ihm mitgeteilten Konstruktion. Er ist vielmehr genötigt, das Verdrängte als gegenwärtiges Erlebnis zu *wiederholen*, anstatt es, wie der Arzt es lieber sähe, als ein Stück der Vergangenheit zu *erinnern*. (FREUD, 1920/2020, p. 86)

É claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver irá forçosamente causar desprazer ao Eu, pois ela revela a atividade de moções pulsionais recalçadas, mas se trata de um desprazer que já apreciamos, que não contradiz o princípio de prazer, pois é desprazer para um sistema e ao mesmo tempo satisfação para o outro. (FREUD, 1920/2020, p. 91)¹⁰⁸

No primeiro capítulo da obra, Freud, num primeiro movimento, coloca em discussão a proeminência do princípio do prazer no domínio dos processos psíquicos, afirmando que, se essa suposição for verdadeira¹⁰⁹, a experiência (*Erfahrung*), no entanto, não parece, à primeira vista, concatenar-se com a mesma¹¹⁰. A partir daí, Freud vai mostrar que a maioria das vivências de desprazer são de duas ordens de fenômenos: a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade, de tal forma que, para a obtenção do prazer final, o aparelho psíquico terá de ter em consideração as condições do mundo externo, e evitar o acesso imediato ao prazer almejado¹¹¹. Temos ainda o fato da repressão, que faz de uma possibilidade de prazer uma realização desprazerosa¹¹², mecanismo esse que pode ser já

¹⁰⁸ Es ist klar, dass das meiste, was das Wiederholungszwang wiedererleben lässt, dem Ich Unlust bringen muss, denn es fördert ja Leistungen verdrängter Triebregungen zutage, aber das ist Unlust, die wir schon gewürdigt habe, die dem Lustprinzip nicht widerspricht, Unlust für das eine System und gleichzeitig Befriedigung für das andere. (FREUD, 1920/2020, p. 90)

¹⁰⁹ O ensaio começa da seguinte forma:

Na teoria psicanalítica pressupomos sem hesitação que o curso dos processos animicos seja regulado automaticamente pelo princípio de prazer, isto é, acreditamos que ele seja, a cada vez, estimulado por uma tensão desprazerosa e toma então uma direção tal que seu resultado final coincide com uma diminuição dessa tensão, portanto, com uma evitação de desprazer ou uma geração de prazer. (FREUD, 1920/2020, p. 59)

In der psychoanalytischen Theorie nehmen wir unbedenklich an, dass der Ablauf der seelischen Vorgänge automatisch durch das Lustprinzip reguliert wird, das heißt, wir glauben, dass er jedesmal durch eine unlustvolle Spannung angeregt wird und dann eine solche Richtung einschlägt, dass sein Endergebnis mit einer Herabsetzung dieser Spannung, also mit einer Vermeidung von Unlust oder Erzeugung von Lust zusammenfällt. (FREUD, 1920/2020, p. 58)

¹¹⁰ (...) ao passo que a experiência mais comum contradiz energicamente essa conclusão. (FREUD, 1920/2020, p. 65)

(...) während doch die allgemeinste Erfahrung dieser Folgerung energisch widerspricht. (FREUD, 1920/2020, p. 64)

¹¹¹ (...) sem desistir do propósito de uma obtenção final de prazer, exige e estabelece, no entanto, o adiamento da satisfação, a renúncia às diversas possibilidades dessa satisfação e a tolerância temporária do desprazer pelo longo desvio para chegar ao prazer. (FREUD, 1920/2020, p. 67)

(...) ohne die Absicht endlicher Lustgewinnung aufzugeben, doch den Aufschub der Befriedigung, den Verzicht an mancherlei Möglichkeiten einer solchen und die zeitweilige Duldung der Unlust auf dem langen Umwege zur Lust fordert und durchsetzt. (FREUD, 1920/2020, p. 66)

¹¹² No meio do percurso, sempre volta a ocorrer que pulsões isoladas ou partes de pulsões revelem-se inconciliáveis em suas metas ou reivindicações com as restantes que podem juntar-se à unidade abrangente do Eu. São, então, dissociadas dessa unidade pelo processo de recalçamento, retidas em estágios inferiores do desenvolvimento psíquico e antes de tudo cortadas da possibilidade de uma satisfação. (...) esse êxito, que normalmente teria sido uma possibilidade de prazer, será sentido pelo Eu como desprazer. (FREUD, 1920/2020, p. 67)

Unterwegs geschieht es immer wieder, dass einzelne Triebe oder Triebanteile sich in ihren Zielen oder Ansprüchen als unverträglich mit den übrigen erweisen, die sich zu der umfassenden Einheit des Ichs zusammenschliessen können. Sie werden dann von dieser Einheit durch den Prozess der Verdrängung

demarcado pela consideração que fizemos nas nossas palavras introdutórias a este capítulo a propósito de um momento anterior da construção freudiana. A outra ordem de fenômenos será a dos estímulos do mundo externo, que serão de natureza penosa tendo em vista o aumento da estimulação interna ao aparelho que promovem. Assim, a conclusão é: estas ordens de desprazer são de natureza perceptiva e não contradizem a dominância do princípio do prazer¹¹³. No segundo capítulo Freud nos introduz a discussão de duas ordens de observações, uma de natureza clínica e outra de fora do contexto clínico: a neurose traumática (*traumatische Neurose*¹¹⁴) e o jogo infantil (*das Kinderspiel*). Na primeira, será enfatizado que:

[...] o peso principal da causação parece recair sobre o fator da surpresa, do terror, e segundo, que geralmente um ferimento ou ferida sofrido simultaneamente agia de maneira contrária ao aparecimento da neurose. (FREUD, 1920/2020, p. 71)¹¹⁵

E também por um tipo de sonho sintomaticamente característico, no qual o doente será repetidamente conduzido de volta à situação traumática¹¹⁶. Depois de nos apresentar esse quadro clínico e a estranha tendência dos seus sonhos, que parecem não se concatenar com a tendência realizadora de desejos dos sonhos, Freud convida-nos então, um tanto

abgespalten, auf niedrigeren Stufen der psychischen Entwicklung zurückgehalten und zunächst von der Möglichkeit einer Befriedigung abgeschnitten. [...] so wird dieser Erfolg, der sonst eine Lustmöglichkeit gewesen wäre, vom Ich als Unlust empfunden. (FREUD, 1920/2020, p. 66)

¹¹³ A maior parte do desprazer que nós sentimos é certamente desprazer de percepção, seja ele percepção da pressão de pulsões insatisfeitas, seja percepção externa; mesmo que esta seja desagradável em si, ou que desperte expectativas desprazerosas no aparelho anímico, ela será reconhecida por ele como “perigo”. (FREUD, 1920/2020, p. 69)

Die meiste Unlust, die wir verspüren, ist ja Wahrnehmungsunlust, entweder Wahrnehmung des Drängens unbefriedigter Triebe oder äussere Wahrnehmung, sei es, dass diese an sich peinlich ist, oder dass sie unlustvolle Erwartungen im seelischen Apparat erregt, von ihm als “Gefahr” erkannt wird. (FREUD, 1920/2020, p. 68)

¹¹⁴ Um estado surgido após graves abalos mecânicos, colisões ferroviárias e outros acidentes relacionados ao risco de morte, foi descrito há muito tempo e acabou ficando conhecido como “neurose traumática”. (FREUD, 1920/2020, p. 69-71)

Nach schweren mechanischen Erschütterungen, Eisenbahnzusammenstößen und anderen, mit Lebensgefahr verbundenen Unfällen ist seit langem ein Zustand beschrieben worden, dem dann der Name “traumatische Neurose” verblieben ist. (FREUD, 1920/2020, p. 68-70)

¹¹⁵ [...] das Hauptgewicht der Verursachung auf das Moment der Überraschung, auf den Schreck, zu fallen schien, und zweitens, dass eine gleichzeitig erlittene Verletzung oder Wunde zumeist der Entstehung der Neurose entgegenwirkte. (FREUD, 1920/2020, p. 70)

¹¹⁶ Ocorre que a vida onírica da neurose traumática apresenta a característica de repetidamente reconduzir o doente de volta à situação de seu acidente, da qual ele desperta com um novo susto. (FREUD, 1920/2020, p. 73) Nun zeigt das Traumleben der traumatischen Neurose den Charakter, dass es den Kranken immer wieder in die Situation seines Unfalles zurückführt, aus der er mit neuem Schreck erwacht. (FREUD, 1920/2020, p. 72)

abruptamente, a abandonar, pelo menos temporariamente, essa ordem de fenômenos, para passar então à consideração de outra observação, apresentada como uma atividade normal do aparelho psíquico¹¹⁷. Freud nos relata, então, a observação de seu neto brincando, na qual este reproduz a penosa experiência da ausência materna, que na literatura psicanalítica ficou consagrada como o "*Fort-Da-Spiel*" (IANNINI; TAVARES, 2020, p. 22; LÖCHEL, 1996, p. 683). Por essa via, levanta a questão sobre a relação da reprodução de uma cena dolorosa por meio do jogo com o princípio do prazer, ou seja, com a tendência supostamente dominante na vida psíquica de evitar situações de aumento de tensão psíquica. Após essas discussões preliminares, Freud chega, então, ao seu terceiro capítulo, onde vai retomar o problema da repetição na situação clínica, pelo qual iniciamos a exposição do presente texto. Mas algo novo é acrescentado a essa discussão, de modo que Freud parece se afastar da concepção da compulsão à repetição vinculada ao retorno do recaiado e ao desprazer tóxico, como era o caso em 1914, por este "fato novo e digno de nota", segundo o qual:

Mas o fato novo e digno de nota que agora iremos descrever é que a compulsão à repetição também traz de volta aquelas experiências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recaiadas desde então. (FREUD, 1920/2020, p. 91)¹¹⁸

Côrrea (2023, p. 167) reconhece que ao tratar da repetição neste momento da obra, na terceira parte do texto, Freud não parece se referir ao retorno do reprimido mas, isto sim, "remeter às enigmáticas tendências masoquistas do Eu". Freud faz referência a essas tendências masoquistas ao abordar a repetição no caso dos sonhos nas neuroses traumáticas, na segunda parte do texto, em trecho adicionado à edição de 1921 (FREUD, 2020, p. 75). Campos (2014, p. 137)) é outro autor que aponta para a novidade que se introduz no trecho

¹¹⁷ Faço agora a sugestão de abandonar o tema obscuro e nebuloso da neurose traumática e estudar o modo de trabalho do aparelho anímico em uma de suas atividades normais mais precoces. Refiro-me à brincadeira de crianças. (FREUD, 1920/2020, p. 75)

Ich mache nun den Vorschlag, das dunkle und düstere Thema der traumatischen Neurose zu verlassen und die Arbeitsweise des seelischen Apparates an einer seiner frühzeitigen normalen Betätigungen zu studieren. Ich meine das Kinderspiel. (FREUD, 1920/2020, p. 74)

¹¹⁸ Die neue und merkwürdige Tatsache aber, die wir jetzt zu beschreiben haben, ist, dass der Wiederholungszwang auch solche Erlebnisse der Vergangenheit wiederbringt, die keine Lustmöglichkeiten enthalten, die auch nicht Befriedigungen, selbst nicht von seither Triebregungen gewesen sein können. (FREUD, 1920/2020, p. 90)

em questão, ainda que não faça referência a esta como desdobramento que vem se somar à concepção da compulsão à repetição tal qual pensada no texto clínico de 1914:

Contudo, e isso é novo, Freud aponta que alguns impulsos derivados do inconsciente poderiam rememorar experiências passadas que nunca trouxeram satisfação, o que colocaria uma repetição do recalcado inconsciente para além do princípio de prazer. (CAMPOS, 2014, p. 137)

E faz, em seguida, uma diferenciação que, embora não a tenhamos aqui ainda salientado, cabe apontar, dada sua importância tanto conceitual quanto em implicação clínica:

Porém, o que passa a ser tematizável para Freud é a repetição que não está a serviço do princípio do prazer, mas a serviço do inconsciente em um imperativo que opera por meio de uma compulsão a repetir um evento desprazeroso como forma de controlá-lo ativamente. Isto é, inclusive, o que sustenta a necessidade de uma distinção entre a mera *repetição*, que descreve um mecanismo operante dentro do princípio de prazer, da *compulsão à repetição* propriamente dita, que implicaria um *além* do princípio de prazer. (CAMPOS, 2014, p. 138)

Há, ainda, um último movimento nestes primeiros capítulos, que vem adicionar-se à série elencada até aqui. Neste último movimento, trata-se da abordagem do problema da repetição para além da sua manifestação clínica, que vemos manifesto na afirmação de que "o mesmo que a psicanálise revela nos fenômenos de transferência dos neuróticos pode ser encontrado também na vida de pessoas não neuróticas" (FREUD, 1920/2020, p. 95), para depois concluir:

Em vista dessas observações extraídas da conduta na transferência e do destino dos seres humanos, encontraremos a coragem para supor que realmente exista na vida anímica uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer. Estaremos agora também inclinados a relacionar a essa compulsão os sonhos dos neuróticos acidentários e o impulso da criança para a brincadeira. Contudo, precisamos dizer a nós mesmos que só em casos

raros podemos entender os efeitos da compulsão à repetição de maneira pura, sem a intervenção de outros motivos. (FREUD, 1920/2020, p. 97)¹¹⁹

Após esse percurso, Freud afirma encontrar a “coragem” (*Mut*) para afirmar a existência de um funcionamento anterior ao princípio do prazer, ainda que pareça hesitante em afirmar a sua independência. O importante a se demarcar aqui, tendo em vista o propósito da presente discussão, é que vemos no movimento de construção do pensamento freudiano, em seus capítulos introdutórios de *Além do princípio de prazer*, um modo característico de proceder: a concatenação de fenômenos em série, para então concluir que os fatores explicativos anteriores não foram suficientes para um satisfatório entendimento dos fenômenos em questão. Pela concatenação em série de fenômenos e pelo acréscimo de que na transferência (*Übertragung*) temos outra ordem de manifestações que não se enquadra mais no retorno de conteúdos reprimidos, é que Freud chega à conclusão que procura afirmar neste momento: a existência de uma compulsão à repetição que parece não levar em consideração o ganho de prazer e a evitação do desprazer. No entanto, até este momento, não se afirma uma manifestação pura desta tendência na vida psíquica. Se acompanharmos os momentos iniciais do texto, veremos que Freud parece hesitar em trazer a conclusão e em discutir suas supostas manifestações. Uma série de outros fatores são evocados como possíveis possibilidades explicativas: no caso do brincar infantil, por exemplo, leva-se em consideração a existência de um impulso de vingança (*Racheimpulse*) ou de uma pulsão de dominação (*Bemächtigungstrieb*). No caso da repetição na transferência, evoca-se a discussão anterior, onde a repetição não contradiz o princípio do prazer. Mas, todos esses outros fatores explicativos não oferecem um quadro satisfatório para estas manifestações, pelo menos parece ser este o raciocínio seguido por Freud. Deste modo, no conjunto, algo mais parece manifestar-se nesta ordem de fenômenos: a existência de uma compulsão à repetição. Soria (2023), lembrando Monzani (1989), aponta a este respeito que:

¹¹⁹ Angesichts solcher Beobachtung aus dem Verhalten in der Übertragung und aus dem Schicksal der Menschen werden wir den Mut zur Annahme finden, dass es im Seelenleben wirklich einen Wiederholungszwang gibt, der sich über das Lustprinzip hinaussetzt. Wir werden auch jetzt geneigt sein, die Träume der Unfallsneurotiker und den Antrieb zum Spiel des Kindes auf diesen Zwang zu beziehen. Allerdings müssen wir uns sagen, dass wir die Wirkungen des Wiederholungszwang nur in seltenen Fällen rein, ohne Mithilfe anderer Motive, erfassen können. (FREUD, 1920/2020, p. 96)

[...] a força expositiva de Freud não está nos elementos pontuais isolados, díspares que compõe a sua argumentação, mas na costura que dá unidade a eles, ou ainda, para usarmos sua expressão, “em um resíduo inexplicável que persiste nessa série”. Não se trata de uma somatória mecânica das partes, mas de uma unidade que excede os fragmentos isolados, que deve ser alcançada ao se olhar o todo da composição. (SORIA, 2023, p. 39)

A autora nos aponta que nenhum dos fatores elencados na série (repetição transferencial, o brincar infantil e o trauma) é novo no discurso freudiano, sendo a novidade a sua tomada em conjunto (SORIA, 2023, p. 46). Na bibliografia de língua alemã podemos nos reportar à Löchel (1996), cuja leitura a respeito do texto vai ao encontro daquela elaborada por Monzani em solo brasileiro. Para a autora, o argumento do texto por vezes parece girar em círculos, “nos confronta com uma forma de pensar que muda de nível, de perspectiva e de material sem integrar as rupturas daí resultantes na sua lógica” (LÖCHEL, 1996, p. 682, tradução própria)¹²⁰. O texto mesmo parece, para a autora, colocar em cena a repetição que é seu objeto: “A repetição não é, portanto, apenas conteúdo e tema, mas também um procedimento do texto” (*idem*, p. 684)¹²¹. Como vimos na exposição de seus capítulos iniciais e como procura salientar a autora, o texto opera de maneira repetitiva: um assunto, após apresentado, é abandonado para então ser novamente retomado, caso dos sonhos traumáticos e também da repetição transferencial colocada em perspectiva com os textos clínicos anteriores. A compulsão à repetição, tanto para Monzani, permanecendo em leituras posteriores que se apoiam na sua, quanto para a autora alemã, será um resto que permanece da série.

E por que interessa apontar isso aqui, para a nossa discussão? Justamente porque a compulsão à repetição será, no decorrer do texto, encarada como modo de funcionamento próprio da pulsão [de morte]: ora como espécie de preparo para a tentativa de inscrição psíquica do pulsional em certos momentos do texto, ora parecendo oscilar entre um além do princípio do prazer e um preparo para seu domínio na vida psíquica, vinculando-se à insistência na busca por inscrever psiquicamente uma vivência, em alguns momentos, para, em outros, indicar a ausência de possibilidade de inscrição. A autora apresenta uma tentativa

¹²⁰ Weil er uns mit einem Denken konfrontiert, das übergangslos die Ebenen, die Perspektiven, sein Material wechselt, ohne die dadurch entstehenden Brüche durch seine Logik einzubinden. (Löchel, 1996, p. 682)

¹²¹ Wiederholung ist also nicht nur Inhalt und Gegenstand, sondern zugleich auch ein Verfahren des Textes. (Löchel, 1996, p. 684)

de leitura da relação entre a concepção da pulsão de morte de *Além do princípio de prazer* e a noção de representação psíquica que procura também colocar em discussão com a definição de pulsão de 1915, segundo a qual:

Perguntemos então: Em que relação se encontra então a pulsão de morte com a representação psíquica, se ela própria não tem qualquer representação? Ela não falha em preencher a definição de pulsão (no sentido de "As pulsões e seus destinos", 1915c), se não é um representante e não tem qualquer representação? Não - de acordo com a minha tese; pelo contrário, ela está intimamente ligada a toda representação. [...] No meu entender, a pulsão de morte tem algo a ver com as condições prévias e os efeitos da representação psíquica: Poder-se-ia dizer que é o preço que pagamos pelo fato de haver representação psíquica. (LÖCHEL, 1996, p. 709)¹²²

Almeida (2023, p. 213) salienta que a mudança teórica que se opera no texto “tem fundamento na clínica, como se esta servisse como teste da teoria ou como tribunal em que a própria experiência profere veredictos acerca da adequação teórica” (ALMEIDA, 2023, p. 213). A abordagem da compulsão à repetição realmente parece provir do fato clínico, especialmente se levarmos em conta os textos clínicos anteriores. No entanto, no presente momento, 1920, entendemos que Freud aponta para além do fato clínico como veredito empírico, uma vez que não apenas situações clínicas são abordadas como as manifestações desta tendência que parecem não levar em conta a evitação do desprazer, mas também outras que Freud apresenta como situações retiradas da vida cotidiana, como o brincar e o destino que parece perseguir certas pessoas. Ao se dedicar a outras manifestações atreladas ao funcionamento regido pela compulsão à repetição, Freud teria notado que sempre um resíduo era deixado para trás nestes funcionamentos (FERNANDES, 2023, p. 297). A atenção dirigida a esse resíduo o faz postular o além do “princípio do prazer”. Concordamos com Fernandes (2023), que “o fato digno de nota que Freud nos apresenta é a constatação de que também a compulsão à repetição faz retornar experiências do passado que não produzem prazer” (FERNANDES, 2023, p. 300).

¹²² Fragen wir also: In welchem Verhältnis steht denn der Todestrieb zur psychischen Repräsentanz, wenn ihm selbst keine solche zukommt? Verfehlt er nicht doch die Definition des Triebes (im Sinne von “Triebe und Triebchicksale”, 1915c), wenn er kein Repräsentant ist und keine Repräsentanz hat? Nein - so laut meine These; er ist vielmehr mit jeglicher Repräsentanz aufs engste verknüpft. [...] Nach meinem Verständnis hat der Todestrieb etwas mit den Voraussetzungen und Folgen psychischer Repräsentanz zu tun: Man könnte sagen, er ist der Preis, den wir dafür bezahlen, dass es psychische Repräsentanz gibt. (Löchel, 1996, p. 709)

Avançando no texto, teremos, no quarto capítulo, a busca pela circunscrição de uma possível resposta à questão sobre a relação entre essa compulsão à repetição e o princípio do prazer, ou seu domínio, retomando a discussão a respeito do trauma (que, como vimos, foi abruptamente abandonada no segundo capítulo do texto). A consideração do trauma, entendido como a invasão do aparelho psíquico por uma grande quantidade de estímulos, num primeiro momento de origem externa, trará então a conclusão de que:

Essas excitações que chegam de fora e são suficientemente intensas para romper a proteção chamemos de traumáticas. (...) A inundação do aparelho anímico por grandes quantidades de estímulo não pode mais ser detida; o que ocorre é bem mais o surgimento de outra tarefa, a de dominar o estímulo, de ligar psiquicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para levá-las, depois, à liquidação. (FREUD, 1920/2020, p. 113-115)¹²³

Perante tal invasão, o aparelho psíquico tem a tarefa de lidar com essa quantidade de estimulação, de a dominar. E por que meios? Pelo que Freud chamará de processo de *Bindung*¹²⁴. Isso significa que, em termos energéticos, para que uma quantidade de estímulo seja psiquicamente elaborada, para que seja possível entrar nos domínios da esfera psíquica, ela precisa primeiro ser psiquicamente ligada por meio de uma conexão com as representações (IANNINI, 2020, p. 211):

Se os sonhos dos neuróticos acidentários reconduzem os doentes tão regularmente de volta à situação do acidente, eles certamente não estão a serviço da realização de desejo, cuja produção alucinatória tornou-se a função dos sonhos sob o domínio do princípio de prazer. No entanto, podemos supor que, por essa via, esses sonhos estejam disponíveis para executar outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio de prazer possa iniciar seu domínio. Tais sonhos procuram recuperar o domínio sobre o estímulo por meio do desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornou-se a causa da neurose traumática. Eles nos dão assim uma

¹²³ Solche Erregungen von außen, die stark genug sind, den Reizschutz zu durchbrechen, heißen wir *traumatische*. (...) Die Überschwemmung des seelischen Apparats mit großen Reizmengen ist nicht mehr hintanzuhalten; es ergibt sich vielmehr eine andere Aufgabe, den Reiz zu bewältigen, die hereingebrochenen Reizmengen psychisch zu binden, um sie dann der Erledigung zuzuführen. (FREUD, 1920/2020, p. 112-114)

¹²⁴ Vielleicht geben wir der Vermutung Raum, daß die “Bindung” der in den seelischen Apparat einströmenden Energie in einer Überführung aus dem frei strömenden in den ruhenden Zustand besteht. (FREUD, 1920/2020, p. 116)

perspectiva sobre uma função do aparelho anímico, a qual, sem contradizer o princípio de prazer, é, contudo, independente dele e parece mais primitiva do que o propósito do ganho de prazer e da evitação de desprazer. (FREUD, 1920/2020, p. 119-121)¹²⁵

Vemos pela segunda vez neste texto Freud apresentar um processo mais primordial que o princípio do prazer: primeiro, a compulsão à repetição, e depois, a *Bindung*¹²⁶. No entanto, como podemos ler acima esta segunda não é entendida como propriamente contraditória a esse princípio, mais parece um processo preparatório através do qual ele exerceria seu domínio:

Daqui se conclui: primeiro a ligação da excitação (aos traços de memória, ou seja, às representações psíquicas) permite a sua realização através do princípio do prazer. Por isso, o caminho para o princípio do prazer tem de ser aberto primeiro através do trabalho de ligação. (LÖCHEL, 1996, p. 687)¹²⁷

No início do quinto capítulo, Freud, ao discutir o conceito de pulsão, começa por trazer a conceituação anterior, à luz da problemática do caráter traumático da energia não fixada no interior do sistema psíquico, visando sustentar que a própria pulsão seria de natureza traumática, na medida em que traz para o aparelho psíquico uma quantidade de estímulos que precisa ser dominada primeiro, para depois ser posta psiquicamente como tal. A pulsão “contém uma inclusão do trauma, ou seja, do que não pode ser assimilado psiquicamente”, segundo Löchel (1996, p. 689)¹²⁸. Com isso, podemos novamente afirmar

¹²⁵ Wenn die Träume der Unfallsneurotiker die Kranken so regelmäßig in die Situation des Unfalles zurückführen, so dienen sie damit allerdings nicht der Wunscherfüllung, deren halluzinatorische Herbeiführung ihnen unter der Herrschaft des Lustprinzips zur Funktion geworden ist. Aber wir dürfen annehmen, daß sie sich dadurch einer anderen Aufgabe zur Verfügung stellen, deren Lösung vorangehen muß, ehe das Lustprinzip seine Herrschaft beginnen kann. Diese Träume suchen die Reizbewältigung unter Angstentwicklung nachzuholen, deren Unterlassung die Ursache der traumatischen Neurose geworden ist. Sie geben uns so einen Ausblick auf eine Funktion des seelischen Apparats, welche, ohne dem Lustprinzip zu widersprechen, doch unabhängig von ihm ist und ursprünglicher scheint als die Absicht des Lustgewinns und der Unlustvermeidung. (FREUD, 1920/2020, p. 118-120)

¹²⁶ Zum zweiten Male hat Freud nun also eine Funktion *neben* bzw. *vor* dem Lustprinzip, ein Jenseits des Lustprinzips aufgedeckt: Dem Wiederholungszwang (im III. Kapitel) und die Bindung (im IV. Kapitel). (Löchel, 1996, p. 688)

¹²⁷ Daraus ergibt sich nun: Erst die Bindung von Erregung (an Erinnerungsspuren, d.h. psychische Repräsentanzen) ermöglicht ihre Erledigung durch das Lustprinzip. Dem Lustprinzip muss also durch Bindungsarbeit zuerst der Weg geebnet werden. ((Löchel, 1996, p. 687)

¹²⁸ Der Trieb enthält einen Einschluss von Trauma, d.h. von psychisch nicht Assimilierbarem. (Löchel, 1996, p. 689)

que a pulsão em si não é originariamente psíquica, mas precisa passar por um processo de fixação em representações, e só assim pode se manifestar psiquicamente. Diz o autor:

As fontes mais abundantes dessa excitação interna são as chamadas pulsões do organismo, que, além de serem representantes de todos os efeitos de forças que se originam no interior do corpo e são transferidos para o aparelho anímico, são mesmo o que há de mais importante, bem como de mais obscuro na investigação psicológica. (FREUD, 1920/2020, p. 125)¹²⁹

No decorrer deste capítulo, chegamos então à uma nova definição do *Grundbegriff* de Freud:

Uma pulsão seria portanto uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob a influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferir, a manifestação da inércia na vida orgânica. (FREUD, 1920/2020, p. 131)¹³⁰

Com a nova definição, a pulsão passa de representante dos estímulos que têm sua origem fora do psíquico, mas que precisam entrar no psíquico para se manifestar, para uma "*Drang zur Wiederherstellung*". O destaque é colocado em sua origem como sendo causada por influências externas (*eine noch ganz unvorstellbare Krafterwirkung*, (FREUD, 1920/2020, p.136)). A partir da nova definição, Freud passa a referir-se mais em termos do ser vivo do que do aparelho psíquico, como vemos no parágrafo seguinte logo após a definição (*den Ausdruck der konservativen Natur des Lebenden*): “Na ocasião, a tensão

¹²⁹ Die ausgiebigsten Quelle solch innerer Erregung sind die sogenannten Triebe des Organismus, die Repräsentanten aller aus dem Körperinnern stammenden, auf den seelischen Apparat übertragenen Kraftwirkungen, selbst das wichtigste wie das dunkelste Element der psychologischen Forschung. (FREUD, 1920/2020, p. 124)

¹³⁰ Ein Trieb wäre also ein dem belebten Organischen innewohnender Drang zur Wiederherstellung eines früheren Zustandes, welchen dies Belebte unter dem Einflusse äußerer Störungskräfte aufgeben mußte, eine Art von organischer Elastizität, oder wenn man will, die Äußerung der Trägheit im organischen Leben. (FREUD, 1920/2020, p. 130)

gerada na matéria antes inanimada tentou equiparar-se; surgiu a primeira pulsão, a de retornar ao inanimado” (FREUD, 1920/2020, p. 137):

Notemos que, nesse momento, Freud está ampliando a noção de pulsão em relação a suas formulações anteriores e passando a pensá-la de forma consideravelmente diferente. Até então, a pulsão havia sido concebida como a *expressão psíquica* dos estímulos endógenos ou como a estimulação endógena *que se expressa no psíquico*. Embora oscile entre essas duas definições, na etapa anterior de sua obra, a pulsão era um conceito que dizia respeito exclusivamente ao aparelho psíquico. (CAROPRESO, 2020, p. 49)

Assim, no capítulo sexto, Freud debate-se tanto com a justificação do caráter primordial da pulsão de morte como com a possibilidade de alocar a pulsão de vida no quadro da nova definição de pulsão¹³¹: uma vez que a pulsão deve ser entendida como um ímpeto por retorno a um estado prévio, como coadunar a suposta meta aglutinadora de Eros? Fonseca (2020), concisamente, salienta que:

A gênese do impulso é descrita como uma tensão em relação à qual a matéria (*Stoff*) até então inorgânica procurou desmanchar, para poder retornar ao seu estado original: “Assim nasceu a primeira pulsão (*Trieb*), a pulsão de retornar ao estado inanimado” (*Trieb zum Leblosen zurückzukehren*). A partir dessa situação inicial e pela continuidade da ação das forças externas os organismos continuaram a se modificar, através de avanços e retrocessos adaptativos dos quais fazem parte o surgimento dos impulsos sexuais e de conservação, assim como também a consciência humana. Desse modo, Freud situa as condições de gênese e especialização dos impulsos a partir da ordem regressiva fundamental. (FONSECA, 2020, p. 31)

Assim, Freud termina o sexto capítulo do texto, o último a ser elaborado, como se sabe desde a descoberta das versões manuscritas por Ulrike May, com uma nota de rodapé que visa uma breve reconstrução histórica da sua doutrina das pulsões, onde finalmente

¹³¹ Sie leitet nämlich einen Trieb ab von dem *Bedürfnis nach Wiederherstellung eines früheren Zustandes*. (FREUD, 1920/2020, p. 186)

assinála, sem ter demonstrado satisfatoriamente tal conclusão no decorrer do capítulo, que:

A especulação supõe, então, esse Eros atuando desde o princípio da vida e aparecendo como “pulsão de vida” em oposição à “pulsão de morte”, que surgiu por meio da animação do inorgânico. (FREUD, 1920/2020, p. 197)¹³²

Freud insiste, ao final da obra, na primordialidade de ambas as classes de pulsões: Eros e a pulsão de morte, o que não parece ser satisfatoriamente demonstrado no decorrer da exposição. Este ponto da discussão permanece em aberto no campo brasileiro da filosofia da psicanálise, encontrando eco em autoras como Caropreso (2020), que aponta uma espécie de contradição inerente ao desenvolvimento do argumento freudiano no momento em que o autor procura fundamentar o caráter regressivo das pulsões de vida. Nos lembra a autora que:

De acordo com a teoria sobre a sexualidade elaborada previamente por Freud, as pulsões sexuais visariam, em última instância, a descarga da excitação. Tendo isso em vista, o contato entre dois corpos não seria um objetivo intermediário da pulsão sexual, isto é, uma etapa intermediária de um processo impelido por essa pulsão, cujo objetivo final seria a descarga da excitação? Nesse caso, não seria possível dizer que, por trás da pulsão sexual, também estaria presente a pulsão de morte? Essas questões parecem abalar a defesa da oposição entre as duas classes de pulsões. No entanto, Freud não chega a levantá-las. (CAROPRESO, 2020, p. 53)

A autora conclui que:

[...] podemos dizer que, embora as pulsões de vida se manifestem de forma mais clara e visível, é mais difícil fundamentá-las, a partir dos pressupostos conceituais com os quais

¹³² Die Spekulation läßt dann diesen Eros vom Anfang des Lebens an wirken und als “Lebenstrieb” im Gegensatz zum “Todestrieb” treten, der durch die Belebung des Anorganischen entstanden ist. (FREUD, 1920/2020, p. 196)

Freud trabalha desde suas primeiras formulações teóricas, do que fundamentar a hipótese da pulsão de morte. (CAROPRESO, 2020, p. 58)

Após fundamentar que toda pulsão teria um caráter regressivo, a pulsão de morte teria seu lugar de direito no interior do sistema que se esboça, ainda que Freud não apresente uma expressão clara desta classe de pulsões. Os fenômenos da compulsão à repetição parecem expressar esta tendência regressiva, a qual opera a serviço das pulsões de morte. Estas encontram também lugar no par sadismo / masoquismo, mas já desviadas de seu propósito inicial. Com isso, dois problemas são deixados em aberto na obra: o problema do caráter regressivo das pulsões de vida, de seu enquadre na nova definição de pulsão, o qual coloca ainda outro: o da primordialidade das pulsões e sua relação com o aparelho psíquico. A respeito deste último ponto, no caso das pulsões de morte, a relação para com o aparelho psíquico parece ser, de início, de exterioridade. Uma gama relativamente ampla de comentadores foram mobilizados no presente capítulo tendo em vista tratar-se do comentário de um texto e uma problemática amplamente debatidos no interior da filosofia da psicanálise. O interesse por estas questões se amplia devido ao centenário de publicação da obra de 1920, que contou, no Brasil, com a publicação de uma edição crítica bilíngue da obra, de valor inestimável para a discussão aqui empreendida. Visou-se, com isso, mostrar que existe aqui um campo proeminente de debate, no qual procuramos aqui nos inserir e com o mesmo dialogar.

...

Propomos avançar para textos posteriores, visando averiguar se a questão da primordialidade pode ser objeto de um melhor esclarecimento. Para tanto dirigimo-nos para o texto sobre o problema econômico do masoquismo, de 1924, que se inicia com a afirmação de que o fenômeno do masoquismo não pode ser compreendido sem um melhor esclarecimento da relação entre o princípio do prazer e as duas classes de pulsões (*das Verhältnis des Lustprinzips zu den beiden Triebarten*). E, a propósito desta relação, encontramos uma afirmação que é ausente no texto anterior, onde se afirma que:

Em todo caso, devemos reparar que o princípio do Nirvana, que pertence à pulsão de vida, experimentou no ser vivo uma modificação que o fez tornar-se princípio do prazer, e de ora

em diante evitaremos tomar os dois princípios por um. Não é difícil adivinhar de qual poder se originou essa modificação, se queremos prosseguir com este raciocínio. Pode ser apenas a pulsão de vida, a libido, que desse modo conquistou sua parte na regulação dos processos vitais, junto à pulsão de morte. (FREUD, 1924/2016, p. 187)¹³³

Freud busca sustentar que no ser vivo (*das Lebewesen*), e não apenas na vida psíquica (*das Seelenleben*), temos uma situação inicial em que o princípio orientador mais fundamental é o que aqui se designa como princípio do nirvana (*das Nirwanaprinzip*), orientação seguida e estabelecida pela pulsão de morte. Através do influxo das pulsões sexuais, ou seja, através de uma ocupação libidinal, esse princípio sofre uma alteração, tornando-se princípio de prazer, de tal modo que “não se pode recusar a denominação de guardião da vida para o princípio do prazer” (FREUD, 1924/2016, p. 187)¹³⁴. Freud afirmará que:

A libido encontra nos seres vivos (multicelulares) a pulsão de morte ou destruição que neles vigora, que busca desintegrar este ser e conduzir cada um dos organismo elementares ao estado de inorgânica estabilidade (ainda que esta possa ser apenas relativa). (FREUD, 1924/2016, p. 191)¹³⁵

A argumentação seguida no texto pode levar-nos a entender que este princípio do nirvana será o princípio orientador primário, uma vez que é necessário que ele passe por uma modificação para que o princípio do prazer possa dominar os processos psíquicos. E podemos ter argumentos a favor de tal interpretação também, se levarmos em consideração que a libido, expressão das pulsões de vida, encontrará, como escreveu Freud, a *pulsão de morte*

¹³³ Auf jeden Fall müssen wir inne werden, daß das dem Todestrieb zugehörige Nirwanaprinzip im Lebewesen eine Modifikation erfahren hat, durch die es zum Lustprinzip wurde, und werden es von nun an vermeiden, die beiden Prinzipien für eines zu halten. Von welcher Macht diese Modifikation ausging, ist, wenn man dieser Überlegung überhaupt folgen will, nicht schwer zu erraten. Es kann nur den Lebenstrieb, die Libido, sein, der sich in solcher Weise seinen Anteil an der Regulierung der Lebensvorgänge neben dem Todestrieb erzwungen hat. (FREUD, 1924/1940, p. 372-373)

¹³⁴ "[...] die Bezeichnung des Lustprinzips als Wächter des Lebens nicht abgelehnt werden kann" (FREUD, 1924/1940, p. 373)

¹³⁵ Die Libido trifft in (vielzelligen) Lebewesen auf den dort herrschenden Todes- oder Destruktionstrieb, welcher dies Zellenwesen zersetzen und jeden einzelnen Elementarorganismus in den Zustand der anorganischen Stabilität (wenn diese auch nur relativ sein mag) überführen möchte. (FREUD, 1924/1940, p. 376)

dominante no organismo, como podemos ler nos trechos citados anteriormente, de tal forma que:

Ela tem a tarefa de fazer inócua essa pulsão destruidora, e a cumpre desviando-a em boa parte - e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura - para fora, para os objetos do mundo exterior. Então ela se chamaria pulsão de destruição, pulsão de apoderamento, vontade de poder. Uma parte dessa pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual, na qual tem um importante papel. É o sadismo propriamente dito. Uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada libidinalmente; nela devemos reconhecer o masoquismo original, erógeno. (FREUD, 1924/2016, p. 191)¹³⁶

Em certa medida, Freud desenvolve aqui elementos do novo dualismo que foram esboçados na obra de 1920, a respeito do modo como concebe as relações possíveis em seu interior. No capítulo sexto do *Além do princípio de prazer*, na especulação biológica que ali toma forma, as pulsões de vida parecem já, em certo sentido, exercer a função que Freud nomeia em 1924, qual seja: a de desviar as pulsões de morte de seu ímpeto primordial. Côrrea, por exemplo, nos lembra que, naquele capítulo, Freud postula que:

[...] para o organismo permanecer vivo, tem de haver um objeto externo para o qual a pulsão de morte possa se dirigir, este outro objeto absorve as substâncias mortíferas expelidas (como, por exemplo, a constante troca de água que mantém vivo o protozoário) (cap. VI *APP*).” (CÔRREA, 2023, p. 184)

¹³⁶ Sie hat die Aufgabe, diesen zerstörenden Trieb unschädlich zu machen, und entledigt sich ihrer, indem sie ihm zum großen Teil und bald mit Hilfe eines besonderen Organsystems, der Muskulatur, nach außen ableitet, gegen die Objekte der Außenwelt reichtet. Er heiße dann Destruktionstrieb, Bemächtigungstrieb, Wille zur Macht. Ein Anteil dieses Triebes wird direkt in den Dienst der Sexualfunktion gestellt, wo es Wichtiges zu leisten hat. Dies ist der eigentliche Sadismus. Ein anderer Anteil macht diese Verlegung nach außen nicht mit, er verbleibt im Organismus und wird dort mit Hilfe der erwähnten sexuellen Miterregung libidinös gebunden; in ihm haben wir den ursprünglichen, erogenen Masochismus zu erkennen. (FREUD, 1924/1940, p. 376)

Agora, no entanto, esta relação parece ser elaborada no interior mesmo da luta entre as duas grandes pulsões, ou seja, no processo que tem por consequência o desvio no qual se manifesta. Este processo, através do qual as duas classes de pulsões vão manifestar-se nas formas referidas (através da destruição, do domínio, do poder ou do masoquismo) será designado por *mistura pulsional* (*Triebvermischung*), vindo ocupar o lugar que a relação de *apoio* (*Anlehnung*) teve no primeiro dualismo, mas não se igualando a esta, uma vez que neste caso anterior não parece haver uma relação de anterioridade entre uma e outra das classes de pulsões. Seguindo a argumentação do texto de 1924, poderíamos concluir que se pode estabelecer uma relação temporal entre os dois princípios e, portanto, entre o domínio das duas classes de pulsões no ser vivo, de tal forma que a pulsão de morte parece ter um caráter primordial no desenrolar do processo vital. Mas, para que ela se manifeste, será necessária a intervenção da *pulsão de vida*. No entanto, estas manifestações, para as quais Freud nomeia as acima referidas, não são manifestações diretas da pulsão de morte, mas exprimem, na verdade, a mistura desta com os interesses libidinais, de modo a desviá-la do seu objetivo primordial: o retorno ao estado de ausência de vida, estado esse em que nenhuma representação na vida psíquica pode ser colocada. Neste ponto, podemos estabelecer também uma diferença em relação ao *apoio*: este é um modelo de relação que se estabeleceu no quadro do primeiro dualismo como sendo primordial: as *pulsões sexuais* brotam apoiadas nas *pulsões de autoconservação* e só posteriormente se dispersam. A *mistura pulsional*, por seu lado, diz respeito a um processo posterior: as duas classes de pulsões de agora (*de vida e de morte*) se amalgamam para que, primeiro, as pulsões de morte sejam desviadas de seu propósito e, por este meio, elas acabem por ganhar uma expressão psíquica que, caso contrário, lhes seria ausente.

Assim, com isto em nota, podemos questionar se esta intervenção da libido sobre a pulsão de morte é uma necessidade inscrita na natureza de tal classe de pulsão. O que pode nos levar a concluir que, neste segundo momento da teoria pulsional freudiana, parecemos lidar com outras categorias, se pensarmos comparativamente em relação ao dualismo anterior. No primeiro dualismo, a relação entre as duas classes de pulsões tem como modelo o que é caracterizado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* como *apoio* (*Anlehnung*). Neste modelo, se uma classe de pulsões, as sexuais, nasce apoiada na outra classe, ela logo configura o seu próprio circuito de satisfação através dos seus próprios objetos, construídos através das suas próprias representações. Aqui, por outro lado, este caso anterior não parece aplicar-se. A pulsão de morte não parece constituir um circuito próprio e uma manifestação

própria, pelo menos é o que parece indicar o presente texto. No decurso da discussão, esperamos poder testar esta ideia em textos posteriores.

Seguindo esta linha de argumentação, Freud chega à conclusão de que podemos reconhecer a pulsão de morte apenas como um *resíduo* dentro de algumas manifestações libidinais:

Admitindo-se alguma imprecisão, pode-se dizer que a pulsão de morte atuante no organismo - o sadismo primordial - é idêntica ao masoquismo. Depois que sua parte principal foi transposta para fora, para os objetos, permanece no interior, como seu resíduo, o masoquismo propriamente erógeno, que, por um lado, tornou-se componente da libido, e, por outro lado, ainda tem seu próprio ser como objeto. (FREUD, 1924/2016, p. 192)¹³⁷

Essa pulsão de morte é desviada e parte dela retorna, mas ainda assim misturada com componentes eróticos, de modo a tomar o próprio ser, em sentido geral, e não apenas como uma instância intrapsíquica específica (BOCCHI, 2023, p. 252)¹³⁸, como seu objeto. A manifestação como masoquismo parece ser entendida por Freud como sendo também efeito de uma mistura, de modo que mesmo aqui não há manifestação pura da pulsão de morte. Ou seja, ela só se implica na vida psíquica à medida em que é erotizada.

A pulsão de morte originária sofrerá um processo de desvio pela influência da ocupação libidinal das *pulsões de vida*, de modo a torná-la parcialmente inócua, estando presente apenas como um resto no centro do masoquismo libidinal. Nesse processo, será possível à pulsão de morte utilizar-se dos objetos através dos quais as pulsões de vida encontram a sua própria satisfação e, por seu intermédio, ganhar expressão psíquica. A pulsão de morte não parece ter propriamente um objeto de satisfação. Tem um objetivo, mas sem um objeto e, portanto, sem uma representação própria, entendida no sentido da *Vorstellung*. Ela se expressa na agressão, mas apenas após ser desviada por meio da erotização, no que

¹³⁷ Wenn man sich über einige Ungenauigkeit hinaussetzen will, kann man sagen, der im Organismus wirkende Todestrieb - der Ursadismus - sei mit dem Masochismus identisch. Nachdem sein Hauptanteil nach außen auf die Objekte verlegt worden ist, verbleibt als sein Residuum im Inneren der eigentliche erogene Masochismus, der einerseits eine Komponente der Libido geworden ist, andererseits noch immer das eigene Wesen zum Objekt hat. (FREUD, 1924/1940, p. 377)

¹³⁸ “Em *O problema econômico do masoquismo*, “o objeto primordial do masoquismo é o Eu na acepção de “ser”, e não apenas o Eu como instância intrapsíquica” (BOCCHI, 2023, p. 252).

concordamos com Silveira (2023), em que “a relação entre pulsão de morte e agressividade não é, para Freud [...], originária.” (SILVEIRA, 2023, p. 274), ou seja, não parece estar inscrita na pulsão de morte mesma, mas ser sim produto e derivado de sua mistura com a pulsão de vida. No entanto, especificamente no sexto capítulo de *O mal-estar na cultura* (1930), Freud parece tatear a possibilidade de uma expressão da pulsão de morte na forma de agressão independente de componentes eróticos. Isso, em nosso entendimento, implicaria em assumir uma espécie de independência dessa classe de pulsão, para o que seria necessário que ela encontrasse expressão na vida psíquica sem a intermediação de representantes eróticos, o que parece ir contra a exposição que vemos tomar forma tanto no *Além do princípio de prazer* quanto em *O problema econômico do masoquismo*, uma vez que “em *O problema econômico do masoquismo*, Freud considera que o sadismo é a pulsão de morte a serviço da função sexual” (CÔRREA, 2023, p. 186), assim como a agressividade direcionada ao exterior e ao interior.

Se à luz o texto de 1924 Freud insiste que mesmo no masoquismo reconhecível teremos a presença da pulsão de morte apenas como um resto no centro de uma expressão libidinal masoquista que toma o seu caminho através da re-internalização, quando avançamos para *O mal-estar na cultura*, leremos Freud indicar a possibilidade de uma expressão destrutiva cuja satisfação não é erótica, estando esta ligada a anseios pulsionais vinculados à pulsão de morte:

Para tudo o que segue, atendo-me, portanto, ao ponto de vista de que a inclinação à agressão é uma predisposição pulsional originária e autônoma do ser humano e retorno à ideia de que a cultura encontra nela o seu obstáculo mais poderoso. (FREUD, 1930/2023, p. 375)¹³⁹

Surpreendentemente, logo na abertura do sexto capítulo do texto de 1930, Freud nos apresenta a seguinte afirmação:

¹³⁹ Für alles Weitere stelle ich mich also auf den Standpunkt, daß die Aggressionsneigung eine ursprüngliche, selbständige Triebanlage des Menschen ist, und komme darauf zurück, daß die Kultur ihr stärkstes Hindernis in ihr findet. (FREUD, 1930/1955, p. 481)

É por isso que de bom grado irei tirar proveito do fato de ter surgido um indício de que o reconhecimento de uma pulsão de agressão peculiar e autônoma possa significar uma modificação na doutrina psicanalítica das pulsões. (FREUD, 1930/2023, p. 369)¹⁴⁰

Freud parece querer tratar esta assunção como uma espécie de novo passo, uma modificação (*Abänderung*) na doutrina pulsional. E, alguns parágrafos à frente, lemos que “essa pulsão de agressão é o derivado e o principal representante da pulsão de morte que encontramos ao lado Eros, que com ele divide o domínio do mundo” (FREUD, 1930/2023, p. 376)¹⁴¹. Freud afirma uma possível independência da pulsão de morte para se manifestar no mundo externo sem a necessidade da intervenção de um composto erótico, ou seja, uma autonomia para alcançar o psiquismo e, por meio deste, o mundo externo. Algo que parece ausente nas formulações anteriores do dualismo da década de 1920. De tal modo que, logo em seguida, em uma mirada histórica pelo desenvolvimento da sua doutrina das pulsões, Freud menciona a dificuldade introduzida em 1920 sobre o caráter silencioso da pulsão de morte, a dificuldade em demarcá-la no campo fenomênico:

Portanto, além de Eros, haveria uma pulsão de morte; e, a partir da ação conjunta e mutuamente contraposta de ambas, foi possível explicar os fenômenos da vida. Mas naquele momento não era fácil demonstrar a atividade dessa suposta pulsão de morte. As manifestações de Eros eram suficientemente evidentes e ruidosas; podíamos supor que a pulsão de morte trabalhava em silêncio, no interior do ser vivente, pela sua dissolução, mas evidentemente isso não constituía nenhuma prova. (FREUD, 1930/2023, p. 371-372)¹⁴²

Para na sequência nos lembrar que as manifestações dessas pulsões tratavam-se de um fenômeno posterior, derivado, a uma espécie de erotização da pulsão de morte, de modo que:

¹⁴⁰ Darum greife ich es gerne auf, wenn sich der Anschein ergibt, daß die Anerkennung eines besonderen, selbständigen Aggressionstriebes eine Abänderung der psychoanalytischen Triblehre bedeutet. (FREUD, 1923/1955, p. 476)

¹⁴¹ Dieser Aggressionstrieb ist der Abkömmling und Hauptvertreter des Todestriebes, den wir neben dem Eros gefunden haben, der sich mit ihm in die Weltherrschaft teilt” (FREUD, 1930/2021, p. 481)

¹⁴² Also außer dem Eros einen Todestrieb; aus dem Zusammen- und Gegeneinanderwirken dieser beiden ließen sich die Phänomene des Lebens erklären. Nun war es nicht leicht, die Tätigkeit dieses angenommenen Todestriebs aufzuzeigen. Die Äußerungen des Eros waren auffällig und geräuschvoll genug; man konnte annehmen, dass der Todestrieb stumm im Inneren des Lebewesens an dessen Auflösung arbeite, aber das war natürlich kein Nachweis. (FREUD, 1930/1955, p. 478)

O que nos levou mais longe foi a ideia de que uma parte da pulsão se voltaria contra o mundo exterior e daí viria à luz como pulsão para a agressão e para a destruição. Assim, a pulsão seria ela mesma compelida a se colocar a serviço de Eros, visto que o ser vivo aniquilava qualquer outra coisa, fosse ela animada ou inanimada, em vez de a si mesmo. (FREUD, 1930/2023, p. 372)¹⁴³

O novo passo então se dá nas seguintes palavras, de modo a procurar alargar a concepção da destrutividade sádica para além de seu entendimento como um desvio da pulsão de morte em função da erotização:

Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre tivemos diante de nossos olhos as manifestações, fortemente aliadas ao erotismo, da pulsão de destruição voltadas para o exterior e para o interior, mas não entendo mais como pudemos ignorar a ubiquidade da agressão e da destruição não eróticas, e deixar de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. (FREUD, 1930/2023, p. 373)¹⁴⁴

Podemos então nos perguntar se Freud irá desenvolver seu argumento no avançar dos capítulos, uma vez que parece entender ser este um passo que visaria uma atualização da doutrina pulsional. Mas a resposta parece-nos ser negativa. Avançando pelos capítulos seguintes do texto veremos o problema da agressão ser articulado à culpa e à necessidade de punição. De modo a tornar a agressão inoperante, a cultura promove sua introjeção, entendida por Freud como um retorno “para o lugar de onde veio, portanto, é voltada contra o próprio Eu” (FREUD, 1930/2023, p. 377)¹⁴⁵. Nessa passagem o retorno da agressão ao Eu é um

¹⁴³ Weiter führte die Idee, daß sich ein Anteil des Triebes gegen die Außenwelt wende und dann als Trieb zur Aggression und Destruktion zum Vorschein komme. Der Trieb würde so selbst in den Dienst des Eros gezwängt, indem das Lebewesen anderes, Belebtes wie Unbelebtes, anstatt seines eigenen Selbst vernichtet. (FREUD, 1930/1955, p. 478)

¹⁴⁴ Ich erkenne, daß wir im Sadismus und Masochismus die stark mit Erotik legierten Äußerungen des nach außen und nach innen gerichteten Destruktionstriebes immer vor uns gesehen haben, aber ich verstehe nicht mehr, daß wir die Ubiquität der nicht erotischen Aggression und Destruktion übersehen und versäumen konnten, ihr die gebührende Stellung in der Deutung des Lebens einzuräumen. (FREUD, 1930/1955, p. 479)

¹⁴⁵ Die Aggression wird introjiziert, verinnerlicht, eigentlich aber dorthin zurückgeschickt, woher sie gekommen ist, also gegen das eigene Ich gewendet. (FREUD, 1930/1955, p. 482)

movimento secundário, manifestando-se como “necessidade de punição” (*Strafbedürfnis*). Erotizada, a agressão manifesta-se na submissão masoquista do Eu à severidade da consciência moral (FREUD, 1930/2023, p. 393)¹⁴⁶.

Na re-internalização a pulsão de morte estará erotizada, em consonância com a maneira como a vemos ser elaborada nos textos anteriores analisados aqui. Estas pulsões parecem ser compreendidas como tendo certa autonomia, embora não apareçam no campo fenomênico. Sua manifestação parece ainda se dar apenas enquanto mescla erotizada de pulsões, de modo a se desviar de sua meta originária. Na *Conferência 32 das Novas Conferências*, que tem por título *Angústia e vida pulsional (Angst und Triebleben)*, novamente a ideia da expressão enquanto mescla pulsional é retomada:

Acreditamos, então, que no sadismo e no masoquismo temos dois ótimos exemplos da mistura das duas espécies de pulsões, de Eros com a agressividade, e levantamos a hipótese de que essa relação é modelar, de que todos os impulsos que estudamos consistem de tais misturas e fusões das duas espécies de pulsões. Isso nas mais diversas proporções, naturalmente. (FREUD, 1933/2010, p 254)¹⁴⁷

A autonomia de uma em relação à outra é ressaltada, porém com um interessante apontamento: à medida em que a expressão de uma das pulsões só se dá mediante um desvio, ela não é passível de apreensão, de ser distinguida em sua autonomia. Não sendo distinguível é, ainda assim, distinta:

¹⁴⁶ Das Schuldgefühl, die Härte des Über-Ichs, ist also dasselbe wie die Strenge des Gewissens, ist die dem Ich zugeteilte Wahrnehmung, daß es in solcher Weise überwacht wird, die Abschätzung der Spannung zwischen seinen Strebungen und den Forderungen des Über-Ichs, und die der ganzen Beziehung zugrunde liegende Angst vor dieser kritischen Instanz, das Strafbedürfnis, ist eine Triebäußerung des Ichs, das unter dem Einfluß des sadistischen Über-Ichs masochistisch geworden ist. d. h. ein Stück des in ihm vorhandenen Triebes zur inneren Destruktion zu einer erotischen Bindung an das Über-Ich verwendet. (FREUD, 1930/1955, p. 496)

¹⁴⁷ Wir meinen also, daß wir im Sadismus und im Masochismus zwei ausgezeichnete Beispiele von der Vermischung beider Triebarten, des Eros mit der Aggression, vor uns haben, und machen nun die Annahme, daß die Verhältnis vorbildlich ist, daß alle Triebregungen, die wir studieren können, aus solchen Mischungen oder Legierungen der beiden Triebarten bestehen. Natürlich in den verschiedenartigsten Mischungsverhältnissen. (FREUD, 1933/1940, p. 111)

Certo montante da pulsão de destruição original pode ainda permanecer no interior; parece que a nossa percepção se dá conta dela apenas nessas duas condições: quando ela se liga a pulsões eróticas, no masoquismo, ou quando – com maior ou menor ingrediente erótico – se volta contra o mundo exterior, como agressividade. (FREUD, 1933/2010, p. 254-255)¹⁴⁸

A questão de como, então, se dá a mescla, de modo a poder proporcionar certa expressão psíquica às mudas pulsões de morte, é deixada, todavia, em aberto:

Reconhecemos duas pulsões fundamentais e admitimos para cada uma sua própria meta. Como as duas se mesclam no processo da vida, como a pulsão de morte é levada a servir aos propósitos de Eros, sobretudo no seu voltar-se para fora como agressão, são tarefas deixadas para a pesquisa futura. Chegamos apenas até o ponto em que tal panorama se abre à nossa frente. (FREUD, 1933/2010, p. 258)¹⁴⁹

O que podemos depreender do problema explorado neste tópico é que, nos textos da década de 1930 analisados, a doutrina pulsional, em sua segunda versão, procura destacar uma autonomia relativa entre as duas classes de pulsões. No entanto, esta autonomia parece desvanecer-se quando se trata de encontrar expressão psíquica para a pulsão de morte. Apesar da referência que Freud faz a uma expressão não erotizada da agressão no texto de 1930, essa indicação não é desenvolvida e a pulsão de morte, vista do ponto de vista do conjunto de textos aqui analisados, parece ser concebida como um impulso originário ao vivo que não encontra caminhos diretos na vida psíquica, manifestando-se apenas como desvio.

¹⁴⁸ Soundsoviel vom ursprünglichen Destruktionstrieb mag noch im Inneren verbleiben; es scheint, daß unsere Wahrnehmung seiner nur unter diesen zwei Bedingungen habhaft wird, wenn er sich mit erotischen Trieben zum Masochismus verbindet, oder wenn er sich als Aggression – mit größerem oder geringerem erotischen Zusatz – gegen die Außenwelt wendet. (FREUD, 1933/1940, p. 112)

¹⁴⁹ Wir anerkennen zwei Grundtriebe und lassen jedem sein eigenes Ziel. Wie sich die beiden im Lebensprozeß vermengen, wie der Todestrieb den Ansichten des Eros dienstbar gemacht wird, zumal in seiner Wendung nach außen als Aggression, das wird Aufgaben, die der Forschung der Zukunft überlassen bleiben. Wir kommen nicht weiter als bis zur Stelle, wo sich eine solche Aussicht vor uns auftut. (FREUD, 1933/1940, p. 115)

3.3. O lugar da representação no segundo dualismo: uma tentativa de interpretação

Às vezes precisamos questionar se os dragões dos tempos primevos realmente foram extintos. (p. FREUD, 1937/2017, p. 331)¹⁵⁰

Visando, por um lado, uma tentativa de síntese da discussão elaborada no presente capítulo, e, por outro, construir a ponte que nos levará ao capítulo final deste trabalho, procurarei agora tecer interpretações que nos movam diante do problema abordado, apoiado, para tanto, na exposição do desenvolvimento do segundo dualismo pulsional freudiano, que tomou corpo acima. Para prosseguir, recorreremos a um texto clínico escrito ao final da vida de Freud para, a partir dali, tecer considerações a respeito da vinculação entre pulsão de morte e representação psíquica.

Freud inicia seu texto de 1937, *A análise finita e a infinita (Die endliche und die unendliche Analyse)*, afirmando de antemão que o tratamento psicanalítico, o trabalho sobre os sintomas, inibições e sofrimentos de um indivíduo, é, sem dúvidas, de longo prazo. Questiona, em seguida, a possibilidade de encurtamento desse trabalho, indicando certa descrença na mesma. A questão servirá, na verdade, para o levantamento de outra, não menos importante: há, de fato, um término no trabalho empreendido durante uma análise?

Dois vetores são postos como determinantes para uma possível resposta: o valor da força pulsional, que se recusa a ser domada pelo Eu, e o efeito de traumas precoces sobre um Eu ainda imaturo. Esses dois fatores combinam-se na etiologia de um quadro clínico, ou seja, atuam como fatores causais complementares para o surgimento de estados de sofrimento psíquico. Em vista desses dois vetores, as questões a serem respondidas se tripartem no decorrer do argumento:

¹⁵⁰ Manchmal könnte man zweifeln, ob die Drachen der Urzeit wirklich ausgestorben sind. (FREUD, 1937/1950, p. 73)

[...] primeiro, ser possível eliminar um conflito pulsional (ou melhor: um conflito entre o Eu e uma pulsão) definitivamente, para todo o sempre; segundo, poder ser possível – digamos – vacinar uma pessoa contra todas as outras possibilidades de conflito enquanto tratamos desse conflito pulsional específico; terceiro, que temos o poder de despertar um tal conflito patogênico que no momento não se manifesta por qualquer sinal, objetivando um tratamento profilático, e que essa seria uma atitude sábia. (FREUD, 1937/2017, p. 324-325)¹⁵¹

Atendo-se, inicialmente, à primeira das três questões levantadas, Freud aponta que, neste caso, não se trata de eliminar em definitivo uma determinada exigência pulsional que se impõe. Trata-se de ganhar sobre ela um maior domínio, de modo a submetê-la a caminhos de satisfação distintos dos tomados até então e mais consonantes aos valores estabelecidos pelo Eu. Neste ponto Freud convoca a Metapsicologia para o campo de discussão visando responder de que maneira e através de que recursos tal procedimento torna-se exequível (FREUD, 1937/2017, p. 326; G.W. p. 69). A exequibilidade de tal tarefa será função da amplitude da força pulsional que estará em relação ao Eu num determinado conflito. A possibilidade de domínio dependerá tanto da força contrária exercida pelo Eu quanto da magnitude da força pulsional que se lhe impõe. Todavia, no caso de um tal domínio ocorrer, não há garantias de que este Eu será capaz, em definitivo, de mantê-lo. Vejamos a seguinte colocação:

Se a força do Eu diminuir devido a doença, esgotamento ou assemelhados, todas as pulsões até então domadas com sucesso poderão voltar a anunciar as suas exigências, almejando satisfações substitutas através de caminhos anormais. (FREUD, 1937/2017, p. 327)¹⁵²

¹⁵¹ [...] erstens, dass es überhaupt möglich ist, einen Triebkonflikt (d. h. besser: einen Konflikt des Ichs mit einem Trieb) endgültig für alle Zeiten zu erledigen, zweitens, daß es gelingen kann, einen Menschen, während man ihn an dem einen Triebkonflikt behandelt, gegen alle anderen solcher Konfliktmöglichkeiten sozusagen zu impfen, drittens, daß man die Macht hat, einen solchen pathogenen Konflikt, der sich derzeit durch kein Anzeichen verrät, zum Zwecke der vorbeugenden Behandlung zu wecken, und daß man weise daran tut. (FREUD, 1937/1950, p. 67)

¹⁵² Läßt die Stärke des Ichs nach, durch Krankheit, Erschöpfung u. dgl., so können alle bis dahin glücklich gebändigten Triebe ihre Ansprüche wieder anmelden und auf abnormen Wegen ihre Ersatzbefriedigungen anstreben. (FREUD, 1937/1950, p. 69-70)

Freud colocará, em seguida, limitações às pretensões que se possa ter em relação ao cumprimento da tarefa em questão para qualquer e em todo caso. Diz o autor:

No caso de uma força pulsional excessivamente grande, o Eu amadurecido e apoiado pela análise não consegue realizar a tarefa, de modo semelhante ao que acontecia anteriormente com o Eu desamparado; o domínio da pulsão melhora, mas permanece imperfeito, porque a transformação do mecanismo de defesa é apenas incompleta. Não há nisso nada de espantoso, pois a análise não trabalha com recursos de poder ilimitado, mas com recursos limitados, e o resultado final depende sempre das relações de forças relativas das instâncias em combate mútuo. (FREUD, 1937/2017, p. 332-333)¹⁵³

No que diz respeito às duas demais perguntas, Freud as coloca dentro de uma mesma temática: profilaxia de conflitos ainda não manifestos. E sua resposta quanto aos limites do tratamento analítico é taxativa: “Quando um conflito pulsional não é atual, não se manifesta, ele também não pode ser influenciado pela análise.” (FREUD, 1937/2017, p. 334)¹⁵⁴. Neste texto, parte das resistências ao prosseguimento do trabalho analítico, que se manifestam “no masoquismo imanente de tantas pessoas, da reação terapêutica negativa e da consciência de culpa dos neuróticos” (FREUD, 1937/2017, p. 349)¹⁵⁵, é apresentada como agindo em função de uma pulsão de agressão ou de destruição. Por sua vez, estas pulsões, cuja definição ancora-se em seus objetivos (agredir ou destruir), são tidas como derivações da “pulsão de morte original da matéria animada” (*idem*)¹⁵⁶. Logo, depreende-se, com isso, que tais objetivos pulsionais não são originários, mas secundários. Entendimento esse que atravessa a teorização freudiana no momento do segundo dualismo pulsional e que vemos manifestar-se aqui num texto escrito já ao final da elaboração teórica de Freud. Mais a frente, após incursão

¹⁵³ Bei übergroßer Triebstärke mißlingt dem gereiften und von der Analyse unterstützten Ich die Aufgabe, ähnlich wie früher dem hilflosen Ich; die Triebbeherrschung wird besser, aber sie bleibt unvollkommen, weil die Umwandlung des Abwehrmechanismus nur unvollständig ist. Daran ist nichts zu verwundern, denn die Analyse arbeitet nicht mit unbegrenzten, sondern mit beschränkten Machtmitteln und das Endergebnis hängt immer vom relativen Kräfteverhältnis der mit einander ringenden Instanzen ab. (FREUD, 1937/1950, p. 74)

¹⁵⁴ Wenn ein Triebkonflikt nicht aktuell ist, sich nicht äußert, kann man ihn auch durch die Analyse nicht beeinflussen. (FREUD, 1937/1950, p. 75)

¹⁵⁵ Hält man sich das Bild in seiner Gesamtheit vor, zu dem sich die Erscheinungen des immanenten Masochismus so vieler Personen, der negativen therapeutischen Reaktion und des Schuldbewußtseins der Neutotiker zusammensetzen [...].” (FREUD, 1937/1950, p. 88)

¹⁵⁶ Diese Phänomene sind unverkennbare Hinweise auf das Vorhandensein einer Macht im Seelenleben, die wir nach ihren Zielen Aggressions- oder Destruktionstrieb heißen und von dem ursprünglichen Todestrieb der belebten Materie ableiten. (FREUD, 1937/1950, p. 88)

pelo pensamento grego, na figura de Empédocles, salienta Freud que “remetemos a nossa pulsão de destruição à pulsão de morte, à ânsia [*Drang*] do ser vivente em retornar ao inanimado” (*idem*, p. 353)¹⁵⁷, permanecendo este, justamente, sendo seu ímpeto originário.

Ainda que, no interior da obra freudiana, fique em aberto a problemática da inscrição psíquica da pulsão de morte, entendemos que, pelo percurso através da elaboração de sua segunda doutrina pulsional, possamos dali extrair certas consequências. Dentre estas, parece ficar patente a insistência do autor no alargamento do campo de abrangência da doutrina pulsional. Já a respeito do primeiro dualismo podemos dizer que há uma anterioridade da pulsão em relação ao aparelho psíquico, conforme procuramos destacar nos capítulos iniciais. Essa anterioridade encontra-se no corpo, como fonte do pulsional, e como aquilo que insiste na imposição de uma demanda de trabalho que não se esgota, mas que, todavia, procura aceder ao psíquico, constituindo-o no caminho que vai do brotar ao seu objetivo. Como resume Freud, na *Conferência 32*: “[...] no trajeto da fonte à meta a pulsão se torna psiquicamente operante.” (FREUD, 1933/2010, p. 243)¹⁵⁸. No entanto, para que a pulsão se efetive enquanto tal, torna-se necessário que ganhe acesso através do psíquico às representações que a tornarão operante.

Na segunda doutrina, por sua vez, o escopo do pulsional parece deixar de ser o da intersecção entre o somático e o anímico, que configura o aparelho psíquico em seu percurso de efetivação. Passa a dizer respeito ao âmbito do vivente em geral, da vida orgânica em seu brotar. No entendimento esboçado pelos textos freudianos, tem essa vida orgânica um fundo negativo, a medida em que aquilo que seria causa de seu brotar é da ordem de um “inimaginável” ou “irrepresentável”, como lemos no texto de 1920¹⁵⁹. Uma vez que apenas o que parece ser da ordem da vida pode ganhar inscrição psíquica, entendimento que parece perpassar a obra freudiana, desde o momento de seu primeiro dualismo, este momento

¹⁵⁷ [...] wir unseren Destruktionstrieb auf den Todestrieb zurückführten, den Drang des Lebenden, zum Leblosen zurückzukehren. (FREUD, 1937/1950, p. 92)

¹⁵⁸ [...] auf dem Weg von der Quelle zum Ziel wird der Trieb psychisch wirksam.” (FREUD, 1933/1940, p. 103)

¹⁵⁹ Em Löchel (1996, p. 690), encontramos a indicação de que teorias biológicas mais recentes compreendem o surgimento da vida (*die Entstehung des Lebens*) como advindo não da ação de forças de ordem física, como parece ser a compreensão freudiana no texto de 1920, mas sim da “organização gradual de cadeias proteicas” (*als allmählichen Aufbau von Proteinketten*). Segundo a autora, a concepção freudiana estaria atrelada à noção de força física do século 19. Não interessa aqui discutir a atualidade ou efetividade das ideias esboçadas por Freud em seu texto, mas sim procurar compreender certas consequências das mesmas na intersecção de sua rede conceitual. O que nos parece interessante destacar é que, atrelado à noção de força, parece haver uma primazia do mundo externo na configuração da vida no interior do pensamento freudiano, no sentido de uma imposição que faz brotar o vivo e da qual este procura se livrar. Todos os desenvolvimentos posteriores desse vivo aparecem, dentro dessa concepção, como desvios à sua meta singular originária, que o acompanha silenciosamente em cada novo desenvolvimento.

anterior do qual a vida advém, não parece ser passível de representabilidade no interior mesmo da vida psíquica. Permanece como um limite no qual esbarra as possibilidades de inscrição psíquica.

Mas essa mesma necessidade de inscrição psíquica parece estar fundada neste negativo, uma vez que, primordialmente, é em função das dificuldades que o exterior impõe à execução da meta máxima, que advirá a necessidade de se configurar uma ordem psíquica que terá ainda por fim último atingir a meta primordial. Lembrando o quarto capítulo de *Além do princípio de prazer*, se depreende “que o aparelho psíquico se constitui em uma progressiva adaptação aos imperativos energéticos do mundo exterior” (CAMPOS, 2014, p. 138). Nos alinhamos a Campos (2011), para quem:

Assim, apesar de podermos afirmar a anterioridade lógica do não representacional em relação ao representacional, no sentido de um campo originário de traumatismo a partir do qual o aparelho se constitui, é preciso lembrar que esse não representacional está sempre presente em negativo na dinâmica do psiquismo. Isso quer dizer que apesar da pulsão estar fora do psiquismo, ela também está dentro dele, pois é a partir dela – por meio de seus representantes – que ele se constitui. (CAMPOS, 2011, p. 869)

Por isso, Freud não pode falar de outra forma de inscrição psíquica dessa pulsão original que não seja na forma de um desvio, expresso nas formas de manifestação das mistura pulsional: agressão, sadismo, masoquismo, domínio, formas de exteriorização ou re-internalização de seu ímpeto mudo. Mas, repetimos, sempre desvios. Ela não pode se fazer representar ausente de uma energia de ligação, ou seja, é apenas enquanto erotizada que pode encontrar representantes no psiquismo, sendo estes, não necessários para sua efetivação, mas apenas derivados advindos no desvio de seu percurso rumo ao esgotamento das tensões.

Em vista dessa concepção entendemos que o aparelho psíquico advirá em função das exigências da realidade: a partir do influxo dessas exigências, que impedem o executar direto da meta quiescente originária, é que haverá uma organização interna, visando à circulação da energia interna ao vivo. Com essa constatação podemos, finalmente, partir ao último movimento da presente investigação: esboçar de que maneira aparece articulada a relação entre pulsão e a instância do psiquismo organizada a partir da diferenciação e da organização,

ou seja, o Eu. Passemos, então, sem mais delongas, ao capítulo seguinte da presente exposição.

Capítulo 4 - O Eu: da diferenciação ao desvio

Posso aprender que o que estou negando não apenas "é" dentro de mim, mas ocasionalmente "atua" também a partir de mim. (FREUD, 1925/2011, p. 327)

“Tanto dito que, partindo para uma figura gradualmente simplificada, despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? Então, o que se me fingia de um suposto *eu*, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine?” (*O espelho*, Guimarães Rosa, p. 126)

Situamos a abordagem do Eu, no presente capítulo, atendo-nos àquele momento da teoria que é conhecido como a segunda tópica, momento que tem seu marco inaugural na publicação de 1923 *O eu e o isso* (*Das Ich und das Es*). Falar do Eu no interior da teoria freudiana não é tarefa das mais fáceis, tendo em vista existirem entradas diversas para o assunto. Essa é, então, a primeira demarcação que fazemos aqui. Nossa leitura se pautará em alguns trabalhos freudianos situados no período em questão, sendo as principais a já referenciada obra de 1923, a posterior, de 1926, *Inibição, sintoma e angústia* (*Hemmung, Symptom und Angst*), e a obra inacabada *Compêndio de psicanálise* (*Abriss der Psychoanalyse*), escrita em 1938. No percurso adentraremos em textos menores em conteúdo e procuraremos, no decorrer do argumento, estabelecer diálogo com a análise de textos já abordados no capítulo anterior, que se situam, na ordem cronológica das publicações, posteriormente à introdução da segunda tópica. Dado esse recorte, cabe indicar que não se tratará de um estudo exaustivo a respeito da noção de Eu no interior do discurso freudiano, mas, isto sim, uma abordagem que parte de uma questão norteadora, colocada na introdução

do trabalho, e que procura investigar a possibilidade de compreender a emergência do Eu como desvio na trama da circulação pulsional, desvio este imposto pelo mundo externo. Trata-se, portanto, da tentativa de testar a viabilidade de uma interpretação.

De partida cabe apontar que a introdução mesma da segunda teoria do aparelho psíquico, conhecida como estrutural, deu-se - como Freud insistentemente pontua na obra de 1923 e Monzani (1989, p. 240) resumidamente retoma no capítulo em que trata dessa passagem -, em face da problemática do conteúdo do conflito psíquico, ou seja, da característica inconsciente da instância recalcadora, e da necessidade de delimitar em relação ao “sistema inconsciente” aquilo que, não pertencendo a esse sistema, é, ainda assim, não consciente. Em resumo, “o problema da composição do inconsciente e a reformulação da noção de ego” (Monzani, 1989, p. 241). Escapará a nosso intuito a abordagem da noção de Eu que antecede à segunda tópica, ao que remetemos ao capítulo citado do trabalho de Monzani para uma boa discussão a esse respeito. Nosso intuito será apresentar de maneira esquemática os contornos dessa noção com base nos textos acima mencionados para, por fim, averiguar se nossa tentativa de interpretação pode, ao menos, ser considerada.

A grande novidade do texto de 1923 será, de acordo com Monzani (1989, p. 264), justamente a introdução da noção de “Isso” no interior da metapsicologia freudiana, estando os demais elementos que compõem a segunda tópica já anunciados em momentos anteriores da obra de Freud. Esses outros elementos, vale mencionar, seriam a progressiva extensão da noção de Eu que se opera ao longo do trabalho teórico freudiano, noção esta que vai de tal maneira sendo elaborada que passa a afastar-se paulatinamente das funções vinculadas à consciência (percepção, acesso à motilidade) para abarcar um espaço cada vez mais amplo. Esse espaço ampliado que o Eu vai compondo, conforme se desenvolve sua conceituação, é justamente o espaço do inconsciente, vindo a compor-se de funções tal qual a de agente do recalçamento.

Na abertura de *O Eu e o Isso*, Freud faz questão de colocar esse texto em relação de continuidade para com as teses desenvolvidas no texto de 1920, porém com uma importante ressalva: não irá recorrer a teses especulativas biológicas, mas pisará no terreno propriamente psicanalítico. Tratar-se-á de uma tentativa de síntese de teses exploradas especulativamente no texto anterior e Freud faz questão de estabelecer, de partida, a continuidade na abordagem das teses, por um lado, e, por outro, a mudança no nuance da perspectiva adotada.

Campos (2014, p. 247), salienta que, no interior da teoria freudiana, “o ego é constituído a partir de uma dupla herança”, sendo entendido, por um lado como “uma diferenciação de funções adaptativas no contato com a realidade; por outro, é um precipitado de investimentos narcísicos por meio da identificação com o objeto”. Em ambas as vias de abordagem da emergência dessa instância, seja como diferenciação de funções no contato com a realidade, seja como produto de identificações, destacar-se-á implicações de sua relação para com a instância pulsional do psiquismo, o Isso. Precisamente devido à sua abordagem como instância de emergência tardia em relação a esta última, mais originária e fonte primeira de inscrição do pulsional no psiquismo.

4.1. Eu e pulsão na emergência da segunda tópica

No primeiro capítulo do texto de 1923 podemos justamente observar a gradativa extensão do campo de composição do Eu, tanto no interior do espaço psíquico quanto na gama de funções que lhe correspondem na trama das relações estabelecidas nesse espaço. Justamente o fato do Eu ser compreendido como o agente da resistência, a qual é, em sentido descritivo, inconsciente, atestará que esta instância deve abarcar também parte daquilo que é inconsciente. Considerações a respeito do Eu serão demarcadoras dos limites da concepção previamente delineada do psíquico, a saber, aquela que o demarca a partir de sistemas de inscrição representacional distintos, que vimos se delinear nos capítulos anteriores. Aqui vale citar o autor mais demoradamente para melhor visualizarmos o teor do argumento apresentado:

A este Eu liga-se a consciência, ele domina os acessos à motilidade, ou seja: a descarga das excitações no mundo externo; é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais, que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos. Desse Eu partem igualmente as repressões através das quais certas tendências psíquicas devem ser excluídas não só da consciência, mas também dos outros modos de vigência e atividade. Na análise, o que foi posto de lado pela repressão se contrapõe ao Eu, e ela se defronta com a tarefa de abolir as resistências que o Eu manifesta em ocupar-se do reprimido. Ora, durante a análise observamos que o doente experimenta dificuldades quando lhe colocamos certas

tarefas; suas associações falham quando devem aproximar-se do reprimido. Aí lhe dizemos que ele se acha sob o domínio de uma resistência, mas ele nada sabe disso, e mesmo que intua, por suas sensações de desprazer, que uma resistência atua nele então, não sabe dar-lhe nome ou descrevê-la. Mas como certamente essa resistência vem do seu Eu e a ele pertence, achamo-nos diante de uma situação imprevista. Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente. [...]

Reconhecemos que o Ics não coincide com o reprimido; continua certo que todo reprimido é ics, mas nem todo Ics é também reprimido. Também uma parte do Eu — e sabe Deus quão importante é ela — pode ser ics, é certamente ics. E esse Ics do Eu não é latente no sentido do Pcs, senão não poderia ser ativado sem tornar-se cs, e torná-lo consciente não ofereceria dificuldades tão grandes. Se nos vemos assim obrigados a instituir um terceiro Ics, um não reprimido, temos de conceder que a característica da inconsciência perde alguma importância para nós. Torna-se uma qualidade ambígua, que não autoriza as conclusões abrangentes e inevitáveis para as quais desejaríamos utilizá-la. Mas não devemos negligenciá-la, pois a qualidade de ser consciente ou não é, afinal, a única luz na escuridão da psicologia das profundezas. (FREUD, 1923/2016, p. 20-22)¹⁶⁰

¹⁶⁰ An diesem Ich hängt das Bewußtsein, es beherrscht die Zugänge zur Motilität, das ist: zur Abfuhr der Erregungen in die Außenwelt; es ist diejenige seelische Instanz, welche eine Kontrolle über all ihre Partialvorgänge ausübt, welche zur Nachtzeit schlafen geht und dann immer noch die Traumzensur handhabt. Von diesem Ich gehen auch die Verdrängungen aus, durch welche gewisse seelische Strebungen nicht nur vom Bewußtsein, sondern auch von den anderen Arten der Geltung und Betätigung ausgeschlossen werden sollen. Dies durch die Verdrängung Beseitigte stellt sich in der Analyse dem Ich gegenüber, und es wird der Analyse die Aufgabe gestellt, die Widerstände aufzuheben, die das Ich gegen die Beschäftigung mit dem Verdrängten äußert. Nun machen wir während der Analyse die Beobachtung, daß der Kranke in Schwierigkeiten gerät, wenn wir ihm gewisse Aufgaben stellen; seine Assoziationen versagen, wenn sie sich dem Verdrängten annähern sollen. Wir sagen ihm dann, er stehe unter der Herrschaft eines Widerstandes, aber er weiß nichts davon und selbst, wenn er aus seinen Unlustgefühlen erraten sollte, daß jetzt ein Widerstand in ihm wirkt, so weiß er ihn nicht zu benennen und anzugeben. Da aber dieser Widerstand sicherlich von seinem Ich ausgeht und diesem angehört, so stehen wir vor einer unvorhergesehenen Situation. Wir haben im Ich selbst etwas gefunden, was auch unbewußt ist, sich gerade so benimmt wie das Verdrängte, das heißt starke Wirkungen äußert, ohne selbst bewußt zu werden, und zu dessen Bewußtmachung es einer besonderen Arbeit bedarf.

(...)

Wir erkennen, daß das *Ubw* nicht mit dem Verdrängten zusammenfällt; es bleibt richtig, daß alles Verdrängte *ubw* ist, aber nicht alles *Ubw* ist auch verdrängt. Auch ein Teil des Ichs, ein Gott weiß wie wichtiger Teil des Ichs, kann *ubw* sein, ist sicherlich *ubw*. Und dies *Ubw* des Ichs ist nicht latent im Sinne des *Vbw*, sonst dürfte es nicht aktiviert werden, ohne *bw* zu werden, und seine Bewußtmachung dürfte nicht so große Schwierigkeiten bereiten. Wenn wir uns so vor der Nötigung sehen, ein drittes, nicht verdrängtes *Ubw* aufzustellen, so müssen wir zugestehen, daß der Charakter des Unbewußtseins für uns an Bedeutung verliert. Er wird zu einer vieldeutigen Qualität, die nicht die weitgehenden und ausschließenden Folgerungen gestattet, für welche wir ihn gerne verwertet hätten. Doch müssen wir uns hüten, ihn zu vernachlässigen, denn schließlich ist die Eigenschaft bewußt oder nicht die einzige Leuchte im Dunkel der Tiefenpsychologie. (FREUD, 1923/1967, p. 243-245)

Observamos no avançar do II capítulo a constatação de que as novas teses alentadas atestam certas limitações àquela exposta por exemplo em *O Inconsciente* (1915), a respeito da distinção entre *Ics* e *Pcs* apoiada na concepção de modos distintos de inscrição representacional. Isso se dá de tal modo que podemos aqui suscitar a presença de um limite na abordagem do problema da relação entre o pulsional e o Eu através da via da inscrição representacional do psiquismo, em acordo com o fio condutor adotado no presente trabalho. Vemos tal limite insinuar-se no texto com a introdução da pulsão de morte em sua trama conceitual, mas não apenas, uma vez que já no primeiro dualismo há um limite colocado à inscrição psíquica desde o somático. Neste II capítulo Freud menciona que:

Em outro lugar fiz a suposição de que a verdadeira diferença entre uma ideia ics e uma pcs (um pensamento) consiste em que a primeira se produz em algum material que permanece desconhecido, enquanto na segunda (a pcs) acrescenta-se a ligação com representações verbais. Foi esta uma primeira tentativa de oferecer, para os sistemas Pcs e Ics, traços distintivos que não sejam a relação com a consciência. (FREUD, 1923/2016, p. 23)¹⁶¹

Conforme Campos (2014, p. 117) esquematicamente delinea, os níveis de representação psíquica podem ser ilustrativamente pensados a partir do seguinte esquema: *excitação - registro perceptivo - representações de coisa - representações de palavra*. Deste modo, uma representação teria de ter sido, antes de tudo, objeto de uma percepção, ou seja, uma excitação que deixa marcas no sistema perceptivo. Essa tese é extensivamente retomada por Freud no capítulo em questão para, por fim, colocar o Eu como derivado deste sistema perceptivo e o englobando posteriormente dentro de suas funções. Isso traz algumas implicações: ao Eu é delegada uma origem vinculada à percepção, ou seja, ao contato com o mundo externo, e sua posição é posta na superfície do aparelho psíquico, produto da diferenciação desta parte mais externa em função justamente da exposição à realidade. Podemos ver esta concepção se desenvolver na citação que já trouxemos na introdução do trabalho, embasando nossa suspeita, mas que vale aqui ser retomada:

¹⁶¹ An einer anderen Stelle habe ich schon die Annahme gemacht, daß der wirkliche Unterschied einer *ubw* von einer *vbw* Vorstellung (einem Gedanken) darin besteht, daß die erstere sich an irgendwelchem Material, das unerkant bleibt, vollzieht, während bei der letzteren (der *vbw*) die Verbindung mit Wortvorstellungen hinzukommt. Hier ist zuerst der Versuch gemacht, für die beiden Systeme *Vbw* und *Ubw* Kennzeichen anzugeben, die anders sind als die Beziehung zum Bewußtsein. (FREUD, 1923/1967, p. 247)

Proponho que a levemos em consideração, chamando de Eu a entidade que parte do sistema Pcp e é inicialmente pcs, e de Id, segundo o uso de Groddeck, a outra parte da psique, na qual ela prossegue, e que se comporta como ics.

Logo veremos se será possível tirar alguma vantagem disso para a descrição e a compreensão. Um indivíduo é então, para nós, um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcp, seu núcleo. Se buscamos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Id, mas apenas à medida que o sistema Pcp forma a sua superfície [do Eu], mais ou menos como o “disco germinal” se acha sobre o ovo. O Eu não é nitidamente separado do Id; conflui com este na direção inferior. (FREUD, 1923/2016, p. 29-30)¹⁶²

O Eu é fruto de uma diferenciação no Isso devido ao influxo do mundo externo. Esta instância é aqui posta como representante do mundo externo no psiquismo e associada à ideia de um conjunto de funcionalidades que visam a submeter as demandas pulsionais aos desígnios da realidade: “A importância funcional do Eu se expressa no fato de que normalmente lhe é dado o controle dos acessos à motilidade.” (FREUD, 1923/2016, p. 31)¹⁶³. Além destas funcionalidades será o Eu também predicado com uma outra, objeto de nova diferenciação em seu interior: a *consciência moral* (*Gewissen*), expressa como sentimento inconsciente de culpa. Encerrado o capítulo II com essa indicação, será ela justamente a ponte para a abertura do III, no qual se definirá a outra herança do Eu: sua derivação a partir de identificações. Em tal proceder se desdobrará outra espécie de relação entre Eu e Isso que culminará na produção de uma diferenciação no interior do Eu por meio da instauração da instância do Supereu. O quadro da melancolia será ilustrativo neste ponto: o abandono de um objeto de investimento libidinal culminará na instauração deste objeto no interior do próprio Eu. Esse mecanismo, como é característico na obra freudiana, escapará das amarras da

¹⁶² Ich schlage vor, ihr Rechnung zu tragen, indem wir das vom System *W* ausgehenden Wesen, das zunächst *vbw* ist, das Ich heißen, das andere Psychische aber, in welches es sich fortsetzt, und das sich wie *ubw* verhält, nach Groddecks Gebrauch das Es.

Wir werden bald sehen, ob wir aus dieser Auffassung Nutzen für Beschreibung und Verständnis ziehen können. Ein Individuum ist nun für uns ein psychisches Es, unerkant und unbewußt, diesem sitzt das Ich oberflächlich auf, aus dem *W*-System als Kern entwickelt. Streben wir nach graphischer Darstellung, so werden wir hinzufügen, das Ich umhüllt das Es nicht ganz, sondern nur insoweit das System *W* dessen Oberfläche bildet, also etwa so wie die Keimscheibe dem Ei aufsitzt. Das Ich ist vom Es nicht scharf getrennt, es fließt nach unten hin mit ihm zusammen. (FREUD, 1923/1967, p. 251)

¹⁶³ Die funktionelle Wichtigkeit des Ichs kommt darin zum Ausdruck, daß ihm normaler Weise die Herrschaft über die Zugänge zur Motilität eingeräumt ist. (FREUD, 1923/1967, p. 253)

descrição psicopatológica para compor o processo normal de formação do Eu. Através da identificação com o objeto, o Eu coloca-se diante da instância da qual se diferenciou, o Isso, como objeto a ser por este investido. A este processo articula-se, evidentemente, o narcisismo, porém com uma reformulação. Trata-se aqui justamente de um processo de retirada dos investimentos objetivos e de seu direcionamento ao Eu. Porém, diferentemente do que fora postulado no texto de 1914, esses primeiros investimentos não partem do Eu, mas sim do Isso, sendo sua investidura no Eu secundária:

Bem no início, toda a libido se acha acumulada no Id, enquanto o Eu ainda está em formação ou é fraco. O Id envia parte dessa libido para investimentos objetivos eróticos, e com isso o Eu fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetiva e impor-se ao Id como objeto de amor. O narcisismo do Eu é então um narcisismo secundário, subtraído aos objetos. (FREUD, 1923/2016, p. 58)¹⁶⁴

Não entraremos delongadamente nas complexas questões concernentes à instauração do Supereu, pois isso envolveria um delongar do trabalho que não achamos, de momento, necessário à abordagem da problemática que explicitamente delineamos. Nos limitaremos a indicar que esta instância será o resultado de uma privilegiada identificação produzida para com as figuras parentais, instauradoras da moralidade no interior do psiquismo. Iremos tecer comentários mais delongados a respeito da implicação desta instância na trama da circulação pulsional, tal qual abordado por Freud no capítulo seguinte de seu texto, por entendermos que isto sim diz mais respeito à problemática que nos propusemos a abordar na presente investigação.

O IV capítulo será justamente uma espécie de apanhado do quadro do segundo dualismo pulsional, com novos esclarecimentos ausentes dos momentos abordados anteriormente, que irão, todavia, atestar as teses que pudemos desenvolver no nosso capítulo anterior. Qual seja: a dificuldade em se apresentar uma expressão da pulsão de morte que não seja amalgamada em componente erótico. Essa dificuldade trará outras implicações: a

¹⁶⁴ Zu Uranfang ist alle Libido im Es angehäuft, während das Ich noch in der Bildung begriffen oder schwächlich ist. Das Es sendet einen Teil dieser Libido auf erotische Objektbesetzungen aus, worauf das erstakte Ich sich dieser Objektlibido zu bemächtigen und sich dem Es als Liebesobjekt aufzudrängen sucht. Der Narzißmus des Ichs ist so ein sekundärer, den Objekten entzogener. (FREUD, 1923/1967, p. 275)

impossibilidade de se conceber uma inscrição representacional própria à pulsão de morte e, também, a dificuldade em conceber-lhe um objeto e, portanto, enquadrá-la na trama de inscrição pulsional delineada para a outra classe de pulsões, uma vez que “a representação psíquica se tornará parte de um *circuito pulsional* que articula a excitação somática, a pulsão, a representação psíquica e a descarga” (Hanns, 1999). A esse respeito, um comentador que procurou investigar os limites da teoria representacional no interior da metapsicologia e cujo trabalho nos é de grande valia no presente capítulo, acentua que:

Os parâmetros de fonte, pressão, objeto e meta, por sua vez, estão radicalmente comprometidos. Embora as pulsões de vida ainda possam ser subsumidas a esses parâmetros, a pulsão de morte não se encaixa nessa descrição, pois está além do princípio de prazer, no plano da repetição mortífera e da irrepresentabilidade. O que podemos concluir é que a nova teoria pulsional desmonta essa noção original do que sejam pulsões. (CAMPOS, 2014, p. 156)

A relação do Eu com a pulsão de morte será desenvolvida aqui de maneira particular. Esta instância terá parte no processo de tornar inócua a pulsão de morte interna ao organismo, que tem seu brotar no Isso. Uma vez que tal desvio se dá pela via do amalgamento da pulsão de morte com as pulsões sexuais, amálgama que terá o sadismo como um representante, e cuja satisfação depende do acesso à motilidade, à musculatura, devemos aqui lembrar que este acesso é justamente parte daquelas funcionalidades atribuídas ao Eu. A manifestação da pulsão de morte como pulsão de destruição seria um desvio de seu ímpeto original para o mundo externo, produto da erotização dessa pulsão por meio da mistura pulsional a componentes libidinais:

Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar a pulsão de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial. Esse órgão seria a musculatura, e a pulsão de morte se manifestaria então — mas provavelmente só em parte — como pulsão de destruição voltada para o mundo externo e outras formas de vida. FREUD, 1923/2016, p. 51)¹⁶⁵

¹⁶⁵ Infolge der Verbindung der einzelligen Elementarorganismen zu mehrzelligen Lebewesen wäre es gelungen, den Todestrieb der Einzelzelle zu neutralisieren und die destruktiven Regungen durch Vermittlung eines besonderen Organs auf die Außenwelt abzuleiten. Dies Organ wäre die Muskulatur und der Todestrieb würde

Por um lado, podemos compreender com a leitura deste capítulo que o Eu tem participação no desvio da finalidade mortífera originária da pulsão de morte, uma vez que “o essencial é que o ego constitui o representante do mundo externo para o id, de forma que todos os destinos pulsionais são mediados pelo ego.” (CAMPOS, 2014, p. 199). Todavia, gostaríamos de retomar a ideia de que este Eu possa ser pensado como uma espécie de desvio à realização desta meta mortífera. No capítulo seguinte do texto Freud desenvolverá a ideia da função sintética do Eu, o que nos é especialmente relevante ao argumento, e a retomaremos mais à frente¹⁶⁶. Para prosseguir à sustentação desta ideia, a de que o Eu pode ser pensado como um desvio à realização da meta pulsional mortífera, devemos trazer ao argumento uma ideia que vemos ser desenvolvida neste IV capítulo do texto de 1923 e que é especialmente destacada pelos comentadores nos quais aqui nos apoiamos: Monzani (1989) e Campos (2014). Esta ideia é a de que na passagem para a segunda tópica há uma mudança na relação entre o pulsional e o psíquico, uma vez que de agora em diante se concebe a existência de uma instância que é propriamente pulsional. Na tópica anterior, por seu lado, a relação da pulsão ao psíquico se dá pela via da inscrição de uma excitação de origem somática. Neste segundo momento se acentua a presença de um lugar no psiquismo para as pulsões, na impessoalidade do Isso. Comentando o ponto de vista de Green (1975), Monzani (1989) salienta que:

Quer dizer, enquanto o inconsciente é o lugar da plena positividade e, portanto, não confere nenhum estatuto de cidadania, nos seus foros, à pulsão de morte, o id, o “caldeirão fervilhante”, abre exatamente essa possibilidade, na medida em que, aqui, o negativo tem sua inscrição assumida. (MONZANI, 1989, p. 269)

sich nun - wahrscheinlich doch nur teilweise - als Destruktionstrieb gegen die Außenwelt und andere Lebewesen äußern. (FREUD, 1923/1967, p. 269)

¹⁶⁶ Ainda no capítulo IV podemos ver enunciada essa indicação:

“Se esta energia deslocável é libido dessexualizada, pode ser também descrita como energia sublimada, pois ainda manteria a principal intenção de Eros, a de unir e ligar, na medida em que contribui para a unidade — ou o esforço por unidade — que caracteriza o Eu.” (FREUD, 1923/2016, p. 57)

“Wenn diese Verschiebungsenergie desexualisierte Libido ist, so darf sie auch sublimiert heißen, denn sie würde noch immer an der Hauptabsicht des Eros, zu vereinigen und zu binden, festhalten, indem sie zur Herstellung jener Einheitlichkeit dient, durch die - oder durch das Streben nach welcher - das Ich sich auszeichnet. (FREUD, 1923/1967, p. 274)

No texto *O Inconsciente*, momento de circunscrição da metapsicologia tal qual concebida no interior da primeira tópica, que vimos em nosso segundo capítulo, segundo Monzani, “Freud tende a identificar os componentes básicos do inconsciente com as representações, tomando esse termo na sua acepção mais larga possível” (MONZANI, 1989, p. 249). Agora, por outro lado, parece haver no psiquismo a possibilidade de se conceber em seu interior um espaço de negatividade, destacando o fator econômico:

O inconsciente era descrito por Freud, no artigo metapsicológico, como sendo essencialmente o lugar onde habitam representações. O afeto, no sentido próprio do termo, não existe no inconsciente. A caracterização do id, por seu lado, acentua flagrantemente esse aspecto energético, quantitativo, econômico do id. (MONZANI, 1989, p. 293)

Campos (2014), por sua vez, traz o seguinte destaque:

[...] além de uma abertura para o irrepresentável próprio da efração traumática e do princípio do nirvana, a proposição do modelo estrutural amplia consideravelmente o leque da atividade pulsional e de suas possibilidades de significação. Essa ampliação parte da inclusão das pulsões no aparelho psíquico, formando o “caldeirão” do id [...] (CAMPOS, 2014, p. 264)

Retornando a nossa ideia, o que parecemos ver explicitado no decorrer deste IV capítulo é a noção segundo a qual o aparelho psíquico se configura como modo de defesa contra a energia mortífera advinda da pulsão de morte instaurada no caldeirão do Isso. Uma defesa que procura livrar-se desse ímpeto, por um lado, mas, por outro, o mantém como pano de fundo. Retomando aqui o IV capítulo de *Além do princípio do prazer*, temos de nos lembrar que a diferenciação na parte externa do aparelho se dá pelo fato de que, para a descarga pulsional ser possível, o mundo externo deve ser levado em consideração, uma vez que ele é o grande dificultador do alcance da meta pulsional. Como corolário deste percurso teríamos a seguinte constatação, que a nosso ver atravessa de maneira especial este momento pós 1920 da obra freudiana: a instauração do Eu se dá, em primeiro lugar, por uma diferenciação na parte mais externa da instância pulsional originária, de maneira a instaurar a consideração pelo mundo externo, mas ainda assim mantendo como meta última a descarga

visada pela pulsão, uma vez que esta permanece como motor de todo investimento. Deste modo, a relação entre as instâncias parece algo mais fluída:

Se no modelo topográfico a barreira da censura delimitava dois sistemas bastante distintos em seu princípio e leis de funcionamento, a perspectiva agora é de uma maior fluidez no trânsito entre as instâncias, na medida em que o ego é entendido como uma diferenciação do id em seu contato com a realidade, por meio de uma projeção da superfície corporal. (CAMPOS, 2014, p. 193)

No último capítulo de *O Eu e o Isso*, Freud abordará o sentimento inconsciente de culpa e a reação terapêutica como sendo exteriorizações de componentes destrutivos vinculados à sexualização da pulsão de morte em função do Supereu. Há ainda, contudo, uma ideia de desvio. Ao final do capítulo veremos considerações sobre possíveis destinos da pulsão de morte no interior das tramas relacionais entre as instâncias da tópica que se enuncia. Neste último terá destaque aquilo que em seu trabalho Campos (2014) chamou de a segunda herança do Eu, que vem se somar à diferenciação no contato com a realidade: a constituição de seu caráter por meio das identificações produzidas em seu interior para com os objetos prévios de investimento do Isso (FREUD, 1923/2016, p. 60)¹⁶⁷. Uma complexa articulação entre o Eu o Isso se desenvolve neste capítulo, por duas vias. A primeira é justamente o problema da identificação, processo por meio do qual o Eu se põe ao Isso como objeto de investimento, identificado com traços de objetos prévios que foram uma vez investidos pelo Isso por possibilitarem satisfação. A outra será por uma especial identificação, aquela estabelecida para com as figuras parentais, que culminará na instauração de uma diferenciação no interior do próprio Eu através da instituição da instância moral do Supereu. Por meio da identificação, o Eu atrai para si os investimentos libidinais que partem do Isso. Através do Supereu, por seu lado, serão os impulsos destrutivos que, mesclados a componentes libidinais, serão atraídos para si. Lembremos que pudemos ver ao longo dos textos discutidos no capítulo anterior - excetuando-se a obscura e não desenvolvida referência encontrada no VI capítulo de *O mal-estar na cultura* a uma exteriorização não erotizada da

¹⁶⁷ Assim, afirmamos repetidamente que o Eu se constitui, em boa parte, de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo Id; que as primeiras dessas identificações agem regularmente como instância especial dentro do Eu, confrontando este como Super-eu, enquanto mais tarde o Eu fortalecido pode se comportar de modo mais resistente às influências dessas identificações. (FREUD, 1923/2016, p. 60)

So haben wir wiederholt gesagt, daß das Ich sich zum guten Teil aus Identifizierungen bildet, welche aufgelassene Besetzungen des Es ablösen, daß die ersten dieser Identifizierungen sich regelmäßig als besondere Instanz im Ich gebärden, sich als Über-Ich dem Ich entgegenstellen, während das erstarkte Ich sich späterhin gegen solche Identifizierungseinflüsse resistenter verhalten mag. (FREUD, 1923/1967, p. 277)

pulsão de morte -, que é somente enquanto amalgamada às pulsões sexuais que a pulsão de morte pode manifestar-se em destrutividade. Portanto, salientamos novamente, tratar-se-ia de um desvio de sua meta original e silenciosa. Assim lemos no texto de 1923:

A questão cuja resposta adiamos é: como acontece de o Super-eu manifestar-se essencialmente como sentimento de culpa (ou melhor, como crítica; sentimento de culpa é a percepção no Eu que corresponde a essa crítica) e desenvolver tão extraordinário rigor e dureza para com o Eu? Voltando-nos primeiro para a melancolia, vemos que o Super-eu extremamente forte, que arrebatou a consciência, arremete implacavelmente contra o Eu, como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa. Seguindo nossa concepção do sadismo, diríamos que o componente destrutivo instalou-se no Super-eu e voltou-se contra o Eu. O que então vigora no Super-eu é como que pura cultura da pulsão de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano, através da conversão em mania. (FREUD, 1923/2016, p. 66-67)¹⁶⁸

O Supereu se manifesta como crítica, e esta é experimentada como sentimento de culpa no Eu. Sendo o caso da melancolia salientado como ilustrativo desse modo de exteriorização da pulsão de morte erotizada no interior das relações estabelecidas entre as instâncias da segunda tópica, estabelece-se seus possíveis destinos no interior do aparelho psíquico:

As perigosas pulsões de morte são tratadas de várias maneiras no indivíduo, em parte são tornadas inofensivas pela mistura com componentes eróticos, em parte são desviadas para fora como agressão, e em larga medida prosseguem desimpedidas o seu trabalho interior. (FREUD, 1923/2016, p. 67-68)¹⁶⁹

¹⁶⁸ Die Frage, deren Beantwortung wir zurückgestellt hatten, lautet: wie geht es zu, daß das Über-Ich sich wesentlich als Schuldgefühl (besser: als Kritik; Schuldgefühl ist die dieser Kritik entsprechende Wahrnehmung im Ich) äußert und dabei eine so außerordentliche Härte und Strenge gegen das Ich entfaltet. Wenden wir uns zunächst zur Melancholie, so finden wir, daß das überstarke Über-Ich, welches das Bewußtsein an sich gerissen hat, gegen das Ich mit schonungsloser Heftigkeit wütet, als ob es sich des ganzen im Individuum verfügbare Sadismus bemächtigt hätte. Nach unserer Auffassung des Sadismus würden wir sagen, die destruktive Komponente habe sich im Über-Ich abgelagert und gegen das Ich gewendet. Was nun im Über-Ich herrscht, ist wie eine Reinkultur des Todestriebes, und wirklich gelingt es diesem oft genug, das Ich in den Tod zu treiben, wenn das Ich sich nicht vorher durch den Umschlag in Manie seines Tyrannen erwehrt. (FREUD, 1923/1967, p. 282-283)

¹⁶⁹ Die gefährlichen Todestribe werden im Individuum auf verschiedene Weise behandelt, teils durch Mischung mit erotischen Komponenten unschädlich gemacht, teils als Aggression nach außen abgelenkt, zum großen Teil setzen sie gewiß unbehindert ihre innere Arbeit fort. (FREUD, 1923/1967, p. 284)

A severidade do Supereu em relação ao Eu pode também ser entendida como espécie de retorno da pulsão de morte ao seu local de origem, mas, ainda assim, encontra-se erotizada nesse retorno. Vimos no capítulo anterior que essa forma de abordagem será especialmente trabalhada no texto de 1924 sobre o masoquismo, sendo o masoquismo moral compreendido como expressão erotizada, portanto desviada, da pulsão de morte. Podemos avançar a compreensão neste momento se entendermos que esta é uma das modalidades pelas quais conteúdos do Isso encontram acesso ao Eu, sendo a identificação a outra via. Nesta via, a da agressividade expressa nas relações com o Supereu, os impulsos mortíferos originários visariam sabotar o Eu, destituí-lo de seu papel unificador (CAMPOS, 2014, p. 181), o qual constitui um desvio das metas mortíferas originárias.

Propomos uma pausa no estudo deste texto para podermos avançar para textos posteriores na ordem cronológica das publicações, de modo a averiguar a efetividade das ideias aqui defendidas e, posteriormente, fechar nosso argumento.

...

A distinção entre as instâncias componentes será crucial na psicopatologia desenvolvida no final da obra freudiana. As modalidades de defesa instituídas na luta entre as instâncias serão operador central neste momento da teorização freudiana e demarcador crucial nas distinções entre as modalidades de estruturação do sofrimento psíquico. No primeiro capítulo de *Inibição, sintoma e angústia*, o Eu aparece entendido como conjunto de funcionalidades, as quais podem ser objeto de investimento libidinal e sofrer inibições. Ponto este que nos remete à discussão em torno da problemática da reciprocidade das zonas corporais por meio das quais as pulsões encontram expressão, tal qual trabalhado pelo autor nos *Três ensaios* e no breve artigo de 1910 sobre os problemas psicogênicos da visão, que discutimos em nosso primeiro capítulo. Neste caso, as funções vinculadas ao Eu são inibidas como meio de evitação do conflito com as demandas pulsionais¹⁷⁰. Inibições podem também se estabelecer em função da necessidade inconsciente de culpa associada à relação entre o Eu

¹⁷⁰ “O Eu renuncia a estas funções que lhe cabem, para não ter de efetuar nova repressão, para evitar um conflito com o Id.” (FREUD, 1926/2011, p. 18)

“Das Ich verzichtet auf diese ihm zustehenden Funktionen, um nicht eine neuerliche Verdrängung vornehmen zu müssen, um einem Konflikt mit dem Es auszuweichen.” (FREUD, 1926/1948, p. 116)

e o Supereu, retomando discussão elaborada no último capítulo de *O Eu e o Isso*¹⁷¹. O Eu é novamente destacado como uma parte diferenciada do Isso, como uma parte do Isso que se organizou em funções específicas que servem à mediação com o mundo externo, “torna-se decisivo o fato de o Eu ser uma organização, mas o Isso¹⁷², não; o Eu é justamente a parte organizada do Isso” (Freud, 1926/2011, p. 27)¹⁷³. Fonseca (2012) pontua que, especialmente neste momento final da obra freudiana:

O Eu é eminentemente prático, funcional. Não tem realidade independente do psiquismo inconsciente. Ele é visto como produto secundário de uma ordem maior que o antecede e o determina. (FONSECA, 2012, p. 308)

Além de ser um conjunto de funcionalidades e fruto da diferenciação, encontramos neste texto, desta vez em seu terceiro capítulo, a concepção do Eu como uma espécie de "compulsão à síntese". Nisso se mostra sua estreita relação para com Eros, as pulsões de vida, e ressalta-se novamente seu lugar na função de desvio da meta destrutiva primordial. Podemos destacar do texto a seguinte citação:

O Eu é uma organização, baseia-se no livre intercâmbio e na possibilidade de influência recíproca das partes que o compõem, sua energia dessexualizada revela ainda sua origem no empenho por ligação e união, e essa compulsão à síntese aumenta à medida que o Eu se desenvolve. (FREUD, 1926/2011, p. 28-29)¹⁷⁴

O Eu é sede dos mais importantes mecanismos de defesa que Freud nomeia no texto em questão¹⁷⁵, sendo primordial a repressão, entendida como um dentre estes e ganhando

¹⁷¹ “Outras inibições se acham claramente a serviço da autopunição, como não raro sucede com as inibições da atividade profissional. O Eu não pode fazer certas coisas, pois elas lhe trariam vantagens e êxitos, o que o severo Super-eu lhe proíbe. Então o Eu renuncia também a essas realizações, para não entrar em conflito com o Super-eu.” (FREUD, 1926/2011, p. 18)

“Andere Hemmungen erfolgen offenbar im Dienste der Selbstbestrafung, wie nicht selten die der beruflichen Tätigkeiten. Das Ich darf diese Dinge nicht tun, weil sie ihm Nutzen und Erfolg bringen würden, was das gestrenge Über-Ich versagt hat. Dann verzichtet das Ich auch auf diese Leistungen, um nicht in Konflikt mit dem Über-Ich zu geraten.” (FREUD, 1926/1948, p. 116-117)

¹⁷² A tradução do termo alemão “*Es*” na versão citada consta como *Id*. Tomamos a liberdade de alterar para *Isso* sempre que o termo aparece, visando manter fidelidade conceitual ao uso freudiano.

¹⁷³ “Für den Fall der Verdrängung wird die Tatsache entscheidend, daß das Ich eine Organisation ist, das Es aber keine; das Ich ist eben der organisierte Anteil des Es.” (FREUD, 1926/1948, p. 124)

¹⁷⁴ Das Ich ist eine Organisation, es beruht auf dem freien Verkehr und der Möglichkeit gegenseitiger Beeinflussung unter all seinen Bestandteilen, seine desexualisierte Energie bekundet ihre Herkunft noch in dem Streben nach Bindung und Vereinheitlichung, und dieser Zwang zur Synthese nimmt immer mehr zu, je kräftiger sich das Ich entwickelt. (FREUD, 1926/1948, p. 125)

¹⁷⁵ “Um exame mais aprofundado revela que temos de combater cinco tipos de resistência, que provêm de três lados: do Eu, do Id e do Super-eu - sendo que o Eu é a fonte de três formas, cada qual diferente em sua

destaque no interior da obra de Freud. Como salientamos no início do capítulo, a concepção do Eu como agente da repressão e da resistência, ambas de ordem inconsciente, constitui ponto nodal na extensão desta noção no interior da obra de Freud e, por consequência, sedimenta o caminho para a instauração da segunda tópica.

No oitavo capítulo, podemos encontrar alguns desenvolvimentos em relação à abordagem da compulsão à repetição, em sua vinculação ao Eu. Aqui se desenvolve a ideia da ausência da mãe como experiência desprazerosa, tal qual abordado no texto de *Além do princípio de prazer*, no relato do *fort-da*. Faltava ali, contudo, o desenvolvimento aqui empreendido: a ausência é secundária, sendo a condição primeira do desprazer que caracteriza a situação devida ao aumento da tensão pulsional:

Outra reflexão nos conduz além dessa ênfase na perda do objeto. Se o bebê exige ter a percepção da mãe, isso ocorre porque sabe, por experiência, que ela satisfaz rapidamente todas as suas necessidades. A situação que ele avalia como perigosa, contra a qual deseja estar garantido, é a da insatisfação, do aumento da tensão gerada pela necessidade, diante da qual é impotente. (FREUD, 1926/2011, p. 79)¹⁷⁶

dinâmica. A primeira dessas três resistências do Eu é a resistência da repressão, de que tratamos acima, sobre a qual não há muito a acrescentar. Dela se distingue a resistência da transferência, que é da mesma natureza, mas que na análise se manifesta de modos diferentes e bem mais nítidos, pois consegue estabelecer uma relação com a situação analítica ou com a pessoa do analista, assim revivendo uma repressão que deveria ser apenas lembrada. É também resistência do Eu, mas completamente de outra natureza, aquela que procede do benefício da doença e que se baseia na assimilação do sintoma ao Eu. Ela corresponde à revolta contra a renúncia a uma satisfação ou alívio. O quarto tipo de resistência - o do Id - é o que vimos como responsável pela necessidade da elaboração. A quinta resistência, a do Super-eu, reconhecida por último, a mais obscura, mas nem sempre mais fraca, parece originar-se da consciência de culpa ou necessidade de castigo; ela desafia todo êxito, e, portanto, também a cura pela análise.” (FREUD, 1926/2011, p. 107-108)

“Bei weiterer Vertiefung merken wir vielmehr, daß wir fünf Arten des Widerstandes zu bekämpfen haben, die von drei Seiten herkommen, nämlich vom Ich, vom Es und vom Über-Ich, wobei sich das Ich als die Quelle von drei in ihrer Dynamik unterschiedenen Formen erweist. Der erste dieser drei Ichwiderstände ist der vorhin behandelte Verdrängungswiderstand, über den am wenigsten Neues zu sagen ist; Von ihm sondert sich der Übertragungswiderstand, der von der gleichen Natur ist, aber in der Analyse andere und weit deutlichere Erscheinungen macht, da es ihm gelungen ist, eine Beziehung zur analytischen Situation oder zur Person des Analytikers herzustellen und somit eine Verdrängung, die bloß erinnert werden sollte, wieder wie frisch zu beleben. Auch ein Ichwiderstand, aber ganz anderer Natur, ist jener, der vom Krankheitsgewinn ausgeht und sich auf die Einbeziehung des Symptoms ins Ich gründet. Er entspricht dem Sträuben gegen den Verzicht auf eine Befriedigung oder Erleichterung. Die vierte Art des Widerstandes - den des Es - haben wir eben für die Notwendigkeit des Durcharbeitens verantwortlich gemacht. Der fünfte Widerstand, der des Über-Ichs, der zuletzt erkannte, dunkelste, aber nicht immer schwächste, scheint dem Schuldbewußtsein oder Strafbedürfnis zu entstammen; er widersetzt sich jedem Erfolg und demnach auch der Genesung durch die Analyse.” (FREUD, 1926/1948, p. 192-193)

¹⁷⁶ Die nächste Überlegung führt über diese Betonung des Objektverlustes hinaus. Wenn der Säugling nach der Wahrnehmung der Mutter verlangt, so doch nur darum, weil er bereits aus Erfahrung weiß, daß sie alle seine Bedürfnisse ohne Verzug befriedigt. Die Situation, die er als “Gefahr” wertet, gegen die er versichert sein will, ist also die der Unbefriedigung, des Anwachsens der Bedürfnisspannung, gegen die er ohnmächtig ist. (FREUD, 1926/1948, p. 168)

Mais a frente:

Tendo-se constatado que um objeto externo apreensível pela percepção pode pôr fim à situação perigosa que lembra o nascimento, o teor do perigo se desloca da situação econômica para sua condição, a perda do objeto. (FREUD, 1926/2011, p. 79)¹⁷⁷

E novamente, no *complemento C (Angústia, dor e luto [Angst, Schmerz und Trauer])*, que encerra o livro:

Devido à sua incompreensão, a situação em que ele sente falta da mãe não é, para ele, uma situação de perigo, mas sim traumática - ou melhor, é traumática se nesse instante ele tem uma necessidade que a mãe deveria satisfazer; transforma-se em situação de perigo se tal necessidade não é atual. (FREUD, 1926/2011, p. 120-121)¹⁷⁸

A ausência do objeto é produtora de angústia, uma vez que coloca o Eu imaturo diante do perigo do advento de necessidades pulsionais advindas de um de seus senhores: o Isso. De maneira sintética, podemos dizer que na obra de 1926 encontramos uma reafirmação de ideias presentes no texto de 1923, a respeito da noção de Eu e de sua relação para com a instância pulsional do Isso. Essas reafirmações seriam justamente a colocação do Eu como tendo seu advento por razões que podem ser entendidas como secundárias. As pulsões não demandam, de início, o advento de uma organização na superfície do Isso. A diferenciação e posterior organização desta parte mais externa do Isso advém das dificuldades que as pulsões encontram em satisfazer-se, dificuldades estas colocadas pela exterioridade. No fim do texto de 1926 Freud colocará essa diferenciação justamente como uma imperfeição de nosso aparelho psíquico e origem de grandes problemas na dinâmica das relações que são por ela instituídas no interior desse psiquismo:

O terceiro fator, o psicológico, deve ser buscado numa imperfeição de nosso aparelho psíquico relacionada justamente à sua diferenciação em um Eu e um Id, ou seja, também

¹⁷⁷ Mit der Erfahrung, daß ein äußeres, durch Wahrnehmung erfaßbares Objekt der an die Geburt mahnenden gefährlichen Situation ein Ende machen kann, verschiebt sich nun der Inhalt der Gefahr von der ökonomischen Situation auf seine Bedingung, den Objektverlust. (FREUD, 1926/1948, p. 168)

¹⁷⁸ Die Situation, in der er die Mutter vermißt, ist infolge seines Mißverständnisses für ihn keine Gefahrsituation, sondern eine traumatische, oder richtiger, sie ist eine traumatische, wenn er in diesem Moment ein Bedürfnis verspürt, das die Mutter befriedigen soll; sie wandelt sich zur Gefahrsituation, wenn dies Bedürfnis nicht aktuell ist. (FREUD, 1926/1948, p. 203)

remonta, em última instância, à influência do mundo exterior. (FREUD, 1926/2011, p. 102)¹⁷⁹

4.2. O Compêndio de Psicanálise: o Eu no testamento inacabado de Freud

Obra escrita durante os últimos anos de vida de Freud, deixada inacabada e considerada por alguns estudiosos (TAVARES; IANNINI, 2023) como uma espécie de testamento deixado pelo autor diante da iminência de seu fim, a obra em questão é introduzida com um propósito bem demarcado: apresentar as teses da psicanálise em sua forma mais acabada até aquele momento, ou seja, sem procurar explicitar os pormenores do percurso que levou às conclusões ali expressas. Tal propósito explicitamente colocado pelo autor nos é de grande valia neste momento conclusivo de nosso trabalho, uma vez que pode servir para testarmos se nossas suspeitas podem alinhar-se àquilo que encontramos expresso nos textos em seu momento de maturidade, ainda que muitos desenvolvimentos permaneçam em aberto e a obra seja inacabada.

Nos parece marcante e digno de nota a observação de que parece haver, neste texto, um certo esforço de conciliação entre pontos de vista desenvolvidos em momentos distintos da obra, o que atesta aquilo que tão bem foi já demonstrado pelo trabalho de Monzani (1989): que o pensamento freudiano não se permite ser lido pela chave interpretativa de um pensamento que trabalha por rupturas, mas também não pela ideia de uma continuidade linearmente constituída. Neste sentido, no posfácio à obra, Tavares & Iannini (2023, p. 231) apontam que nela:

Um aspecto marcante é seu esforço por fazer funcionar conjuntamente as assim chamadas primeira e segunda tópicas. Com efeito, aqui coabitam a teoria do aparelho psíquico dividido em sistemas (inconsciente, pré-consciente e consciência) e instâncias (Isso, Eu, Supereu).

Não apenas do ponto de vista da abordagem das tópicas, mas também dos dois momentos da teoria pulsional, podemos encontrar no texto certo esforço de síntese, na retomada de elementos explicativos presentes na primeira definição para compor o quadro da

¹⁷⁹ Der dritte oder psychologische Faktor ist in einer Unvollkommenheit unseres seelischen Apparates zu finden, die gerade mit seiner Differenzierung in ein Ich und ein Es zusammenhängt, also in letzter Linie auch auf den Einfluß der Außenwelt zurückgeht. (FREUD, 1926/1948, p. 187)

segunda. Vemos isso, por exemplo, quando o autor, ao abordar a doutrina pulsional (*Trieblehre*), assim define o seu conceito fundamental:

Denominamos *pulsões* as forças que supomos existir por trás das tensões motivadas pelas necessidades do Isso. Elas representam as exigências corporais feitas à vida anímica. Ainda que sejam a causa última de qualquer atividade, são de natureza conservadora; de cada estado que um ser alcançou resulta um esforço por restabelecê-lo, tão logo ele tenha sido abandonado. (FREUD, 1940/2023, p. 23)¹⁸⁰

Neste trecho entendemos ser possível ler um esforço de conciliação entre momentos distintos do desenvolvimento da doutrina pulsional, na medida em que a dimensão do corpo como fonte aparece articulada à concepção do Isso como local psíquico do pulsional. Se as pulsões partem do corpo e encontram sua primeira inscrição no Isso, o parâmetro do corpo como fonte, tal qual circunscrito na definição de 1915, não perde seu lugar na configuração da pulsão. Vemos essa ideia ser novamente afirmada no oitavo e penúltimo capítulo escrito da obra, intitulado *O aparelho psíquico e o mundo exterior*, onde podemos ler o seguinte:

O cerne de nosso ser é, portanto, formado pelo obscuro *Isso*, que não lida diretamente com o mundo exterior e só é acessível, mesmo ao nosso conhecimento, pela mediação de outra instância. Nesse Isso operam as *pulsões* orgânicas, sendo elas mesmas uma mistura de duas forças primevas (Eros e destruição) que se diferenciam entre si em proporções variáveis e por sua relação com órgãos ou sistemas de órgãos. O único anseio dessas pulsões é a satisfação, a qual se espera surgir de determinadas modificações nos órgãos com o auxílio de objetos do mundo externo. Mas uma satisfação imediata e desconsiderada das pulsões, tal como o Isso exige, levaria com frequência a perigosos conflitos com o mundo exterior e à ruína. (FREUD, 1940/2023, p. 153-155)¹⁸¹

¹⁸⁰ Die Kräfte, die wir hinter den Bedürfnisspannungen des Es annehmen, heißen wir *Triebe*. Sie repräsentieren die körperlichen Anforderungen an das Seelenleben. Obwohl letzte Ursache jeder Aktivität, sind sie konservativer Natur; aus jedem Zustand, den ein Wesen erreicht hat, geht ein Bestreben hervor, diesen Zustand wiederherzustellen, sobald er verlassen worden ist. (FREUD, 1940/2023, p. 22)

¹⁸¹ Den Kern unseres Wesens bildet das dunkle *Es*, das nicht direkt mit der Außenwelt verkehrt und auch unserer Kenntnis nur durch die Vermittlung einer anderen Instanz zugänglich wird. In diesem Es wirken die organischen *Triebe*, selbst als Mischungen von zwei Urkräften (Eros und Destruktion) in wechselnden Ausmaßen zusammengesetzt und durch ihre Beziehung zu Organen oder Organsystemen voneinander differenziert. Das einzige Streben dieser Trieb ist nach Befriedigung, die von bestimmten Veränderungen an den Organen mit Hilfe von Objekten der Außenwelt erwartet wird. Aber sofortige und rücksichtslose Triebbefriedigung, wie sie das Es fordert, würde oft genug zu gefährlichen Konflikten mit der Außenwelt und zum Untergang führen. (FREUD, 1940/2023, p. 152-154)

À pulsão de morte é advogada também uma fonte orgânica, de modo que a afirmação de que os parâmetros segundo os quais se pensava a pulsão anteriormente à 1920 não se aplicariam a essa classe de pulsões não parece de todo correto. O que se pode constatar, e que nos parece relevante aqui destacar, é que, no caso do componente objeto, realmente existem dificuldades em vinculá-lo a essa classe de pulsões, uma vez que seu objetivo só parece se inscrever no psiquismo enquanto desvio, ou seja, enquanto erotizado. Só por esta via a pulsão de morte pode vincular-se a um objeto. No entanto, nesta vinculação, seu objetivo encontra-se desviado. Como vimos na discussão do texto de 1926, neste desvio terá especial relevância a organização da instância psíquica periférica, o Eu, em sua especial vinculação às pulsões eróticas, uma vez que terá controle do acesso à motilidade.

Este Eu será eminentemente funcional, em parte compondo-se em função de desviar justamente o ímpeto destrutivo das pulsões de morte. Esta instância encontra-se dotada de funções que almejam possibilitar seu empenho em mediar os influxos do mundo interno (*Innenwelt*) e do mundo externo (*Außenwelt*):

Sob a influência do mundo exterior real que nos cerca, uma parte do Isso sofreu um desenvolvimento especial. Do que originalmente era uma camada limítrofe com o exterior, equipada com órgãos de captação dos estímulos e com dispositivos de proteção contra estímulos, estabeleceu-se uma organização especial que, a partir de então, serve de mediadora entre o Isso e o mundo exterior. A essa área de nossa vida anímica damos o nome de *Eu*. (FREUD, 1940/2023, p. 17)¹⁸²

Este Eu “faz mediação entre o Isso e o mundo externo, que assume as exigências pulsionais do primeiro para conduzi-las à satisfação” (FREUD, 1940/2023, p. 173)¹⁸³, não pode deixar de levar em conta as exigências que lhe são impostas do local do qual se diferenciou de maneira especial. Ainda que Freud, na segunda parte do texto, referindo-se aos objetivos do trabalho analítico, retome a discussão elaborada do texto de 1937, *A análise finita e a infinita*, colocando dentro desses objetivos o fortalecimento do Eu frente às demandas pulsionais do Isso, a imagem que nos é esboçada desta instância parece ser a de

¹⁸² Unter dem Einfluss der uns umgebenden realen Außenwelt hat ein Teil des Es eine besondere Entwicklung erfahren. Ursprünglich als Rindenschicht mit den Organen zur Reizaufnahme und den Einrichtungen zum Reizschutz ausgestattet, hat sich eine besondere Organisation hergestellt, die von nun an zwischen Es und Außenwelt vermittelt. Diesem Bezirk unseres Seelenlebens lassen wir den Namen des *Ichs*. (FREUD, 1940/2023, p. 16)

¹⁸³ Die Vorstellung eines Ichs, das zwischen Es und Außenwelt vermittelt, die Triebansprüche des eine übernimmt, um sie zur Befriedigung zu führen, an dem anderen Wahrnehmungen macht, die es als Erinnerungen verwertet (...). (FREUD, 1940/2023, p. 172)

uma organização que a todo tempo encontra-se ameaçada. O Eu, por fim, constitui-se em um conjunto de funções que servem ao desvio da meta mortífera inicial e se constitui como espécie de desvio desta meta. Essa, nos parece, ser uma conclusão que podemos suscitar tendo em vista esse momento final da teorização freudiana.

Fato é que a instância egóica não constitui, no pensamento freudiano, um papel de centralidade no que diz respeito ao modo como se concebe o aparelho psíquico, seja na primeira ou na segunda tópica. Fonseca (2012, p. 131), por exemplo, aponta que o Eu é uma “unidade precária”, e que:

O Eu consciente passa a ter limitações que o destituem do papel de agente e o transformam em “agido”. Do papel de senhor, passa ao papel de servo, o que é determinado pela preponderância do inconsciente na imposição das ações e reações supostamente conscientes. (FONSECA, 2012, p. 291)

Birman (1997), por sua vez, chama a atenção para o gradual descentramento que se produz ao longo do desenvolvimento do edifício teórico freudiano. Segundo este autor, observaríamos três momentos cruciais deste descentramento, sendo o terceiro e mais radical aquele que se opera com a introdução da pulsão de morte no interior da trama conceitual. De acordo com esta leitura, a partir deste momento da obra, se descentraria a concepção do psíquico do paradigma representacional, uma vez que se concebe a existência de uma classe de pulsões que escapa a este escopo de instanciação. Os outros momentos, por sua vez, seriam compostos pelo descentramento da consciência para o inconsciente e do inconsciente para as pulsões, forças cegas e desordenadas que trabalham no fundo do psiquismo e o determinam em seus níveis de instanciação. Com isso destacamos o Eu como instância de emergência tardia no interior do psiquismo, sujeito à forças e motivos que lhe são alheios e que o sobredeterminam. Se constitui como e em função de um desvio de uma meta que o antecede e o acompanha: o escoamento pulsional.

Com isso dito e tendo-se percorrido os textos aqui abordados, achamo-nos diante da possibilidade de sustentar o argumento que percorremos ao longo do presente trabalho e que norteou seu desenvolvimento, desde o percurso por diferentes momentos da doutrina pulsional de nosso autor até a abordagem do Eu no momento final de sua obra. Acreditamos,

portanto, estarmos diante da possibilidade de oferecer, por fim, algumas palavras conclusivas a respeito da problemática aqui delineada.

Conclusão

A pergunta norteadora que nos guiou foi, como delineada na introdução do trabalho, a respeito da possibilidade de se compreender a emergência do Eu, no interior da trama da circulação pulsional, como uma espécie de desvio à realização da meta pulsional última e definitiva. Essa questão nos levou, ela mesma, a uma espécie de desvio no caminho, uma vez que entendemos ser necessário, para uma melhor compreensão da questão, um percurso inicial por momentos do desenvolvimento da doutrina pulsional freudiana anteriores àquele que nos interessava mais explicitamente: os trabalhos das décadas de 1920 e 1930, portanto, concernentes às segundas teoria pulsional e tópica do aparelho psíquico. Entendemos ser o momento final da obra mais relacionado ao problema delineado em virtude da introdução da pulsão de morte em sua trama conceitual e da assunção mais demarcada de um local no psiquismo para a pulsão. A introdução da pulsão de morte encontra-se vinculada a uma problemática no que tange à inscrição psíquica do pulsional, que diz respeito à sua relação para com a teoria representacional que é subjacente à teoria até então e cujo conceito parece impor limites. Na literatura filosófica a respeito do tema, podemos encontrar uma gama ampla de trabalhos que, de maneira direta ou indireta, abordam a problemática que se enfrenta ao se tentar articular o conceito de pulsão de morte, tal qual introduzido por Freud em 1920, com a sua teoria representacional de então. Isso vai desde trabalhos já clássicos, tanto em nosso meio como na literatura de língua alemã, assim como em trabalhos produtos de dissertações e teses mais recentes, com os quais procuramos, no decorrer dos capítulos, nos colocar em diálogo.

A via escolhida para adentrar nesse campo de debate, no presente trabalho, passou por articular, inicialmente, a vinculação estreita que se estabelece, ao longo da construção do que viria a ser chamado de primeira doutrina pulsional de Freud, entre o conceito de pulsão ali pensado e a noção de uma necessária representabilidade desta, pela qual pode a pulsão encontrar efetivação psíquica. Nesse percurso, compreendeu-se como um primeiro movimento neste sentido, tomando por base o texto dos *Três ensaios*, a desvinculação operada por Freud entre objeto e pulsão. Vemos naquele texto a defesa da ideia de que, do ponto de vista da pulsão sexual tal qual se apresenta no humano, não há vinculação óbvia

entre a meta pulsional, entendida em seu sentido mais amplo de um ímpeto por descarga, e um objeto pré-determinado de antemão. Qualquer vinculação objetal careceria de uma fundamentação e as variações da dita normalidade teriam aí seu lugar de direito. Um segundo movimento, operado ainda em nosso capítulo inicial, passou por constatar que, mesmo no caso das pulsões egóicas, ou autoconservativas, a necessidade a uma inscrição psíquica no campo representacional é delineada no decorrer de textos da década de 1910. Uma tal inscrição se mostraria necessária uma vez que, para que haja busca de objetos de satisfação faz-se necessário um armazenamento de estimulação, visando a execução de uma ação direcionada ao mundo externo. Essa ação, todavia, é direcionada por experiências passadas de satisfação, inscritas psiquicamente. De tal modo que objeto e representação psíquica de objeto encontram um vínculo íntimo no direcionamento do percurso de escoamento pulsional que ali se descreve.

Avançando pelos trabalhos metapsicológicos de Freud, cujo intuito de fundamentação teórica foi especialmente caro para a constatação das conclusões que dali procuramos extrair, procurou-se circunscrever em mais detalhes o modo pelo qual a pulsão encontra suas vias pelo psíquico visando acesso ao mundo externo e procurando efetivar a meta da descarga energética que é seu motor. Pareceu-nos clara a constatação de que, nas tramas da circulação pulsional, por meio de seus percursos de inscrição psíquica na forma de representações - entendidas aqui no sentido mais amplo de representações ideativas e afetos -, vai se constituindo o aparelho psíquico como forma de efetivar a meta da pulsão, seu ímpeto por descarga. Partindo do corpo, sua fonte, encontrará suas vias de efetivação no psíquico.

De modo a articular um possível caminho que partisse da pulsão para o Eu a via escolhida foi aquela aberta pelas figuras da representação no interior da metapsicologia freudiana. Com a passagem para a segunda doutrina pulsional, o vínculo entre pulsão e representação pareceu-nos mais difícil de sustentar, quando abordada do ponto de vista da pulsão de morte. Isso pela constatação de que, em textos selecionados por sua consolidada importância para o problema em questão, que vão de 1920 ao fim da vida de Freud, poderíamos falar em expressão psíquica daquelas pulsões somente se entendermos estas expressões como desvios. Isso traz consigo a implicação de que elas mesmas não parecem demandar a abertura de caminhos através do psiquismo para que se efetivem, sendo sua alocação psíquica desvios que lhe são impostos em virtude do influxo do mundo externo no interior do aparelho psíquico, pela diferenciação de uma camada que passará a se organizar.

Dado que a meta primordial desta pulsão por descarga total, por retorno ao estado de ausência de estimulação, não é passível de encontrar meios representacionais que mediem sua efetivação, sua entrada no campo psíquico se dará por meio do amalgamento com a outra classe de pulsões, as eróticas, desviando-as, assim, de seu ímpeto original. Por esses meios, o Eu, instância organizada do psiquismo, constituído por uma diferenciação da camada mais externa deste e predicado por um conjunto de funcionalidades, assumirá um valor crucial.

Nos textos a partir dos quais procuramos delinear a noção de Eu parece-nos ser possível estabelecer que, por um lado, o Eu é essencial no processo que terá por finalidade promover o desvio da meta mortífera e, por outro, é ele mesmo instituído como um desvio à realização desta meta. Sua instauração se dá em face das dificuldades que o mundo externo impõe à efetivação da meta por sua via mais simples possível, uma vez que influi continuamente com novos estímulos no interior da substância viva primitiva. Com essa última afirmação se percebe que há, na passagem de uma doutrina pulsional a outra, um alargamento de seu escopo de compreensão. Enquanto que, ao tratar da sua primeira doutrina, Freud refere-se ao aparelho psíquico, mas também a um limite deste que é colocado pelo corpo enquanto fonte do pulsional, na segunda doutrina vemos o orgânico vivo tomar o centro da discussão.

Esse modo de abordagem remete ao problema que podemos chamar, em certa medida, de clássico no interior do debate filosófico em torno da Psicanálise freudiana: o tema do descentramento, que entendemos como um problema clássico uma vez que se demarca sua pertinência desde os primórdios deste campo de investigação em nossos meios. Renato Mezan, por exemplo, em seu inaugural *Freud: a trama dos conceitos*, vai nos apontar que:

Freud elimina do vocabulário filosófico a noção de centro. Desde Galileu e desde Darwin, o homem não era mais o centro do mundo, nem o topo da criação; mas era ainda o centro de si mesmo, e a noção de *consciência* era o emblema desta centralidade. Um centro significa: um ponto privilegiado ao redor do qual tudo se ordena, e que serve de referência para um espaço homogêneo. Ao redor da consciência, o homem se estruturava como algo idêntico a si mesmo, garantida esta identidade pelo poder do pensamento de abarcar tudo, inclusive a si próprio. Identidade fundada, pois, na transparência; harmonia de si consigo, coincidência integral cuja legitimidade não poderia ser questionada a título algum. Ora, a partir da introdução da teoria da defesa, o homem aparece dividido, e esta cisão lhe é consubstancial, como se vê desde o surgimento do conceito de inconsciente. (MEZAN, 2001, p. 340)

É nessa chave de leitura que entende-se o trabalho aqui empreendido, ao menos como uma tentativa no sentido de compreender certos tensionamentos nas relações que se estabelecem no interior dos textos entre as duas noções chaves aqui abordadas: pulsão e Eu. Encaramos o presente trabalho como uma tentativa de testar a viabilidade de uma hipótese através da leitura de textos chaves a respeito dos conceitos referidos. Acreditamos que tenha sido possível testar a viabilidade da interpretação que buscamos; ainda que as conclusões sejam apenas preliminares e limitadas pelo recorte de textos estabelecido. Esse recorte, convém salientar, visou tornar exequível a tarefa proposta.

Por fim, convém apontar que, entende-se ser possível dizer que, diante da discussão elaborada, o Eu pode ser encarado como uma instância de emergência tardia no interior do psiquismo, sendo definido por um conjunto de funcionalidades que visam, por um lado, mediar o contato entre o pulsional e a realidade e, por outro, advém das necessidades que estes dois senhores impõem ao psiquismo: a pulsão e a realidade. Sua emergência se dá por via de uma imposição de forças que lhe são alheias e diante das quais tem poder deveras limitado. Neste sentido, poderíamos dizer que o Eu pode ser pensado como um desvio, desvio de uma meta que escapa ao seu controle e que o acompanha como um fundo inapreensível, sendo este fundo passível de inscrição pelas vias representacionais apenas quando já desviado de seu ímpeto primeiro e último: a inexistência.

Bibliografia

1) Textos Freudianos:

Os seguintes textos freudianos foram consultados na edição *Gesammelte Werke* (Gesammelte Werke. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1952):

Entwurf einer Psychologie. (1895/1950)

Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. (1905)

Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung. (1910)

Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides). (1911)

Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. (1911)

Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse. (1912)

Zur Einführung des Narzissmus. (1914)

Zeitgemäßes über Krieg und Tod. (1915)

Die Verdrängung. (1915)

Das Unbewusste. (1915)

Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre. (1917)

Trauer und Melancholie. (1917)

Das Ich und Das Es. (1923)

Das ökonomische Problem des Masochismus. (1924)

Das Unbehagen in der Kultur. (1930)

XXXII. Vorlesung der Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (Angst und Triebleben). (1932)

Os seguintes textos freudianos foram consultados na edição *Studienausgabe* (Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag GmbH, 1992):

Zur Dynamik der Übertragung (1912)

Erinnern, Wiederholung und Durcharbeiten (1914)

Bemerkungen über die Übertragungsliebe (1915)

Das Unheimliche (1919)

Die endliche und die unendliche Analyse (1937)

Em adição aos originais alemães mencionados acima, as seguintes edições foram também consultadas:

FREUD, S. Obras completas / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. -11 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2008.

FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica. 1ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. Além do princípio do prazer / Jenseits des Lustprinzips. 1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos. Edição Bilingue. 1. ed. 7. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, S. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados. Edição Bilingue. 1 ed. 7. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

2) Bibliografia secundária

AIRES, S. Narcisismo e psicose: cem anos depois. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

ALMEIDA, J. J. L. A lógica do sonho. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

BIRMAN, J. Estilo e Modernidade em Psicanálise. São Paulo: Editora 34, 1997. 240p.

CÔRREA, F. S. O desenvolvimento do Eu a partir do mundo que o satisfaz e o potencializa e do mundo hostil que o ataca. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

DUNKER, C. Uma gramática para a clínica psicanalítica. In: As pulsões e seus destinos. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FONSECA, E. R. Psiquismo e Vida: Sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012. 383p.

GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à metapsicologia freudiana (Volume 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

GOETHE, J. W. Die Leiden des jungen Werther. München: Anaconda Verlag. 2020.

GREEN, A. O trabalho do negativo. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUIMARÃES, L. M. Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud: origem, metapsicologia e formas sociais. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HANNS, L. A. A teoria pulsional na clínica de Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999. 232p.

HESSE, H. Siddartha. Eine indische Dichtung. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2022.

HOCK, U. Das Unbewußte Denken: Wiederholung und Todestrieb. Frankfurt am Main: Psychosozial-Verlag, 2012. 315p.

IANNINI, G. Notas. In: FREUD, S. Além do princípio do prazer / Jenseits des Lustprinzips. 1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: As pulsões e seus destinos. Edição Bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Para introduzir *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, S. Além do princípio do prazer / Jenseits des Lustprinzips. 1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LIMONGI, I. M. P. A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, 1994.

LEBRUN, G. A ideia de epistemologia. In: MOURA, C.A.R. & CACCIOLA, M.L.M.O. (org.). A filosofia e sua história. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LÖCHEL, E. “*Jenseits des Lustprinzips*”: Lesen und Wiederlesen. In: *Psyche* 8, 50: 681-674, 1996.

MEZAN, R. Freud: A trama dos conceitos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5a ed., 2013.

MONZANI, L. R. Freud: O movimento de um pensamento. Campinas. Ed. Unicamp, 1989.

_____. O suplemento e o excesso. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R.T. (org.). Freud na Filosofia Brasileira. São Paulo: Escuta, 2005.

_____. Os paradoxos do prazer em Freud. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R.T. (org.). Freud na Filosofia Brasileira. São Paulo: Escuta, 2005.

MONZANI, L. R.; SORIA, A.C.S. (orgs.). Freud: Filosofia e Psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019. 203p.

NAMBA, J. Estudos sobre as psicoses e a metapsicologia em Freud. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

RAZINSKY, L. Freud, Psychoanalysis and Death. New York: Cambridge University Press, 2013. 318p.

RICOEUR, P. Da interpretação. Ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

SIMANKE, R. T. A fundação da psicanálise: Uma análise do *Projeto de uma psicologia* de Freud (Volume 1). São Paulo: Instituto Langage, 2023. 320p.

SORIA, A. C. S. Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

_____. Fantasia e realidade nos escritos metapsicológicos. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A. C. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

SORIA, A. C. S.; NAMBA, J. (orgs.). Cem anos de *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Alameda, 2023. 342p.

STORCK, T. *Trieb: Grundelemente psychodynamischen Denkens*. Stuttgart: W. Kohlhammer GmbH, 2018.

TAVARES, P. H. Sobre a tradução do vocábulo *Trieb*. In: *As pulsões e seus destinos*. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FEDERAL UNIVERSITY OF SÃO CARLOS (UFSCar)
CENTER FOR EDUCATION AND HUMAN SCIENCES (CECH)
POSTGRADUATE PROGRAM IN PHILOSOPHY (PPGfil)

GUSTAVO CAMPASSI SALGADO

**THE TRANSITION FROM THE FIRST TO THE SECOND DRIVE DUALISM AND
THE PROBLEM OF THE CONSTITUTION OF THE *I*: A STUDY ON FREUD**

SÃO CARLOS - SP

2024

GUSTAVO CAMPASSI SALGADO

**THE TRANSITION FROM THE FIRST TO THE SECOND DRIVE DUALISM AND
THE PROBLEM OF THE CONSTITUTION OF THE I: A STUDY ON FREUD**

Dissertation presented to the Postgraduate
Program in Philosophy at the Federal
University of São Carlos, for a Master's
Degree in Philosophy

Advisor: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva
Soria

SÃO CARLOS - SP

2024

CATALOG FILE

Campassi Salgado, Gustavo

The transition from the first to the second drive dualism and the problem of the constitution of the *I*: a study on Freud / Gustavo Campassi Salgado -- 2024.

138f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Ana Carolina Soliva Soria

Banca Examinadora: Richard Theisen Simanke, Julia König

Bibliografia

1. Filosofia da psicanálise. 2. Freud. 3. Metapsicologia. I. Campassi Salgado, Gustavo. II. Título.

FEDERAL UNIVERSITY OF SÃO CARLOS (UFSCar)

Center for Education and Human Sciences (CECH)

Postgraduate Program in Philosophy (PPGFil)

Approval form

Signature of the members of the examining committee that evaluated and approved the Master's Degree Defense of candidate Gustavo Campassi Salgado, held on 21/08/2024:

Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Soliva Soria

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof^º. Dr^º. Richard Theisen Simanke

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof^ª. Dr^ª Julia König

Bergische Universität Wuppertal (BUW)

ACKNOWLEDGMENTS

My initial thanks go to CNPq and FAPESP. To the former, for the financial support granted during the initial months of the research. To the second for the funding granted to the research carried out here, through process number 2021/03597-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) and, in particular, for the Research Internship Abroad Grant, through process number 2022/11076-7. This support was essential in deepening my knowledge of the German language and allowed me to have contact with German researchers and a rich experience of research abroad. I would also like to thank the Postgraduate Program in Philosophy at the Federal University of São Carlos for making it possible to carry out this work. I would like to thank Johannes Gutenberg Universität - Mainz for welcoming me during my research internship and for giving me access to the institution's bibliographic collection.

I would like to thank the members of the qualification committee, Prof. Dr. Richard Theisen Simanke and Prof. Dr. Janaina Namba, for their careful and surgical reading of the initial version of this work and for their rich considerations. They were essential for advancing the discussion that I have tried to carry out here.

I would like to thank my advisor, Prof. Dr. Ana Carolina Soliva Soria, for the valuable guidance she has given me since my undergraduate days and for enabling me to enter the field of research into the Philosophy of Psychoanalysis. I would like to thank her for always carefully reading my text and for her willingness to provide guidance and study. I would like to thank Prof. Dr. Julia König for her valuable supervision during my research internship, for welcoming me to Mainz, for the conversations and for her careful reading of the English version of this work. I would like to thank Prof. Dr. Marília Gonçalves for her thought-provoking dialogues, for introducing me to Psychoanalysis and for her insistence and support during my degree.

I would also like here to thank my parents, Ildeu Pereira Salgado and Roseli Campassi Salgado, and my sister, Gabriele Campassi Salgado, for always believing in me and for having paved the way that gave me access to higher education. I would like to mention Beatriz Tumbert Vasconcellos, whom I thank for her affection, patience and for sharing her presence with me throughout this journey.

Finally, I would like to thank my friends, especially Guilherme, Vinicius, Caio, Suelen, João and Rafael. I am grateful to all of them for their companionship and partnership over the years and for the thought-provoking dialogues that have been essential on this journey.

You were essential.

Lieber Wilhelm, ich habe allerlei nachgedacht, über die Begier im Menschen, sich auszubreiten, neue Entdeckungen zu machen, herumzuschweifen; und dann wieder über den inneren Trieb, sich der Einschränkung willig zu ergeben, in dem Gleise der Gewohnheit so hinzufahren und sich weder um rechts noch um links zu bekümmern. (*Die Leiden des jungen Werther*, Goethe, p. 25)

Wenn alles Ich überwunden und gestorben war, wenn jede Sucht und jeder Trieb im Herzen schwieg, dann mußte das Letzte erwachen, das Innerste im Wesen, das nicht mehr Ich ist, das große Geheimnis. (*Siddhartha*, Hermann Hesse, p. 15)

ABSTRACT

From the very beginning of the development of the *Trieb* as a psychoanalytic concept, there was a need within the theory to sustain a dualism in terms of the classification of drives. This dualism initially took place between the so-called sexual drives and the self-preservative drives. In its initial conception, the drive is understood as a stimulus (*Reiz*) which, coming from the body, its source (*Quelle*), will generate a *urge* (*Drang*), aimed at satisfaction (*Befriedigung*) through the annulment of the state of stimulation. The drive will then enter the psychic field through a representative (*Repräsentant*), in the form of affection (*Affekt*) and representation (*Vorstellung*). Conceiving this movement of drive circulation becomes more complex after 1920 if we take into account that, at this point in the construction of the psychoanalytic discourse, we have the introduction of a drive for which there is no representation in the psyche, in other words, without the element that configures the drive's entry into the psychic field: the death drive (*Todestrieb*). If we assume, with the Freudian text, that it is through the need for drive circulation that the psychic apparatus is formed, and that representation is a privileged moment in this circulation, the introduction of a drive whose characteristic is the absence of this element opens up a fruitful field of investigation. Bearing in mind that in the second drive dualism the ultimate goal of the drive is its total annulment as a state of stimulation and that the psychic instance called the "I" arises late and in close relation to the need for drive circulation and the establishment of a representational field in the psyche, this dissertation is an investigation into the constitution of the "I" in the light of the second moment of Freudian drive doctrine, starting initially with a preliminary investigation of the transition from the first to the second dualism.

Keywords: drive, *I*, metapsychology, Freud.

SUMMARY

Introduction	147
Chapter 1 - "<i>Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie</i>" and the texts of the 1910s: tracing outlines prior to the formalization of the metapsychological works	158
1.1 <i>Drei Abhandlungen: Anlehnung and Gemeinsamkeit</i>	159
1.2 The Schreber case: the preponderance of clinical discussions in the reformulation of the drive doctrine	175
1.3 Narcissism in question: a new extension of the concept of sexuality	179
Chapter 2 - A look at Metapsychology	187
2.1 The definition of the fundamental concept	188
2.2 The primordial drives	192
2.3 The destinies of the sexual	193
2.4 The drive and its representative	198
Chapter 3 - The drive and its representation in the second dualism	205
3.1. A few preliminary words on the transition from one dualism to another: the compulsion to repeat in clinical texts	207
3.2 The introduction of the second drive dualism	212
3.3 The place of representation in the second dualism: an attempt at interpretation	233
Chapter 4 - <i>Das Ich</i>: from differentiation to deviation	238
4.1 <i>Ich</i> and <i>Trieb</i> in the emergence of the second topographical theory	240
4.2. <i>Abriss der Psychoanalyse</i> : the <i>Ich</i> in Freud's unfinished testament	253
Conclusion	257
Bibliography	261

Introduction

The drive doctrine (*Triblehre*), thought of by Freud as the anchor point of the knowledge he inaugurated, is a topic that brings with it a series of topics that are still under discussion today among commentators on his thought¹⁸⁴. In the text in which the author explicitly aim to delineate what the drive is, *Triebe und Triebchicksale*, from 1915, we read that it is "ein solcher konventioneller, vorläufig noch ziemlich dunkler Grundbegriff, den wir aber in der Psychologie nicht entbehren können" (FREUD, 1915/2021, p. 16).

This concept is thought to be absolutely necessary for sustaining the field of knowledge that it inaugurates, psychoanalysis, at the same time as it is predicated with a certain obscurity, which Freud attributes to the still nascent nature of this knowledge and thus also of the concepts that sustain it. According to Fonseca (2012, p. 23) "this is a crucial question for anyone who looks at the theory of psychoanalysis. It is the Freudian question par excellence: the most important concept is at the same time the most obscure"¹⁸⁵. In the aforementioned text, Freud defines the drive (*Trieb*) as follows:

[...] so erscheint uns der "Trieb" als ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperlichen auferlegt ist. (FREUD, 1915/2021. p. 22-24)

¹⁸⁴ We recommend works such as the classics *Freud: o movimento de um pensamento* (1989), by Luiz Roberto Monzani; *Freud: a trama dos conceitos* (2001), by Renato Mezan; *Estilo e modernidade em psicanálise* (1997), by Joel Birman; and *Introdução à metapsicologia freudiana* (2008), by Luiz Alfredo Garcia-Roza. More recent works include *Psiquismo e Vida* (2012), by Eduardo Ribeiro da Fonseca; *Freud: Filosofia e Psicanálise* (2019), by Luiz Roberto Monzani and Ana Carolina Soliva Soria (eds.); *Cem anos de Além do princípio do prazer* (2023), by Ana Carolina Soliva Soria and Janaina Namba (eds.). In German-language literature, we can mention the works *Das Unbewusste Denken: Wiederholung und Todestribe* (2012), by Udo Hock; *Trieb: Grundelemente psychodynamischen Denkens* (2018), by Timo Storck; and the already classic *Der dritte Schritt in der Triblehre* (2013), by Ulrike May.

In the works mentioned, the authors address various issues concerning Freud's drive doctrine, some of which will be discussed in this paper, such as the relationship between the death drive and representation. We bring up these references here, from the outset, in order to indicate that the discussions around this element of Freudian theory, having already had their classical references, are still alive within the philosophical debate.

¹⁸⁵ "essa é uma questão crucial para quem se debruça sobre a teoria da psicanálise. É a questão freudiana por excelência: o conceito mais importante é ao mesmo tempo o mais obscuro" (Fonseca, 2012, p. 23).

From this definition, we see in the text a process of analysis of the concept, in the sense of dividing it into its constituent elements. These elements are: its *source* (*Quelle*), its *urge* (*Drang*), its *object* (*Objekt*) and its *goal* (*Ziel*), the latter being satisfaction through the object, initially located in the body itself and later also in the external world. Every drive begins as a stimulus that originates somewhere in the body. Through the accumulation of stimulation, its impetus, the driving character of the drive, increases, forcing it into the psychic field. As a result, the psychic apparatus acts according to a *tendency*¹⁸⁶, which Freud called the *constancy principle*. According to this principle, the psychic apparatus works in such a way as to try to rid itself of the stimulation that hits it and, if possible, "sich überhaupt reizlos erhalten wollte" (FREUD, 1915/2021, p. 20). Looking more closely at the process of drive circulation, we would here like to draw attention, as Freud does, to the motor character of the drive:

Wir dürfen also wohl schließen, dass sie, die Triebe, und nicht die äußeren Reize, die eigentlichen Motoren der Fortschritte sind, welche das so unendlich leistungsfähige Nervensystem auf seine gegenwärtige Entwicklungshöhe gebracht haben. (FREUD, 1915/2021, p. 22)

Luiz Hanns¹⁸⁷, in a reference work on the Freudian doctrine of drives, highlights the prominence of two of the characteristic aspects of the drive, the *stimulus* (*Reiz*) and the *urge* (*Drang*). According to the author, it is through the accumulation of the former that the latter becomes present (HANNIS, 1999, p. 57). Based on this, we can conceive of the psychic apparatus as having the function of dealing with the accumulation of stimulation brought on by the drives, and, as a result, an outflow circuit is defined. Whose final purpose is to annul this state. In the simplest model of the apparatus, based on the *reflex arc paradigm*¹⁸⁸, this

¹⁸⁶ We say straight away that this tendency to which Freud refers is what he called the *constancy principle*. We don't intend here to ignore the long debate about the problematic relationships between the *constancy principle*, the *inertia principle*, the *pleasure/displeasure principle* or the *Nirvana principle*, if we follow the course of Freud's work from his pre-psychoanalytic texts to the final moments of his theorizing. At this point in the work, we are taking the 1915 text mentioned above as a reference. Discussions about these relationships will be developed in the course of the chapters. Given the subject matter addressed here, going through these problems will be unavoidable, but, by way of introduction, we feel that this indication will suffice.

¹⁸⁷ HANNIS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editores, 1999. 232p.

¹⁸⁸ "Que significa isso aos olhos de Freud? Algo um pouco aberrante em termos biológicos, mas que Freud formula assim: o organismo o mais simples, o mais elementar, se recebe uma determinada quantidade de estímulos ou excitação, tende a descarregar imediatamente essa quantidade, evacuá-la." (MONZANI, 2005, p. 160)

elimination of stimulation would happen automatically. However, drive needs require objects in order to achieve satisfaction, which will require an action to be carried out. In view of this, the drive cannot be conceived of without thinking of a teleological notion, with a view to an end. This end would consist in the annulment of stimulation at the source of the drive, the cessation of the state that generated it. Following this conception, the basic foundation of any psychic movement can be thought of in the form of a circuit that begins with the accumulation of stimulation, which generates displeasure, and a movement such that it must culminate in the pleasure through the energetic discharge. According to Hanns, this way of thinking accompanies Freud's work from end to end:

Also, in more mature texts of his work, Freud, even when dealing with the more complex spheres of imagery, never fails to refer the reader to the *Reiz-Lust-Unlust* economic formula, which *regulates* the direction and rhythm of the subject's actions at the *base*. (HANNS, 1999, p. 69)¹⁸⁹

What we have, then, is a movement that starts from the body and, because of the excessive accumulation of stimulation, a need to go beyond this dimension arises. Following this line of thought, there seems to be a privilege given to the most basic dimension of the drive, its character as a stimulus that *imposes a demand* (HANNS, 1999, p. 69). When, by virtue of the increase of stimulation and, consequently, its impelling character, the drive reaches the psychic apparatus, it presents itself there as representation (*Vorstellung*) and as affect (*Affekt*) (SORIA, 2012, p. 20).

A drive (*triebhaft*) stimulation cannot present itself directly in the psychological sphere, but must, in order to enter this field, be linked to *drive representatives* (*Triebrepräsidenten*). The aforementioned affect is its *quantitative factor*, derived from the stimulus. This affect, in turn, is linked to the *drive's qualitative factor: representation* (*Vorstellung*). Representation (*Vorstellung*) is understood here as consisting of "(...) images stored in the memory that reproduce objects or actions to which the drive is attached and

“What does this mean in Freud's eyes? Something a little aberrant in biological terms, but which Freud formulates thus: the simplest, most elementary organism, if it receives a certain quantity of stimuli or excitation, tends to immediately discharge that quantity, to evacuate it.” (MONZANI, 2005, p. 160)

¹⁸⁹ Também, em textos mais maduros de sua obra, Freud, mesmo tratando das esferas imagéticas mais complexas, jamais deixa de remeter o leitor à fórmula econômica *Reiz-Lust-Unlust*, a qual *regula na base* a direção e o ritmo das ações do sujeito. (HANNS, 1999, p. 69)

which can be activated" (HANNS, 1999, p. 83)¹⁹⁰. In the idea of representation, therefore, there is a connection with memory, in the sense of the use of mnemonic traces as a means of guiding the actions that must culminate in the satisfaction of the drive need:

They make up the internal world, they are the matrix through which the subject decodes the internal and external stimuli that reach him. It is this system of *Vorstellungen* (which can be in a conscious or unconscious state) that makes up what Freud calls the psychic apparatus. (HANNS, 1999, p. 84)¹⁹¹

If every drive aims to annul the state that originated it, its stimulation, then it is justified to conceive it as a tendency of movement that goes from displeasure to pleasure. Pleasure takes on a negative character in the theory, as it is achieved indirectly by the avoidance of displeasure or by the discharge of displeasing tension (MONZANI, 1989, p. 219). Fonseca (2012, p. 108) recognizes that "the emphasis on pleasure as something secondary and resulting from the cessation of stimuli is common to the various stages of development of Freudian impulse theory (*Trieblehre*)"¹⁹². A first problem that arises at this point is that of understanding in more detail the relationship between drive circulation and representation, its entry into the psychic field. One possible way of interpreting this, having Freud's work as a guide, is that immediate access to satisfaction, being blocked in a primordial way by the initial situation of dependence in which the human being finds himself in his earliest moments (CAROPRESO, 2020, p. 51)¹⁹³, makes it necessary for a dimension other than just the bodily one to appear, allowing the representative field to emerge. In this way, it becomes possible to tolerate momentary displeasure in order to search the external world for the objects that make the desired satisfaction possible, which requires a *specific action*:

¹⁹⁰ "(...) imagens guardadas na memória que reproduzem objetos ou ações aos quais a pulsão se liga e que são ativáveis" (HANNS, 1999, p. 83)

¹⁹¹ São elas que compõem o mundo interno, são a matriz através da qual o sujeito decodifica os estímulos internos e externos que lhe chegam. É esse sistema de *Vorstellungen* (que podem se encontrar em estado consciente ou inconsciente) que compõe o que Freud denomina como aparelho psíquico. (HANNS, 1999, p. 84)

¹⁹² "a ênfase no prazer como algo secundário e resultante da cessação dos estímulos é comum às diversas fases de desenvolvimento da teoria do impulso (*Trieblehre*) freudiana" (Fonseca, 2012, p. 108).

¹⁹³ "No Projeto de uma psicologia, Freud afirma que o desamparo inicial do organismo é a mola pulsional de todo o desenvolvimento psíquico." (CAROPRESO, 2020, p. 51)

"In the Project of a Psychology, Freud states that the initial helplessness of the organism is the driving spring of all psychic development." (CAROPRESO, 2020, p. 51)

Let's take an elementary example, at the biological level. In the case of hunger, we originally have a set of chemical imbalances that generate a specific tension in the organism, a tension that is only eliminated (the experience of satisfaction) by means of a specific object (food). (MONZANI, 2005, p. 125)¹⁹⁴

This will have severe economic consequences for the constitution of the psychic apparatus and, therefore, for the circulation of drive energy within it. There will be a stockpile of stimulation that will enable this action towards the external world to take place and, in this way, real satisfaction can be achieved. It is worth noting that, in the light of this first moment in Freud's doctrine of drives, achieving this satisfaction necessarily involves the representational dimension. Fonseca (2012, p. 112) points out that *Drang*, as a motor factor, is "the essential aspect" of the *Trieb*. This essential aspect, which links it to the accumulation of tension, places the *Trieb* between the physiological need and the craving directed at the object. Based on the stimulus, its organic part, the *Drang* nevertheless encompasses the psychic sphere, insofar as it implies a certain meaning for the desired discharge and which is connected to the representational field:

It is a border region between the need of the organism, which can be in the area of conservation or repetition of a known pleasure, and the psychic representations in whose connection the action corresponding to the relief can be generated. (FONSECA, 2012, p. 112)¹⁹⁵

With this demarcation, the question arises: is it the accumulation of excitation that, not finding the right situations for its discharge, causes the appearance of the psychic apparatus and, thus, the psychic instances? Bearing in mind the problem that interests us: the problem of

¹⁹⁴ Tomemos um exemplo elementar, ao nível biológico. No caso da fome, temos originalmente um conjunto de desequilíbrios químicos que geram uma tensão específica no organismo, tensão esta que só é eliminada (vivência de satisfação) por meio de um objeto específico (o alimento). (MONZANI, 2005, p. 125)

¹⁹⁵ Trata-se de uma região fronteira entre a necessidade do organismo, que pode estar no âmbito da conservação ou da repetição de um prazer conhecido, e as representações psíquicas em cuja conexão possa ser gerada a ação correspondente ao alívio. (FONSECA, 2012, p. 112)

the constitution of the psychic apparatus and, especially, of the psychic instance called "*das Ich*", we would like to enter, based on the elements circumscribed so far, the second Freudian topographical theory, which opens with the publication, in 1923, of *Das Ich und das Es*. We understand this publication as initiating what will be the final moment of Freud's elaborations on his notion of the psychic apparatus. In this work, we read that, in its initial moments, there is no differentiation between instances, but only an undifferentiated "*Es*", the first place where drives are psychically inscribed. A first differentiation will be caused in this "*Es*" by the influx of the external world, splitting the "*Individuum*" for the first time:

Ein Individuum ist nun für uns ein psychisches Es, unerkant und unbewusst, diesem sitzt das Ich oberflächlich auf, aus dem *W*-System als Kern entwickelt. Streben wir nach graphischer Darstellung, so werden wir hinzufügen, das Ich umhüllt das Es nicht ganz, sondern nur insoweit das System *W* dessen Oberfläche bildet, also etwa wie die Keimscheibe dem Ei aufsitzt. Das Ich ist vom Es nicht scharf getrennt, es fließt nach unten hin mit ihm zusammen. (FREUD, 1923/1947, p. 251)

As Freud emphasizes at different points in his work, the instance called the "*Ich*" is formed late in relation to another instance, the "*Es*", the first place of drive inscription. In *Hemmung, Symptom und Angst*, from 1926, Freud writes that:

Der dritte oder psychologische Faktor ist einer Unvollkommenheit unseres seelischen Apparates zu finden, die gerade mit seiner Differenzierung in ein Ich und ein Es zusammenhängt, also in letzter Linie auch auf den Einfluß der Außenwelt zurückgeht. (FREUD, 1926/1955, p. 187)

It is noteworthy that, in these passages, the psychic instance of the "*Ich*" is placed as having its origin linked, *in last instance (in letzter Linie)*, to the influence of the external world, which imposes very early limitations on the demands of the "*Es*" for drive satisfaction. In other words, based on these indications, it seems possible to establish a discussion around the relationship between the "*Ich*" and the drive, which is the aim of this work. In this discussion, special emphasis is placed on the emergence of the "*Ich*" within the play of forces established between the drive and the external influences on the psychic apparatus. From the

quotation we made at the beginning of this introduction, taken from *Triebe und Tribschicksale*, to the considerations made now, a question can be established in relation to the basic foundation of the origin and movement of the psychic apparatus, as conceived within Freudian theory. This leads us to look more closely at the terms in which drive circulation is elaborated at the different moments of Freudian theorizing, so that we can finally ascertain the terms of the *Trieb-Ich* relationship at the moment of greatest conceptual completion of this doctrine. The aim is to understand the emergence of the "Ich" as, on the one hand, a product of the needs imposed by the circulation of drives within the apparatus and, on the other, as a result of external influences on the apparatus.

If, in 1915, when his first drive dualism was outlined, the basic foundation of any psychic movement was said to come from the drives, in texts from the 1920s, such as the aforementioned *Hemmung, Symptom und Angst*, as well as in *Jenseits des Lustprinzips*, it is the external world that seems to play this role, while the drive only aims to return to a previous state of absence of stimulation. From the assumption of this new objective as the ultimate purpose of the drive as such, namely the total annulment of the state of stimulation internal to the organism, whose paradigm is the return to the inorganic state, the external world takes on the role of hindering this ultimate purpose. How is this hindrance produced, we might ask, and the answer is outlined by Freud in *Jenseits des Lustprinzips*: through the constant increase in excitation that this external world introduces, so that the desired return becomes more and more complex:

Ein Trieb wäre also ein dem belebten Organischen innewohnender Drang zur Wiederherstellung eines früheren Zustandes, welchen dies Belebte unter dem Einflusse äußerer Störungskräfte aufgeben mußte, eine Art von organischer Elastizität, oder wenn man will, die Äußerung der Trägheit im organischen Leben. (FREUD, 1920/2020, p. 130)

We have seen so far that, when there is a drive manifestation, in order for its objective to be achieved, a complex of images and affect is evoked, which we call the *drive representatives*. In this way, the movement towards action is linked to the field of representations that are evoked in this outflow circuit. For this process to be completed, then, a previous task must be carried out, so that the stimulus becomes psychically manifest: the *binding (Bindung)* of the state of stimulation to the representational field. According to the definition given by Hanns (1999, p. 92), we understand that:

[...] the word *Bindung* means "connection" in the material and concrete sense of "binding", "fixing", "imprisonment", or the functional connection in the sense of "linking", "link". In general, the drive is *gebunden* (bound, tied, fixed) to the representations and these are *verknüpft* or *verbunden* (interconnected) with each other. (HANNIS, L., 1999, p. 92)¹⁹⁶

This drive is *linked* to the representations of those experiences that have already been lived, in order to satisfy the drives that arise, as in the case of hunger, for example. If we think in the light of his second drive dualism, i.e. the one that places those of *life* and *death* (*Lebenstrieb* and *Todestrieb*, respectively) within the framework of the great drives, we have a problem at this point. Death is something not lived, not experienced and therefore does not fit as a representation of a goal to be achieved¹⁹⁷. In the text of *Jenseits des Lustprinzips*, we see Freud looking for something that might indicate the manifestation of the death drive, initially going to sadism in search of "an example" (*ein Beispiel*) of a possible manifestation linked to this class of drives: "Wenn es erlaubt ist, eine solche Annahme zu machen, so wäre die Forderung erfüllt, ein Beispiel eines - allerdings verschobenen - Todestriebes aufzuzeigen" (FREUD, 1920/2020, p. 178).

This is followed by a revision of the previous conception in relation to the problem of sadism and masochism, set out, for example, in the 1915 text on drives, where the latter was understood as a turn from sadism towards the "Ich", but which was originally directed towards the object, as a component of the sexual drive. This previous conception was in close connection with the conception of narcissism outlined the year before the publication of the text in question. What Freud does now is to invert the poles of the problem: sadism would actually be a turning of an original masochism outwards, towards the external world. This phenomenon would be made possible by the process called *Triebvermischung*, in which an intimate link would be established between the two classes of drives. One conclusion that can be drawn from such a movement is that, through Eros, the death drive finds a way of

¹⁹⁶ [...] a palavra *Bindung* significa "ligação" na acepção material e concreta de "atamento", "fixação", "aprisionamento", ou a ligação funcional na acepção de "enlaçamento", "elo". Em geral, a pulsão está *gebunden* (atada, amarrada, fixada) às representações e estas estão *verknüpft* ou *verbunden* (interligadas, interconectadas) entre si. (HANNIS, L., 1999, p. 92)

¹⁹⁷ For a better clarification of this statement, we refer here to the preliminary discussion that opens the third chapter of this work, which is precisely intended to internally demonstrate this conclusion on the basis of the Freudian text.

manifesting itself, and that otherwise, without such mixing, it would remain mute. Through this process, the latter makes use of the objects to which the life drives are linked, and deviates from its original impetus, i.e. annihilation, the total energetic discharge of the tension internal to the organism. Let's stress here that Freud is not presenting a representative of the death drive, but an example of a manifestation in which it is involved, but for which it needs to be linked to the life drive. In this manifestation, however, there is an idea of deviation ("*allerdings verschobenen*") from its original goal, as we can see when reading the text of *Jenseits des Lustprinzips*, especially in chapters V and VI, where Freud makes the move to substantiate the conservative nature of the drive as such. According to Hock (2012), the search to establish a representative of the death drive will accompany Freud's work until its end, remaining an open question:

Trotz jahrelangen Ringens um eine Repräsentantes des Todestriebes (Sadismus, Masochismus, Destruktionstrieb, Haß, Aggression treten nacheinander und nebeneinander in dieser Funktion auf) kann ihn keine seiner Lösungen uneingeschränkt befriedigen. Und auch der Nachweis einer spezifischen Energie des Todestriebes als Pendant zur Libido, über die er in "Das Unbehagen in der Kultur" mutmaßt, bleibt bis zum Ende seines Werks ein uneingelöstes Versprechen. (HOCK, 2012, p. 288)

If there is a drive in psychic life that aims at death as its final purpose, that is, as its goal (*Ziel*), and if this goal, if we think in the light of the 1915 text, is achieved through the object and, subsequently, with the entry of the drive, through its representatives, into the representational field, here we have a problem that underlies the passage from one dualism to another in the Freudian discourse on drives: how can we conceive of achieving this goal if the death drive does not gain psychic representation and if death is not capable of being represented? And what's more, how can we think of the relationship between such a category of drives and the emergence of an organized instance in the psyche? These are the questions that will guide the final moments of this work, for which we hope to at least outline possible interpretative paths.

With the introduction of his second dualism, the question of what ultimately sets the psychic apparatus in motion becomes even more complex, in our view. This complication is due to the fact that, from this moment on, Freud seems to assume the existence of a drive

without representation, without the element that configures its entry into the psychic sphere. With this in mind, that the death drive, named in *Jenseits des Lustprinzips*, is characterized by the absence of representation, that is, it doesn't find expression in the element that makes it possible for the drive to enter the psychic field, albeit always indirectly and derivatively, a problem is posed about the ultimate foundation and origin of the psychic apparatus, as well as its subsequent differentiation into instances. We don't have to go far from the text to see that this problem is in fact posed textually in close connection with the new conceptualization of the drive, if we take into account the speculation developed by Freud in his 1920 text about the heuristic fiction of the living being in its simplest form, the undifferentiated vesicle, and its subsequent differentiation. In these considerations, we are giving primacy here to the ideal representative (*Vorstellung*) that makes up the drive representative, as we understand that the problem of the possibility or impossibility of the affective representative would be a separate discussion. Even so, in the discussion of metapsychological texts we take care to refer to this important distinction that makes up the representational theory on which Freudian metapsychology is based.

That said, a guiding question arises, with the passage from the first to the second drive dualism as its anchor point: is it possible to conceive of the constitution of the "Ich" as a deviation from the realization of the drive goal *par excellence*, that is, total evacuation at the zero level of tension? This suspicion is based on the elements circumscribed so far: the problematic conceptualization of a drive whose purpose is not inscribed in the representational field and the fact that this field of inscription seems to be essential in the structuring of the psychic apparatus and in its differentiation into distinct instances.

Considering what has been outlined, the guiding thread of this paper runs through three main problems opened up by the transition from one dualism to another in Freudian theory: firstly, the understanding and demonstration of the link between drive and representation in the conception as established in his first drive dualism. Once this has been demonstrated, the problematic conceptualization of the death drive in *Jenseits des Lustprinzips* is addressed, in relation to the previous moment of his doctrine. Finally, if we think about the conception of a drive that aims to return to the inorganic and whose goal is not inscribed in the representational field, how can we think about the structuring of a psychic instance presented by Freud as a synthetic unit of representations whose appearance is late: the "Ich"? Those are the guiding lines followed in the present work.

We have seen that at one point in his theoretical construction of drives, they take on the character of something that drives the psychic in such a way that it culminates in "progress" (*Fortschritt*), as we see in *Triebe und Triebchicksale*. However, at a later point, in *Jenseits des Lustprinzips*, its *impelling* character no longer aims at "progress", but at a return (*Wiederherstellung*). In this second moment, the progress and development achieved by the psychic apparatus is conceived as due to the influences of the external world, which complicate the attainment of the drive's goal, whose *telos* is death. This observation brings us to the questions that guide this investigation.

Thus, this dissertation is structured as follows: our first two chapters will follow the construction of Freudian discourse on the concept of drive, at least in those texts that are nodal in this path, at the moment that has come to be called the first drive dualism. In the first chapter, we will begin with an analysis of the concept and the discussions surrounding it, starting with the *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, originally published in 1905, and going up to the moment immediately before the publication of the metapsychological works, stopping at the *Zur Einführung des Narzissmus*, published in 1914. In our second chapter, we will work on the texts that can be considered as Freud's attempt to formalize his first dualism: the *metapsychological works* published between 1915 and 1917, in order to make explicit, in addition to its theoretical foundation, the demarcation of its limits. These limits will culminate in the reformulation of the pillar of Freudian doctrine from the 1920s onwards, which will be the subject of our final chapters. In these final chapters, following Freud's work and some of the discussions raised by it, we will try to elaborate our analysis in an attempt to offer outlines for a possible answer to the question that guides us. This will be done through the tension between the notions of *Trieb*, *Vorstellung* and *Ich*, seeking to offer elements for a possible understanding of their intertwining.

Chapter 1 - "*Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*" and the texts of the 1910s: tracing outlines prior to the formalization of the metapsychological works

Disperse the *corpus*, deepen the fissures, thicken the disorder, there will always be something left: that's what I think a good book on epistemology always ends up suggesting. (LEBRUN, G. A *ideia de epistemologia*, in: A filosofia e sua história, 2006, p. 140)¹⁹⁸

Our first chapter seeks to outline Freud's theorizing around the concept of drive at the time of his first dualism, which will have its final formulation with the publication of the metapsychological articles in 1915 and 1917. In this journey through the texts that are essential in shaping this concept, we seek to show how the notion of representation (*Vorstellung*), understood as one of the components of the representative-representational (*Vorstellungsrepräsentanz*) of the drive, would be necessary for the demarcation of the concept of drive. Initially, in this first chapter, we will deal with this construct in two moments prior to the metapsychological articles, thus preparing the way to finally enter them. Firstly, the *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* originally published in 1905, where we will have the concept of the drive as the fundamental one (*Grundbegriff*) of Freud's work and, therefore, of the psychoanalytic knowledge he inaugurated. We will then move internally through a series of three short but dense articles published in the early years of the 1910s: *Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*, published in 1910; the third part of *Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides)* and *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*, both published in 1911. In our second chapter, we will take a closer look at the metapsychological articles published. With this path and our objective achieved, we will move on to the second moment of this work: addressing the problems arising from the 1920 definition, that is, when introducing a drive which, according to the way Freud presents it, does not seem to gain psychic inscription, at least not one of its own.

¹⁹⁸ Dispersemos os *corpus*, aprofundemos as fissuras, adensemos a desordem, sempre restará algo: é o que, me parece, um bom livro de epistemologia acaba sempre por sugerir. (LEBRUN, G. A *ideia de epistemologia*, in: A filosofia e sua história, 2006, p. 140)

The aim of this work is to carry out a reading of Freud, in an attempt to draw out certain theoretical consequences of his formulations, following the path opened up by Luiz Roberto Monzani (1989). At the end of the paper, we hope to have elements to think about possible articulations between the concepts that interest us here, especially the notion of “Ich” after the introduction of Freud's second doctrine of drives. If the “Ich” is a late acquisition in psychic life and if the drive is its most fundamental concept, we hope to be able to outline a possible answer to the question we outlined in the introduction: whether the former could, from the point of view of the latter, be thought of as a deviation. In order to do this, we believe it is necessary to take an initial look at Freud's texts, initially trying to read him in his own writing and in his own language.

1.1 *Drei Abhandlungen: Anlehnung and Gemeinsamkeit*

With the publication of the *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* in 1905, *Trieb* was formally established as a concept within Freud's work. The term appears at times before this date, for example in the *Entwurf* of 1895. However, in 1905 it takes on the role of the foundation of the psychoanalytic theory of sexuality. In fact, we see it already enunciated in the opening of the first of the essays. By analogy with hunger, taken as the model for the expression of what Freud would soon name the *drive for nourishment* (*Trieb nach Nahrungsaufnahme*), he postulated the *libido* as the correlate of the sexual:

Die Tatsache geschlechtlicher Bedürfnisse bei Mensch und Tier drückt man in der Biologie durch die Annahme eines “Geschlechtstriebes” aus. Man folgt der Analogie mit dem Trieb nach Nahrungsaufnahme, dem Hunger. Eine dem Worte “Hunger” entsprechende Bezeichnung fehlt der Volkssprache; die Wissenschaft gebraucht als solche “Libido”. (FREUD, 1905/1949, p. 33)

In order to offer a description of how this sexual drive works, it will be subjected to a process of analysis, of division into its constituent parts. At this point in the work, Freud presents this configuration as consisting of an object (*Objekt*) and a goal (*Ziel*), the latter

being defined as "the action to which the drive impels" (FREUD, 1905/2016, p. 21)¹⁹⁹. Methodologically, in order to describe the sexual drive as he sees it, Freud uses two procedures at the beginning of his essay: 1) the relationship of analogy with vital needs, represented here by hunger. This analogy works to the extent that both hunger and sexuality express needs that find their determined expressions. However, as we will see in the course of the exposition, they are of different natures. 2) The analytical process which, through division into constituent elements, makes this order of phenomena intelligible. To this end, the starting point is the establishment of sexuality as being constituted by a kind of energy of its own, the libido:

Mit dem Libidobegriff führt Freud eine dem Sexualtrieb eigene Energiegröße ein, die ihm quantitativ veränderlich und deshalb potentiell meßbar erscheint. Das heißt, sie ist der Stoff, der in den Produktionskreislauf des psychischen Apparats eingeführt wird, an dem dieser seine Arbeit (z. B. Trauer- und Traumarbeit) verrichtet und der damit verschiedene Schicksale erleidet: Triebstauungen, Triebabfuhr und Triebverschiebungen sind nicht denkbar ohne ein ihnen zugrunde liegendes Substrat. (HOCK, 2012, p. 206)

This procedure is intended to serve as a starting point for the critique of the notion of sexuality that Freud seeks to undertake throughout the first essay: something that would be absent in childhood, only appearing with puberty, and which would manifest itself in the attraction of one sex for the other (therefore heterosexual by nature), whose goal would be sexual union between the different sexes, with the genitals being the primacy par excellence. Through the division proposed at the outset, Freud argues that between the supposedly "normal" object and goal there are countless variations which, not being mere accidental deviations, require further clarification. This will be the line of argument followed throughout the first essay, culminating in the properly psychoanalytic construction of the notion of sexuality. Starting with the deviations from the object, Freud begins his discussion with the problem of *inversion*, which was then in vogue, in order to question the supposed validity of the heterosexual norm when it came to human sexuality.

¹⁹⁹ "heissen wir die Person, von welcher die geschlechtliche Anziehung ausgeht, das Sexualobjekt, die Handlung, nach welcher der Trieb drängt, das Sexualziel [...]" (FREUD, 1905/1942, p. 34)

The beginning of the first essay sets out to establish the problems that underlie the theory of degeneration at the time in the conception of the so-called deviations of sexual function. This will serve as a counterpoint to the supposed instinctual basis of human sexuality, by establishing the contingent nature of its object. In the first essay, Freud operates a kind of dismantling of the notion of sexuality constructed by the physiology of his time, as Soria points out (2012, p. 73):

What he wants is to deal a fatal blow to the notion of sexuality carefully constructed by 19th century science: an innate disposition, organized under a determined biological purpose (reproduction, and therefore heterosexual and genital) and which would erupt at an appropriate time (puberty). (SORIA, 2012, p. 73)²⁰⁰

This procedure can be exemplified in Freud's demonstration of the insufficiency of the *innate vs. acquired* opposition as an explanatory factor for the problem of object choice; any of the possible choices, whether considered normal or their supposed deviations, need to be better understood. In fact, Freud seems to affirm his distance from certain biological conceptions in the prologue that opens the third edition of the work, dated October 1914, at the end of which we read the following statement:

Neben der durchgängigen Abhängigkeit von der psychoanalytischen Forschung muss ich die vorsätzliche Unabhängigkeit von der biologischen Forschung als Charakter dieser meiner Arbeit hervorheben. Ich habe es sorgfältig vermieden, wissenschaftliche Erwartungen aus der allgemeinen Sexualbiologie oder aus der spezieller Tierarten in das Studium einzutragen, welches uns an der Sexualfunktion des Menschen durch die Technik der Psychoanalyse ermöglicht wird. (FREUD, 1905 [1914]/1942, p. 30)

If Freud opens the essay by presenting the libido as an expression of the sexual, establishing this domain of phenomena in analogy with nutrition, he very quickly points out

²⁰⁰ O que ele pretende é dar um golpe fatal na noção de sexualidade cuidadosamente construída pela ciência do século XIX: uma disposição inata, organizada sob um propósito biológico determinado (a reprodução e, portanto, heterossexual e genital) e que irromperia em uma época apropriada (a puberdade). (SORIA, 2012, p. 73)

that these are different orders of phenomena: sexuality does not allow itself to be explained by a specific biological goal. Fonseca (2012), for example, will understand that:

In this text [*Three Essays...*], Freud dissociates human sexuality from the supposedly privileged target of biology: reproductive genitality. This is only a relative norm, possible or plausible, which depends on the process of development of sexuality itself. (FONSECA, 2012, p. 21)²⁰¹

In the text, not by chance, the goal of sexuality will be presented in a generic way as a strive for satisfaction, in other words, there is no strictly demarcated purpose. In fact, Freud seeks to demonstrate to his reader that attempts to establish such a goal have been, if not unsuccessful, at least insufficient. Thus, in 1915, we have the following note added to the work, which attests to the fact that, from the Freudian point of view, there is no obvious object link when it comes to human sexuality: “Im Sinne der Psychoanalyse ist also auch das ausschließliche sexuelle Interesse des Mannes für das Weib ein der Aufklärung bedürftiges Problem und keine Selbstverständlichkeit [...]” (FREUD, 1905 [1915]/1942, p. 44). The object is thus seen as contingent, necessary but not present from the beginning, and therefore not original:

Die Erfahrung an den für abnorm gehaltenen Fällen lehrt uns, daß hier zwischen Sexualtrieb und Sexualobjekt eine Verlötung vorliegt, die wir bei der Gleichförmigkeit der normalen Gestaltung, wo der Trieb das Objekt mitzubringen scheint, in Gefahr sind zu übersehen. Wir werden so angewiesen, die Verknüpfung zwischen Trieb und Objekt in unseren Gedanken zu lockern. Der Geschlechtstrieb ist wahrscheinlich zunächst unabhängig von seinem Objekt und verdankt wohl auch nicht den Reizen desselben seine Entstehung. (FREUD, 1905/1942, p. 46-47)

So let's deal with the thesis that we see outlined in these passages. The object of the sexual drive is not originally contained within it; it only appears as such later. This is for two

²⁰¹ Nesse texto [*Três ensaios...*], Freud dissocia a sexualidade humana do suposto alvo privilegiado da biologia: genitalidade reprodutiva. Esta é uma norma apenas relativa, possível ou plausível, que depende do processo de desenvolvimento da própria sexualidade. (FONSECA, 2012, p. 21)

reasons: the autoerotic nature of partial sexual drives and their later independence from the functions that serve to preserve life. Hunger, the other drive model, does not allow for too much variation in the choice of its object of satisfaction. In this case, the object to which it is possible to establish a connection must satisfy biologically conditioned needs. These needs respond to the maintenance and preservation of life in the organism. We talk about the organism here, with regard to this second class of drives, because we understand that these are needs that go beyond the human psychic sphere, as Freud presents it to us. Later, in texts that would make up the framework of the second drive dualism, this notion would become more relevant in Freudian thought, as we will see in *Jenseits des Lustprinzips* and especially in *Das ökonomische Problem des Masochismus*. Based on the model of nourishing food, hunger "attaches itself much more strongly to its object" (FREUD, 1905/2016, p. 39)²⁰².

In this first essay, Freud defines the other component of the sexual drive, its *goal* (*Ziel*), as the action or activity to which the drive is directed in order to satisfy itself, an action that is directed towards the object. At the opening of the second section of the essay, which is precisely intended to deal with the problem of "deviations" from the sexual goal, we have important conclusions concerning our research problem. Once again, we see the difficulty of demarcating a static and invariable goal. The psychic factor is evoked to the extent that, given the various possible variations in relation to the goal, "precisely in the most abominable perversions we must recognize that the psychic participation in the transformation of the sexual drive is greater" (FREUD, 1905/2016, p. 57)²⁰³. The psychic factor would show itself most clearly in the exaggerations observed in the perverse choices of objects and goals for sexual satisfaction. However, this exaggeration denounces the presence of the psychic factor as a constituent of the ways in which the sexual drive will constitute its goal and object.

After these considerations, we finally arrive at the first somewhat synthetic definition of the concept considered by Freud to be the foundation, albeit an obscure one:

Unter einem "Trieb" können wir zunächst nichts anderes verstehen als die psychische Repräsentanz einer kontinuierlich fließenden, innersomatischen Reizquelle, zum Unterschiede vom "Reiz", der durch vereinzelte und von außen kommende Erregungen

²⁰² Immerhin wirft es ein Licht auf die Natur des Geschlechtstriebes, daß er so viel Variation und solche Herabsetzung seines Objektes zuläßt, was der Hunger, der sein Objekt weit energischer festhält, nur im äußersten Falle gestatten würde. (FREUD, 1905/1942, p. 47)

²⁰³ "Vielleicht gerade bei den abscheulichsten Perversionen muß man die ausgiebigste psychische Beteiligung zur Umwandlung des Sexualtriebes anerkenne." (FREUD, 1905/1942, p. 61)

hergestellt wird. Trieb ist so einer der Begriffe der Abgrenzung des Seelischen vom Körperlichen. Die einfachste und nächstliegende Annahme über die Natur der Triebe wäre, dass sie an sich keine Qualität besitzen, sondern nur als Masse von Arbeitsanforderung für das Seelenleben in Betracht kommen. Was die Triebe voneinander unterscheidet und mit spezifischen Eigenschaften ausstattet, ist deren Beziehung zu ihren somatischen Quellen und ihren Zielen. Die Quelle des Triebes ist ein erregender Vorgang in einem Organ und das nächste Ziel des Triebes liegt in der Aufhebung dieses Organreizes. (FREUD, 1905[1915]/1942, p. 67)

Before commenting on the components of the definition, it seems relevant at this point to point out that, according to Strachey's indications, this part of the paragraph was only added by Freud in 1915, in the third edition of this work. The same year, therefore, of the publication of the metapsychological article dedicated to the circumscription of the concept: *Triebe und Triebchicksale*, which opens the so-called *Works on metapsychology*. If in 1905 we have an attempt at conceptualization, its formulation is not yet finalized, and it will undergo processes of addition throughout the successive editions of the work. These additions will culminate in the publication of the metapsychological texts in 1915.

The definition is quite extensive compared to the first one in the first edition of the essays, at the very beginning of the first one. Here we have new elements and another way of presenting those already named: object and goal. The definition starts from a negation: the drive is not simply a stimulus. And this for two reasons: firstly, the stimulus, like the drive, is an excitation, but one that presents itself in a unique way. On the other hand, the drive stimulus (*triebhaft*) is characterized by constant flow. Secondly, but no less importantly, we have a demarcation in terms of origin: the stimulus comes from outside, from the external world, and the drive has its source located within the organism.

A brief parenthesis can be on purpose here in order to clarify the definition given above. Not every stimulus of endogenous origin should be confused with a drive. In order to understand this distinction, we can turn here, in a somewhat strategic but justified way, to a Freudian text which, although not published during his lifetime, was later the subject of

extensive debate: the *Entwurf einer Psychologie*), written in 1895²⁰⁴. In the first part of the manuscript we can read as follows:

Was wir von den *endogenen* Reizen wissen, lässt sich in der Annahme ausdrücken, dass sie interzellulärer Natur sind, kontinuierlich entstehen und nur periodisch zu psychischen Reizen werden. Die Idee einer Anhäufung ist unabweislich, und die Intermittenz der psychischen Wirkung lässt nur die Auffassung zu, dass sie auf ihrem Leitungsweg nach Ψ auf Widerstände stoßen, die erst bei Anwachsen der Quantit[ät] überwunden werden. (FREUD, 1895[1950]/1987, p. 408-409)

And just ahead, we read that "Man heisst einen solchen Vorgang: *Summation*. Die Ψ Leitungen erfüllen sich durch Summation, bis sie durchlässig werden." (FREUD, 1895[1950]/1987, p. 409). In 1905, the concept of a stimulus of internal origin as a constitutive factor of the psychic was nothing new in Freudian thought. However, at this time we see the *Trieb* gaining the status of a concept within psychoanalytic knowledge, on which Freud would base his conception of sexuality. We can turn to the 1895 manuscript, however, to extract relevant considerations in relation to the distinction added in 1915: not every endogenous stimulus will constitute a drive. For it to be possible for a given stimulus to become a drive, a certain level of stimulation (which Freud calls *Quantität* in the *Entwurf*...) must be reached. In the *Entwurf*... we read that certain stimuli, being able to exceed a certain level of excitation, begin to impose themselves on the psychic, so that a motor action is required. We can say that the psychic has to defend itself against the stimulus that hits it, aiming to reduce the level of this stimulation as much as possible. However, after this reduction, a stimulatory process takes place again. So that we have the character of constancy that characterizes the drive mechanism for Freud, as is clear from the exposition elaborated in the first session of the posthumous manuscript that is the subject of this brief parenthesis. Thus, the manuscript helps us to understand that if the drive is a stimulus of internal origin, not every internal stimulus is, however, a drive.

Now Freud introduces, with special emphasis, another component of the drive: its *source* (*Quelle*), a process of excitation internal to the organism, and its imposing character,

²⁰⁴ As an excellent example of current work that seeks to shed light on certain obscurities in this text, we recommend the work in progress by Simanke (2023), *A fundação da psicanálise: Uma análise do Projeto de uma psicologia de Freud*.

characterized as a demand for work imposed on the psychic. Here we have the four essential components of the drive: object, goal, source and its urge (*Drang*). The definition places it as a crossing between the dimensions of the body and the psyche. It is not simply a stimulus, but a “*psychische Repräsentanz*” of it, i.e. there must be a psychic delegation for it to be constituted as such. We find authors, such as Almeida (2019, p. 183), who try to argue that in certain operative terms of Freudian metapsychology, including the drive, Freud is referring to "mental entities, and not properly to neurophysiological processes"²⁰⁵. Reading the Freudian text, we would not say that there is no physiological basis for the drive, as is clear from Freud's insistence on demarcating the importance of the source of the drive as its somatic moment. In fact, the source does not determine it in terms of its destiny, but is an element irreducible to the psychic, as will become clearer as we progress through the texts. Soria (2019) says that:

The "somatic processes in an organ or part of the body" (such as hunger for the digestive system) are represented in the psyche without consciousness being aware of their nature (*Natur*), be it chemical, mechanical or of any other kind. For the purposes of psychological research, knowledge of the sources (*Quelle*) of somatic stimulation is by no means necessary. Freud even states that the search for such knowledge should be removed from the field of psychoanalysis, even though the source of psychic stimulation is absolutely decisive for soul life. (SORIA, 2019, p. 194)²⁰⁶

The fact that the definition is presented at the end of the first essay, right after the process of dismantling the theories that defended an innate foundation for sexuality, should not go unnoticed. Wasn't this part of Freud's effort to dismantle the aforementioned innate foundations, establishing, on the other hand, a *drive foundation (triebhaft)*? Considering the volume of discussion in the first essay, we believe it is possible to at least indicate such a possible interpretation. And here we align ourselves with Monzani's reading (1989, p. 29):

²⁰⁵ “entidades mentais, e não propriamente a processos neurofisiológicos” (Almeida, 2019, p. 183).

²⁰⁶ Os “processos somáticos em um órgão ou parte do corpo” (tal como a fome para o aparelho digestivo) são representados no psiquismo sem que a consciência tenha notícia de sua natureza (*Natur*), seja ela química, mecânica ou de qualquer outro tipo. Para os fins da investigação psicológica, não é de modo algum necessário o conhecimento das fontes (*Quelle*) de estimulação somática. Freud afirma inclusive que a busca de tal conhecimento deve até mesmo ser afastada do campo de atuação da psicanálise, ainda que a fonte de estimulação psíquica seja absolutamente decisiva para a vida anímica. (SORIA, 2019, p. 194)

precisely the instinctual character of the sexual is the point of attack here, because this character would imply that sexuality would analytically contain within itself the object to which it is directed, "as a kind of pre-existing behavior" (MONZANI, 1989, p. 29)²⁰⁷.

If sexuality is *triebhaft* and not instinctual, the generic nature of its goal is a necessary conclusion: satisfaction through the object. It is necessary for the drive to establish itself beyond the somatic dimension, so that its outflow circuit can be constituted. If its object is not previously inscribed from the moment the drive springs from its somatic source, it must therefore be psychically constructed. For this to happen, the first anchoring point must be the mark of an initial experience of satisfaction. Through this first mark, the first mnemonic trace of the object is inscribed, which later, through its re-occupation, will constitute an object representation (*Objektvorstellung*). From then on, the object is there as a psychically inscribed representation²⁰⁸.

If we take into account Hanns' (1999) accurate semantic analysis of the difference in meaning between the terms *Trieb* and *Instinkt* in the German language, we have arguments in favor of the reading outlined here. According to the author, in relation to the semantic core of these terms, there is a difference that touches precisely on the determination or indeterminacy of the object as a distinctive element:

In general, *Trieb* encompasses *the entire arc* that begins at the origin as the General Impelling Force of Living Beings and ends as the Impulse or Tendency of the Individual, while *Instinkt* refers primarily to the manifestation of this Force in the *species* as a Tendency of Behavior Directed towards Determined Activities and Objects (HANNNS, 1999, p. 34-5)²⁰⁹

²⁰⁷ "como uma espécie de comportamento preexistente" (MONZANI, 1989, p. 29)

²⁰⁸ This point will be taken up and clarified in more detail in the next chapter, in the discussion of how the formation of a representation is understood from the metapsychological articles. At this point in the discussion, based on the text in question, what we want to emphasize is this first point of departure in understanding the psychic inscription of the drive: the fact that it doesn't analytically bring its object from its inception implies that it must be found or constructed. Disengaging from the object is a first step towards sustaining this understanding.

²⁰⁹ Em geral, o *Trieb* abarca *todo o arco* que se inicia na origem como Força Impelente Geral dos Seres Vivos e desemboca como Impulso ou Tendência do Indivíduo, enquanto *Instinkt* se refere primordialmente à manifestação dessa Força na *espécie* como Tendência de Comportamento Dirigido a Atividades e Objetos Determinados. (HANNNS, 1999, p. 34-5)

Fonseca (2012, p. 122; p. 136) also points out that the difference between *Trieb* and instinct is demarcated by the determination of the object in the latter and its indeterminacy in the former. In the conclusion of his work, he also points to another important demarcation: "of what constitutes the specificity of the concept of impulse in relation to that of instinct, that is, the possibility of psychic displacement between representations and what this means in terms of psychic activity, practical behavior and interaction between individuals and social groups" (FONSECA, 2012, p. 295)²¹⁰. The variability of the object is the result of psychic displacement between representations, in other words, it is part of the destinies of the drive. And this constitutes the object as intrinsically linked to the psychic, through the representations that represent it.

While in the first essay we see a dismantling taking shape along the lines we have been commenting on so far, in the second and third, the construction of the properly psychoanalytic notion of human sexuality is set in motion. As already mentioned, the concept of *Trieb* will be the basic foundation of this construction.

Throughout Freud's work, we see the intention to substantiate a dualism with regard to his drive doctrine (*Trieblehre*). Freud maintains that there are two major classes of drive operating in psychic life, which can be distinguished from each other. At the beginning of our presentation, we saw that the sexual drive is taken in analogy to what was initially named the *drive for nutrition* (*Trieb nach Nahrungsaufnahme*). From the outset, both classes of drive, although distinct, are not, however, distinguishable. This differentiation between "distinct" and "distinguishable" will be very important in the course of our argument, especially when we deal, later in this chapter, with the problem of narcissism and, in the third chapter, with the second Freudian drive dualism.

Taking this drive for nutrition as another constituent element of the dualism that is outlined here, we will have established the following relationship: the sexual drives are

²¹⁰ “daquilo que constitui a especificidade do conceito de impulso em relação ao de instinto, isto é, a possibilidade de deslocamento psíquico entre representações e o que isso significa em termos de atividade psíquica, de comportamento prático e de interação entre indivíduos e grupos sociais” (FONSECA, 2012, p. 295)

initially linked in such a way to the others, constituting with them a relationship of support (*Anlehnung*). According to Limongi (1994, p. 87), in an analysis of the different versions of the text in question, the notion of *Anlehnung* gained greater conceptual relevance with the 1915 edition, although it had already been present since the first version of the text.

Although Freud does not fail to mention that a dualistic conception is the core notion of his doctrine, we don't see a systematic effort to define or fill in the content of this other drive category. This characteristic is pointed out, for example, by Razinsky (2013), according to whom:

The theory concerning ego instincts, of which self-preservation is one, was revised several times in Freud's work. In none of the versions was self-preservation given serious consideration. While in the beginning, the ego instincts were identified with the need for self-preservation, hunger being the prototype of such an instinct, they were severely neglected in comparison to the sexual instincts, their counterpart. (RAZINSKY, 2013, p. 25)

We can bring here three moments, taken from the second essay, in which certain components of this other class of drives are mentioned, in order to then comment on the relationships established between the two at this point:

Das Ludein oder Lutschen, das schon beim Säugling auftritt und bis in die Jahre der Reife fortgesetzt werden oder sich durchs ganze Leben erhalten kann, besteht in einer rhythmisch wiederholten saugenden Berührung mit dem Munde (den Lippen), wobei der Zweck der Nahrungsaufnahme ausgeschlossen ist. (FREUD, 1905/1942, p. 80)

Anfangs war wohl die Befriedigung der erogenen Zone mit der Befriedigung des Nahrungsbedürfnisses vergesellschaftet. Die Sexualbetätigung lehnt sich zunächst an eine der zur Lebenserhaltung dienenden Funktionen an und macht sich erst später von ihr selbständig. (FREUD, 1905[1915]/1942, p. 82)

Am Lutschen oder Wonnesaugen haben wir bereits die drei wesentlichen Charaktere einer infantilen Sexualäusserung bemerken können. Dieselbe entsteht in Anlehnung an eine der lebenswichtigen Körperfunktionen, sie kennt noch kein Sexualobjekt, ist autoerotisch, und ihr Sexualziel steht unter der Herrschaft einer erogenen Zone. Nehmen wir vorweg, dass diese Charaktere auch für die meisten anderen Betätigungen der infantilen Sexualtriebe gelten. (FREUD, 1905/1942, p. 83)

Sexuality has its beginnings supported by the functions that serve to preserve life, those that have hunger and nutrition as their model. However, despite this initial *support* sexuality will become independent due to its different nature. In an attempt to fill the other class of drives with a certain content, based on the elements we have so far, we can understand that it will have the mouth as its privileged organ of access to satisfaction.

Initially, the sexual drives, due to this support, will have as their object of satisfaction those same ones that come to satisfy the needs of the other class of drives. However, concomitant with the satisfaction of hunger, there is also a satisfaction of a different kind, which is expressed in the repetition of the act that satisfies both: sucking. In this way, we can see that

Freud selbst in den “Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie” von einem “Bedürfnis nach Wiederholung der sexuellen Befriedigung” spricht (G.W. V: 82; vgl. auch 85 und 89), das er “von dem Bedürfnis nach Nahrungsaufnahme” unterscheidet (ebd.). Das Auseinanderklaffen der beiden Bedürfnisformen, für die Freud ein Anlehnungsverhältnis konstatiert, markiert exakt die Stelle, an der sich die Sexualität von den lebenserhaltenden Funktionen abtrennt und ihren eigenen Bahnungen folgt. (HOCK, 2012, p. 161)

The same act is repeated, not in the sense of the search for food, but for this other pleasure, supported by the functions that serve vital maintenance. This act would be the initial manifestation of the sexual drive, the beginning of the constitution of its own paths of satisfaction. In its second moment, in which it becomes independent of the satisfaction of vital needs, it manifests itself in an autoerotic and dispersed way. In this autoerotic moment, a

part of the body itself is taken as the object of satisfaction, the same part from which the need arises, so that we have a mixture of *source* and *object* of the drive:

Nun wird das Bedürfnis nach Wiederholung der sexuellen Befriedigung von dem Bedürfnis nach Nahrungsaufnahme getrennt [...]. Eines fremden Objektes bedient sich das Kind zum Saugen nicht, sondern lieber einer eigenen Hautstelle, weil diese ihm bequemer ist, weil es sich so von der Außenwelt unabhängig macht, die es zu beherrschen noch nicht vermag [...]. (FREUD, 1905/1942, p. 82-83)

From the moment of separation of the two orders of satisfaction onwards, another circuit will be set up for sexual arousal, a *supplementary* circuit to the biological one, since the act of sucking does not respond to a biological need (MONZANI, 2005, p. 125). Another order of needs arises and, due to the initial moment, in which the same organ serves to satisfy both, a phenomenon called *reciprocal influence* (*Gemeinsamkeit*)²¹¹ by Freud takes place. We can understand this as a kind of dispute between the two for those regions of the body that were able to provide the desired satisfaction (FREUD, 1905/1992, p. 187). These partial and dispersed drives are never completely ordered, so their traces will be present throughout libidinal development:

[...] the infantile Partial *Triebe* acts in adulthood to provide preliminary pleasure subordinate to genital sexuality. These *Partialtriebe*, also present in adult sexuality, demonstrate that reproductive genitality is not even necessary from the point of view of the organization of libido, as in the case of fetishism or sodomy. (FONSECA, 2012, p. 46)²¹²

²¹¹ We chose this compound translation because we believe it best denotes the process that Freud is describing here. Other options consulted were *similarity*, *double destination* (option adopted by Paulo César de Souza) and *reciprocal action* (option adopted by the translators of the Amorrortu edition to Spanish). This is a phenomenon in which the same part or set of parts of the body are taken as means of access to satisfaction for both kinds of drives: those that serve to maintain the organism and those that serve to gain sexual pleasure. In this way, there is a reciprocity in the control of the part of the body in question, so that, from this part, both drives can exert a mutual influence on each other. This process can be exemplified, for example, in the use of the mouth both as an organ for accessing food and for the pleasure extracted from sucking. This is the ability of both drives to reciprocally influence the same part of the body.

²¹² [...] os *Triebe* parciais infantis atuam na idade adulta proporcionando prazer preliminar subordinado à sexualidade genital. Esses *Partialtriebe*, também presentes na sexualidade adulta, demonstram que a genitabilidade reprodutiva não é sequer necessária do ponto de vista da organização da libido, como caso do fetichismo, ou da sodomia. (FONSECA, 2012, p. 46)

With these indications, we can now move on to 1910, the year in which the term “*Ichtriebe*” is used for the first time in Freud's published work, in the short article *Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*, where we read that:

Wir sind auf die Bedeutung der Triebe für das Vorstellungsleben aufmerksam geworden; wir haben erfahren, dass sich jeder Trieb durch die Belebung der zu seinen Zielen passenden Vorstellungen zur Geltung zu bringen sucht. Diese Triebe vertragen sich nicht immer miteinander; sie geraten häufig in einen Konflikt der Interessen; die Gegensätze der Vorstellung sind nur der Ausdruck der Kämpfe zwischen den einzelnen Trieben. Von ganz besonderer Bedeutung für unseren Erklärungsversuch ist der unleugbare Gegensatz zwischen den Trieben, welche der Sexualität, der Gewinnung sexueller Lust, dienen, und den anderen, welche die Selbsterhaltung des Individuums zum Ziele haben, den Ichtrieben. (FREUD, 1910/1943, p. 97-98)

From this brief paragraph onwards, the *Ichtriebe* became part of the frame of reference for drive dualism, encompassing what in 1905 was called the drive for nutrition. At this point, Freud emphasizes the link between these drives and the representational field: if both drives come into conflict, this conflict finds expression precisely through the representational field.

The drive begins as a stimulus (*Reiz*), whose source (*Quelle*) is an organic process internal to the organism. This stimulation, through its accumulation, imposes a demand for work on the psyche, with a view to a goal (*Ziel*), which consists of satisfaction (*Befriedigung*). They are therefore presented as a state of tension which, in order to cease, requires an activity to be carried out in the direction of what makes it possible to achieve its goal, which is called the object (*Objekt*).

However, we can't ignore the fact that there is a difference between the two classes of drive, which is precisely the configuration of the outflow circuit that makes them up. This

demarcate aspect will be circumscribed by Freud in his also brief but enlightening article of 1911: *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*. Since they are what mobilize and set the psyche in motion, Freud points to an original state of rest in the psyche that "was initially disturbed by the imperious demands of internal needs" (FREUD, 1911/2010, p. 111)²¹³. In the psyche, there was primarily a state of rest, which had to be abandoned precisely because of the emergence of these internal needs. For Freud, the soul processes (*seelischen Vorgängen*) are primarily unconscious: "Wir halten diese für die älteren, primären, für Überreste aus einer Entwicklungsphase, in welcher sie die einzige Art von seelischen Vorgänge waren." (FREUD, 1911/1943, p. 231). For purely schematic and explanatory criteria, we could draw a line that begins in the organic, passes through unconscious psychic processes and reaches, in some cases, consciousness. In this line, with the elements we have so far, consciousness would arise from the need to take the outside world into account in order to satisfy those needs internal to the organism that reach the psyche. Thus, "the imperative and contingent forces of effectiveness need to be regulated by the soul or psychic apparatus (*Seelischer / Psychischer Apparat*) in order to facilitate the recognition of favorable and unfavorable objects." (FONSECA, 2012, p. 73, emphasis in original)²¹⁴. Effectiveness then needed to be apprehended in perceptions:

Die erhöhte Bedeutung der äußeren Realität hob auch die Bedeutung der jener Außenwelt zugewendeten Sinnesorgane und des an sie geknüpften Bewußtseins, welches außer den bisher allein interessanten Lust- und Unlustqualitäten die Sinnesqualitäten, auffassen lernte. (FREUD, 1911/1943, p. 232)

Through the process of psychic inscription of drives, in the configuration of their outflow circuit, the differentiation between sexual drives and the *Ichtriebe* will be established. This happens in the following sense: the latter, in view of the objective of keeping the organism alive, have to submit much earlier to reality, replacing the functioning governed by the pleasure principle with that of reality. The former, due to their autoerotic moment, only

²¹³ "der psychische Ruhezustand anfänglich durch die gebieterischen Forderungen der inneren Bedürfnisse gestört wurde." (FREUD, 1911/1943, p. 231)

²¹⁴ "as forças imperiosas e contingenciais da efetividade precisam ser reguladas pelo aparelho anímico ou psíquico (*Seelischer / Psychischer Apparat*) para facilitar o reconhecimento de objetos favoráveis e desfavoráveis." (FONSECA, 2012, p. 73, destaques no original).

have to make this substitution later. Given the importance given to this differentiation, it is worth quoting the author at greater length, who writes in point 3 of the text in question:

Während aber diese Entwicklung an den Ichtrieben vor sich geht, lösen sich die Sexualtriebe in sehr bedeutsamer Weise von ihnen ab. Die Sexualtriebe benehmen sich zunächst autoerotisch, sie finden ihre Befriedigung am eigenen Leib und gelangen daher nicht in die Situation der Versagung, welche die Einsetzung des Realitätsprinzips erzwungen hat. Wenn dann später bei ihnen der Prozess der Objektfindung beginnt, erfährt er alsbald eine lange Unterbrechung durch die Latenzzeit, welche die Sexualentwicklung bis zur Pubertät verzögert. Diese beiden Momente – Autoerotismus und Latenzperiode – haben zur Folge, dass der Sexualtrieb in seiner psychische Ausbildung aufgehalten wird und weit länger unter der Herrschaft des Lustprinzips verbleibt, welcher er sich bei vielen Personen überhaupt niemals zu entziehen vermag. (FREUD, 1911/1943, p. 234-235)

And in item 7, we read Freud postulate the different paths taken in his development in relation to the consideration of reality. The substitution of the pleasure principle for the reality principle will take place in a more imperative way in relation to the demands related to the *Ichtriebe*, given that their satisfaction needs to be met through objects that come from the outside world. Therefore:

Während das Ich die Umwandlung vom Lust-Ich zum Real-Ich durchmacht, erfahren die Sexualtriebe jene Veränderungen, die sie vom anfänglichen Autoerotismus durch verschiedene Zwischenphasen zur Objektliebe im Dienste der Fortpflanzungsfunktion führen. [...] Die noch nicht studierten zeitlichen Charaktere der beiden Entwicklungen, deren mögliche Verschiebung gegeneinander, kommen so zu unvermuteter Bedeutung. (FREUD, 1911/1943, p. 237)

We can therefore see the consequences of the different paths taken by each of the drives in their development. While the ones whose objective is the self-preservation of the organism have to take the external world into account much earlier, due to the nature of their object, the sexual drives, as we have seen, have their initial mode of satisfaction in

autoeroticism, which means having their object in the body itself, so that the external world only has to be taken into account later.

1.2 The Schreber case: the preponderance of clinical discussions in the reformulation of the drive doctrine

A veces pienso que tú no estás loco, dijo mi hija. No estoy loco, dije yo, sólo confundido. Pero la confusión te dura desde hace mucho, dijo mi hija. El tiempo es una ilusión, dije yo y pensé en gente que hacía mucho que no había visto e incluso en gente que no había visto nunca. (Roberto Bolaño, *Los detectives salvajes*, p. 451)

As we are dealing right now with formulations from 1911, we can now move on to the next text, guided by our questions: the theoretical considerations of the "Schreber case". This movement has methodological justification, since we see in this text what will be understood by Freud a few years later, in 1914, as a new step in the construction of his drive doctrine. This new step, which falls within the moment of the first dualism, but heralds the elaboration of the second, is the elaboration of the concept of narcissism. Here we are taking a diachronic look at the moments in the development of Freud's drive doctrine. It's important to say from the outset that, as we'll see below, narcissism will be understood as an intermediate stage between autoeroticism and object choice. Therefore, it interests us here as a moment in the elaborations around the relations between drive and object.

As we will see in the 1914 text, the introduction of this concept is understood by Freud as a third step in his theory of the libido and, consequently, in his drive doctrine. Although this text is sometimes placed within the metapsychological articles, as Garcia-Roza (2008) does, the reason for not dealing with it in the chapter dedicated to those articles is that Freud himself does not mention it when naming the articles that make up this series in the *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*. For this reason, we understand here the

elaboration of this concept, with its insertion into psychoanalytic theory, as an antecedent to the metapsychological texts. As Aires (2019, p. 135) points out:

If, on the one hand, the metapsychology articles systematized the knowledge produced until then, "aiming at a summary and preparing a review", on the other hand, they clearly indicated the theoretical limits found by Freud. (AIRES, 2019, p. 135)²¹⁵

We understand the text on narcissism, within this frame of reference, as an indicator of the aforementioned theoretical limits found by Freud, which the author quoted above highlights. That said, the present moment of Freudian theorizing interests us as a moment in the elaboration of the drive doctrine. We insist on this point here because it is a text extremely rich in conceptual elaboration and very important for other problems concerning Freudian theory, such as the elaboration of a theory on psychoses, for example, which will not be on the scope of our study here.

Narcissism is mobilized in the face of two orders of problems: firstly, the transition from autoeroticism to object choice, in such a way as to occupy an intermediate position in this plot:

Es besteht darin, dass das in der Entwicklung begriffene Individuum, welches seine autoerotisch arbeitenden Sexualtriebe zu einer Einheit zusammenfasst, um ein Liebesobjekt zu gewinnen, zunächst sich selbst, seinen eigenen Körper zum Liebesobjekt nimmt, ehe es von diesem zur Objektwahl einer fremden Person übergeht. (FREUD, 1911/1943, p. 297)

In this passage, it is understood that narcissism is constituted through the unification of the initially autoerotic sexual drives. This unification would take place through the sharing of the same object of investment: the "I". Freud has to deal with this because of certain symptoms that are manifested in the paranoid condition: a relative disregard for the external world and its objects, accompanied by an excessive investment of the "I", which culminates

²¹⁵ Se, por um lado, os artigos de metapsicologia sistematizavam o conhecimento produzido até então, "visando uma sùmula e preparando uma revisãõ", por outro, indicavam claramente os limites teóricos encontrados por Freud. (AIRES, 2019, p. 135)

in the development of a delusion of grandeur (*Größenwahn*). When discussing the process of symptom formation, Freud concluded that:

Der Kranke hat den Personen seiner Umgebung und der Außenwelt überhaupt die Libidobesetzung entzogen, die ihnen bisher zugewendet war; damit ist alles für ihn gleichgültig und beziehungslos geworden und muss durch eine sekundäre Rationalisierung als "hingewundert, flüchtig hingemacht" erklärt werden. Der Weltuntergang ist die Projektion dieser innerlichen Katastrophe; seine subjektive Welt ist untergegangen, seitdem er ihr seine Liebe entzogen hat. (FREUD, 1911/1943, p. 307)

The mechanism of construction of the paranoid symptom involves disinvestment from the external world, not only from libidinal occupations, but also "vielleicht nicht nur die Libidobesetzung, sondern das Interesse überhaupt, also auch die vom Ich ausgehenden Besetzungen (FREUD, 1911/1943, p. 307)", as Freud adds in a note. It's interesting to note that we see in the text both the assumption of the phenomenon of the "I" as the object of libidinal investment, and also the existence of another kind of investment energy of a non-sexual nature, called *interest*.

The process of libidinal disinvestment can take different paths, but the one that will be especially characteristic of the destination taken in the analyzed case consists of its return to the "I" and its consequent use for its aggrandizement. Opposed to this would be the destination taken in the case of neuroses, which would consist of using the investment withdrawn from the object for the investment of fantasies²¹⁶. If the withdrawal of libidinal occupations from the external world is obvious, with regard to the other order of investment, those of interest, the same cannot be said so categorically. In the note we have quoted, Freud mentions the possibility of this disinvestment, but in the course of the discussion we come across the consideration that for them a total withdrawal from the external world would be somewhat problematic to assume. We can derive this from their distinctive characteristic of greater attachment to the external world, which we have seen developed in the discussion of

²¹⁶ "If neurosis is presented as a solution, as a direction of the narcissistic libidinal charge, which promotes the replacement of reality by fantasy, maintaining the erotic relationship with people and things, psychosis, in turn, is thought of as a disconnection from libidinal investment." (AIRES, 2019, p. 136)

"Se a neurose é apresentada como solução, como um direcionamento da carga libidinal narcísica, que promove a substituição da realidade pela fantasia, mantendo a relação erótica com pessoas e coisas, a psicose, por sua vez, é pensada como desligamento do investimento libidinal." (AIRES, 2019, p. 136)

previous texts, in other words, their lesser malleability with regard to object choice. As a result, the loss of the link with the outside world doesn't happen completely, but this outside world still imposes its impressions on the patient through the investments coming from the *Ichtriebe*. And he has to deal with them, somehow making them fit into the construction of his delirium:

Er nimmt die Außenwelt wahr, er gibt sich Rechenschaft über ihre Veränderungen, wird durch ihren Eindruck zu Erklärungsleistungen angeregt (die "flüchtig hingemachten" Männer), und darum halte ich es für weitaus wahrscheinlicher, dass seine veränderte Relation zur Welt allein oder vorwiegend durch den Ausfall des Libidointeresses zu erklären ist. (FREUD, 1911/1943, p. 312)

We see that Freud builds his drive doctrine in an insistently dualistic way²¹⁷. If the terms of this dualism were not yet well defined in 1905, we see them nominally defined in 1910, only to be reformulated the following year. In these successive reformulations, the sovereignty of the clinical fact imposed itself on the conceptual elaboration of his theoretical framework. In Freud's analysis of the Schreber case two lines of understanding around the concept of narcissism come together: as a mechanism that plays a role in the genesis of paranoia and as a mechanism that plays a role in the genesis of male homosexuality. It was at this point in Freud's theoretical development that we can say that "narcissism was consolidated as an intermediate stage between autoeroticism and object libido" (Guimarães, 2012, p. 48)²¹⁸. In other words, we can understand it within the line of development that began in the first of the three essays, with the loosening of the relationship between the sexual drive and its object. Narcissism, then, can be seen as part of the answer to the question of how the link between drive and object occurs.

²¹⁷ "There are various forms of "dualism" in Freud: dualism of principles (pleasure principle/reality principle), topical dualism (Unconscious/Conscious), drive dualism (life drives/death drives), and we also have: primary process/secondary process, free energy/bound energy, drive/representation, sexual drives/self-preservation drives, etc." (GARCIA-ROZA, 2008, p. 275-276).

"Há várias formas de "dualismo" em Freud: dualismo de princípios (princípio de prazer/princípio de realidade), dualismo tópico (Inconsciente/consciente), dualismo pulsional (pulsões de vida/pulsões de morte), e temos ainda: processo primário/processo secundário, energia livre/energia ligada, pulsão/representação, pulsões sexuais/pulsões de autoconservação etc." (GARCIA-ROZA, 2008, p. 275-276)

²¹⁸ "o narcisismo se consolidou como estágio intermediário entre o auto-erotismo e libido objetal" (Guimarães, 2012, p. 48)

1.3 Narcissism in question: a new extension of the concept of sexuality

Following the argumentative path through texts that are nodal in the elaboration of the drive doctrine, we begin with the *Drei Abhandlungen*, passing through the brief articles on psychogenic disorders of vision and on the two principles of psychic functioning, until we reach the theoretical discussion of the Schreber case. We are now on the verge of the metapsychological articles and will enter a very dense text, but one of decisive importance in Freud's elaborations, even though it was later considered argumentatively insufficient by Freud (AIRES, 2019, p. 135)²¹⁹.

We have seen that, in the previous text, narcissism is mobilized as an explanatory factor for two main reasons: the transition from autoeroticism to object choice and the taking of the "I" as the object of libidinal investment. Narcissism is therefore understood as the moment after autoeroticism and before object investment. If it is an explanatory factor, it also requires a more elaborate foundation. This is the aim of the 1914 text "*Zur Einführung des Narzissmus*".

So far, the "I" has been presented as the place from which a certain class of drives originates and, at the same time, as the object of investment for the others, the sexual ones. However, this "I" is not a given origin, unlike the drives. The drives, whether sexual or self-preserving, are more original than the psychic instance called the "I". Their entry into the psychic apparatus takes place before the organization of any psychic instance. It will be from this entry and the interplay of determinations with the influences of the external world that this apparatus will be constituted. This entry, in turn, occurs through its representatives, which we'll see in more detail in the next chapter.

Returning to the text in question, if the "I" is not original, it must therefore undergo a process of genesis. Its genesis will take place, in view of this moment in Freudian elaboration, precisely through the organization of the then dispersed autoerotic sexual drives:

²¹⁹ "According to Peter Gay, in his correspondence, Freud states that writing the article on narcissism was unpleasant because he recognized a *serious insufficiency* in the arguments presented." (AIRES, 2019, p. 135)

"Segundo Peter Gay, em suas correspondências, Freud afirma que a escrita do artigo sobre o narcisismo foi desagradável pelo reconhecimento de uma *séria insuficiência* nos argumentos apresentados." (AIRES, 2019, p. 135)

Es ist eine notwendige Annahme, dass eine dem Ich vergleichbare Einheit nicht von Anfang an im Individuum vorhanden ist; das Ich muss entwickelt werden. Die autoerotischen Triebe sind aber uranfänglich; es muss also irgend etwas zum Autoerotismus hinzukommen, eine neue psychische Aktion, um den Narzissmus zu gestalten. (FREUD, 1914/1949, p. 142)

After this first moment of organization of the sexual drives, a quantitative factor comes into play to demarcate the need for external investment of the sexual drives, originally directed towards themselves and then towards the "I":

Von hier aus mag man es selbst wagen, an die Frage heranzutreten, woher denn überhaupt die Nötigung für das Seelenleben rührt, über die Grenzen des Narzissmus hinauszugehen und die Libido auf Objekte zu setzen. Die aus unserem Gedankengang abfolgende Antwort würde wiederum sagen, diese Nötigung trete ein, wenn die Ichbesetzung mit Libido ein gewisses Maß überschritten habe. (FREUD, 1914/1949, p. 151)

If there is a libido that invests the "I", this libido is, however, prior to it and departs from it towards the object by virtue of a certain accumulation that becomes unpleasant through excess. The differentiation between *object libido* (*Objektlibido*) and *Ichlibido*, which Freud makes in the article, is therefore not a difference in the nature of the energy, but only in its destination. Because of this, we find authors and research that point to the existence of a monism at this point in Freud's conception, with which, however, we are led to disagree. Guimarães (2012, p. 66-67), for example, says that in the text in question there is a dualism of a monistic nature with regard to the differentiation between the libido of the "I" and the libido of the object. In fact, they are the same energy, sexual libido, but with different investment destinations. And, for the first time in his text, the author mentions the energy of the other class of drives that Freud keeps mentioning in the article in question: interest, as the energy of the drives of the "I". However, we are led to disagree with the author when he states, in these pages, that at this point in Freudian theorizing we have a monism located between the two great dualisms and that the space occupied by the non-sexual has disappeared. Freud never abandons dualism in his text. In fact, a monist shadow hangs over the text, but *interest*, as an order of non-sexual energy, is expressly mentioned in the course of the argument. This

element even plays a central role in the conception of the construction of delirium in paranoia, one of the operators in which the conception of narcissism is articulated. The paranoid's link with reality is not completely severed precisely because of the permanence of a certain non-sexual investment in the external world, as we saw in the theoretical discussion of the Schreber case. It is precisely this influx from the external world, through this investment, that will lead to the need to reconstruct his reality, in other words, it will play a central role in the configuration of the delirium as an attempt to cure. Fonseca (2012, p. 19) is another author who points to the presence of a monist conception at certain moments of Freudian elaboration, especially with the elaborations around narcissism. With the development of his argument, however, more in line with the reading undertaken here, he points out that there is no coincidence between narcissism and other investment energies that come from the “I”:

Freud, moreover, throughout the development of his work, tended to place the *Triebe of the I*, linked to conservation, as a gradual development of the psyche, in contrast to the partial *Triebe*, originally autoerotic and unconscious. In this way, there is no coincidence between narcissism (which is the **perception of the I as a sexual object**) and the *Triebe of the I* (which represent **object investments** linked to **conservation**). (FONSECA, 2012, p. 46, emphasis in original)²²⁰

We agree that little attention is paid to conceptualizing the other class of drives, as we have already said. However, its differentiation is insistently mentioned and defended:

Endlich folgern wir für die Unterscheidung der psychischen Energien, dass sie zunächst im Zustande des Narzissmus beisammen und für unsere grobe Analyse ununterscheidbar sind, und dass es erst mit der Objektbesetzung möglich wird, eine Sexualenergie, die Libido, von einer Energie der Ichtriebe zu unterscheiden. (FREUD, 1914/1949, p. 141)

²²⁰ Freud, além disso, ao longo do desenvolvimento de sua obra, tenderá a colocar os *Triebe* do *Eu*, ligados à conservação, como um desenvolvimento gradual do psiquismo, em contraste aos *Triebe* parciais, originalmente autoeróticos e inconscientes. Desse modo, não há coincidência entre o narcisismo (que é a **percepção** do *Eu* como **objeto sexual**) e os *Triebe* do *Eu* (que representam os **investimentos de objeto** ligados à **conservação**). (FONSECA, 2012, p. 46, destaques no original).

What Freud is trying to emphasize is that these energies can be so connected that they become *indistinguishable* (*ununterscheidbar*), but they are distinct from each other nonetheless. The fact that little attention is paid to these drives does bring the so mentioned "shadow of monism" into the debate, as Freud rightly recognizes, but to say that the theory is going through a monist moment doesn't seem to us to be the case, from a textual point of view.

Halfway through the first part of the text, Freud tries to support the existence of an empirical basis for the distinction that his dualism seeks to explain, "die sich uns durch die Analyse der Übertragungsneurosen aufgedrängt hat" (FREUD, 1914/1949, p. 145). This empirical basis will be found in the clinical fact, as it presents itself in transference neurosis. Freud then proposes to extend the dualism in order to verify its applicability to the so-called narcissistic neuroses. The functioning described by the notion of narcissism will be the central operator in understanding the latter. In other words, the hypothesis of narcissism as an extension of the libido theory seemed to Freud to provide a satisfactory explanatory factor to problems arising from clinical practice, and this endorsed the hypothesis with heuristic value. Its inclusion in the theory's conceptual framework is favorable due to its explanatory capacity. Fonseca (2012, p. 76), referring to Fulgêncio (2008), points out that Freud's use of the term *Trieb*, as well as the *economic*, *dynamic* and *descriptive* notions, i.e. metapsychology, is also along these lines. Regarding the value of Freudian concepts, the author mentions that this is found in their usefulness and efficiency in making possible an understanding of the problems in face of what they are mobilized. We understand here that this can be applied to Freud's approach to narcissism at this point in his theoretical elaborations.

In the second part of the text, through a series of phenomena, we see Freud circumscribe narcissism based on certain expressions in which it is involved. On this path, we pass through organic illness, with pain as a model, through paraphrenia, until we reach the human being's love life, his object choice. As we saw in the first of the *Drei Abhandlungen...*, where Freud starts from the conceptions of human sexuality in vogue to construct the psychoanalytic notion of sexuality, anchored in the concept of *Trieb*, in the text on narcissism, we can observe a similar approach. The term narcissism, in the context of theories about sexuality, is not new, and Freud recognizes this right from the start. The first reference to the myth of Narcissus, in the context of a diagnostic problem, appears in a footnote in the text "*Le fétichisme dans l'amour*", published in 1888 by Alfred Binet. However, without yet using

the term narcissism, which would only be coined a decade later. In 1898, Havelock Ellis, in *Auto-erotism: a study of the spontaneous manifestation of the sexual impulse*, coined the term *Narcissus-like*. The following year, commenting on Ellis' point of view, Paul Näcke coined the term *Narcismus* in *Kritisches zum Kapitel der normalen und pathologischen Sexualität* (Guimarães, 2012, p. 28-29). Ellis' study is "a collection of cases and descriptions without any substantial attempt at explanation or analysis" (Guimarães, 2012, p. 24)²²¹. In all these authors from the late 19th century, the common point around the understanding of narcissism is its conception as a sign of pathological sexuality, relegated to the realm of sexual perversions.

Freud, however, did not use the term in the sense of a perversion. The mechanism that the term describes will be used here as a constituent of other clinical states, especially paraphrenias, and then elevated to the category of an essential mechanism of libidinal development in human beings in general and, in particular, in the formation of their "I".

With regard to the first manifestation, organic illness, Freud sees the special disposition of psychic energy due to the presence of pain as a phenomenon whose construction takes place in accordance with a functioning that can be described as narcissistic, more precisely the one understood as secondary narcissism. Primary narcissism consists of the unification of autoerotic drives, while secondary narcissism consists of a return of libido to the "I", the part of that amount that had already taken object representations as its object of investment. These representations, as we see clearly in the *Entwurf...* (Simanke, 2023, p. 70), are the occupation of systems of mnemonic traces. It's about the withdrawal of libidinal investments from the representations of objects in the external world and their reallocation within the organ of the body affected by the painful sensation. At this point, Freud seems to insist once again not only on the existence of another energetic category within the psyche, but also on the possibility of both energies, libido and interest, once again being indistinguishable in certain functions, just as they were in the initial moments of support, as is conceived in the *Drei Abhandlungen...: Libido und Ichinteresse haben dabei das gleiche Schicksal und sind wiederum voneinander nicht unterscheidbar* (FREUD, 1914/1949, p. 149). The same can be said of hypochondria, understood as a kind of model for narcissistic neuroses in view of its characteristic mechanism of over-investment in a particular organ of the body: "Der Hypochondrische zieht Interesse wie Libido – die letztere besonders deutlich

²²¹ "um apanhado de casos e descrições sem nenhuma tentativa substancial de explicação ou análise" (Guimarães, 2012, p. 24)

– von den Objekten der Außenwelt zurück und konzentriert beides auf das ihn beschäftigende Organ” (FREUD, 1914/1949, p. 149):

In *Introduction to narcissism*, Freud introduces the differences between transference neuroses and paraphrenias (schizophrenia), recovering the concept of pain and introducing hypochondria. Pain (different from pain in the *Project*) attracts all libido and interest to the painful organ. Hypochondria - which underlies psychosis, just as anguish underlies neurosis - is characterized by the sexualization of pain. (CÔRREA, 2019, p. 175)²²²

In 1905, in his study on inversion, in the first part of the *Drei Abhandlungen*, we see Freud sustaining the absence of a natural object for the sexual drive, in such a way as to compromise the categories of inversion and aberration. In this first moment of our analysis, we see the sexual drive defined from two constituent elements: goal and object. Throughout the successive editions of the work, the concept will go through a number of editions, culminating in the version that will be consolidated as defining the first drive dualism: the one that divides the drive into four constituent elements (source, urge, goal and object), and which establishes it as a border concept. This definition appears in the 1915 edition. It is also in this edition that the notion of *support* (*Anlehnung*) is consolidated as demarcating the initial relationship between the two classes of drives. The second element of the pair, which in 1905 was named the *drive for nourishment* (*Trieb nach Nahrungsaufnahme*), will, from 1910 onwards, be called the *Ichriebe*. It was also in 1910 that special emphasis was placed on the representational character of drives, in other words, the need for a psychic inscription for their constitution, for both classes of drives, and not just those of a sexual nature, which had already been described in this way since 1905.

²²² Em *Introdução ao narcisismo*, Freud introduz as diferenças entre neuroses de transferência e parafrenias (esquizofrenia), recuperando o conceito de dor e introduzindo a hipocondria. A dor (diferente da dor no *Projeto*) atrai para o órgão dolorido toda a libido e interesse. A hipocondria – que fundamenta a psicose, como a angústia fundamenta a neurose – caracteriza-se pela sexualização da dor. (CÔRREA, 2019, p. 175)

In 1911, Freud put special emphasis on the differences between the two. The demarcation of this difference will be, in part, the object bond. The sexual drives, to put it schematically, will go through the following phases before turning to the inscription of objects of satisfaction: 1) support in the functions that serve to preserve life, 2) autoeroticism and 3) primary narcissism. The drives of the "I", on the other hand, will need much more urgently to represent the external world, in the search for objects that can keep the organism alive. It is precisely the needs imposed by the drives for self-preservation that will make it possible to associate representations in such a way as to culminate in access to the motor pathway for carrying out an action:

[...] due to a requirement of the drive for self-preservation, a new way of associating representations emerges, as well as a new process of lowering psychic excitation, more efficient for self-preservative satisfaction: *voluntary action*. (SORIA, 2019, p. 198)²²³

We believe it is possible, based on the texts, to ascertain that the object sought must be represented. How this process happens will become clearer as we go through the metapsychological articles, in which the notion of *Vorstellungsrepräsentanz* will gain weight. The concept of the drive as a frontier concept (*Grenzbegriff*) seems to point to the necessary link between drive and representation. If, on the one hand, we have the former as originating from a somatic, non-psychic source, on the other hand we have the latter as its psychic corollary. If the body, as a source of drive, imposes itself as a requirement for work and constant stimulation, representations, as constituents of the psychic, point to the possibility of achieving the goal through the object.

To this extent, the order of representations can be understood as a certain capture of drives, which are in themselves dispersed and chaotic. It is in this process of capture, or binding/attachment (*Bindung*), that the target and object are configured in the drive circuit. Therefore, they are not inscribed in the source, but are already products of the drive's destinies. This capture will imply an ordering of the drive outflow, without losing sight, ultimately, of the final discharge. And here the main question would be "how does the

²²³ [...] por uma exigência da pulsão de autoconservação, surge um novo modo de associar as representações, assim como um novo processo de rebaixamento da excitação psíquica, mais eficiente para a satisfação autoconservativa: a *ação voluntária*. (SORIA, 2019, p. 198)

transformation of this *Triebeiz*, of the drive considered 'from the biological point of view', into its psychic representatives take place?" (GARCIA-ROZA, 2008, p. 256)²²⁴. In order to address this point in the theory, we will move on to the metapsychological texts.

²²⁴ “como se opera a transformação desse *Triebeiz*, da pulsão considerada “do ponto de vista biológico”, em seus representantes psíquicos” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 256)

Chapter 2 - A look at Metapsychology

In the fourth article that makes up the series that will be the subject of this chapter, entitled *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*, we are informed by Freud that this series of articles is intended to clarify (*Klärung*) and deepen (*Vertiefung*) the theoretical assumptions (*theoretischen Annahmen*) that could serve as the basis (*zu Grunde legen*) for a "psychoanalytic system" (*psychoanalytisches System*). In addition to this text, Freud includes three other precedents: *Triebe und Triebchicksale*, *Die Verdrängung* and *Das Unbewusste*. In addition to these four, there is a later work: *Trauer und Melancholie*. The first three were published in 1915, while the last two came out just two years later, in 1917. However, we know from Ernest Jones²²⁵ that they were both written in the same period, in 1915, a fact that is corroborated by the note to which we refer, which demarcates the series theoretical foundational intent. We also know from this author that these published texts would be joined by another seven, making a total of twelve, which would be organized in book format for joint publication. However, the other articles were lost for reasons beyond the scope of this discussion, with the exception of a seventh article on transference neurosis. What interests us in this chapter, based on the aforementioned indication, will be to go through the published articles in order to investigate the articulations elaborated therein around our object of investigation. Our aim is to ascertain the relationship between the drive and the psychic field of representation, especially the extent to which representation is necessary for the constitution of the drive. The choice of this problem is methodological: it aims to pave the way for us to better understand the relationship between drive and psyche at the moment of the second drive dualism in the following chapters.

²²⁵ STRACHEY, J. Introducción. 1992, p. 101. in: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Amorrortu Editores: Buenos Aires, v. XIV, 1992.

2.1 The definition of the fundamental concept

If this series of articles intends to serve as a basis for the psychoanalytic theoretical edifice, Freud begins with the foundation that will support the building. It starts with the article that deals precisely with drives and their destinies, which is, as we saw in the previous chapter, the concept thought to be basic and fundamental, the *Grundbegriff* of Freudian knowledge. One could even venture to say, as Ianinni (2013, p. 96) does, that this concept is more fundamental and original, from a logical point of view, than the unconscious (IANINNI, 2013, p. 96)²²⁶. Fonseca (2012, p. 106) also points out that the drive is "the precondition for the emergence of the psyche"²²⁷. This places the organic as the basis of the psychic, if we bear in mind that the drive is, first and foremost, an accumulation of stimulation of an irritative nature.

The opening text can be characterized by four distinct and complementary movements, which serve to name the problems to be faced: initially, to fill the concept with content, to define it from its component parts, to specify in terms of quantity what and how many the "primordial drives" (*die Urtriebe*) would be and, finally, what their possible destinations might be. The first move will be to try to fill in the concept from different sides, starting with Physiology. This first step will be carried out through a differentiation: what is not a drive, but a stimulus. For Freud, a stimulus is a force with a unique impact that imposes itself on the psyche and which the psyche also tries to get rid of by means of a unique action, which consists of running away from the stimulating source, when it is located in the external world, or carrying out an action that makes it cease, when it has an internal physiological origin (FREUD, 1915/2013, p. 18)²²⁸. It was from this opposition that Freud began to define the drive. It begins by being defined as a kind of stimulus that is always internal in origin, but does not act as a physiological stimulus, in other words, it does not act as a momentary force of impact (*momentane Stoßkraft*), but as a constant force (*konstante Kraft*), from which there

²²⁶ "For the first time, the concept of drive appears in its rightful place: as fundamental, if not more so, than the concept of the unconscious itself. This is because the drive is "prior" to the psychic apparatus itself: it is the connecting element between the body and the psyche." (IANINNI, 2013, p. 96)

"Pela primeira vez o conceito de pulsão aparece em seu justo lugar: tão ou mais fundamental do que o próprio conceito de inconsciente. Isso porque a pulsão é "anterior" ao próprio aparelho psíquico: ela é o elemento de ligação entre o corpo e a psique." (IANINNI, 2013, p. 96)

²²⁷ "a condição prévia para o surgimento do psiquismo" (Fonseca, 2012, p. 106)

²²⁸ Alles für den Reiz Wesentliche ist gegeben, wenn wir annehmen, er wirke wie ein einmaliger Stoß; er kann dann auch durch eine einmalige zweckmäßige Aktion erledigt werden, als deren Typus die motorische Flucht vor der Reizquelle hinzustellen ist. (FREUD, 1915/2013, p. 18)

is no escape. Freud's model of the psychic apparatus is essentially based on the ideas of escape and mastery of stimuli (*Reizbewältigung*). Given the impregnable nature of the drives, the execution of this task becomes more complex, given that they maintain a continuous influx of stimulation. What this stimulation is aimed at is called satisfaction (*Befriedigung*), which can be understood as the sensation that comes from discharging an excess of stimulation. Its effectiveness depends on a certain tolerance for the temporary increase in the level of internal stimulation (FREUD, 1915/2013, p. 22). It is precisely because of the imposition of this need (*Bedürfnis*) that Freud places them as "the real engines of the progress that has led the nervous system, with its endless capacity for achievement, to its present high level of development" (FREUD, 1915/2013, p. 23)²²⁹. At this point in the text, Freud is concerned with the most basic element of the concept, but he does not fail to refer to the nervous system (*Nervensystem*), in other words, he does not fail to emphasize its organic basis.

After this differentiation, Freud then defines the drive, emphasizing its character as the border between distinct domains (the soul and the somatic), as starting from the latter and representing itself in the former:

[...] ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperliche auferlegt ist. (FREUD, 1915/2013, p. 22-24)

From then on we move on to the second movement of the text, after the synthetic presentation of the definition: the analytical moment of the exposition based on the division into component parts. Although we have already commented on this procedure in the previous chapter, given that such a conceptualization appears in the 1915 edition of the *Drei Abhandlungen*, it is worth briefly revisiting here, in order to follow the movement of the conceptual work carried out by Freud in the diachronic way we have been doing. These component parts, to recall, are its *urge* (*Drang*), its *goal* (*Ziel*), its *object* (*Objekt*) and its *source* (*Quelle*). The first element, as can be seen from the definition elaborated so far, is derived precisely from its character as a constant force that drives, the very essence (*Wesen*)

²²⁹ Wir dürfen also wohl schließen, dass sie, die Triebe, und nicht die äußeren Reize, die eigentlichen Motoren der Fortschritte sind, welche das so unendlich leistungsfähige Nervensystem auf seine gegenwärtigen Entwicklungshöhe gebracht haben. (FREUD, 1915/2013, p. 22)

of the drive (FREUD, 1915/2013, p. 24). The second immediately follows from this: the goal is precisely what the drive pushes towards, consisting of the cessation, the suspension (*Aufhebung*) of its stimulation. A very generic goal, to which "different paths may lead" (FREUD, 1915/2013, p. 24)²³⁰. It is precisely this generic nature, according to our reading, that will be a nodal point through which Freud will develop the psychoanalytic notion of sexuality²³¹, detaching it from fixity. The fixed, constant element of the drive will be precisely its urge to discharge. However, the paths to this end will be a factor of malleability, at least in its initial moments: "There is one constant variable, the drive, and another inconstant one, the object of satisfaction" (FONSECA, 2012, p. 308)²³².

Its goal, being generic, is also, to the same extent, coercive: it is placed as an imposition on the psychic, through which it must search for what makes it possible for the stimulus to cease. It is precisely here that the psychic contribution through which the drive is constituted will be configured. Starting from the need to suspend the coercive nature of stimulation, it will initially appear to the psychic as a demand for something that makes its own cessation possible. This something will be precisely the object, that which is most variable in the drive and which, in Freud's words, will be the following:

Das *Objekt* des Triebes ist dasjenige, an welchem oder durch welches der Trieb sein Ziel erreichen kann. Es ist das variabelste am Triebe, nicht ursprünglich mit ihm verknüpft, sondern ihm nur infolge seiner Eignung zur Ermöglichung der Befriedigung zugeordnet. (FREUD, 1915/2013, p. 24)

The *source* of the drive, in turn, "means the somatic process in an organ or part of the body, whose stimulus is represented in the soul life by the drive" (FREUD, 1915/2013, p.

²³⁰ Aber wenn auch dies Endziel für jeden Trieb unveränderlich bleibt, so können doch verschiedene Wege zum gleichen Endziel führen, so dass sich mannigfache nähere oder intermediäre Ziele für einen Trieb ergeben können, die miteinander kombiniert oder gegeneinander vertauscht werden. (FREUD, 1915/2013, p. 24)

²³¹ "If the *Trieb* is the basis of human sexuality, let's not forget that Freud considers it, in the *Three Essays on Sexual Theory*, to be a perverse-polymorphous sexuality, since biology no longer exclusively and directly determines our actions, and that we always deviate (derive) from it through the process of subjectivation and insertion into culture." (TAVARES, 2013, p. 82)

"Se o *Trieb* é a base da sexualidade humana, não esqueçamos que Freud a considera, nos *Três ensaios sobre a teoria sexual*, uma sexualidade perverso-polimorfa, já que a biologia não mais determina de modo exclusivo e direto nossas ações, e que dela sempre nos desviamos (derivamos) através do processo de subjetivação e de inserção na cultura." (TAVARES, 2013, p. 82)

²³² "Há uma variável constante, o impulso, e outra inconstante, o objeto de satisfação" (FONSECA, 2012, p. 308)

27)²³³ . With regard to the latter, Freud points out that it is only known in the psychic sphere, the expression of which is given by the goal that is aimed at the object that makes it possible. In other words, it is psychically not able to be apprehended; only its derivatives reach the psychic, which make up the drive representative:

Freuds Definition des Triebes aus “Triebe und Triebchicksale”, wonach es sich um einen “Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem” (G. W. X: 214) handelt, läßt sich durch eine gewisse Akzentverschiebung durchaus in diese Koordinaten einfügen: der Trieb bezeichnet exakt die Grenze zwischen dem psychisch Repräsentierbaren und einem darüber hinausweisenden Mehr-Wert, der sich als Unmaß an Arbeitsanforderung zu erkennen gibt. (HOCK, 2012, p. 207)

It should therefore be pointed out that the drive has an element in itself that is prior to the psychic and that is not exhausted in the psychic, since it constantly imposes itself. However, it is necessary for its configuration that it finds means through the psychic which, let's remember, is first and foremost unconscious²³⁴. If these elements are the constituents of the drive and in view of Freud's synthetic definition of it as "*Grenzbegriff*", it doesn't seem possible, at least at this point in Freudian theorizing, to conceive of the drive without its representative element, even if this element doesn't exhaust it in itself. Representation is not the whole of the drive but, we are led to conclude, it is an essential component. Otherwise we would only be dealing with a stimulus of a physiological nature.

²³³ Unter der *Quelle* des Triebes versteht man jenen somatischen Vorgang in einem Organ oder Körperteil, dessen Reiz im Seelenleben durch den Trieb repräsentiert ist. (FREUD, 1915/2013, p. 26)

²³⁴ "It is this energetic scheme that motivates the inversion: first, there is the unconscious modality (Freud now speaks of "unconscious psychic acts"); then, the conscious becoming is a possibility that can be conjugated or not. Consciousness is not, by right, but comes from the unconscious." (RICOEUR, 1977, p. 107).

“É esse esquema energético que motiva a inversão: em primeiro lugar, há a modalidade inconsciente (Freud fala doravante “de atos psíquicos inconscientes”); em seguida, o devir consciente é uma possibilidade que se conjuga ou não. A consciência não está, de direito, mas advém do inconsciente.” (RICOEUR, 1977, p. 107).

2.2 The primordial drives

Having delimited the concept, the question that arises is: what and how many drives are there²³⁵? In answering the question, Freud presents us with what had already been sparsely demarcated in previous moments, especially in the brief article on the psychogenic problems of vision, that is, the *primordial drives (die Urtriebe)*, which are related to each other by complex relations of opposition, support or complementarity, are the *Ichtriebe*, or *Selbsterhaltungstriebe*, here placed as synonyms, and the *sexual drives (Sexualtriebe)*. It's interesting to point out that Freud places as a preponderant factor in the construction of these notions a value both on psychoanalytic praxis and on the history of the development of this praxis. This means that, for Freud, the construction of knowledge is linked to accidental factors that relate to how a given science is constituted by the practical problems it encounters throughout its development. Through this movement, it also comes up against limitations in terms of grasping its objects. Let's look at the following excerpt:

Der Anlass zu dieser Aufstellung hat sich aus der Entwicklungsgeschichte der Psychoanalyse ergeben, welche die Psychoneurosen, und zwar die als "Übertragungsneurosen" zu bezeichnende Gruppe derselben (Hysterie und Zwangsneurose) zum ersten Objekt nahm und an ihnen zur Einsicht gelangte, dass ein Konflikt zwischen den Ansprüchen der Sexualität und denen des Ichs an der Wurzel jeder solchen Affektion zu finden sei. (FREUD, 1915/2013, p. 28-30)

Since this classification was built on the basis of the facts that psychoanalysis had access to at its inception, these same facts impose limitations on the concept that the text seeks to substantiate: the definition drawn up so far would best apply to the class of drives of a sexual nature. The content with which Freud has so far filled out his fundamental concept would better apply to only one of the two fundamental drives that his knowledge seeks to demarcate. In this way, the content of the other element of the pair remains open for future problems that psychoanalysis may come across in its practice: the so-called narcissistic

²³⁵ Welche Triebe darf man aufstellen und wie viele? (FREUD, 1915/2013, p. 28).

psychoneuroses (*narzisstischen Psychoneurosen*) (FREUD, 1915/2023, p. 30)²³⁶, establishing a continuity with the discussion developed in *Zur Einführung des Narzissmus*. The considerations referring to the drives of the "I", as we saw earlier, are especially relevant for understanding the so-called narcissistic psychoneuroses, or paraphrenias, at an earlier point.

This leads us to consider that the next movement of the text, the demarcation of the possible destinations to which a drive can be subjected, could better be placed here as being possible as long as the drive is of a sexual nature. The text, or even the whole series of metapsychological articles, will therefore pay attention to this element of the dualism.

2.3 The destinies of the sexual

The destinies of the sexual drive, which Freud presents as four possible ones (reversal into its opposite, return to the person, repression and sublimation), are understood as a kind of *defense* (*Abwehr*) that has to be constituted according to the forces that oppose (*entgegenwirken*) the direct flow of the sexual drive²³⁷. Here, the external world comes into the picture of the drive's configuration, since it will be the great hindrance factor to the outflow by the most direct route possible. We can conceive the destinies as having an accidental element, in that they are not primordial, in other words, they are not inscribed in the drive itself, since they are understood as a kind of defense against what would be a primordial impetus for the drive to follow the most direct route to reach its goal. From their original *urge* (*Drang*) to quiescence, and as a result of the difficulties imposed by the external world, which will require a differentiation to take place in the outermost part of the indeterminate apparatus where the drives are initially inscribed, they can be transformed:

[...] remodeling its original situation, as a blind force based on a work of constituting objects and inscribing the quantitative regime in the field of representation, in such a way as to

²³⁶ Ihrem Entwicklungsgang entsprechend hat uns aber die Psychoanalyse bisher nur über die Sexualtriebe einigermaßen befriedigende Auskünfte bringen können, weil sie gerade nur diese Triebgruppe an den Psychoneurosen wie isoliert beobachten konnte. Mit der Ausdehnung der Psychoanalyse auf die anderen neurotischen Affektionen wird gewiss auch unsere Kenntnis der Ichtriebe begründet werden, obwohl es vermessen erscheint, auf diesem weiteren Forschungsgebiete ähnlich günstige Bedingungen für die Beobachtung zu erwarten. (FREUD, 1915/2013, p. 32)

²³⁷ Mit Rücksicht auf Motive, welche einer direkten Fortsetzung der Triebe entgegenwirken, kann man die Triebchicksale auch als Arten der *Abwehr* gegen die Triebe darstellen. (FREUD, 1915/2013, p. 34)

constitute a "drive circuit" that overdetermines the paths of the *Triebe a posteriori*. (FONSECA, 2012, p. 95-6)²³⁸

These drives, as we have seen, initially find their satisfaction through the autoerotic route. This means that, in their initial moments, after their separation from the drives for self-preservation, they find their satisfaction through the very organ from which they spring. Their object is both external and internal. External in relation to the drive, since it is not identified with it. The drive starts from there, has its source in the organ, and is also satisfied in the organ, so that a relationship of exteriority can be established. Internal because the organ is in the body itself. But let's remember that this body is not, at this point, occupied as a synthesis, since the drives are partial and dispersed. Only when we enter the phase of primary narcissism can we speak of a body in a synthetic sense, as a kind of unitary representation. At least the article on narcissism seems to indicate this. We say this to point out that the need for the external object is introduced by the drives for self-preservation, which cannot be satisfied in the same place where they have their source:

Das Objekt wird dem Ich, wie wir gehört haben, zuerst von den Selbsterhaltungstrieben aus der Außenwelt gebracht, und es ist nicht abzuweisen, dass auch der ursprüngliche Sinn des Hassens die Relation gegen die fremde und reizzuführende Außenwelt bedeutet. (FREUD, 1915/2013, p. 54)

And also in a note:

Die Sexualtriebe, welche von vornherein ein Objekt fordern, und die autoerotisch niemals zu befriedigenden Bedürfnisse der Ichtriebe stören natürlich diesen Zustand und bereiten die Fortschritte vor. (FREUD, 1915/2013, p. 64)

The following article, *Die Verdrängung*, which deals with this specific drive destiny, begins by presenting it as a consequence of certain resistances imposed on sexual drives

²³⁸ [...] remodelando a sua situação original, como força cega a partir de um trabalho de constituição de objetos e de inscrição do regime quantitativo no campo da representação, de maneira a se constituir um "circuito pulsional" que sobredetermina *a posteriori* os caminhos dos *Triebe*. (FONSECA, 2012, p. 95-6)

(*Triebregung*) (FREUD, 1915/1949, p. 248)²³⁹. In view of the fact that the path of escape is ineffective in the face of these drives, given their origin in internal stimulating sources, the repressive alternative consists of rejection (*Abweisung*) and distancing (*Fernhaltung*) their representatives from access to consciousness²⁴⁰. When it comes to the psychic apparatus as conceived by Freud in what is known as his first topographical theory, we have to remember here that access to consciousness is precisely one of the poles of this apparatus, linked to the possibility of motor output. Therefore, it is access to the external world, through which the drive finds its satisfaction. If every drive has this satisfaction as its goal, the question arises as to why it would be prevented from accessing a possible route to satisfaction²⁴¹. This is where the topical nature of satisfaction comes in. The reason why a drive would fall into to such a fate comes from the fact that, at a time when we can already conceive of a functioning psychic apparatus, satisfaction is not absolute, but relative. This means that the achievement of the goal of a given drive can, at the same time, represent the desired satisfaction for the instance from which it originates, and a displeasure in the face of another instance, that which has its representative in consciousness.

Therefore, *repression proper* (*die eigentliche Verdrängung*) requires as a condition of possibility that there is a differentiation between conscious psychic processes and unconscious psychic processes and that the displeasure generated by the possibility of realizing a drive goal has more relevance than the pleasure of its realization for consciousness²⁴². Let's remember that this differentiation, if we follow the construction of Freudian thought as we have been doing so far, is not present from the beginning. The essence of the psychic is unconscious and it is as unconscious that every psychic process begins. The emergence of consciousness, which means opening up access to the external world, will occur at a later moment than the emergence of an original psychic process. This

²³⁹ Es kann das Schicksal einer Triebregung werden, daß sie auf Widerstände stößt, welche sie unwirksam machen wollen. (FREUD, 1915/1949, p. 248).

²⁴⁰ [...] dass ihr Wesen nur in der Abweisung und Fernhaltung vom Bewussten besteht. (FREUD, 1915/1949, p. 250).

²⁴¹ Warum sollte eine Triebregung einem solchen Schicksal verfallen? (FREUD, 1915/1949, p. 248).

²⁴² Halten wir uns lieber an die klinische Erfahrung, wie sie uns in der psychoanalytischen Praxis entgegentritt. Dann werden wir belehrt, dass die Befriedigung des der Verdrängung unterliegenden Triebes wohl möglich und dass sie auch jedesmal an sich lustvoll wäre, aber sie wäre mit anderen Ansprüchen und Vorsätzen unvereinbar; sie würde also Lust an der einen, Unlust an anderer Stelle erzeugen. Zur Bedingung der Verdrängung ist dann geworden, dass das Unlustmotiv eine stärkere Macht gewinnt als die Befriedigungslust. Wir werden ferner durch die psychoanalytische Erfahrung an den Übertragungsneurosen zu dem Schluss genötigt, dass die Verdrängung kein ursprünglich vorhandener Abwehrmechanismus ist, dass sie nicht eher entstehen kann, als bis sich eine scharfe Sonderung von bewusster und unbewusster Seelentätigkeiten hergestellt hat, und dass ihr Wesen nur in der Abweisung und Fernhaltung vom Bewussten besteht. Diese Auffassung der Verdrängung würde durch die Annahme ergänzt werden, dass vor solcher Stufe der seelischen Organisation die anderen Triebchicksale wie die Verwandlung ins Gegenteil, die Wendung gegen die eigene Person, die Aufgabe der Abwehr von Triebregungen bewältigen. (FREUD, 1915/1949, p. 249-250).

access will occur precisely because of the needs imposed by the drives, given the difficulties they have in finding satisfaction without this access. In the interplay between drive needs and the hindering impositions of the external world, the path to consciousness will open up.

The establishment of the repressive process has its own founding model, which Freud calls the moment of *original repression (die Urverdrängung)*. This moment is understood as the first repressive moment, which consisted of the refusal (*Versagung*) of access to consciousness to the representative-representational (*(Vorstellungs-) Repräsentanz*) of the drive²⁴³: "Repression proper only comes into existence after the drive is fixed to its representative, that is, from the *primordial repression or original repression*." (NAMBA, 2019, p. 155)²⁴⁴. Through this process, the differentiation between unconscious and conscious as distinct psychic systems is founded and this original drive representative remains unchanged at the core of the first system. It is precisely this moment of the first psychic inscription of a stimulus of a drive nature that will found the distinction between distinct psychic processes:

It is the original repression that cleaves the psyche into two large systems - the Ics and the Pcs/Cs - so that the drive is fixed in these primordial representations and inscribed in the unconscious. This operation creates a representation of the drive in the psyche, and the agent of this representation is called the *Vorstellungsrepräsentanz des Triebes* (GARCIA-ROZA, 2008, p. 274)²⁴⁵

Although it deals with the drive, more specifically its psychic inscription, Freud doesn't mention the notion of *Vorstellungsrepräsentanz* in the article on drives. It was in the article on repression that this notion began to take shape in the metapsychological articles, insofar as the repressive process affects precisely this element of the psychic inscription of the drive. From this first fixation (*Fixierung*), repression is established as a defense mechanism

²⁴³ Wir haben also Grund, eine Urverdrängung anzunehmen, eine erste Phase der Verdrängung, die darin besteht, dass der psychischen (Vorstellungs-) Repräsentanz des Triebes die Übernahme ins Bewusste versagt wird. Mit dieser ist eine Fixierung gegeben; die betreffende Repräsentanz bleibt von da an unveränderlich bestehen und der Trieb an sie gebunden. (FREUD, 1915/1949, p. 250).

²⁴⁴ "A repressão propriamente dita só vem a existir depois da fixação da pulsão ao seu representante, isto é, a partir da *repressão primordial ou recalque originário*." (NAMBA, 2019, p. 155)

²⁴⁵ É o recalque originário que opera a clivagem do psiquismo em dois grandes sistemas – o Ics e o Pcs/Cs -, de modo que se estabeleça uma fixação da pulsão nessas representações primordiais e sua inscrição no inconsciente. Por esta operação, cria-se uma representância da pulsão no psiquismo, e o agente desta representância é nomeado de *Vorstellungsrepräsentanz des Triebes*. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 274)

against the derivatives (*Abkömmlinge*) of this representative, against the representations that reach consciousness and establish some associative relationship with the same²⁴⁶. Repression, therefore, being the basis, on the one hand, and the founder, on the other, of the differentiation between psychic systems, consists not in the annulment or destruction of a drive representative, but in its rejection of direct access to a specific system. It should be emphasized that only the *direct access* of the drive representative to consciousness is prevented, since it can still access it through indirect and displaced routes, as can be seen from the progress of the discussion in the article *Das Unbewusste*. Ricoeur (1977) states that the repression proper will already be a secondary repression in relation to the primordial one, and it will be precisely because of this primordial repression that we will be prevented from directly grasping the psychic expression of the drive (RICOEUR, 1977, p. 119). In terms of its representation, it will always be a question of derivatives and deviations:

Primary repression means that we are always already in the mediate, in the already-expressed, in the already-said. With greater reason, the repression itself condemns us to move between simple derivatives (...). The unconscious then appears as a branched bundle, made up of the indefinite arborescences of these "shoots". (RICOEUR, 1977, p. 119)²⁴⁷

²⁴⁶ Die zweite Stufe der Verdrängung, die eigentliche Verdrängung, betrifft psychische Abkömmlinge der verdrängten Repräsentanz, oder solche Gedankenzüge, die, anderswoher stammend, in assoziative Beziehung zu ihr geraten sind. (FREUD, 1915/1949, p. 250).

²⁴⁷ O recalque primário significa que já estamos sempre no mediato, no já-expresso, no já dito. Com maior razão, o recalque propriamente dito nos condena a mover-nos entre simples derivados (...). O inconsciente aparece, então, como um feixe ramificado, constituído pelas indefinidas arborescências desses "rebentos". (RICOEUR, 1977, p. 119).

2.4 The drive and its representative

That said, having established the representational nature of the drive in its psychic dimension, it's time to deepen our understanding of this representative. And here again, the analytical procedure comes into play in the weaving of Freudian concepts. The representational-representative of the drive (*Vorstellungsrepräsentanz des Triebes*) is a composite element. In other words, it can also be divided into other constituent parts. It is made up of an ideal component, the *Vorstellung*, and a quantitative component, the *Affekt*. The first component can be understood as the reactivation of a set of mnemonic traces linked to objects once perceived. While the second can be related to the quantity involved in the stimulatory mechanism that will come to constitute a drive through its accumulation beyond a certain level, as Freud has conceived at least since the time of writing the *Entwurf*. In this way, the author states that:

In den bisherigen Erörterungen behandelten wir die Verdrängung einer Triebrepräsenz und verstanden unter einer solchen eine Vorstellung oder Vorstellungsguppe, welche vom Trieb her mit einem bestimmten Betrag von psychischer Energie (Libido, Interesse) besetzt ist. (FREUD, 1915/1949, p. 254-255)

The representative agency is a representation or group of representations invested from the drive with a certain amount of energy, be it libido, in the case of the representation of a sexual drive, or interest, in the case of those representations invested by drives for self-preservation. But let's not forget that repression, as a drive destiny, falls on those representations of a sexual nature:

Die klinische Beobachtung nötigt uns nun zu zerlegen, was wir bisher einheitlich aufgefasst hatten, denn sie zeigt uns, dass etwas anderes, was den Trieb repräsentiert, neben der Vorstellung in Betracht kommt, und dass dieses andere ein Verdrängungsschicksal erfährt, welches von dem der Vorstellung ganz verschieden sein kann. Für dieses andere Element der psychischen Repräsentanz hat sich der Name Affektbetrag eingebürgert; es entspricht dem

Triebe, insofern er sich von der Vorstellung abgelöst hat und einen seiner Quantität gemäßen Ausdruck in Vorgängen findet, welche als Affekte der Empfindung bemerkbar werden. Wir werden von nun an, wenn wir einen Fall von Verdrängung beschreiben, gesondert verfolgen müssen, was durch die Verdrängung aus der Vorstellung und was aus der an ihr haftenden Triebenergie geworden ist. (FREUD, 1915/1949, p. 255)

Representation and affection suffer different fates: the former is removed from consciousness and constant counter-investment is required to maintain it. The other component, the quantitative, on the other hand, goes in a different way. Bearing in mind that the reason why the repressive process was established was precisely topical displeasure, the destination of the affect, its quantitative factor, becomes very important for the execution of the repressive process²⁴⁸: "Der Trieb wird entweder ganz unterdrückt, so dass man nichts von ihm auffindet, oder er kommt als irgendwie qualitativ gefärbter Affekt zum Vorschein, oder er wird in Angst verwandelt. (FREUD, 1915/1949, p. 255-256). *Affection (Affekt)*, understood as the quantitative element of *Vorstellungsrepräsentanz* (although not named in this compound term), would more directly indicate the drive's commitment to the body, its source (Garcia-Roza, 2008, p. 267).

If we can say that consciousness is founded on the drive's need to access the external world and that the differentiation between the unconscious and the conscious is based on the fact of primordial repression, we can't, however, say that every unconscious is made up of those drive representatives that suffer the fate of repression, as is pointed out in *Das Unbewusste* (FREUD, 1915/1949, p. 264)²⁴⁹. This is because there are drives that never impose themselves on consciousness. The essence of the psychic is in itself unconscious²⁵⁰, but not every unconscious is in itself repressed, because for there to be repression it is necessary that at least one intention to access consciousness comes from the drive:

²⁴⁸ Wir erinnern uns, daß Motiv und Absicht der Verdrängung nichts anderes als die Vermeidung von Unlust war. Daraus folgt, daß das Schicksal des Affektbetrags der Repräsentanz bei weitem wichtiger ist als das der Vorstellung, und daß dies über die Beurteilung des Verdrängungsvorganges entscheidet. (FREUD, 1915/1949, p. 256)

²⁴⁹ Wir haben aus der Psychoanalyse erfahren, das Wesen des Prozesses der Verdrängung bestehe nicht darin, eine den Trieb repräsentierende Vorstellung aufzuheben, zu vernichten, sondern sie vom Bewußtwerden abzuhalten. Wir sagen dann, sie befinde sich im Zustande des "Unbewußten", und haben gute Beweise dafür vorzubringen, daß sie auch unbewußt Wirkungen äußern kann, auch solche, die endlich das Bewußtsein erreichen. Alles Verdrängte muß unbewußt bleiben, aber wollen gleich eingangs feststellen, daß das Verdrängte nicht alles Unbewußte deckt. Das Unbewußte hat den weiteren Umfang; das Verdrängte ist ein Teil des Unbewußten." (FREUD, 1915/1949, p. 264)

²⁵⁰ Es bleibt uns in der Psychoanalyse gar nichts anderes übrig als die seelischen Vorgänge für an sich unbewußt zu erklären und ihre Wahrnehmung durch das Bewußtsein mit der Wahrnehmung der Außenwelt durch die Sinnesorgane zu vergleichen. (FREUD, 1915/1949, p. 270)

The unconscious, then, is the general basis of psychic life, a much broader sphere than the conscious, and even though it is as unknown as the most intimate reality of the external world, it is, for Freud, the true psychic reality. (ALMEIDA, 2019, p. 189)²⁵¹

At this point, the question arises as to what would make it possible to pass from one system to another, in other words: if there are different psychic systems through which a given drive representative must pass in order to reach its goal, what kind of procedure would make this possible? It is with this question, left open, that Freud ends the second part of the article, dealing with the representative factor of the drive representative:

Wenn ein psychischer Akt (beschränken wir uns hier auf einen solchen von der Natur einer Vorstellung) die Umsetzung aus dem System *Ubw* in das System *Bw* (oder *Vbw*) erfährt, sollen wir annehmen, dass mit dieser Umsetzung eine neuerliche Fixierung, gleichsam eine zweite Niederschrift der betreffenden Vorstellung verbunden ist, die also auch in einer neuen psychischen Lokalität enthalten sein kann, und neben welcher die ursprüngliche unbewußte Niederschrift fortbesteht? Oder sollen wir eher glauben, dass die Umsetzung in einer Zustandsänderung besteht, welche sich an dem nämlichen Material und an derselben Lokalität vollzieht? (FREUD, 1915/1949, p. 272-273)

The question left open will then be answered in the fourth section of the text, after returning in the previous section²⁵² to the characteristic separation between representation and affect effected by the repressive process:

Also Entziehung der vorbewußten, Erhaltung der unbewußten Besetzung oder Ersatz der vorbewußten Besetzung durch eine unbewußte. (...) der Übergang aus dem System *Ubw* in

²⁵¹ O inconsciente é, então, a base geral da vida psíquica, uma esfera muito mais ampla do que a do consciente, e mesmo sendo tão desconhecido quanto a realidade mais íntima do mundo externo, é, para Freud, a realidade psíquica verdadeira. (ALMEIDA, 2019, p. 189)

²⁵² Wir haben behauptet, daß bei der Verdrängung eine Trennung des Akkekts von seiner Vorstellung stattfindet, worauf beide ihren gesonderten Schicksalen entgegengehen. (FREUD, 1915/1949, p. 278)

ein nächstes geschehe nicht durch eine neue Niederschrift, sondern durch eine Zustandsänderung, einen Wandel in der Besetzung. (FREUD, 1915/1949, p. 279)

This establishes that repression takes place on a representation in the passage from one system to another, from the unconscious to the preconscious. Precisely in the intermediate system where those contents that are capable of being the object of consciousness, of reaching the conscious system, will be found (FREUD, 1915/1949, p. 279)²⁵³. The core of the unconscious, and therefore of the psychic, consists first and foremost of drive representatives²⁵⁴, which can either reach consciousness or remain in the unconscious²⁵⁵. On the other hand, the content of the other systems (preconscious and conscious) consists partly of drive components, due to their derivation from the unconscious, and partly of perceptions²⁵⁶, derived from their openness to the external world. What is established in these important passages is that without drives there is no proper psychic apparatus. It is in face of drives that a psychic apparatus is constituted, as we understand it here in the metapsychological texts. There will be an inscription of the external world in the psyche as a function of the outflow of drives, in other words, in order to make this outflow possible, even if it is postponed. The outermost system (*Pcs/Cs*) will have a sensory part, derived from the mnemonic inscriptions of perceptions. Its root, however, will be fixed in the *Ics*, the place where drives are inscribed. As Hock points out: "Ohne Besetzung, keine Psyche. Ohne Bindung, keine Besetzung" (HOCK, 2012, p. 261). The drive must first be inscribed in the form of a representation occupied with a certain amount of affection, so that psychic functioning can then be established.

In its seventh and final session, the answer that was presented in part four of the text undergoes a reformulation, which is established by yet another process of decomposition: the conception of a representation as more properly an object-representation (*Objetkvorstellung*) and its division into two distinct components, a thing-representation (*Sachvorstellung*) and a word-representation (*Wortvorstellung*). *Sachvorstellung* means the impression, or the

²⁵³ Wir haben das Resultat erhalten, daß die Verdrängung im wesentlichen ein Vorgang ist, der sich an Vorstellungen an der Grenze der Systeme *Ubw* und *Vbw* (*Bw*) vollzieht. (FREUD, 1915/1949, p. 279)

²⁵⁴ Der Kern des *Ubw* besteht aus Triebrepräsenzen, die ihre Besetzung abführen wollen, also aus Wunschregungen. Diese Triebregungen sind einander koordiniert, bestehen unbeeinflusst nebeneinander, widersprechen einander nicht. (FREUD, 1915/1949, p. 285)

²⁵⁵ An den Wurzeln der Triebtätigkeit kommunizieren die Systeme aufs ausgiebigste miteinander. Ein Anteil der hier erregten Vorgänge geht durch das *Ubw* wie durch eine Vorbereitungsstufe durch und erreicht die höchste psychische Ausbildung im *Bw*, ein anderer wird als *Ubw* zurückgehalten. (FREUD, 1915/1949, p. 292)

²⁵⁶ Der Inhalt des Systemes *Vbw* (oder *Bw*) entstammt zu einem Teile dem Triebleben (durch Vermittlung des *Ubw*), zum anderen Teile der Wahrnehmung. (FREUD, 1915/1949, p. 293)

reactivation of this impression, of mnemonic remains of things in the psychic, and *Wortvorstellung* means the acoustic traces of mnemonic remains:

Wir müssen dann modifizieren: die Besetzung der Wortvorstellungen der Objekte wird festgehalten. Was wir die bewußte Objektvorstellung heißen durften, zerlegt sich uns jetzt in die Wortvorstellung und in die Sachvorstellung, die in der Besetzung, wenn nicht der direkten Sacherinnerungsbilder, doch entfernterer und von ihnen abgeleiteter Erinnerungsspuren besteht. Mit einem Male glauben wir nun zu wissen, wodurch sich eine bewußte Vorstellung von einer unbewußten unterscheidet. Die beiden sind nicht, wie wir gemeinte haben, verschiedene Niederschriften desselben Inhaltes an verschiedenen psychischen Orten, auch nicht verschiedene funktionelle Besetzungszustände an demselben Orte, sondern die bewußte Vorstellung umfaßt die Sachvorstellung plus der zugehörigen Wortvorstellung, die unbewußte ist die Sachvorstellung allein. Das System *Ubw* enthält die Sachbesetzungen der Objekte, die ersten und eigentlichen Objektbesetzungen; das System *Vbw* entsteht, indem diese Sachvorstellung durch die Verknüpfung mit den ihr entsprechenden Wortvorstellungen überbesetzt wird. (FREUD, 1915/1949, p. 300)

Based on this characterization, we can better understand the process of psychic inscription of the drive and its role in the constitution of the psychic apparatus, as conceived by Freud at this point in his doctrine. For Garcia-Roza (2008) "what the external thing provides is a dispersed sensibility, which will only acquire the unity of an object from the link with the *Wortvorstellung*." (GARCIA-ROZA, 2008, p. 272)²⁵⁷. He draws our attention to the following point:

What seems essential to me in the *Vorstellungslehre* is that the representation is not seen as a representation of the external thing, even though the latter provides the sensory elements that will constitute the raw material of the *Objektvorstellung*. But if the object (*Objekt*) takes its sensory elements from the thing (*Ding*), it only becomes an object through the link between these elements and the *Wortvorstellung*." (GARCIA-ROZA, 2008, p. 245)²⁵⁸

²⁵⁷ "o que a coisa externa fornece é um disperso sensível, que somente adquirirá unidade de objeto a partir da ligação com a *Wortvorstellung*." (GARCIA-ROZA, 2008, p. 272)

²⁵⁸ O que me parece essencial na *Vorstellungslehre* é que a representação não é vista como representação da coisa externa, embora esta forneça os elementos sensoriais que vão se constituir na matéria-prima da *Objektvorstellung*. Mas, se o objeto (*Objekt*) retira seus elementos sensíveis da coisa (*Ding*), ele só se constitui como objeto a partir da ligação entre esses elementos e a *Wortvorstellung*." (GARCIA-ROZA, 2008, p. 245)

Soria (2019) points out that:

[...] for something to gain expression in consciousness, it must be associated with the word, because the word holds the key to entering this new world that has risen above the founding soil of the psyche. (SORIA, 2019, p. 200)²⁵⁹

While the aforementioned author points out that access to consciousness depends on the link with the word, Garcia-Roza (2008) tells us that the very constitution of an object will depend on a representational inscription. We could say that there is an object for the drive, through which it finds satisfaction, insofar as there is a psychic representation of the object. Both in the case of one class of drive and the other, there seems to be a need for psychic inscription in order for them to be constituted. The drive can be understood as the beginning and condition of possibility of the psyche. But for this to be the case, there must be psychic inscription of the drive and therefore representation, both in the sense of *Vorstellung* and *Affekt*.

Having been able to establish this characteristic of Freud's drive doctrine throughout this path, both within his work and in dialogue with commentators on his thought, we are left here with a question: how could Freud conceive, within his work, of a drive that does not have psychic representation, from 1920 onwards, if, at least until the metapsychological articles, representation seems necessary for a drive to be a drive? We will try to understand how this question operates in the following chapters.

It's worth pointing out that important changes would take place during the 1920s within Freud's work. In relation to the drive doctrine, at this first moment, the psychic place of the drive is established, at first, by the psychic inscription of representations of things, to which a certain amount of affect will be attached. This affective amount derives from the organic origin of the drive, as an accumulation of stimulation. Freud emphasizes the drive as an *urges* (*Drang*) that imposes itself on the psychic. In the 1920s, however, there was an

²⁵⁹ [...] para que algo ganhe expressão na consciência, tem de estar associado à palavra, pois esta possui a chave de entrada para este novo mundo que se ergueu acima do solo fundador do psiquismo. (SORIA, 2019, p. 200)

important change in the theory, which consisted of the elaboration of the topographical theory of the psyche, in 1923, with the publication of *Das Ich und das Es*. In other words, the psychic apparatus will not only be conceived in terms of psychic systems, as was the intention in the metapsychological articles, but in terms of distinct psychic instances (*Instanzen*). According to Fonseca (2012, p. 89), there will be a greater concern at this time with the need to provide a place in the psyche for the drives. This concern will be very important to us in our fourth and final chapter. Before that, however, we will try to establish the terms in which the second Freudian drive dualism is introduced, the subject of the next chapter, in order to ascertain whether there is, at this point, such a close link between drive and representation.

Chapter 3 - The drive and its representation in the second dualism

We find in Freud's work an insistence on the assertion that in psychic life there is no place for the representation of death, whether conscious or unconscious (RAZINSKY, 2013, p. 15). In texts such as *Zeitgemässes über Krieg und Tod* and *Das Ich und Das Es* we find relevant considerations in this regard. In the first text, dated 1915, we read the following:

Also unser Unbewußtes glaubt nicht an den eigenen Tod, es gebärdet sich wie unsterblich. Was wir unser "Unbewußtes" heißen, die tiefsten, aus Triebregungen bestehenden Schichten unserer Seele, kennt überhaupt nichts Negatives, keine Verneinung - Gegensätze fallen in ihm zusammen - und kennt darum auch nicht den eigenen Tod, dem wir nur einen negatives Inhalt geben können. Dem Todesglauben kommt also nichts Triebhaftes in uns entgegen. (FREUD, 1915/1946, p. 350)

This text is located at the moment we assume to be the first Freudian drive dualism, while *Das Ich und das Es*, published in 1923, is located at a later moment, after the concept of the *death drive (Todestrieb)* had been introduced into the psychoanalytic discourse. In this second moment of Freudian formulations, death is understood not just as a phenomenon, but as the goal of one of the major drives (*Haupttriebe*). In *Jenseits des Lustprinzips*, it is assumed that these concern not only psychic life, but also organic life itself (FREUD, 1920/2020, p. 130), as we can read in the 1920 text, which we will go into in more detail in this chapter.

Even after the introduction of the death drive within the theory, the previous formulation regarding the relationship between death and psychic representation is maintained in the text from 1923: "Sie gibt der Psychoanalyse ein schweres Problem auf, denn Tod ist ein abstrakter Begriff von negativem Inhalt, für den eine unbewußte Entsprechung nicht zu finden ist" (FREUD, 1923/1940, p. 288). We will try to investigate, within the work, how we can understand the inscription of this goal if it is conceived as not able to representation, as we see in Freudian statements from this period, such as, for

example, in *Das Unheimliche*, a text written at the same time as *Jenseits des Lustprinzips*: "unser Unbewußtes hat jetzt sowenig Raum wie vormals für die Vorstellung der eigenen Sterblichkeit" (FREUD, 1919/2008, p.161)²⁶⁰.

One question that arises is what exactly the absence of a representation of death means in Freud's thinking. This question takes shape if we take into account that death does appear in Freudian thought from the very beginning of the construction of the psychoanalytic theoretical framework. As early as Freud's own dreams²⁶¹, reported and analyzed in *Die Traumdeutung*, in 1900, or as the goal of a class of drives (*Triebe*), in 1920, we have death as a presence in the Freudian text.

In the first moments of the constitution of the Freudian doctrine of drives, we see that the attainment of satisfaction (*Befriedigung*), its goal, is achieved through an object. This object, in turn, is psychically inscribed in the field of representations, first as a representation of a thing (*Sachvorstellung*) and later, through the link with the representation of a word (*Wortvorstellung*), as an object representation (*Objektvorstellung*). The goal of the drive can be simplistically put as the flow of tension; however, the paths that can be taken to achieve this flow are as variable as possible. To reach this conclusion, we can recall Freud's dismantling in 1905, with the first publication of his *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, of the innatist theories in force at the time regarding the ends of so-called normal sexuality, as we showed in our first chapter.

According to this conception, the object is a means of achieving satisfaction, but its specificity is not original, but is in fact constituted in the course of the history of the development of the specific path of drive outflow through the psychic apparatus. This characteristic therefore implies the need for representation (*Vorstellung*) for the constitution of the drive as such. Given this characterization and the insistence on affirming the supposedly absence in representative nature of death in the psychic apparatus, in this chapter we intend to outline some possibilities for understanding the relationship between the drive,

²⁶⁰ *Das Unheimliche* (FREUD, 1919/2008, p.161)

²⁶¹ For an in-depth discussion of the presence of death in these early moments of psychoanalytic discourse, we recommend the work of Liran Razinsky Freud, *Psychoanalysis and Death* (2013), especially its third chapter, where the author deals precisely with the presence of death in Freudian dreams. After a thorough analysis of Freud's dreams, the author concludes that:

"We gradually come to see that death is recurrent in Freud's dream book in a way that was not initially evident. It emerges as a continuous concern behind many of his dreams, both directly present or indirectly and in disguise." (2013, p. 74)

as it is conceived of at the moment, and representation. We assume from the outset and based on the previous chapters, in line with Hanns' reading (1999, p. 84), that these representations are what constitute the psychic apparatus itself and are therefore at the basis of the differentiation between the psychic instances. The study carried out in this chapter aims to pave the way so that, in the final chapter, we will have the tools to approach the relationship between the concepts of “*Trieb*” and “*Ich*” from this moment in Freudian theorizing, that is, in the light of his second dualism. Initially, we demonstrated in the first chapters of the work that this concept is intimately linked to the realization of the drive circuit in the formalization of his first model, so we will try to highlight the changes resulting from the transition from one model to another.

In order to achieve this objective and to better circumscribe the question that guides this work, it will follow the development of the second moment of Freud's theory of drives, beginning with a brief discussion of what can be called one of the empirical bases on which the concept will be used as an explanatory factor: the problem of the compulsion to repeat in a set of clinical texts published by Freud between 1912 and 1915. After this preliminary moment, we will follow the development of the discussion on this second class of drives, from its introduction in *Jenseits des Lustprinzips*, through crucial moments in the work, which will deal with this later development of the theory: *Das ökonomische Problem des Masochismus* (1924), *Das Unbehagen in der Kultur* (1932), the 32nd of the *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (Angst und Triebleben)* (1932) and *Die endliche und die unendliche Analyse* (1937). In this attempt, we will try to follow the possible articulation of this new dualism to the representational field, with a view to the first definition of the concept of *Trieb*, whose development we have followed in the previous chapters.

3.1. A few preliminary words on the transition from one dualism to another: the compulsion to repeat in clinical texts

Before we get into the discussion of the second Freudian drive dualism, we would like to comment briefly on another concept, closely linked to the introduction and need for a new dualism: the “*Wiederholungszwang*” or “*Zwang zur Wiederholung*”. We have decided to proceed in this way in order to maintain our methodological strategy: to follow the texts and

their development in order to better delineate how the problem is constructed within the work, putting it into discussion with the secondary bibliography found during the course of the research.

This concept will be of great importance for the construction of Freudian discourse from this moment on (1920), as it is closely related to the foundation of the concept of the death drive. However, the compulsion to repeat, as a phenomenon, is not new at this point in Freud's writing. In fact, it had already been used a few years earlier, in the context of clinical discussion, in a series of texts published by Freud between 1912 and 1915: *Zur Dynamik der Übertragung* (1912), *Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten* (1914) and *Bemerkungen über die Übertragungsliebe* (1915). The way in which this discussion takes place in these texts seems, however, not to require the establishment of a functioning beyond the pleasure principle, and this because of the intimate relationship with the notion of resistance (*Widerstand*) that is established there.

In 1920, however, with the resumption of this discussion, in the first chapters of *Jenseits des Lustprinzips*, more precisely in its third chapter, its link was established not only in the field of clinical discussion, but also related to the framework of metapsychological composition. This is made possible by taking up the compulsion to repeat (*Wiederholungszwang*) within a series of phenomena, and not just restricted to its clinical manifestation in the context of transference (*Übertragung*). In this respect, we align ourselves with the reading that Monzani develops in the third chapter of *Freud: the movement of a thought*. But not only that, but also a new approach to its manifestation in the clinical context, which will be crucial in the third chapter of text from 1920, as we will present in the following discussion, again attesting to the preponderance of the clinical fact in Freudian metapsychological elaborations.

In *Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*, Freud introduces the problem of repetition in the transference, establishing a kind of "type" (*Typus*) of psychoanalytic case in which:

[...] der Analytierte *erinnere* überhaupt nichts von dem Vergessenen und Verdrängten, sondern er *agiere* es. Er reproduziert es nicht als Erinnerung, sondern als Tat, er *wiederholt*

es, ohne natürlich zu wissen, daß er es wiederholt. (FREUD, 1914/1992, p. 89)

And this type of phenomenon in its clinical manifestation is closely related to resistance in its opposition to treatment (*Kur*), in a relationship of proportionality such that "the greater the resistance, the more often remembering will be replaced by *acting* (repeating)" (FREUD, 1914/2017, p. 156)²⁶². We can see that at this point in his understanding of repetition, which here is not called *Wiederholungszwang* as it will be from 1920 onwards, but *Zwang zur Wiederholung*, there seem to be some specific contents that are repeated in the clinical situation, contents that come from the repressed (*Verdrängten*): "[...] er wiederholt alles, was sich aus den Quellen seines Verdrängten bereits in seinem offenkundigen Wesen durchgesetzt hat, seine Hemmungen und unbrauchbaren Einstellungen, seine pathologischen Charakterzüge" (FREUD, 1914/1992, p. 91).

With regard to this content, we should point out here that Freud approaches it as a kind of return of the repressed that takes the form of repetition. Repetition, in this context, is the transference of the forgotten past to the present situation. It makes present something that has already happened, but not in the same way that *remembrance* (*Erinnern*) does. In the latter, the past is placed as something that remains in a previous time, establishing its distance from the present through memory. In repetition, however, this past is shown as present, as an action (*agieren*), which is present in the situation in progress. What is repeated are those situations that, in some way, already existed at other times, but which became unfeasible and therefore suffered the fate of repression. There is nothing in the text to lead us to conclude that these repeated contents are primary sources of displeasure. Repetition here remains a form of resistance, as a way of not entering those contents that should lead to displeasure, producing a discomfort that aims to paralyze the analytical process.

Reading the text leads us to conclude that resistance and repression seem to be the nodal point at which transference and repetition are linked. And, if we take a closer look at the metapsychological text that aimed to circumscribe the phenomena of repression, *Die Verdrängung*, from 1915, we can affirm that this functioning is established as a function of and in the face of the pleasure principle. Every drive is aimed at satisfaction, and this is always its goal (*Ziel*). What makes it a possibility of displeasure, which then legitimizes

²⁶² Je größer der Widerstand ist, desto ausgiebiger wird das Erinnern durch das Agieren (Wiederholen) ersetzt sein (FREUD, 1914/1992, p. 90)

repression, would be a conflict between the psychic instances. In this way, the realization of the drive would be a source of pleasure for one instance, while at the same time acting as a source of displeasure for another: "Zur Bedingung der Verdrängung ist dann geworden, daß das Unlustmotiv eine stärkere Macht gewinnt als die Befriedigungslust" (FREUD, 1915/1949, p. 249). Repression is understood as a defense mechanism, a defense against the displeasure that would be caused in one of the psychic instances by the fulfillment of the drive need.

At the same time as there is a force of repulsion that is exerted by consciousness in relation to the repressed content, there is also a force of attraction that this repressed content exerts on other contents with which it has been able to establish a link. Hock (2012, p. 158) explains this mechanism as follows:

Zwei Vektoren, die in der Regel gegeneinander wirken, gehen also eine Koalition miteinander ein: statt das zu Verdrängende abzustoßen, folgt das Bewußtsein in einer regressiven Bewegung den Spuren des Verdrängten und verstärkt dadurch noch die Anziehungskraft der unbewußten Triebe. (HOCK, 2012, p. 158)

It is this play of forces that will make up the framework of repression. After a primordial repression, the representational agency remains in the unconscious, exercising its power by attracting other contents that are associated with it. Through this association, these contents suffer the same fate as the first, being victimized by repression. From this, it can be concluded that the occurrence of repression does not totally remove the power of the representational agency. Outside of consciousness it can still exert force, in order to seek expression through associative contents. Repression only affects its connection with the conscious psychic instance; but not in such a way as to completely remove its access to this instance. The greater the repression, the closer the associative link with the originally repressed contents.

Therefore, repression takes place as a process that works according to the logic of the pleasure principle, it acts in such a way as to avoid the displeasure that would arise if the drive were to be realized; and it is this displeasure that motivates the repressive process. Therefore, repression, if we take this text into account, is not opposed to the pleasure principle, but is established as a process precisely because of it, as are the resistances that are

evoked in the case of associative contents that are in some way related to the repressed content.

This is also the case with Freud's analysis in *Bemerkungen über die Übertragungsliebe*, from 1915. In this text, the phenomenon of the patient falling in love in the context of transference is understood as a special case of resistance through repetition, emphasizing "above all the undoubted portion of resistance in this love" (FREUD, 1915/2017, p. 175)²⁶³, Freud writes that:

Als zweites Argument gegen die Echtheit dieser Liebe führt man die Behauptung ein, daß dieselbe nicht einen einzigen neuen, aus der gegenwärtigen Situation entspringenden Zug an sich trage, sondern sich durchwegs aus Wiederholungen und Abklatschen früherer, auch infantiler Reaktionen zusammensetze. (FREUD, 1915/1992, p. 107)

This repressed content, which "repeats itself countless times in the course of an analysis" (FREUD, 1912/2017, p. 113)²⁶⁴, will constitute a "cliché" (*Klischee*) through which the drives find a way of manifesting themselves, in line with the pleasure principle:

Die unbewußten Regungen wollen nicht erinnert werden, wie die Kur es wünscht, sondern sie streben danach, sich zu reproduzieren, entsprechend der Zeitlosigkeit und der Halluzinationsfähigkeit des Unbewußten. (FREUD, 1912/1992, p. 48)

By briefly going through this moment in the clinical approach to the compulsion to repeat, we align ourselves with the conclusions of Hock who, in a very didactic way, points out that, in the texts in question:

Weshalb (tritt) uns bei der Analyse die Übertragung als der stärkste Widerstand gegen die Behandlung entgegen", heißt die Problemstellung in "Zur Dynamik der Übertragung" (G.W. VIII: 366), der Freud durch die Unterscheidung verschiedener Übertragungsarten näher zu kommen sucht; und in "Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten" isoliert und identifiziert

²⁶³ Man betont vor allem den unverkennbaren Anteil des Widerstandes an dieser "Liebe". (FREUD, 1915/1992, p. 107)

²⁶⁴ "[...] wiederholt sich im Verlaufe einer Analyse ungezählte Male" (FREUD, 1912/1992, p. 43)

Freud als “Wiederholen” zunächst nichts anders als eine bestimmte Form des Übertragungswiderstands, die er bereits im letzten Abschnitt von “Zur Dynamik der Übertragung” skizziert hatte. Die “Bemerkungen zur Übertragungsliebe” verhandeln schließlich eine agierte und gleichzeitig erotische Übertragung, an der “der Widerstand unzweifelhaft einen großen Anteil” (G.W. X: 310) hat; [...]. (HOCK, 2012, p. 156-157)

As we'll see later, Freud takes up this debate in the third chapter of *Jenseits des Lustprinzips*, but only after going through a series of other repetitive manifestations. And in this return, we will see a new fact added to transference repetition. In the texts that are the subject of this session's commentary, we have emphasized that: 1) the compulsion to repeat, at this point, doesn't seem to require going beyond the pleasure principle, and 2) it can be understood as a kind of return of the repressed and, therefore, at the service of the pleasure principle.

3.2 The introduction of the second drive dualism

We will begin this session, in view of the discussion above, by the third chapter of *Jenseits des Lustprinzips*, and then return to the previous chapters. Through this, we aim to indicate the movement that leads, within the text, to the introduction of the new drive dualism, which operates through the approach to the problem of the compulsion to repeat in the chapter in question. Freud begins, in a panoramic review of the development of psychoanalytic treatment, by turning to the the discussion that we saw taking place in the previous clinical texts, commented on above:

Der Kranke kann von dem in ihm Verdrängten nicht alles erinnern, vielleicht gerade das Wesentliche nicht, und erwirbt so keine Überzeugung von der Richtigkeit der ihm mitgeteilten Konstruktion. Er ist vielmehr genötigt, das Verdrängte als gegenwärtiges Erlebnis zu *wiederholen*, anstatt es, wie der Arzt es lieber sähe, als ein Stück der Vergangenheit zu *erinnern*. (FREUD, 1920/2020, p. 86)

And then he continues:

Es ist klar, dass das meiste, was das Wiederholungszwang wiedererleben lässt, dem Ich Unlust bringen muss, denn es fördert ja Leistungen verdrängter Triebregungen zutage, aber das ist Unlust, die wir schon gewürdigt habe, die dem Lustprinzip nicht widerspricht, Unlust für das eine System und gleichzeitig Befriedigung für das andere. (FREUD, 1920/2020, p. 90)

In the first chapter of the book, Freud first discusses the prominence of the pleasure principle in the realm of psychic processes, stating that, if this assumption is true²⁶⁵, experience (*Erfahrung*), however, does not seem, at first glance, to concatenate with it²⁶⁶. From this point on, Freud will show that most experiences of displeasure are the result of two orders of phenomena: the substitution of the pleasure principle for the reality principle, in such a way that, in order to obtain the final pleasure, the psychic apparatus will have to take into account the conditions of the external world²⁶⁷. We also have the fact of repression, which turns a possibility of pleasure into an unpleasant one²⁶⁸, a mechanism that can already be demarcated by the consideration we made in our introductory words to this chapter about an earlier moment in Freud's constructions. The other order of phenomena will be that of stimuli from the external world, which will be of a painful nature in view of the increase in internal stimulation they promote. So the conclusion is: these orders of displeasure are perceptual in nature and do not contradict the dominance of the pleasure principle²⁶⁹. In the second chapter, Freud introduces us to the discussion of two orders of observations, one of a

²⁶⁵ The rehearsal begins as follows:

In der psychoanalytischen Theorie nehmen wir unbedenklich an, dass der Ablauf der seelischen Vorgänge automatisch durch das Lustprinzip reguliert wird, das heißt, wir glauben, dass er jedesmal durch eine unlustvolle Spannung angeregt wird und dann eine solche Richtung einschlägt, dass sein Endergebnis mit einer Herabsetzung dieser Spannung, also mit einer Vermeidung von Unlust oder Erzeugung von Lust zusammenfällt. (FREUD, 1920/2020, p. 58)

²⁶⁶ (...) während doch die allgemeinste Erfahrung dieser Folgerung energisch widerspricht. (FREUD, 1920/2020, p. 64)

²⁶⁷ (...) ohne die Absicht endlicher Lustgewinnung aufzugeben, doch den Aufschub der Befriedigung, den Verzicht an mancherlei Möglichkeiten einer solchen und die zeitweilige Duldung der Unlust auf dem langen Umwege zur Lust fordert und durchsetzt. (FREUD, 1920/2020, p. 66)

²⁶⁸ Unterwegs geschieht es immer wieder, dass einzelne Triebe oder Triebanteile sich in ihren Zielen oder Ansprüchen als unverträglich mit den übrigen erweisen, die sich zu der umfassenden Einheit des Ichs zusammenschließen können. Sie werden dann von dieser Einheit durch den Prozess der Verdrängung abgespalten, auf niedrigeren Stufen der psychischen Entwicklung zurückgehalten und zunächst von der Möglichkeit einer Befriedigung abgeschnitten. [...] so wird dieser Erfolg, der sonst eine Lustmöglichkeit gewesen wäre, vom Ich als Unlust empfunden. (FREUD, 1920/2020, p. 66)

²⁶⁹ Die meiste Unlust, die wir verspüren, ist ja Wahrnehmungsunlust, entweder Wahrnehmung des Drängens unbefriedigter Triebe oder äussere Wahrnehmung, sei es, dass diese an sich peinlich ist, oder dass sie unlustvolle Erwartungen im seelischen Apparat erregt, von ihm als "Gefahr" erkannt wird. (FREUD, 1920/2020, p. 68)

clinical nature and the other outside the clinical context: *traumatic neurosis* (*traumatische Neurose*²⁷⁰) and children's play (*das Kinderspiel*). In the former, it will be emphasized that:

[...] das Hauptgewicht der Verursachung auf das Moment der Überraschung, auf den Schreck, zu fallen schien, und zweitens, dass eine gleichzeitig erlittene Verletzung oder Wunde zumeist der Entstehung der Neurose entgegenwirkte. (FREUD, 1920/2020, p. 70)

And also by a symptomatic characteristic type of dream, in which the patient is repeatedly taken back to the traumatic situation²⁷¹. After presenting us with this clinical description and the strange tendency of his dreams, which do not seem to concatenate with the wish-fulfilling tendency of dreams, Freud then invites us, somewhat abruptly, to abandon, at least temporarily, this order of phenomena, in order to move on to consider another observation, presented as a normal activity of the psychic apparatus²⁷². Freud then tells us about the observation of his grandson playing, in which he reproduces the painful experience of maternal absence, which in psychoanalytic literature has become known as the "*Fort-Da-Spiel*" (IANNINI; TAVARES, 2020, p. 22; LÖCHEL, 1996, p. 683). It raises the question of the relationship between the reproduction of a painful scene through play and the pleasure principle, with the supposedly dominant tendency in psychic life to avoid situations that increase psychic tension. After these preliminary discussions, Freud then moves on to his third chapter, where he returns to the problem of repetition in the clinical situation, which is where we began this text. But something new is added to this discussion, so that Freud seems to move away from the conception of the compulsion to repeat linked to the return of the repressed and to topical displeasure, as was the case in 1914, by this "new and noteworthy fact", according to which:

²⁷⁰ Nach schweren mechanischen Erschütterungen, Eisenbahnzusammenstößen und anderen, mit Lebensgefahr verbundenen Unfällen ist seit langem ein Zustand beschrieben worden, dem dann der Name "traumatische Neurose" verblieben ist. (FREUD, 1920/2020, p. 68-70)

²⁷¹ Nun zeigt das Traumleben der traumatischen Neurose den Charakter, dass es den Kranken immer wieder in die Situation seines Unfalles zurückführt, aus der er mit neuem Schreck erwacht. (FREUD, 1920/2020, p. 72)

²⁷² Ich mache nun den Vorschlag, das dunkle und düstere Thema der traumatischen Neurose zu verlassen und die Arbeitsweise des seelischen Apparates an einer seiner frühzeitigen normalen Betätigungen zu studieren. Ich meine das Kinderspiel. (FREUD, 1920/2020, p. 74)

Die neue und merkwürdige Tatsache aber, die wir jetzt zu beschreiben haben, ist, dass der Wiederholungszwang auch solche Erlebnisse der Vergangenheit wiederbringt, die keine Lustmöglichkeiten enthalten, die auch nicht Befriedigungen, selbst nicht von seither Triebregungen gewesen sein können. (FREUD, 1920/2020, p. 90)

Côrrea (2023, p. 167) recognizes that in dealing with repetition at this point in the work, in the third part of the text, Freud does not seem to be referring to the return of the repressed, but rather "to the enigmatic masochistic tendencies of the I"²⁷³. Freud refers to these masochistic tendencies when addressing repetition in the case of dreams in traumatic neuroses, in the second part of the text, in an excerpt added to the 1921 edition (FREUD, 2020, p. 75). Campos (2014, p. 137) is another author who points to the novelty that is introduced in the passage in question, although he does not refer to it as a development that adds to the conception of the compulsion to repeat as thought of in the clinical text of 1914:

However, and this is new, Freud points out that some impulses derived from the unconscious could recall past experiences that never brought satisfaction, which would place a repetition of the repressed unconscious beyond the pleasure principle. (CAMPOS, 2014, p. 137)²⁷⁴

He then makes a differentiation which, although we haven't emphasized it here, is worth pointing out, given its importance both conceptually and in terms of clinical implications:

However, what becomes thematic for Freud is repetition that is not at the service of the pleasure principle, but at the service of the unconscious in an imperative that operates through a compulsion to repeat an unpleasant event as a way of actively controlling it. This is also what underpins the need for a distinction between mere *repetition*, which describes a mechanism operating within the pleasure principle, and the *compulsion to repeat* itself, which implies something *beyond* the pleasure principle. (CAMPOS, 2014, p. 138)²⁷⁵

²⁷³ “remeter às enigmáticas tendências masoquistas do Eu” (Côrrea, 2023, p. 167)

²⁷⁴ Contudo, e isso é novo, Freud aponta que alguns impulsos derivados do inconsciente poderiam lembrar experiências passadas que nunca trouxeram satisfação, o que colocaria uma repetição do recalado inconsciente para além do princípio de prazer. (CAMPOS, 2014, p. 137)

²⁷⁵ Porém, o que passa a ser tematizável para Freud é a repetição que não está a serviço do princípio do prazer, mas a serviço do inconsciente em um imperativo que opera por meio de uma compulsão a repetir um evento desprazeroso como forma de controlá-lo ativamente. Isto é, inclusive, o que sustenta a necessidade de uma

There is also one last movement in these first chapters, which adds to the series listed so far. In this latest movement, is about approaching the problem of repetition beyond its clinical manifestation, which we see manifested in the statement that "the same thing that psychoanalysis reveals in the transference phenomena of neurotics can also be found in the lives of non-neurotic people" (FREUD, 1920/2020, p. 95), and then concludes:

Angesichts solcher Beobachtung aus dem Verhalten in der Übertragung und aus dem Schicksal der Menschen werden wir den Mut zur Annahme finden, dass es im Seelenleben wirklich einen Wiederholungszwang gibt, der sich über das Lustprinzip hinaussetzt. Wir werden auch jetzt geneigt sein, die Träume der Unfallsneurotiker und den Antrieb zum Spiel des Kindes auf diesen Zwang zu beziehen. Allerdings müssen wir uns sagen, dass wir die Wirkungen des Wiederholungszwang nur in seltenen Fällen rein, ohne Mithilfe anderer Motive, erfassen können. (FREUD, 1920/2020, p. 96)

After this route, Freud claims to find the "courage" (*Mut*) to affirm the existence of a functioning prior to the pleasure principle, even though he seems hesitant to affirm its independence. The important thing to note here, in view of the purpose of this discussion, is that we see in the construction of Freudian thought, in his introductory chapters of *Jenseits des Lustprinzips*, a characteristic way of proceeding: the concatenation of phenomena in series, to then conclude that the previous explanatory factors were not sufficient for a satisfactory understanding of the phenomena in question. Through the serial concatenation of phenomena and by adding that in the transference (*Übertragung*) we have another order of manifestations that no longer fit in with the return of repressed contents, Freud comes to the conclusion that he seeks to affirm at this point: the existence of a compulsion to repeat that seems not to take into account the gain of pleasure and the avoidance of displeasure. However, up to this point, there has been no pure manifestation of this tendency in psychic life. If we follow the initial moments of the text, we will see that Freud seems hesitant to bring it to a conclusion and to discuss its supposed manifestations. A series of other factors are evoked as possible explanatory possibilities: in the case of childish play, for example, the

distinção entre a mera *repetição*, que descreve um mecanismo operante dentro do princípio de prazer, da *compulsão à repetição* propriamente dita, que implicaria um *além* do princípio de prazer. (CAMPOS, 2014, p. 138)

existence of a revenge impulse (*Racheimpulse*) or a domination drive (*Bemächtigungstrieb*) is taken into consideration. In the case of repetition in the transference, the previous discussion is evoked, where repetition does not contradict the pleasure principle. But all these other explanatory factors do not provide a satisfactory picture of these manifestations, at least this seems to be the reasoning followed by Freud. Thus, on the whole, something else seems to manifest itself in this order of phenomena: the existence of a compulsion to repeat. Soria (2023), recalling Monzani (1989), points out that:

[...] Freud's expository strength is not in the isolated, disparate elements that make up his argument, but in the seam that gives them unity, or even, to use his expression, "in an inexplicable residue that persists in this series". It's not a question of a mechanical summation of the parts, but of a unity that exceeds the isolated fragments, which must be achieved by looking at the whole composition. (SORIA, 2023, p. 39)²⁷⁶

The author points out that none of the factors listed in the series (transferential repetition, infantile play and trauma) are new in Freudian discourse, what is new here is that they are taken together (SORIA, 2023, p. 46). In the German-language bibliography, we can refer to Löchel (1996), whose reading of the text is in line with that of Monzani on Brazilian soil. For the author, the text's argument sometimes seems to go round in circles, "confronting us with a way of thinking that changes level, perspective and material without integrating the resulting ruptures into its logic" (LÖCHEL, 1996, p. 682)²⁷⁷. The text itself seems, for the author, to bring into play the repetition that is its object: "Repetition is therefore not only content and theme, but also a procedure of the text" (*idem*, p. 684)²⁷⁸. As we have seen in her initial chapters and as the author tries to point out, the text operates in a repetitive way: a subject, once presented, is abandoned only to be taken up again, as in the case of traumatic dreams and also transference repetition put into perspective with previous clinical texts. The

²⁷⁶ [...] a força expositiva de Freud não está nos elementos pontuais isolados, díspares que compõe a sua argumentação, mas na costura que dá unidade a eles, ou ainda, para usarmos sua expressão, "em um resíduo inexplicável que persiste nessa série". Não se trata de uma somatória mecânica das partes, mas de uma unidade que excede os fragmentos isolados, que deve ser alcançada ao se olhar o todo da composição. (SORIA, 2023, p. 39)

²⁷⁷ Weil er uns mit einem Denken konfrontiert, das übergangslos die Ebenen, die Perspektiven, sein Material wechselt, ohne die dadurch entstehenden Brüche durch seine Logik einzubinden. (Löchel, 1996, p. 682)

²⁷⁸ Wiederholung ist also nicht nur Inhalt und Gegenstand, sondern zugleich auch ein Verfahren des Textes. (Löchel, 1996, p. 684)

compulsion to repeat, both for Monzani, remaining in later readings that are based on hers, and for the German author, will be a remnant that remains from the series.

And why is it important to point this out here for our discussion? Precisely because the compulsion to repeat will, in the course of the text, be seen as a mode of functioning proper to the [death] drive: sometimes as a kind of preparation for the attempt to psychically inscribe the drive at certain moments in the text, sometimes seeming to oscillate between a beyond the pleasure principle and a preparation for its dominance in psychic life, appearing to be linked to the insistence on the search to psychically inscribe an experience, at some moments, to, at others, indicate the absence of the possibility of inscription. The author presents an attempt to read the relationship between the conception of the death drive in *Jenseits des Lustprinzips* and the notion of psychic representation, which she also tries to discuss with the 1915 definition of the drive, according to which:

Fragen wir also: In welchem Verhältnis steht denn der Todestrieb zur psychischen Repräsentanz, wenn ihm selbst keine solche zukommt? Verfehlt er nicht doch die Definition des Triebes (im Sinne von "Triebe und Tribschicksale", 1915c), wenn er kein Repräsentant ist und keine Repräsentanz hat? Nein - so laut meine These; er ist vielmehr mit jeglicher Repräsentanz aufs engste verknüpft. [...] Nach meinem Verständnis hat der Todestrieb etwas mit den Voraussetzungen und Folgen psychischer Repräsentanz zu tun: Man könnte sagen, er ist der Preis, den wir dafür bezahlen, dass es psychische Repräsentanz gibt. (Löchel, 1996, p. 709)

Almeida (2023, p. 213) points out that the theoretical change that takes place in the text "is based on the clinic, as if the clinic served as a test of the theory or as a court in which experience itself delivers verdicts on the adequacy of the theory" (ALMEIDA, 2023, p. 213)²⁷⁹. The approach to the compulsion to repeat really does seem to come from clinical fact, especially if we take into account the previous clinical texts. However, at the present time, 1920, we understand that Freud points beyond the clinical fact as an empirical verdict, since not only clinical situations are addressed as the manifestations of this tendency that doesn't seem to take into account the avoidance of displeasure. Also others that Freud presents as

²⁷⁹ "tem fundamento na clínica, como se esta servisse como teste da teoria ou como tribunal em que a própria experiência profere veredictos acerca da adequação teórica" (ALMEIDA, 2023, p. 213)

situations taken from everyday life, such as play and the fate that seems to haunt certain people. When looking at other manifestations linked to the functioning governed by the compulsion to repeat, Freud would have noticed that a residue was always left behind in these manifestations (FERNANDES, 2023, p. 297). The attention paid to this residue led him to postulate the beyond of the "pleasure principle". We agree with Fernandes (2023) that "the noteworthy fact that Freud presents us with is the realization that the compulsion to repeat also brings back experiences from the past that do not produce pleasure" (FERNANDES, 2023, p. 300)²⁸⁰.

Moving on in the text, in the fourth chapter we will look for a possible answer to the question of the relationship between this compulsion to repeat and the pleasure principle, or its domain, by returning to the discussion of trauma (which, as we saw, was abruptly abandoned in the second chapter of the text). The consideration of trauma, understood as the invasion of the psychic apparatus by a large quantity of stimuli, initially of external origin, will then lead to the conclusion that:

Solche Erregungen von außen, die stark genug sind, den Reizschutz zu durchbrechen, heißen wir *traumatische*. (...) Die Überschwemmung des seelischen Apparats mit großen Reizmengen ist nicht mehr hintanzuhalten; es ergibt sich vielmehr eine andere Aufgabe, den Reiz zu bewältigen, die hereingebrochenen Reizmengen psychisch zu binden, um sie dann der Erledigung zuzuführen. (FREUD, 1920/2020, p. 112-114)

In face of such an invasion, the psychic apparatus has the task of dealing with this amount of stimulation, of mastering it. And by what means? By what Freud called the process of *Bindung*²⁸¹. This means that, in energetic terms, for a quantity of stimulation to be psychically elaborated, to be able to enter the realms of the psychic sphere, it must first be psychically bound through a connection with representations (IANNINI, 2020, p. 211):

²⁸⁰ "o fato digno de nota que Freud nos apresenta é a constatação de que também a compulsão à repetição faz retornar experiências do passado que não produzem prazer" (FERNANDES, 2023, p. 300)

²⁸¹ Vielleicht geben wir der Vermutung Raum, daß die "Bindung" der in den seelischen Apparat einströmenden Energie in einer Überführung aus dem frei strömenden in den ruhenden Zustand besteht. (FREUD, 1920/2020, p. 116)

Wenn die Träume der Unfallsneurotiker die Kranken so regelmäßig in die Situation des Unfalles zurückführen, so dienen sie damit allerdings nicht der Wunscherfüllung, deren halluzinatorische Herbeiführung ihnen unter der Herrschaft des Lustprinzips zur Funktion geworden ist. Aber wir dürfen annehmen, daß sie sich dadurch einer anderen Aufgabe zur Verfügung stellen, deren Lösung vorangehen muß, ehe das Lustprinzip seine Herrschaft beginnen kann. Diese Träume suchen die Reizbewältigung unter Angstentwicklung nachzuholen, deren Unterlassung die Ursache der traumatischen Neurose geworden ist. Sie geben uns so einen Ausblick auf eine Funktion des seelischen Apparats, welche, ohne dem Lustprinzip zu widersprechen, doch unabhängig von ihm ist und ursprünglicher scheint als die Absicht des Lustgewinns und der Unlustvermeidung. (FREUD, 1920/2020, p. 118-120)

For the second time in this text, Freud presents a process that is more primordial than the pleasure principle: first, the compulsion to repeat, and then, the *Bindung*²⁸². However, as we can read above this second process is not understood as contradictory to the pleasure principle, but rather as a preparatory process through which it would exercise its dominance:

Daraus ergibt sich nun: Erst die Bindung von Erregung (an Erinnerungsspuren, d.h. psychische Repräsentanzen) ermöglicht ihre Erledigung durch das Lustprinzip. Dem Lustprinzip muss also durch Bindungsarbeit zuerst der Weg geebnet werden. ((Löchel, 1996, p. 687)

At the beginning of the fifth chapter, Freud, when discussing the concept of drive, begins by bringing the previous conceptualization into the light of the problem of the traumatic nature of energy that is not fixed within the psychic system. This is carried out in order to sustain that the drive itself is traumatic in nature, in that it brings a quantity of stimuli into the psychic apparatus that first needs to be mastered, so that it can then be put into the psychic system as such. The drive "contains an inclusion of trauma, that is, of what cannot be psychically assimilated", according to Löchel (1996, p. 689)²⁸³. With this, we can once again

²⁸² Zum zweiten Male hat Freud nun also eine Funktion *neben* bzw. *vor* dem Lustprinzip, ein Jenseits des Lustprinzips aufgedeckt: Dem Wiederholungszwang (im III. Kapitel) und die Bindung (im IV. Kapitel) (Löchel, 1996, p. 688).

²⁸³ Der Trieb enthält einen Einschluss von Trauma, d.h. von psychisch nicht Assimilierbarem. (Löchel, 1996, p. 689)

affirm that the drive itself is not originally psychic, but needs to go through a process of fixation in representations, and only then can it manifest itself psychically. Says the author:

Die ausgiebigsten Quelle solch innerer Erregung sind die sogenannten Triebe des Organismus, die Repräsentanten aller aus dem Körperinnern stammenden, auf den seelischen Apparat übertragenen Kraftwirkungen, selbst das wichtigste wie das dunkelste Element der psychologischen Forschung. (FREUD, 1920/2020, p. 124)

In the course of this chapter, we arrive at a new definition of Freud's *Grundbegriff*:

Ein Trieb wäre also ein dem belebten Organischen innewohnender Drang zur Wiederherstellung eines früheren Zustandes, welchen dies Belebte unter dem Einflusse äußerer Störungskräfte aufgeben mußte, eine Art von organischer Elastizität, oder wenn man will, die Äußerung der Trägheit im organischen Leben. (FREUD, 1920/2020, p. 130)

With the new definition, the drive changes from representing stimuli that have their origin outside the psychic, but which need to enter the psychic in order to manifest themselves, to a "*Drang zur Wiederherstellung*". The emphasis is on its origin as being caused by external influences (*eine noch ganz unvorstellbare Krafteinwirkung*, (FREUD, 1920/2020, p.136)). From the new definition, Freud begins to refer more in terms of the living being than the psychic apparatus, as we see in the next paragraph after the definition (*den Ausdruck der konservativen Natur des Lebenden*): "At the time, the tension generated in the previously inanimate matter tried to equalize itself; the first drive arose, that of returning to the inanimate" (FREUD, 1920/2020, p. 137):

Let's note that, at this point, Freud is broadening the notion of drive in relation to his previous formulations and thinking of it in a considerably different way. Until then, the drive had been conceived as the *psychic expression of* endogenous stimuli or as endogenous stimulation *that is expressed in the psychic*. Although it oscillates between these two

definitions, in the previous stage of his work, the drive was a concept that related exclusively to the psychic apparatus. (CAROPRESO, 2020, p. 49)²⁸⁴

Thus, in the sixth chapter, Freud struggles both with the justification of the primordial character of the death drive and with the possibility of allocating the life drive within the framework of the new definition of drive²⁸⁵: since the drive must be understood as an impetus to return to a previous state, how can the supposed agglomerating goal of Eros be reconciled? Fonseca (2020) concisely points out that:

The genesis of the drive is described as a tension in relation to which hitherto inorganic matter (*Stoff*) sought to dismantle itself in order to return to its original state: "Thus was born the first drive (*Trieb*), the drive to return to the inanimate state" (*Trieb zum Leblosen zurückzukehren*). From this initial situation and through the continued action of external forces, organisms continued to change, through adaptive advances and setbacks, which included the emergence of sexual and conservation drives, as well as human consciousness. In this way, Freud situates the conditions for the genesis and specialization of drives from the fundamental regressive order (FONSECA, 2020. p. 31)²⁸⁶

Thus, Freud ends the sixth chapter of the text, the last to be prepared, as we know since the discovery of the manuscript versions by Ulrike May, with a footnote aimed at a brief historical reconstruction of his doctrine of drives, where he finally points out, without having satisfactorily demonstrated this conclusion in the course of the chapter, that:

²⁸⁴ Notemos que, nesse momento, Freud está ampliando a noção de pulsão em relação a suas formulações anteriores e passando a pensá-la de forma consideravelmente diferente. Até então, a pulsão havia sido concebida como a *expressão psíquica* dos estímulos endógenos ou como a estimulação endógena *que se expressa no psíquico*. Embora oscile entre essas duas definições, na etapa anterior de sua obra, a pulsão era um conceito que dizia respeito exclusivamente ao aparelho psíquico. (CAROPRESO, 2020, p. 49)

²⁸⁵ Sie leitet nämlich einen Trieb ab von dem *Bedürfnis nach Wiederherstellung eines früheren Zustandes*. (FREUD, 1920/2020, p. 186)

²⁸⁶ A gênese do impulso é descrita como uma tensão em relação à qual a matéria (*Stoff*) até então inorgânica procurou desmanchar, para poder retornar ao seu estado original: "Assim nasceu a primeira pulsão (*Trieb*), a pulsão de retornar ao estado inanimado" (*Trieb zum Leblosen zurückzukehren*). A partir dessa situação inicial e pela continuidade da ação das forças externas os organismos continuaram a se modificar, através de avanços e retrocessos adaptativos dos quais fazem parte o surgimento dos impulsos sexuais e de conservação, assim como também a consciência humana. Desse modo, Freud situa as condições de gênese e especialização dos impulsos a partir da ordem regressiva fundamental. (FONSECA, 2020. p. 31)

Die Spekulation läßt dann diesen Eros vom Anfang des Lebens an wirken und als “Lebenstrieb” im Gegensatz zum “Todestrieb” treten, der durch die Belebung des Anorganischen entstanden ist. (FREUD, 1920/2020, p. 196)

Freud insists, at the end of the work, on the primordially of both classes of drives: Eros and the death drive, which does not seem to be satisfactorily demonstrated in the course of the exposition. This point of the discussion remains open in the Brazilian field of the philosophy of psychoanalysis, and is echoed by authors such as Caropreso (2020), who points out a kind of contradiction inherent in the development of the Freudian argument at the moment when the author tries to substantiate the regressive nature of the life drives. The author reminds us that:

According to Freud's theory of sexuality, sexual drives are ultimately aimed at discharging arousal. With this in mind, wouldn't contact between two bodies be an intermediate goal of the sexual drive, that is, an intermediate stage in a process driven by this drive, whose ultimate goal would be the discharge of arousal? In this case, wouldn't it be possible to say that, behind the sexual drive, the death drive is also present? These questions seem to undermine the defense of the opposition between the two classes of drives. However, Freud doesn't go so far as to raise them (CAROPRESO, 2020, p. 53)²⁸⁷

The author concludes that:

[...] we can say that, although life drives manifest themselves more clearly and visibly, it is more difficult to substantiate them, from the conceptual assumptions with which Freud has

²⁸⁷ De acordo com a teoria sobre a sexualidade elaborada previamente por Freud, as pulsões sexuais visariam, em última instância, a descarga da excitação. Tendo isso em vista, o contato entre dois corpos não seria um objetivo intermediário da pulsão sexual, isto é, uma etapa intermediária de um processo impelido por essa pulsão, cujo objetivo final seria a descarga da excitação? Nesse caso, não seria possível dizer que, por trás da pulsão sexual, também estaria presente a pulsão de morte? Essas questões parecem abalar a defesa da oposição entre as duas classes de pulsões. No entanto, Freud não chega a levá-las. (CAROPRESO, 2020, p. 53)

worked since his first theoretical formulations, than it is to substantiate the hypothesis of the death drive. (CAROPRESO, 2020, p. 58)²⁸⁸

After arguing that every drive has a regressive character, the death drive has its rightful place within the system that is being outlined, even though Freud does not present a clear expression of this class of drives. The phenomena of the compulsion to repeat seem to express this regressive tendency, which operates at the service of the death drive. They also find a place in the sadism / masochism pair, but already diverted from their original purpose. As a result, two problems are left open in the work: the problem of the regressive nature of the life drives, of how they fit into the new definition of drive, which raises yet another: that of the primordially of the drives and their relationship with the psychic apparatus. With regard to this last point, in the case of death drives, the relationship with the psychic apparatus seems to be one of exteriority at first. A relatively wide range of commentators have been mobilized in this chapter in order to comment on a text and a problem that has been widely debated within the philosophy of psychoanalysis. The interest in these issues is magnified by the centenary of the publication of the work in 1920, which saw the publication in Brazil of a bilingual critical edition of the work, which is of great value for the discussion undertaken here. The aim is to show that there is a prominent field of debate here, in which we seek to insert ourselves and engage in dialog.

...

We can now move on to later texts in order to see if these questions can be better clarified. To this end, we turn to the text on the economic problem of masochism, from 1924, which begins with the assertion that the phenomenon of masochism cannot be understood without a better clarification of the relationship between the pleasure principle and the two classes of drives (*das Verhältnis des Lustprinzips zu den beiden Triebarten*). And with regard to this relationship, we find a statement that is absent from the previous text, which states that:

²⁸⁸ [...] podemos dizer que, embora as pulsões de vida se manifestem de forma mais clara e visível, é mais difícil fundamentá-las, a partir dos pressupostos conceituais com os quais Freud trabalha desde suas primeiras formulações teóricas, do que fundamentar a hipótese da pulsão de morte. (CAROPRESO, 2020, p. 58)

Auf jeden Fall müssen wir inne werden, daß das dem Todestrieb zugehörige Nirwanaprinzip im Lebewesen eine Modifikation erfahren hat, durch die es zum Lustprinzip wurde, und werden es von nun an vermeiden, die beiden Prinzipien für eines zu halten. Von welcher Macht diese Modifikation ausging, ist, wenn man dieser Überlegung überhaupt folgen will, nicht schwer zu erraten. Es kann nur den Lebenstrieb, die Libido, sein, der sich in solcher Weise seinen Anteil an der Regulierung der Lebensvorgänge neben dem Todestrieb erzwungen hat. (FREUD, 1924/1940, p. 372-373)

Freud seeks to maintain that in the living being (*das Lebewesen*), and not just in psychic life (*das Seelenleben*), we have an initial situation in which the most fundamental guiding principle is what is referred to here as the nirvana principle (*das Nirwanaprinzip*), an orientation followed and established by the death drive. Through the influx of sexual drives, that is, through a libidinal occupation, this principle undergoes a change, becoming the pleasure principle, in such a way that "one cannot refuse to call the pleasure principle the guardian of life" (FREUD, 1924/2016, p. 187)²⁸⁹. Freud states that:

Die Libido trifft in (vielzelligen) Lebewesen auf den dort herrschenden Todes- oder Destruktionstrieb, welcher dies Zellenwesen zersetzen und jeden einzelnen Elementarorganismus in den Zustand der anorganischen Stabilität (wenn diese auch nur relativ sein mag) überführen möchte. (FREUD, 1924/1940, p. 376)

The argument followed in the text can lead us to understand that this nirvana principle will be the primary guiding principle, since it is necessary for it to undergo a modification so that the pleasure principle can dominate psychic processes. And we can also have arguments in favor of such an interpretation if we take into account that libido, the expression of life drives, will encounter, as Freud wrote, the *dominant death drive* in the organism, as we can read in the excerpts quoted above, in such a way that:

Sie hat die Aufgabe, diesen destruirenden Trieb unschädlich zu machen, und entledigt sich ihrer, indem sie ihm zum großen Teil und bald mit Hilfe eines besonderen Organsystems, der

²⁸⁹ "[...] die Bezeichnung des Lustprinzips als Wächter des Lebens nicht abgelehnt werden kann" (FREUD, 1924/1940, p. 373)

Muskulatur, nach außen ableitet, gegen die Objekte der Außenwelt reichtet. Er heiße dann Destruktionstrieb, Bemächtigungstrieb, Wille zur Macht. Ein Anteil dieses Triebes wird direkt in den Dienst der Sexualfunktion gestellt, wo es Wichtiges zu leisten hat. Dies ist der eigentliche Sadismus. Ein anderer Anteil macht diese Verlegung nach außen nicht mit, er verbleibt im Organismus und wird dort mit Hilfe der erwähnten sexuellen Miterregung libidinös gebunden; in ihm haben wir den ursprünglichen, erogenen Masochismus zu erkennen. (FREUD, 1924/1940, p. 376)

To a certain extent, Freud develops elements of the new dualism that were outlined in his 1920 work, in terms of the way he conceives of the possible relationships within it. In the sixth chapter of *Jenseits des Lustprinzips*, in the biological speculation that takes shape there, the life drives already seem, in a sense, to perform the function that Freud names in 1924, which is to divert the death drives from their primordial impetus. Côrrea (2023), for example, reminds us that, in that chapter, Freud postulates that:

[...] for the organism to remain alive, there must be an external object towards which the death drive can be directed; this other object absorbs the deadly substances expelled (such as, for example, the constant exchange of water that keeps the protozoa alive) (chapter VI *JdL*)." (CÔRREA, 2023, p. 184)²⁹⁰

Now, however, this relationship seems to be elaborated within the struggle between the two great drives, that is, in the process that results in the deviation in which it manifests itself. This process, through which the two classes of drives will manifest themselves in the forms mentioned (through destruction, domination, power or masochism) will be called *drive amalgamation* (*Triebvermischung*). This relation takes the place that the *support* relationship (*Anlehnung*) had in the first dualism, but not equaling it, since in this previous case there doesn't seem to be a relation of primacy between one and the other of the classes of drives. Following the argument of the 1924 text, we could conclude that a temporal relationship can be established between the two principles and, therefore, between the dominance of the two

²⁹⁰ [...] para o organismo permanecer vivo, tem de haver um objeto externo para o qual a pulsão de morte possa se dirigir, este outro objeto absorve as substâncias mortíferas expelidas (como, por exemplo, a constante troca de água que mantm vivo o protozorio) (cap. VI *APP*).” (CÔRREA, 2023, p. 184)

classes of drives in the living being, in such a way that the death drive seems to have a primordial character in the unfolding of the vital process. But in order for it to manifest itself, the *life drive must* intervene. However, these manifestations, which Freud names above, are not direct manifestations of the death drive, but actually express the mixing of the death drive with libidinal interests, in such a way as to divert it from its primary objective: the return to the state of lifelessness, a state in which no representation in psychic life can be placed. At this point, we can also establish a difference in relation to support: this is a model of relationship that was established within the framework of the first dualism as being primordial: *sexual drives* spring up supported by *self-preservation drives* and only later disperse themselves. The *drive amalgamation*, on the other hand, concerns a later process: the two classes of drives now (*life* and *death*) merge so that, first, the death drives are diverted from their purpose and, by this means, they end up gaining a psychic expression that would otherwise be absent.

So, with this in mind, we can question whether this intervention of the libido over the death drive is a necessity inscribed in the nature of this class of drive. This could lead us to conclude that, in this second moment of Freudian drive theory, we seem to be dealing with other categories, if we think comparatively in relation to the previous dualism. In the first dualism, the relationship between the two classes of drives has as its model what is characterized in the *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* as *support (Anlehnung)*. In this model, if one class of drives, the sexual ones, is born supported by the other class, it then sets up its own circuit of satisfaction through its own objects, constructed through its own representations. Here, on the other hand, the above doesn't seem to apply. The death drive doesn't seem to have its own circuit and its own manifestation, at least that's what this text seems to indicate. In the course of the discussion, we hope to be able to test this idea in later texts.

Following this line of argument, Freud comes to the conclusion that we can recognize the death drive only as a *residue* within some libidinal manifestations:

Wenn man sich über einige Ungenauigkeit hinaussetzen will, kann man sagen, der im Organismus wirkende Todestrieb - der Ursadismus - sei mit dem Masochismus identisch. Nachdem sein Hauptanteil nach außen auf die Objekte verlegt worden ist, verbleibt als sein Residuum im Inneren der eigentliche erogene Masochismus, der einerseits eine Komponente

der Libido geworden ist, andererseits noch immer das eigene Wesen zum Objekt hat. (FREUD, 1924/1940, p. 377)

This death drive is diverted and part of it returns, but still mixed with erotic components, in such a way as to take being itself, in a general sense, and not just as a specific intrapsychic instance (BOCCHI, 2023, p. 252)²⁹¹, as its object. The manifestation as masochism seems to be understood by Freud as also being the effect of a mixture, so that even here there is no pure manifestation of the death drive. In other words, it is only involved in psychic life to the extent that it is eroticized.

The original death drive will undergo a process of detour due to the influence of the libidinal occupation of the *life drives*, in such a way as to render it partially innocuous, being present only as a remnant in the center of libidinal masochism. In this process, it will be possible for the death drive to use the objects through which the life drives find their own satisfaction and, through them, gain psychic expression. The death drive doesn't exactly seem to have an object of satisfaction. It has a goal, but no object and therefore no own representation, understood in the sense of *Vorstellung*. It expresses itself in aggression, but only after being diverted through eroticism, in which we agree with Silveira (2023), in that "the relationship between death drive and aggression is not, for Freud [...], original." (SILVEIRA, 2023, p. 274)²⁹², in other words, it doesn't seem to be inscribed in the death drive itself, but rather is a product and derivative of its mixture with the life drive. However, specifically in the sixth chapter of *Das Unbehagen in der Kultur* (1930), Freud seems to touch on the possibility of an expression of the death drive in the form of aggression independent of erotic components. This, in our understanding, would imply assuming a kind of independence of this class of drive, for which it would be necessary for it to find expression in psychic life without the intervention of erotic representatives, which seems to go against the exposition that we see taking shape both in *Jenseits des Lustprinzips* and in *Das ökonomische Problem des Masochismus*, since "in *The Economic Problem of*

²⁹¹ "In *The Economic Problem of Masochism*, "the primary object of masochism is the 'I' in the sense of 'being', and not just the 'I' as an intrapsychic instance" (BOCCHI, 2023, p. 252).

"Em *O problema econômico do masoquismo*, "o objeto primordial do masoquismo é o Eu na acepção de "ser", e não apenas o Eu como instância intrapsíquica" (BOCCHI, 2023, p. 252).

²⁹² "a relação entre pulsão de morte e agressividade não é, para Freud [...], originária." (SILVEIRA, 2023, p. 274)

Masochism, Freud considers sadism to be the death drive at the service of the sexual function" (CÔRREA, 2023, p. 186)²⁹³, as well as aggression directed outwards and inwards.

If, in the light of the text from 1924, Freud insists that even in recognizable masochism we will have the presence of the death drive only as a remnant at the center of a masochistic libidinal expression that takes its path through re-internalization, when we move on to *Das Unbehagen in der Kultur*, we will read Freud indicating the possibility of a destructive expression whose satisfaction is not erotic, but is linked to drives linked to the death drive:

Für alles Weitere stelle ich mich also auf den Standpunkt, daß die Aggressionsneigung eine ursprüngliche, selbständige Triebanlage des Menschen ist, und komme darauf zurück, daß die Kultur ihr stärkstes Hindernis in ihr findet. (FREUD, 1930/1955, p. 481)

Surprisingly, right at the opening of the sixth chapter of the text from 1930, Freud gives us the following statement:

Darum greife ich es gerne auf, wenn sich der Anschein ergibt, daß die Anerkennung eines besonderen, selbständigen Aggressionstriebes eine Abänderung der psychoanalytischen Trieblehre bedeutet. (FREUD, 1923/1955, p. 476)

Freud seems to want to treat this assumption as a kind of new step, a modification (*Abänderung*) in the drive doctrine. And, a few paragraphs later, we read that “Dieser Aggressionstrieb ist der Abkömmling und Hauptvertreter des Todestriebes, den wir neben dem Eros gefunden haben, der sich mit ihm in die Weltherrschaft teilt” (FREUD, 1930/2021, p. 481). Freud affirms a possible independence of the death drive to manifest itself in the external world without the need for the intervention of an erotic compound, that is, an autonomy to reach the psyche and, through it, the external world. Something that seems to have been absent from previous formulations of the dualism in the 1920s. So that, immediately afterwards, in a historical look at the development of his doctrine of drives,

²⁹³ “em *O problema econômico do masoquismo*, Freud considera que o sadismo é a pulsão de morte a serviço da função sexual” (CÔRREA, 2023, p. 186)

Freud mentions the difficulty introduced in 1920 about the silent character of the death drive, the difficulty in demarcating it in the phenomenal field:

Also außer dem Eros einen Todestrieb; aus dem Zusammen- und Gegeneinanderwirken dieser beiden ließen sich die Phänomene des Lebens erklären. Nun war es nicht leicht, die Tätigkeit dieses angenommenen Todestrieb aufzuzeigen. Die Äußerungen des Eros waren auffällig und geräuschvoll genug; man konnte annehmen, dass der Todestrieb stumm im Inneren des Lebewesens an dessen Auflösung arbeite, aber das war natürlich kein Nachweis. (FREUD, 1930/1955, p. 478)

Then he reminds us that the manifestations of these drives were a later phenomenon, derived from a kind of eroticization of the death drive, so that:

Weiter führte die Idee, daß sich ein Anteil des Triebes gegen die Außenwelt wende und dann als Trieb zur Aggression und Destruktion zum Vorschein komme. Der Trieb würde so selbst in den Dienst des Eros gezwängt, indem das Lebewesen anderes, Belebtes wie Unbelebtes, anstatt seines eigenen Selbst vernichtete. (FREUD, 1930/1955, p. 478)

The new step is then taken in the following words, in order to try to broaden the conception of sadistic destructiveness beyond its understanding as a deviation from the death drive as a function of eroticization:

Ich erkenne, daß wir im Sadismus und Masochismus die stark mit Erotik legierten Äußerungen des nach außen und nach innen gerichteten Destruktionstriebes immer vor uns gesehen haben, aber ich verstehe nicht mehr, daß wir die Ubiquität der nicht erotischen Aggression und Destruktion übersehen und versäumen konnten, ihr die gebührende Stellung in der Deutung des Lebens einzuräumen. (FREUD, 1930/1955, p. 479)

We can then ask ourselves if Freud will develop his argument as the chapters progress, since he seems to understand that this is a step towards updating the drive doctrine. But the

answer seems to be no. Progressing through the following chapters of the text, we will see the problem of aggression articulated with guilt and the need for punishment. In order to render aggression inoperative, culture promotes its introjection, understood by Freud as a return "to the place from which it came, therefore it is turned against the I itself" (FREUD, 1930/2023, p. 377)²⁹⁴. In this passage, the return of aggression to the "I" is a secondary movement, manifesting itself as a "need for punishment" (*Strafbedürfnis*). Eroticized, aggression manifests itself in the masochistic submission of the "I" to the severity of moral conscience (FREUD, 1930/2023, p. 393)²⁹⁵.

In the re-internalization, the death drive will be eroticized, in line with the way we see it elaborated in the previous texts analysed here. These drives seem to be understood as having a certain autonomy, although they don't appear in the phenomenal field. Their manifestation still seems to occur only as an eroticized mixture of drives, in such a way as to deviate from their original goal. In *Conference 32* of the *New Conferences*, entitled *Angst und Triebleben*, the idea of expression as a mixture of drives is again taken up:

Wir meinen also, daß wir im Sadismus und im Masochismus zwei ausgezeichnete Beispiele von der Vermischung beider Triebarten, des Eros mit der Aggression, vor uns haben, und machen nun die Annahme, daß die Verhältnis vorbildlich ist, daß alle Triebregungen, die wir studieren können, aus solchen Mischungen oder Legierungen der beiden Triebarten bestehen. Natürlich in den verschiedenartigsten Mischungsverhältnissen. (FREUD, 1933/1940, p. 111)

The autonomy of one in relation to the other is emphasized, but with an interesting note: insofar as the expression of one of the drives only occurs through a deviation, it is not capable of being apprehended, of being distinguished in its autonomy. Not being distinguishable, it is nevertheless distinct:

²⁹⁴ Die Aggression wird introjiziert, verinnerlicht, eigentlich aber dorthin zurückgeschickt, woher sie gekommen ist, also gegen das eigene Ich gewendet. (FREUD, 1930/1955, p. 482)

²⁹⁵ Das Schuldgefühl, die Härte des Über-Ichs, ist also dasselbe wie die Strenge des Gewissens, ist die dem Ich zugeteilte Wahrnehmung, daß es in solcher Weise überwacht wird, die Abschätzung der Spannung zwischen seinen Strebungen und den Forderungen des Über-Ichs, und die der ganzen Beziehung zugrunde liegende Angst vor dieser kritischen Instanz, das Strafbedürfnis, ist eine Triebäußerung des Ichs, das unter dem Einfluß des sadistischen Über-Ichs masochistisch geworden ist. d. h. ein Stück des in ihm vorhandenen Triebes zur inneren Destruktion zu einer erotischen Bindung an das Über-Ich verwendet. (FREUD, 1930/1955, p. 496)

Soundsoviel vom ursprünglichen Destruktionstrieb mag noch im Inneren verbleiben; es scheint, daß unsere Wahrnehmung seiner nur unter diesen zwei Bedingungen habhaft wird, wenn er sich mit erotischen Trieben zum Masochismus verbindet, oder wenn er sich als Aggression – mit größerem oder geringerem erotischen Zusatz – gegen die Außenwelt wendet. (FREUD, 1933/1940, p. 112)

The question of how, then, the mixture takes place, so as to be able to provide a certain psychic expression to the mute death drives, is nevertheless left open:

Wir anerkennen zwei Grundtriebe und lassen jedem sein eigenes Ziel. Wie sich die beiden im Lebensprozeß vermengen, wie der Todestrieb den Ansichten des Eros dienstbar gemacht wird, zumal in seiner Wendung nach außen als Aggression, das wird Aufgaben, die der Forschung der Zukunft überlassen bleiben. Wir kommen nicht weiter als bis zur Stelle, wo sich eine solche Aussicht vor uns auftut. (FREUD, 1933/1940, p. 115)

What we can deduce from the problem explored in this topic is that, in the 1930s texts analyzed, the drive doctrine, in its second version, seeks to highlight a relative autonomy between the two classes of drives. However, this autonomy seems to fade when it comes to finding psychic expression for the death drive. Despite Freud's reference to a non-eroticized expression of aggression in 1930, this indication is not developed and the death drive, seen from the point of view of the set of texts analysed here, seems to be conceived as an original live impulse that does not find direct paths in psychic life, manifesting itself only as a deviation.

3.3. The place of representation in the second dualism: an attempt at interpretation

Manchmal könnte man zweifeln, ob die Drachen der Urzeit wirklich ausgestorben sind. (FREUD, 1937/1950, p. 73)

Aiming, on the one hand, to attempt to summarize the discussion in this chapter and, on the other, to build the bridge that will take us to the final chapter of this work, I will now try to weave interpretations that will move us towards the problem addressed, based, to this end, on the exposition of the development of the second Freudian drive dualism, which has taken shape above. To continue, we will turn to a clinical text written at the end of Freud's life in order to consider the link between the death drive and psychic representation.

Freud begins his text *Die endliche und die unendliche Analyse*, from 1937, by stating that psychoanalytic treatment, the work on an individual's symptoms, inhibitions and sufferings, is undoubtedly a long-term endeavor. He then questions the possibility of shortening this work, indicating a certain disbelief in it. The question will actually serve to raise another, no less important one: is there, in fact, an end to the work undertaken during an analysis?

Two vectors are seen as determining a possible response: the amount of the drive, which refuses to be tamed by the "I", and the effect of early traumas on a still immature "I". These two factors combine in the etiology of a clinical condition, in other words, they act as complementary causal factors for the emergence of states of psychic suffering. In view of these two vectors, the questions to be answered are tripartite throughout the argument:

[...] erstens, dass es überhaupt möglich ist, einen Triebkonflikt (d. h. besser: einen Konflikt des Ichs mit einem Trieb) endgültig für alle Zeiten zu erledigen, zweitens, daß es gelingen kann, einen Menschen, während man ihn an dem einen Triebkonflikt behandelt, gegen alle anderen solcher Konfliktmöglichkeiten sozusagen zu impfen, drittens, daß man die Macht hat, einen solchen pathogenen Konflikt, der sich derzeit durch kein Anzeichen verrät, zum

Zwecke der vorbeugenden Behandlung zu wecken, und daß man weise daran tut. (FREUD, 1937/1950, p. 67)

Turning initially to the first of the three questions raised, Freud points out that, in this case, it's not a question of definitively eliminating a particular drive demand. It is a question of gaining greater control over it, in order to submit it to paths of satisfaction that are different from those taken until then and more in line with the values established by the "I". At this point Freud calls Metapsychology into the field of discussion in order to answer how and through what resources such a procedure becomes feasible (FREUD, 1937/2017, p. 326; G.W. p. 69). The feasibility of such a task will be a function of the amplitude of the drive that will be in relation to the "I" in a given conflict. The possibility of mastery will depend both on the opposing force exerted by the "I" and on the magnitude of the drive force imposed on it. However, in the event of such a domination occurring, there is no guarantee that this "I" will be able to definitively maintain it. Let's look at the following statement:

Läßt die Stärke des Ichs nach, durch Krankheit, Erschöpfung u. dgl., so können alle bis dahin glücklich gebändigten Triebe ihre Ansprüche wieder anmelden und auf abnormen Wegen ihre Ersatzbefriedigungen anstreben. (FREUD, 1937/1950, p. 69-70)

Freud goes on to place limitations on the pretensions one might have regarding the fulfillment of the task in question in any and all cases. Says the author:

Bei übergroßer Triebstärke mißlingt dem gereiften und von der Analyse unterstützten Ich die Aufgabe, ähnlich wie früher dem hilflosen Ich; die Triebbeherrschung wird besser, aber sie bleibt unvollkommen, weil die Umwandlung des Abwehrmechanismus nur unvollständig ist. Daran ist nichts zu verwundern, denn die Analyse arbeitet nicht mit unbegrenzten, sondern mit beschränkten Machtmitteln und das Endergebnis hängt immer vom relativen Kräfteverhältnis der mit einander ringenden Instanzen ab. (FREUD, 1937/1950, p. 74)

With regard to the other two questions, Freud puts them under the same heading: prophylaxis of conflicts that are not yet manifest. And his answer regarding the limits of

analytical treatment is categorical: "Wenn ein Triebkonflikt nicht aktuell ist, sich nicht äußert, kann man ihn auch durch die Analyse nicht beeinflussen" (FREUD, 1937/1950, p. 75). In this text, part of the resistance to the continuation of analytical work, which manifests itself "in the immanent masochism of so many people, the negative therapeutic reaction and the guilt consciousness of neurotics" (FREUD, 1937/1950, p. 88)²⁹⁶, is presented as acting in function of a drive for aggression or destruction. In turn, these drives, whose definition is anchored in their objectives (to attack or destroy), are seen as derivations of the "original death drive of the living matter" (*idem*)²⁹⁷. It follows that these drive goals are not original, but secondary. This understanding runs through Freudian theorizing at the time of the second drive dualism and we see it manifested here in a text written at the end of Freud's theoretical elaboration. Later on, after delving into Greek thought, in the figure of Empedocles, Freud points out that "we refer our drive for destruction to the death drive, to the urge [*Drang*] of the living being to return to the inanimate" (*idem*, p. 92)²⁹⁸, which remains precisely its original impetus.

Although the problem of the psychic inscription of the death drive remains unresolved within Freud's work, we believe that, by going through the elaboration of his second drive doctrine, we can draw certain consequences from it. Among these, the author's insistence on broadening the scope of the drive doctrine seems to be clear. With regard to the first dualism, we can say that the drive is prior to the psychic apparatus, as we tried to highlight in the earlier chapters. This primacy is found in the body, as the source of the drive, and as that which insists on imposing a demand for work that is not exhausted, but which nevertheless seeks access to the psychic, constituting it on the path from its sprout to its goal. As Freud summarizes in *Conference 32*: "[...] auf dem Weg von der Quelle zum Ziel wird der Trieb psychisch wirksam" (FREUD, 1933/1940, p. 103). However, for the drive to become effective as such, it needs to gain access through the psychic to the representations that will make it operative.

In the second doctrine, on the other hand, the scope of the drive no longer seems to be that of the intersection between the somatic and the soul, which configures the psychic

²⁹⁶ Hält man sich das Bild in seiner Gesamtheit vor, zu dem sich die Erscheinungen des immanenten Masochismus so vieler Personen, der negativen therapeutischen Reaktion und des Schuldbewußtseins der Neutotiker zusammensetzen [...]" (FREUD, 1937/1950, p. 88)

²⁹⁷ Diese Phänomene sind unverkennbare Hinweise auf das Vorhandensein einer Macht im Seelenleben, die wir nach ihren Zielen Aggressions- oder Destruktionstrieb heißen und von dem ursprünglichen Todestrieb der belebten Materie ableiten. (FREUD, 1937/1950, p. 88)

²⁹⁸ [...] wir unseren Destruktionstrieb auf den Todestrieb zurückführten, den Drang des Lebenden, zum Leblosen zurückzukehren. (FREUD, 1937/1950, p. 92)

apparatus in its course of realization. Rather, it concerns the realm of the living in general, of organic life as it sprouts. In the understanding outlined by the Freudian texts, this organic life has a negative background, to the extent that what would be the cause of its sprouting is of the order of an "unimaginable" or "unrepresentable", as we read in the text from 1920²⁹⁹. Since only what seems to be of the order of life can gain psychic inscription, an understanding that seems to permeate Freud's work from the moment of his first dualism, this previous moment from which life comes does not seem to be able at representation within psychic life itself. It remains a limit at which the possibilities of psychic inscription come up against.

But this very need for psychic inscription seems to be based on this negative, since it is primarily due to the difficulties that the exterior imposes on the execution of the maximum goal that the need arises to configure a psychic order that will still have the ultimate goal of reaching the primordial goal. Recalling the fourth chapter of *Jenseits des Lustprinzips*, we see that "the psychic apparatus is constituted in a progressive adaptation to the energetic imperatives of the outside world" (CAMPOS, 2014, p. 138)³⁰⁰. We align ourselves with Campos (2011), for whom:

So, although we can affirm the logical primacy of the non-representational in relation to the representational, in the sense of an original field of trauma from which the apparatus is constituted, we must remember that this non-representational is always present in the negative in the dynamics of the psyche. This means that although the drive is outside the psyche, it is also inside it, because it is from it - through its representatives - that it is constituted. (CAMPOS, 2011, p. 869)³⁰¹

²⁹⁹ In Löchel (1996, p. 690), we find an indication that more recent biological theories understand the emergence of life (*die Entstehung des Lebens*) as arising not from the action of physical forces, as seems to be the Freudian understanding in the text from 1920, but from the "gradual organization of protein chains" (*als allmählichen Aufbau von Proteinketten*). According to the author, the Freudian conception is linked to the 19th century notion of physical force. It's not interesting here to discuss the actuality or effectiveness of the ideas outlined by Freud in his text, but rather to try to understand certain consequences of them at the intersection of his conceptual network. What we think is interesting to note is that, linked to the notion of force, there seems to be a primacy of the external world in the configuration of life within Freudian thought, in the sense of an imposition that causes the living to emerge and which it tries to get rid of. All the subsequent developments of this living thing appear, within this conception, as deviations from its original singular goal, which silently accompanies it in each new development.

³⁰⁰ "que o aparelho psíquico se constitui em uma progressiva adaptação aos imperativos energéticos do mundo exterior" (CAMPOS, 2014, p. 138)

³⁰¹ Assim, apesar de podermos afirmar a anterioridade lógica do não representacional em relação ao representacional, no sentido de um campo originário de traumatismo a partir do qual o aparelho se constitui, é preciso lembrar que esse não representacional está sempre presente em negativo na dinâmica do psiquismo. Isso quer dizer que apesar da pulsão estar fora do psiquismo, ela também está dentro dele, pois é a partir dela – por meio de seus representantes – que ele se constitui. (CAMPOS, 2011, p. 869)

For this reason, Freud cannot speak of any other form of psychic inscription of this original drive than in the form of a deviation, expressed in the forms of manifestation of the drive mixture: aggression, sadism, masochism, domination, forms of externalization or re-internalization of its mute impetus. But, we repeat, always deviations. It can't be represented without a binding energy, in other words, it's only when it's eroticized that it can find representatives in the psyche, and these are not necessary for its realization, but only derivatives that come from the deviation of its path towards the exhaustion of tensions.

In view of this conception, we understand that the psychic apparatus will come about as a function of the demands of reality: it is from the influx of these demands, which prevent the direct execution of the original quiescent goal, that there will be an internal organization, aimed at the circulation of internal energy in the living. With this observation, we can finally move on to the last movement of the present investigation: to outline how the relationship between the drive and the instance of the psyche organized on the basis of differentiation and organization, that is, the "I", appears to be articulated. So, without further ado, let's move on to the next chapter.

Chapter 4 - *Das Ich*: from differentiation to deviation

“Tanto dito que, partindo para uma figura gradualmente simplificada, despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? Então, o que se me fingia de um suposto *eu*, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine?” (*O espelho*, Guimarães Rosa, p. 126)

In this chapter, we will focus on the approach to the "I" at the moment in the theory known as the second topographical theory, a moment that has its initial point in the publication from 1923 *Das Ich und das Es*. Talking about the "I" within Freudian theory is not the easiest task, since there are different entries on the subject. This, then, is the first demarcation we make here. Our reading will be based on some Freudian works from the period in question, the main ones being the aforementioned work from 1923, the later one from 1926, *Hemmung, Symptom und Angst*, and the unfinished work *Compendium Abriss der Psychoanalyse*, written in 1938. Along the way, we will go into texts that are smaller in content and, in the course of the argument, we will try to establish a dialog with the analysis of texts already covered in the previous chapter, which are located, in the chronological order of publications, after the introduction of the second topographical theory. Given this section, it should be pointed out that this will not be an exhaustive study of the notion of the "I" within Freudian discourse, but rather an approach that starts from a guiding question, posed in the introduction to the work, and which seeks to investigate the possibility of understanding the emergence of the "I" as a deviation in the weave of drive circulation, a deviation imposed by the external world. It is therefore an attempt to test the viability of an interpretation.

From the outset, it should be pointed out that the very introduction of the second theory of the psychic apparatus, known as the structural theory, took place - as Freud

insistently points out in his work from 1923 and Monzani (1989, p. 240) summarizes in the chapter dealing with this passage - in the face of the problem of the content of the psychic conflict, in other words, the unconscious characteristic of the repressive instance, and the need to delimit, in relation to the "unconscious system", that which, while not belonging to this system, is nonetheless not conscious. In short, "the problem of the composition of the unconscious and the reformulation of the notion of the ego" (Monzani, 1989, p. 241)³⁰². It is beyond our scope to deal with the notion of the "I" that precedes the structural theory, and we refer you to the chapter cited in Monzani's work for a good discussion of this. Our aim will be to give a schematic presentation of the contours of this notion, based on the texts mentioned above, in order to see if our attempt at interpretation can at least be considered.

The great novelty of the text from 1923 was, according to Monzani (1989, p. 264), precisely the introduction of the notion of "*das Es*" within Freudian metapsychology, while the other elements that make up the second topographical theory had already been announced at previous moments in Freud's work. These other elements, it is worth mentioning, would be the progressive extension of the notion of the "I" that takes place throughout Freud's theoretical work. This notion is elaborated in such a way that it gradually moves away from the functions linked to consciousness (perception, access to motility) to encompass an increasingly wider space. This expanded space that the "I" comes to compose, as its conceptualization develops, is precisely the space of the unconscious, which comes to be composed of functions such as the agent of repression.

In the opening of *Das Ich und das Es*, Freud establishes a relationship of continuity with the theses developed in 1920, but with an important caveat: he will not resort to speculative biological theses, but will tread on properly psychoanalytic ground. It will be an attempt to synthesize the themes explored speculatively in *Jenseits des Lustprinzips*. Freud establishes a continuity in the approach to the theses, on the one hand, and, on the other, a change in the nuance of the perspective adopted.

Campos (2014, p. 247) points out that, within Freudian theory, "the ego is constituted from a double inheritance"³⁰³, being understood, on the one hand, as "a differentiation of adaptive functions in contact with reality; on the other, it is a precipitate of narcissistic

³⁰² "o problema da composição do inconsciente e a reformulação da noção de ego" (Monzani, 1989, p. 241)

³⁰³ "o ego é constituído a partir de uma dupla herança" (Campos, 2014, p. 247)

investments through identification with the object"³⁰⁴. In both ways of approaching the emergence of this instance, whether as a differentiation of functions in contact with reality, or as a product of identifications, it will highlight the implications of its relationship with the drive instance of the psyche, *das Es*. Precisely because of its approach as a late-emerging instance in relation to the latter, which is more original and the primary source of the drive's inscription in the psyche.

4.1 *Ich* and *Trieb* in the emergence of the second topographical theory

In the first chapter of the text from 1923, we can precisely observe the gradual extension of the field of composition of the "I", both within the psychic space and in the range of functions that correspond to it in the web of relationships established in this space. The very fact that the "I" is understood as the agent of resistance, which is, in a descriptive sense, unconscious, attests to the fact that this instance must also encompass part of what is unconscious. Considerations about the "I" will demarcate the limits of the previously outlined conception of the psychic, namely that which demarcates it from distinct systems of representational inscription, which we saw outlined in previous chapters of our work. Here it is worth quoting the author at greater length in order to better visualize the content of the argument presented:

An diesem Ich hängt das Bewußtsein, es beherrscht die Zugänge zur Motilität, das ist: zur Abfuhr der Erregungen in die Außenwelt; es ist diejenige seelische Instanz, welche eine Kontrolle über all ihre Partialvorgänge ausübt, welche zur Nachtzeit schlafen geht und dann immer noch die Traumzensur handhabt. Von diesem Ich gehen auch die Verdrängungen aus, durch welche gewisse seelische Strebungen nicht nur vom Bewußtsein, sondern auch von den anderen Arten der Geltung und Betätigung ausgeschlossen werden sollen. Dies durch die Verdrängung Beseitigte stellt sich in der Analyse dem Ich gegenüber, und es wird der Analyse die Aufgabe gestellt, die Widerstände aufzuheben, die das Ich gegen die Beschäftigung mit dem Verdrängten äußert. Nun machen wir während der Analyse die Beobachtung, daß der Kranke in Schwierigkeiten gerät, wenn wir ihm gewisse Aufgaben

³⁰⁴ “uma diferenciação de funções adaptativas no contato com a realidade; por outro, é um precipitado de investimentos narcísicos por meio da identificação com o objeto” (*idem*)

stellen; seine Assoziationen versagen, wenn sie sich dem Verdrängten annähern sollen. Wir sagen ihm dann, er stehe unter der Herrschaft eines Widerstandes, aber er weiß nichts davon und selbst, wenn er aus seinen Unlustgefühlen erraten sollte, daß jetzt ein Widerstand in ihm wirkt, so weiß er ihn nicht zu benennen und anzugeben. Da aber dieser Widerstand sicherlich von seinem Ich ausgeht und diesem angehört, so stehen wir vor einer unvorhergesehenen Situation. Wir haben im Ich selbst etwas gefunden, was auch unbewußt ist, sich gerade so benimmt wie das Verdrängte, das heißt starke Wirkungen äußert, ohne selbst bewußt zu werden, und zu dessen Bewußtmachung es einer besonderen Arbeit bedarf. (...)

Wir erkennen, daß das *Ubw* nicht mit dem Verdrängten zusammenfällt; es bleibt richtig, daß alles Verdrängte *ubw* ist, aber nicht alles *Ubw* ist auch verdrängt. Auch ein Teil des Ichs, ein Gott weiß wie wichtiger Teil des Ichs, kann *ubw* sein, ist sicherlich *ubw*. Und dies *Ubw* des Ichs ist nicht latent im Sinne des *Vbw*, sonst dürfte es nicht aktiviert werden, ohne *bw* zu werden, und seine Bewußtmachung dürfte nicht so große Schwierigkeiten bereiten. Wenn wir uns so vor der Nötigung sehen, ein drittes, nicht verdrängtes *Ubw* aufzustellen, so müssen wir zugestehen, daß der Charakter des Unbewußtseins für uns an Bedeutung verliert. Er wird zu einer vieldeutigen Qualität, die nicht die weitgehenden und ausschließenden Folgerungen gestattet, für welche wir ihn gerne verwertet hätten. Doch müssen wir uns hüten, ihn zu vernachlässigen, denn schließlich ist die Eigenschaft bewußt oder nicht die einzige Leuchte im Dunkel der Tiefenpsychologie. (FREUD, 1923/1967, p. 243-245)

As chapter II progresses the new theses put forward show that the previous ones had certain limitations, regarding the distinction between *Ics* and *Pcs* based on the concept of distinct modes of representational inscription, as it is established, for example, in *Das Unbewusste* (1915). This happens in such a way that we can here raise the presence of a limit in the approach to the problem of the relationship between the drive and the "I" through the representational inscription, in accordance with the guiding principle adopted in this work. We see this limit creep into the text with the introduction of the death drive into its conceptual network, but not only, since already in the first dualism there is a limit placed on psychic inscription coming from the somatic. In this second chapter, Freud mentions that

An einer anderen Stelle habe ich schon die Annahme gemacht, daß der wirkliche Unterschied einer *ubw* von einer *vbw* Vorstellung (einem Gedanken) darin besteht, daß die erstere sich an irgendwelchem Material, das unerkant bleibt, vollzieht, während bei der

letzteren (der *vbw*) die Verbindung mit Wortvorstellungen hinzukommt. Hier ist zuerst der Versuch gemacht, für die beiden Systeme *Vbw* und *Ubw* Kennzeichen anzugeben, die anders sind als die Beziehung zum Bewußtsein. (FREUD, 1923/1967, p. 247)

As Campos (2014, p. 117) schematically outlines, the levels of psychic representation can be illustratively thought of as follows: *excitation - perceptual register - representations of things - representations of words*. Thus, a representation must first have been the object of a perception, in other words, an excitation that leaves its mark on the perceptual system. This thesis is extensively taken up by Freud in the chapter in question to finally place the "I" as a derivative of this perceptive system and subsequently encompassing it within its functions. This has some implications: the "I" is delegated to an origin linked to perception, in other words, to contact with the external world. And its position is placed on the surface of the psychic apparatus, the product of the differentiation of this more external part precisely because of its exposure to reality. We can see this conception developed in the quote that we have already mentioned in the introduction of the work, which underpins our suspicion, but which is worth revisiting here:

Ich schlage vor, ihr Rechnung zu tragen, indem wir das vom System *W* ausgehenden Wesen, das zunächst *vbw* ist, das Ich heißen, das andere Psychische aber, in welches es sich fortsetzt, und das sich wie *ubw* verhält, nach Groddecks Gebrauch das Es.

Wir werden bald sehen, ob wir aus dieser Auffassung Nutzen für Beschreibung und Verständnis ziehen können. Ein Individuum ist nun für uns ein psychisches Es, unerkant und unbewußt, diesem sitzt das Ich oberflächlich auf, aus dem *W*-System als Kern entwickelt. Streben wir nach graphischer Darstellung, so werden wir hinzufügen, das Ich umhüllt das Es nicht ganz, sondern nur insoweit das System *W* dessen Oberfläche bildet, also etwa so wie die Keimscheibe dem Ei aufsitzt. Das Ich ist vom Es nicht scharf getrennt, es fließt nach unten hin mit ihm zusammen. (FREUD, 1923/1967, p. 251)

The "I" is the result of a differentiation in the "Es" due to the influence of the external world. This instance is placed here as the representative of the external world in the psyche and associated with the idea of a set of functionalities aimed at submitting the drive's demands to the designs of reality: "Die funktionelle Wichtigkeit des Ichs kommt darin zum

Ausdruck, daß ihm normaler Weise die Herrschaft über die Zugänge zur Motilität eingeräumt ist" (FREUD, 1923/1967, p. 253). In addition to these functions, the "I" is also predicated with another differentiation within it: the *moral conscience* (*Gewissen*), expressed as an unconscious feeling of guilt. As Chapter II closes with this indication, it will be precisely the bridge to the opening of Chapter III, in which the other inheritance of the "I" will be defined: its derivation from identifications. This will lead to a different kind of relationship between "I" and "Es", which will culminate in the production of a differentiation within the "I" through the establishment of the instance of the Superego (*Überich*). Melancholia illustrates this point: the abandonment of an object of libidinal investment culminates in the establishment of this object within the "I" itself. This mechanism, as is characteristic of Freud's work, escapes the constraints of psychopathological description to form part of the normal process of forming the instance of the "I". Through identification with the object, the "I" places itself before the instance from which it has differentiated itself, the "Es", as the object to be invested by it. This process is obviously linked to narcissism, but with a reformulation. This is precisely a process of withdrawing object investments and directing them towards the "I". However, unlike what was postulated in 1914, these first investments do not come from the "I", but from the "Es", and their investment in the "I" is a secondary one:

Zu Uranfang ist alle Libido im Es angehäuft, während das Ich noch in der Bildung begriffen oder schwächlich ist. Das Es sendet einen Teil dieser Libido auf erotische Objektbesetzungen aus, worauf das erstakte Ich sich dieser Objektlibido zu bemächtigen und sich dem Es als Liebesobjekt aufzudrängen sucht. Der Narzißmus des Ichs ist so ein sekundärer, den Objekten entzogener. (FREUD, 1923/1967, p. 275)

We won't go into the complex issues surrounding the establishment of the Superego at length, as this would involve a lengthy study that we don't think is necessary at the moment to address the problem we have explicitly outlined. We will limit ourselves to pointing out that this instance is the result of a privileged identification with the parental figures who establish morality within the psyche. We will comment at greater length on the implication of this instance in the plot of drive circulation, as discussed by Freud in the next chapter of his text,

as we believe that this is more relevant to the problem we set out to address in this investigation.

Chapter IV will be a kind of overview of the framework of the second drive dualism, with new clarifications absent from the previous chapters, which will nevertheless attest to the theses we were able to develop in our previous chapter. That is: the difficulty in presenting an expression of the death drive that is not amalgamated with an erotic component. This difficulty will have other implications: the impossibility of conceiving of a representational inscription specific to the death drive, and also the difficulty of conceiving of an object for it and, therefore, fitting it into the plot of drive inscription outlined for the other class of drives, since "psychic representation will become part of a *drive circuit* that articulates somatic excitation, the drive, psychic representation and discharge" (Hanns, 1999)³⁰⁵. In this respect, a commentator who has tried to investigate the limits of representational theory within metapsychology, and whose work is of great value to us in this chapter, points out that:

The parameters of source, pressure, object and goal, in turn, are radically compromised. Although life drives can still be subsumed under these parameters, the death drive does not fit this description, as it is beyond the pleasure principle, on the plane of deadly repetition and unrepresentability. What we can conclude is that the new drive theory dismantles this original notion of what drives are. (CAMPOS, 2014, p. 156)³⁰⁶

The relationship between the "I" and the death drive will be developed here in a particular way. Since this deviation occurs through the amalgamation of the death drive with the sexual drives, an amalgamation represented by sadism, the satisfaction of which depends on access to motility and musculature, we must remember that this access is precisely part of the functions attributed to the "I". The manifestation of the death drive as a drive to destroy would be a detour of its original impetus towards the external world, a product of the eroticization of this drive through the mixing of the drive with libidinal components:

³⁰⁵ "a representação psíquica se tornará parte de um *circuito pulsional* que articula a excitação somática, a pulsão, a representação psíquica e a descarga" (Hanns, 1999)

³⁰⁶ Os parâmetros de fonte, pressão, objeto e meta, por sua vez, estão radicalmente comprometidos. Embora as pulsões de vida ainda possam ser subsumidas a esses parâmetros, a pulsão de morte não se encaixa nessa descrição, pois está além do princípio de prazer, no plano da repetição mortífera e da irrepresentabilidade. O que podemos concluir é que a nova teoria pulsional desmonta essa noção original do que sejam pulsões. (CAMPOS, 2014, p. 156)

Infolge der Verbindung der einzelligen Elementarorganismen zu mehrzelligen Lebewesen wäre es gelungen, den Todestrieb der Einzelzelle zu neutralisieren und die destruktiven Regungen durch Vermittlung eines besonderen Organs auf die Außenwelt abzuleiten. Dies Organ wäre die Muskulatur und der Todestrieb würde sich nun - wahrscheinlich doch nur teilweise - als Destruktionstrieb gegen die Außenwelt und andere Lebewesen äußern. (FREUD, 1923/1967, p. 269)

On the one hand, we can understand from reading this chapter that the “I” plays a role in the deviation from the death drive's original deadly purpose, since "the essential thing is that the I constitutes the representative of the external world for the *Es*, so that all drive destinations are mediated by the I" (CAMPOS, 2014, p. 199)³⁰⁷. However, we would like to return to the idea that this "I" can be thought of as a kind of deviation from the realization of this deadly goal. In the next chapter of the text, Freud develops the idea of the synthetic function of the "I", which is especially relevant to our argument, and we'll return to it later³⁰⁸. In order to continue to support this idea, that the I can be thought of as a deviation from the realization of the deadly drive goal, we must bring into the argument an idea that we see developed in this fourth chapter of the text from 1923 and which is especially highlighted by the commentators on whom we are relying here: Monzani (1989) and Campos (2014). This idea is that in the passage to the second topographical theory there is a change in the relationship between the drive and the psychic, since from now on the existence of an instance that is properly “driven”, in the sense of *triebhaft*, is conceived. In the previous theory, on the other hand, the relationship between the drive and the psychic occurred through the inscription of an excitation of somatic origin. This second moment emphasizes the presence of a place in the psyche for drives, in the impersonality of the “*Es*”. Commenting on Green's point of view (1975), Monzani (1989) points out that:

³⁰⁷ “o essencial é que o ego constitui o representante do mundo externo para o id, de forma que todos os destinos pulsionais são mediados pelo ego.” (CAMPOS, 2014, p. 199)

³⁰⁸ We can still see this indication in Chapter IV:

"Wenn diese Verschiebungsenergie desexualisierte Libido ist, so darf sie auch sublimiert heißen, denn sie würde noch immer an der Hauptabsicht des Eros, zu vereinigen und zu binden, festhalten, indem sie zur Herstellung jener Einheitlichkeit dient, durch die - oder durch das Streben nach welcher - das Ich sich auszeichnet. (FREUD, 1923/1967, p. 274)

In other words, while the unconscious is the place of full positivity and therefore does not confer any citizenship status on the death drive in its forums, the id, the "boiling cauldron", opens up exactly this possibility, insofar as the negative is inscribed here. (MONZANI, 1989, p. 269)³⁰⁹

In the text *Das Unbewusste*, a moment of circumscription of metapsychology as conceived within the first topographical theory, which we saw in our second chapter, according to Monzani, "Freud tends to identify the basic components of the unconscious with representations, taking this term in its broadest possible sense" (MONZANI, 1989, p. 249)³¹⁰. Now, on the other hand, there seems to be the possibility of conceiving within the psyche a space of negativity, highlighting the economic factor:

The unconscious was described by Freud, in the metapsychological article, as essentially the place where representations live. Affect, in the proper sense of the term, does not exist in the unconscious. The characterization of the id, on the other hand, blatantly accentuates this energetic, quantitative, economic aspect of the id. (MONZANI, 1989, p. 293)³¹¹

Campos (2014), in turn, highlights the following:

[...] in addition to opening up to the unrepresentable, which is characteristic of traumatic effraction and the principle of nirvana, the proposition of the structural model considerably expands the range of drive activity and its possibilities of signification. This broadening starts with the inclusion of drives in the psychic apparatus, forming the "cauldron" of the id [...] (CAMPOS. 2014, p. 264)³¹²

³⁰⁹ Quer dizer, enquanto o inconsciente é o lugar da plena positividade e, portanto, não confere nenhum estatuto de cidadania, nos seus foros, à pulsão de morte, o id, o "caldeirão fervilhante", abre exatamente essa possibilidade, na medida em que, aqui, o negativo tem sua inscrição assumida. (MONZANI, 1989, p. 269)

³¹⁰ "Freud tende a identificar os componentes básicos do inconsciente com as representações, tomando esse termo na sua acepção mais larga possível" (MONZANI, 1989, p. 249)

³¹¹ O inconsciente era descrito por Freud, no artigo metapsicológico, como sendo essencialmente o lugar onde habitam representações. O afeto, no sentido próprio do termo, não existe no inconsciente. A caracterização do id, por seu lado, acentua flagrantemente esse aspecto energético, quantitativo, econômico do id. (MONZANI, 1989, p. 293)

³¹² [...] além de uma abertura para o irrepresentável próprio da efracção traumática e do princípio do nirvana, a proposição do modelo estrutural amplia consideravelmente o leque da atividade pulsional e de suas possibilidades de significação. Essa ampliação parte da inclusão das pulsões no aparelho psíquico, formando o "caldeirão" do id [...] (CAMPOS. 2014, p. 264)

Returning to our idea, what we seem to see made explicit in the course of this fourth chapter is the notion that the psychic apparatus is configured as a form of defense against the deadly energy coming from the death drive established in the cauldron of *Es*. A defense that seeks to get rid of this impetus, on the one hand, but, on the other, keeps it in the background. Returning here to the fourth chapter of *Jenseits des Lustprinzips*, we must remember that the differentiation in the external part of the apparatus is due to the fact that, in order for the drive to be discharged, the external world must be taken into account, since it is the great hindrance to achieving the drive's goal. As a corollary of this path, we would have the following observation, which in our view runs through this post-1920 moment of Freudian work in a special way: the establishment of the "I" takes place, in the first place, through a differentiation in the outermost part of the original drive instance, in order to establish consideration for the external world, but still maintaining the ultimate goal of the discharge aimed at by the drive, since this remains the engine of all investment. In this way, the relationship between the instances seems somewhat more fluid:

If in the topographical model the barrier of censorship delimited two systems that were quite distinct in their principle and laws of operation, the perspective now is one of greater fluidity in the transit between the instances, to the extent that the ego is understood as a differentiation of the id in its contact with reality, through a projection of the body surface (CAMPOS, 2014, p. 193)³¹³

In the last chapter of *Das Ich und das Es*, Freud discusses the unconscious feeling of guilt and the therapeutic reaction as being externalization of destructive components linked to the sexualization of the death drive as a function of the Superego. There is still, however, an idea of deviation. At the end of the chapter, we will see considerations about the possible destinies of the death drive within the relational webs between the instances of the topography that is being enunciated. In this last chapter, what Campos (2014) called the second inheritance of the "I" will be highlighted, in addition to the differentiation in contact with reality: the constitution of its character through the identifications produced within it

³¹³ Se no modelo topográfico a barreira da censura delimitava dois sistemas bastante distintos em seu princípio e leis de funcionamento, a perspectiva agora é de uma maior fluidez no trânsito entre as instâncias, na medida em que o ego é entendido como uma diferenciação do id em seu contato com a realidade, por meio de uma projeção da superfície corporal. (CAMPOS, 2014, p. 193)

with the previous objects of investment of the "Es" (FREUD, 1923/2016, p. 60)³¹⁴. A complex articulation between the "I" and the "Es" is developed in this chapter in two ways. The first is precisely the problem of identification, a process through which the "I" poses itself to the "Es" as an object of investment, identified with traces of previous objects that were once invested in by the "Es" because they provided satisfaction. The other will be through a special identification, that is established with parental figures, which will culminate in the establishment of a differentiation within the "I" itself through the institution of the moral instance of the Superego. Through identification, the "I" attracts to itself the libidinal investments that come from the "Es". Through the "Superego", on the other hand, it will be the destructive impulses that, mixed with libidinal components, will be attracted to itself. Let's remember that we have seen throughout the texts discussed in the previous chapter - with the exception of the obscure and undeveloped reference found in the sixth chapter of *Das Unbehagen in der Kultur* to a non-eroticized externalization of the death drive - that it is only when amalgamated with sexual drives that the death drive can manifest itself in destructiveness. Therefore, we emphasize again, it would be a deviation from its original and silent goal. This is what we read in the text from 1923:

Die Frage, deren Beantwortung wir zurückgestellt hatten, lautet: wie geht es zu, daß das Über-Ich sich wesentlich als Schuldgefühl (besser: als Kritik; Schuldgefühl ist die dieser Kritik entsprechende Wahrnehmung im Ich) äußert und dabei eine so außerordentliche Härte und Strenge gegen das Ich entfaltet. Wenden wir uns zunächst zur Melancholie, so finden wir, daß das überstarke Über-Ich, welches das Bewußtsein an sich gerissen hat, gegen das Ich mit schonungsloser Heftigkeit wütet, als ob es sich des ganzen im Individuum verfügbare Sadismus bemächtigt hätte. Nach unserer Auffassung des Sadismus würden wir sagen, die destruktive Komponente habe sich im Über-Ich abgelagert und gegen das Ich gewendet. Was nun im Über-Ich herrscht, ist wie eine Reinkultur des Todestriebes, und wirklich gelingt es diesem oft genug, das Ich in den Tod zu treiben, wenn das Ich sich nicht vorher durch den Umschlag in Manie seines Tyrannen erwehrt. (FREUD, 1923/1967, p. 282-283)

³¹⁴ So haben wiederholt gesagt, daß das Ich sich zum guten Teil aus Identifizierungen bildet, welche aufgelassene Besetzungen des Es ablösen, daß die ersten dieser Identifizierungen sich regelmäßig als besondere Instanz im Ich gebärden, sich als Über-Ich dem Ich entgegenstellen, während das erstarkte Ich sich späterhin gegen solche Identifizierungseinflüsse resistenter verhalten mag. (FREUD, 1923/1967, p. 277)

The Superego manifests itself as criticism, which is experienced as a feeling of guilt in the "I". Since the case of melancholia is highlighted as an illustration of this mode of expression of the eroticized death drive within the relationships established between the instances of the second topographical theory, its possible destinations within the psychic apparatus are established:

Die gefährlichen Todestribe werden im Individuum auf verschiedene Weise behandelt, teils durch Mischung mit erotischen Komponenten unschädlich gemacht, teils als Aggression nach außen abgelenkt, zum großen Teil setzen sie gewiß unbehindert ihre innere Arbeit fort. (FREUD, 1923/1967, p. 284)

The severity of the Superego in relation to the "I" can also be understood as a kind of return of the death drive to its place of origin, but even so, it is eroticized in this return. We saw in the previous chapter that this form of approach will be especially worked on in 1924 in the text on masochism, with moral masochism being understood as an eroticized, and therefore deviant, expression of the death drive. We can advance our understanding at this point if we understand that this is one of the ways in which the contents of the *Es* find access to the "I", with identification being the other route. In this way, that of aggression expressed in relations with the Superego, the original deadly impulses aim to sabotage the "I", to deprive it of its unifying role (CAMPOS, 2014, p. 181), which constitutes a deviation from the original deadly goals.

We propose a pause in the study of this text so that we can move on to later texts in the chronological order of publications, in order to ascertain the effectiveness of the ideas defended here and then close our argument.

...

The distinction between the component instances will be crucial in the psychopathology developed at the end of Freud's work. The defense modalities instituted in the struggle between the instances will be the central operator at this point in Freudian theorizing and crucial to demarcate the distinctions between the modalities of structuring

psychic suffering. In the first chapter of *Hemmung, Symptom und Angst*, the "I" is understood as a set of functionalities which can be the object of libidinal investment and suffer inhibitions. This point brings us back to the discussion around the problem of the reciprocity (*Gemeinsamkeit*) of the bodily zones through which the drives find expression, as worked out by the author in the *Drei Abhandlungen* and in the brief 1911 article on the psychogenic problems of vision, which we discussed in our first chapter. In this case, the functions linked to the "I" are inhibited as a means of avoiding conflict with drive demands³¹⁵. Inhibitions can also be established due to the unconscious need for guilt associated with the relationship between the "I" and the Superego, returning to the discussion elaborated in the last chapter of *Das Ich und das Es*³¹⁶. The "I" is again highlighted as a differentiated part of the *Es*, as a part of it that has organized itself into specific functions that serve to mediate with the external world³¹⁷. Fonseca (2012) points out that, especially at this final moment in Freud's work:

The "I" is eminently practical, functional. It has no reality independent of the unconscious psyche. It is seen as a secondary product of a greater order that precedes and determines it (FONSECA, 2012, p. 308)³¹⁸

As well as being a set of functions and the fruit of differentiation, we find in this text, this time in its third chapter, the conception of the "I" as a kind of "compulsion to synthesize". This shows its close relationship with Eros, the life drives, and again highlights its place in the function of deviation from the primordial destructive goal. We can highlight the following quote from the text:

Das Ich ist eine Organisation, es beruht auf dem freien Verkehr und der Möglichkeit gegenseitiger Beeinflussung unter all seinen Bestandteilen, seine desexualisierte Energie bekundet ihre Herkunft noch in dem Streben nach Bindung und Vereinheitlichung, und dieser Zwang zur Synthese nimmt immer mehr zu, je kräftiger sich das Ich entwickelt. (FREUD, 1926/1948, p. 125)

³¹⁵ "Das Ich verzichtet auf diese ihm zustehenden Funktionen, um nicht eine neuerliche Verdrängung vornehmen zu müssen, um einem Konflikt mit dem Es auszuweichen." (FREUD, 1926/1948, p. 116)

³¹⁶ "Andere Hemmungen erfolgen offenbar im Dienste der Selbstbestrafung, wie nicht selten die der beruflichen Tätigkeiten. Das Ich darf diese Dinge nicht tun, weil sie ihm Nutzen und Erfolg bringen würden, was das gestrenge Über-Ich versagt hat. Dann verzichtet das Ich auch auf diese Leistungen, um nicht in Konflikt mit dem Über-Ich zu geraten." (FREUD, 1926/1948, p. 116-117)

³¹⁷ "Für den Fall der Verdrängung wird die Tatsache entscheidend, daß das Ich eine Organisation ist, das Es aber keine; das Ich ist eben der organisierte Anteil des Es." (FREUD, 1926/1948, p. 124)

³¹⁸ O Eu é eminentemente prático, funcional. Não tem realidade independente do psiquismo inconsciente. Ele é visto como produto secundário de uma ordem maior que o antecede e o determina. (FONSECA, 2012, p. 308)

It is the seat of the most important defense mechanisms that Freud names in the text in question³¹⁹, with repression being one of the most important and gaining prominence within Freud's work. As we pointed out at the beginning of the chapter, the conception of the "I" as the agent of repression and resistance, both of which are unconscious, constitutes a nodal point in the extension of this notion within Freud's work and, consequently, paves the way for the establishment of the second topographical theory.

In the eighth chapter, we find some developments in relation to the approach of the compulsion to repeat, in its link to this instance. Here, the idea of the absence of the mother as an unpleasant experience is developed, as discussed in *Jenseits des Lustprinzips*, in the account of the *fort-da*. There, however, the development undertaken here was missing: the absence is secondary, being the primary condition of the displeasure that characterizes the situation due to the increase in drive tension:

Die nächste Überlegung führt über diese Betonung des Objektverlustes hinaus. Wenn der Säugling nach der Wahrnehmung der Mutter verlangt, so doch nur darum, weil er bereits aus Erfahrung weiß, daß sie alle seine Bedürfnisse ohne Verzug befriedigt. Die Situation, die er als "Gefahr" wertet, gegen die er versichert sein will, ist also die der Unbefriedigung, des Anwachsens der Bedürfnisspannung, gegen die er ohnmächtig ist. (FREUD, 1926/1948, p. 168)

More on that later:

Mit der Erfahrung, daß ein äußeres, durch Wahrnehmung erfaßbares Objekt der an die Geburt mahnenden gefährlichen Situation ein Ende machen kann, verschiebt sich nun der

³¹⁹ Bei weiterer Vertiefung merken wir vielmehr, daß wir fünf Arten des Widerstandes zu bekämpfen haben, die von drei Seiten herkommen, nämlich vom Ich, vom Es und vom Über-Ich, wobei sich das Ich als die Quelle von drei in ihrer Dynamik unterschiedenen Formen erweist. Der erste dieser drei Ichwiderstände ist der vorhin behandelte Verdrängungswiderstand, über den am wenigsten Neues zu sagen ist; Von ihm sondert sich der Übertragungswiderstand, der von der gleichen Natur ist, aber in der Analyse andere und weit deutlichere Erscheinungen macht, da es ihm gelungen ist, eine Beziehung zur analytischen Situation oder zur Person des Analytikers herzustellen und somit eine Verdrängung, die bloß erinnert werden sollte, wieder wie frisch zu beleben. Auch ein Ichwiderstand, aber ganz anderer Natur, ist jener, der vom Krankheitsgewinn ausgeht und sich auf die Einbeziehung des Symptoms ins Ich gründet. Er entspricht dem Sträuben gegen den Verzicht auf eine Befriedigung oder Erleichterung. Die vierte Art des Widerstandes - den des Es - haben wir eben für die Notwendigkeit des Durcharbeitens verantwortlich gemacht. Der fünfte Widerstand, der des Über-Ichs, der zuletzt erkannte, dunkelste, aber nicht immer schwächste, scheint dem Schuldbewußtsein oder Strafbedürfnis zu entstammen; er wersetzt sich jedem Erfolg und demnach auch der Genesung durch die Analyse. (FREUD, 1926/1948, p. 192-193)

Inhalt der Gefahr von der ökonomischen Situation auf seine Bedingung, den Objektverlust.
(FREUD, 1926/1948, p. 168)

And again, in *supplement C (Angst, Schmerz und Trauer)*, which closes the text:

Die Situation, in der er die Mutter vermißt, ist infolge seines Mißverständnisses für ihn keine Gefahrensituation, sondern eine traumatische, oder richtiger, sie ist eine traumatische, wenn er in diesem Moment ein Bedürfnis verspürt, das die Mutter befriedigen soll; sie wandelt sich zur Gefahrensituation, wenn dies Bedürfnis nicht aktuell ist. (FREUD, 1926/1948, p. 203)

The absence of the object produces anguish, since it places the immature “I” before the danger of the emergence of drive needs coming from one of its masters: the *Es*. In summary, we can say that in the 1926 work we find a reaffirmation of ideas present in the 1923 text, regarding the notion of the “I” and its relationship to the drive instance of the *Es*. These reaffirmations would be precisely the placement of the “I” as having its emergence for reasons that can be understood as secondary. The drives do not initially demand the advent of an organization on the surface of the *Es*. The differentiation and subsequent organization of its outermost part comes from the difficulties that the drives encounter in satisfying themselves, difficulties posed by exteriority. At the end of the 1926 text, Freud described this differentiation precisely as an imperfection of our psychic apparatus and the source of major problems in the dynamics of the relationships that it creates within the psyche:

Der dritte oder psychologische Faktor ist in einer Unvollkommenheit unseres seelischen Apparates zu finden, die gerade mit seiner Differenzierung in ein Ich und ein Es zusammenhängt, also in letzter Linie auch auf den Einfluß der Außenwelt zurückgeht.
(FREUD, 1926/1948, p. 187)

4.2. *Abriss der Psychoanalyse: the Ich in Freud's unfinished testament*

A work written during the last years of Freud's life, left unfinished and considered by some scholars (TAVARES; IANNINI, 2023) to be a kind of testament left by the author in the face of his imminent demise, the work in question is introduced with a well-defined purpose: to present the theses of psychoanalysis in their most finished form up to that point, that is, without trying to explain the details of the path that led to the conclusions expressed therein. This purpose explicitly stated by the author is of great value to us at this concluding moment of our work, since it can serve to test whether our suspicions can be aligned with what we find expressed in the texts at their moment of maturity, even though many developments remain open and the work is unfinished.

We find it striking and noteworthy that in this text there seems to be a certain effort to reconcile points of view developed at different times in the work, which attests to what has already been so well demonstrated by the work of Monzani (1989): that Freudian thought does not allow itself to be read through the interpretative key of a thought that works through ruptures, but also not through the idea of a linearly constituted continuity. In this sense, in the afterword to the latest Brazilian edition of this work, Tavares & Iannini (2023, p. 231) point out that in it:

A striking aspect is his effort to make the so-called first and second topographies work together. Here, in fact, the theory of the psychic apparatus divided into systems (unconscious, preconscious and conscious) and instances (It, I, Superego) coexist.³²⁰

Not only from the point of view of the topographical theory approach, but also of the two moments of drive doctrine, we can find in the text a certain effort at synthesis, in the reuse of explanatory elements present in the first definition to make up the framework of the second. We can see this, for example, when the author, addressing the drive doctrine (*Trieblehre*), defines its fundamental concept as follows:

³²⁰ Um aspecto marcante é seu esforço por fazer funcionar conjuntamente as assim chamadas primeira e segunda tópicas. Com efeito, aqui coabitam a teoria do aparelho psíquico dividido em sistemas (inconsciente, pré-consciente e consciência) e instâncias (Isso, Eu, Supereu).

Die Kräfte, die wir hinter den Bedürfnisspannungen des Es annehmen, heißen wir *Triebe*. Sie repräsentieren die körperlichen Anforderungen an das Seelenleben. Obwohl letzte Ursache jeder Aktivität, sind sie konservativer Natur; aus jedem Zustand, den ein Wesen erreicht hat, geht ein Bestreben hervor, diesen Zustand wiederherzustellen, sobald er verlassen worden ist. (FREUD, 1940/2023, p. 22)

In this passage, we believe it is possible to read an effort to reconcile different moments in the development of the drive doctrine, insofar as the dimension of the body as a source appears linked to the conception of the *Es* as the psychic place of the drive. If the drives start from the body and find their first inscription in *Es*, the parameter of the body as source, as circumscribed in the 1915 definition, does not lose its place in the configuration of the drive. We see this idea affirmed once again in the eighth and penultimate chapter of the work, entitled *The Psychic Apparatus and the External World*, where we read the following:

Den Kern unseres Wesens bildet das dunkle *Es*, das nicht direkt mit der Außenwelt verkehrt und auch unserer Kenntnis nur durch die Vermittlung einer anderen Instanz zugänglich wird. In diesem *Es* wirken die organischen *Triebe*, selbst als Mischungen von zwei Urkräften (Eros und Destruktion) in wechselnden Ausmaßen zusammengesetzt und durch ihre Beziehung zu Organen oder Organsystemen voneinander differenziert. Das einzige Streben dieser Trieb ist nach Befriedigung, die von bestimmten Veränderungen an den Organen mit Hilfe von Objekten der Außenwelt erwartet wird. Aber sofortige und rücksichtslose Triebbefriedigung, wie sie das *Es* fordert, würde oft genug zu gefährlichen Konflikten mit der Außenwelt und zum Untergang führen. (FREUD, 1940/2023, p. 152-154)

The death drive is also advocated as having an organic source, so the assertion that the parameters according to which the drive was thought of before the 1920s would not apply to this class of drives does not seem at all correct. What we can see, and what seems relevant here, is that, in the case of the object component, there really are difficulties in linking it to this class of drives, since its objective only seems to be inscribed in the psyche as a deviation, in other words, as eroticized. Only in this way can the death drive be linked to an object. However, in this link, its objective is diverted. As we saw in the discussion of the 1926 text, in this deviation the organization of the peripheral psychic instance, the "I", will be

particularly relevant, in its special link to the erotic drives, since it will have control over access to motility.

This "I" will be eminently functional, partly composed to divert the destructive impetus of the death drive. This instance is endowed with functions that aim to enable it to mediate the influxes of the internal world (*Innenwelt*) and the external world (*Außenwelt*):

Unter dem Einfluss der uns umgebenden realen Außenwelt hat ein Teil des Es eine besondere Entwicklung erfahren. Ursprünglich als Rindenschicht mit den Organen zur Reizaufnahme und den Einrichtungen zum Reizschutz ausgestattet, hat sich eine besondere Organisation hergestellt, die von nun an zwischen Es und Außenwelt vermittelt. Diesem Bezirk unseres Seelenlebens lassen wir den Namen des *Ichs*. (FREUD, 1940/2023, p. 16)

The I mediates between the *Es* and the external world, which assumes the drive demands of the former in order to lead them to satisfaction (FREUD, 1940/2023, p. 173)³²¹, but cannot miss to take into account the demands imposed on it by the place from which it has differentiated itself in a special way. Although Freud, in the second part of the text, referring to the objectives of the analytic work, takes up the discussion elaborated in the 1937 text, *Die endliche und die unendliche Analyse*, placing within these objectives the strengthening of the "I" in the face of the impulsive demands of the *Es*, the image that is sketched for us of this instance seems to be that of an organization that is always under threat. The "I", finally, is a set of functions that serve to divert the initial deadly goal and is a kind of detour from this goal. This seems to us to be a conclusion that we can draw in view of this final moment of Freudian theorizing.

The fact is that the egoic instance does not play a central role in Freudian thought in terms of how the psychic apparatus is conceived, whether in the first or second topographical theory. Fonseca (2012, p. 131), for example, points out that the "I" is a "precarious unit", and that:

The conscious "I" comes to have limitations that deprive it of the role of agent and transform it into an "acted upon" one. From the role of master, it becomes the role of servant, which is

³²¹ Die Vorstellung eines Ichs, das zwischen Es und Außenwelt vermittelt, die Triebansprüche des eine übernimmt, um sie zur Befriedigung zu führen, an dem anderen Wahrnehmungen macht, die es als Erinnerungen verwertet (...) (FREUD, 1940/2023, p. 172).

determined by the preponderance of the unconscious in imposing supposedly conscious actions and reactions (FONSECA, 2012, p. 291)³²²

Birman (1997), for his part, draws attention to the gradual decentering that takes place throughout the development of Freud's theoretical edifice. According to this author, there are three crucial moments in this decentering, the third and most radical being the introduction of the death drive into the conceptual framework. According to this reading, from this moment on, the conception of the psychic is decentered from the representational paradigm, since the existence of a class of drives that escapes this scope of inscription is conceived. The other moments, in turn, would be composed of the decentering from consciousness to the unconscious and from the unconscious to the drives, blind and disordered forces that work at the bottom of the psyche and determine its levels of substantiation. With this, we highlight the "I" as a late-emerging instance within the psyche, subject to forces and motives that are extraneous to it and that determine it. It is constituted as and in function of a deviation from a goal that precedes and accompanies it: the outflow of impulses.

With that said, and having gone through the texts discussed here, we are faced with the possibility of supporting the argument that we have made throughout this work and which has guided its development, from the journey through different moments of our author's drive doctrine until the approach to the notion of the "I" at the end of his work. We therefore believe that we can finally offer some concluding words on the problem outlined here.

³²² O Eu consciente passa a ter limitações que o destituem do papel de agente e o transformam em "agido". Do papel de senhor, passa ao papel de servo, o que é determinado pela preponderância do inconsciente na imposição das ações e reações supostamente conscientes. (FONSECA, 2012, p. 291)

Conclusion

The guiding question that guided us was, as outlined in the introduction to this work, whether it was possible to understand the emergence of the "I", within the frame of drive circulation, as a kind of deviation from the realization of the ultimate and definitive drive goal. This question itself led us to a kind of detour along the way, since we felt it was necessary, in order to better understand the issue, to take an initial journey through moments in the development of Freud's drive doctrine prior to the one we were most explicitly interested in: the works of the 1920s and 1930s, therefore, concerning the second drive theory and topography of the psychic apparatus. We believe that the final moment of the work is more related to the problem outlined by virtue of the introduction of the death drive into its conceptual framework and the more demarcated assumption of a place in the psyche for the drive. The introduction of the death drive is linked to a problem regarding the psychic inscription of the drive, which concerns its relationship to the representational theory that underlies the theory until then and whose concept seems to impose limits. In the philosophical literature on the subject, we can find a wide range of works that, directly or indirectly, address the problem faced when trying to articulate the concept of the death drive, as introduced by Freud in 1920, with his representational theory of the time. This ranges from classic works, both in our field and in German-language literature, as well as more recent dissertations and theses, with which we have tried to engage in dialog throughout the chapters.

The path chosen to enter this field of debate, in this paper, was to articulate, initially, the close link that is established, throughout the construction of what would be called Freud's first drive doctrine, between the concept of drive thought of there and the notion of its necessary link to representation, through which the drive can find psychic fulfillment. A first movement in this direction, based on the text of the *Drei Abhandlungen*, was Freud's disconnection between object and drive. We see in that text the defense of the idea that, from the point of view of the sexual drive as it presents itself in humans, there is no obvious link between the drive's goal, understood in its broadest sense of an impetus for discharge, and an object predetermined in advance. Any object link would lack a foundation and the variations in so-called normality would have their rightful place there. A second movement, still in our initial chapter, was to note that, even in the case of egoic or self-conservative drives, the need for a psychic inscription in the representational field is outlined in texts from the 1910s. Such

an inscription would be necessary since, in order for there to be a search for objects of satisfaction, it is necessary to store stimulation, with a view to carrying out an action directed at the external world. This action, however, is directed by past experiences of satisfaction, which are psychically inscribed. In such a way that the object and the psychic representation of the object find an intimate link in the direction of the path of drive outflow that is described here.

Moving on to Freud's metapsychological works, the theoretical foundation of which was especially important for the conclusions we sought to draw from them, we tried to circumscribe in more detail the way in which the drive finds its way through the psychic, seeking access to the external world and trying to achieve the goal of the energetic discharge that is its driving force. It seemed clear to us that, in the weave of the drive's circulation, through its pathways of psychic inscription in the form of representations - understood here in the broadest sense of ideational representations and affects - the psychic apparatus is constituted as a way of realizing the drive's goal, its impetus for discharge. Starting from the body, its source, it will find its means of realization in the psychic.

In order to articulate a possible path from the drive to the "I", the route chosen was opened up by the figures of representation within Freudian metapsychology. With the move to the second drive doctrine, the link between drive and representation seemed more difficult to sustain, when approached from the point of view of the death drive. This is due to the fact that, in texts selected for their consolidated importance for the problem in question, which range from 1920 to the end of Freud's life, we can only speak of the psychic expression of those drives if we understand these expressions as deviations. This carries with it the implication that they themselves do not seem to require the opening of paths through the psyche in order to be realized. Their psychic allocation is a deviation that is imposed on them by virtue of the influx of the external world into the interior of the psychic apparatus, through the differentiation of a layer that will start to organize itself. Given that the primordial goal of this drive for total discharge, for a return to the state of absence of stimulation, is not capable of finding representational means to mediate its realization, its entry into the psychic field will be through amalgamation with the other class of drives, the erotic ones, thus diverting them from their original impetus. By these means, the "I", an organized instance of the psyche, constituted by a differentiation of its outermost layer and predicated by a set of functionalities, will assume a crucial value.

In the texts from which we have tried to delineate the notion of the "I", it seems to be possible to establish that, on the one hand, the "I" is essential in the process that will aim to promote the deviation from the deadly goal and, on the other hand, it is itself instituted as a deviation from the realization of this goal. It is established because of the difficulties that the external world imposes on achieving the goal in the simplest possible way, since it continually influences the primitive living substance with new stimuli. With this last statement, we can see that, in the passage from one drive doctrine to the other, there is a broadening of its scope of understanding. While, in his first doctrine, Freud refers to the psychic apparatus, but also to a limit placed on it by the body as the source of the drive, in the second doctrine we see the living organism take center stage in the discussion.

This approach brings us back to what we can call, to a certain extent, a classic problem within the philosophical debate surrounding Freudian psychoanalysis: the theme of decentering, which we see it as a classic problem since it has been relevant since the beginning of this field of research in our circles. Renato Mezan, for example, in his inaugural *Freud: a trama dos conceitos*, points out that:

Freud eliminated the notion of center from the philosophical vocabulary. Since Galileo and Darwin, man was no longer the center of the world, nor the top of creation; but he was still the center of himself, and the notion of *consciousness* was the emblem of this centrality. A center means: a privileged point around which everything is ordered, and which serves as a reference for a homogeneous space. Around consciousness, man was structured as something identical to himself, this identity guaranteed by the power of thought to encompass everything, including itself. Identity was therefore based on transparency; harmony of self with self, an integral coincidence whose legitimacy could never be questioned. Now, since the introduction of the theory of defense, man appears divided, and this division is consubstantial with him, as we have seen since the emergence of the concept of the unconscious. (MEZAN, 2001, p. 340)³²³

³²³ Freud elimina do vocabulário filosófico a noção de centro. Desde Galileu e desde Darwin, o homem não era mais o centro do mundo, nem o topo da criação; mas era ainda o centro de si mesmo, e a noção de *consciência* era o emblema desta centralidade. Um centro significa: um ponto privilegiado ao redor do qual tudo se ordena, e que serve de referência para um espaço homogêneo. Ao redor da consciência, o homem se estruturava como algo idêntico a si mesmo, garantida esta identidade pelo poder do pensamento de abarcar tudo, inclusive a si próprio. Identidade fundada, pois, na transparência; harmonia de si consigo, coincidência integral cuja legitimidade não poderia ser questionada a título algum. Ora, a partir da introdução da teoria da defesa, o homem aparece dividido, e esta cisão lhe é consubstancial, como se vê desde o surgimento do conceito de inconsciente. (MEZAN, 2001, p. 340)

It is in this reading key that the work undertaken here is understood, at least as an attempt to understand certain tensions in the relationships that are established within the texts between the two key notions addressed here: *Trieb* and *Ich*. We see this work as an attempt to test the viability of a hypothesis by reading key texts on the concepts mentioned. We believe it has been possible to test the viability of the interpretation we are seeking, although the conclusions are only preliminary and limited by the selection of texts established. It should be emphasized that the purpose of this selection was to make the proposed task feasible.

Finally, it should be pointed out that, in light of the above discussion, it is possible to say that the "I" can be seen as a late-emerging instance within the psyche, defined by a set of functions that aim, on the one hand, to mediate contact between the drive and reality and, on the other hand, arise from the needs that these two masters impose on the psyche: the drive and reality. Its emergence occurs through the imposition of forces that are extraneous to it and over which it has very limited power. In this sense, we could say that the "I" can be thought of as a deviation, a deviation from a goal that is beyond its control and that accompanies it like an not able to be apprehended background, and this background can only be inscribed through representational means when it has already deviated from its first and last impetus: non-existence.

Bibliography

1) Freudian texts:

The following Freudian texts were consulted in the edition *Gesammelte Werke* (Gesammelte Werke. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1952):

Entwurf einer Psychologie. (1895/1950)

Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. (1905)

Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung. (1910)

Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides).(1911)

Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. (1911)

Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse. (1912)

Zur Einführung des Narzissmus. (1914)

Zeitgemäßes über Krieg und Tod. (1915)

Die Verdrängung. (1915)

Das Unbewusste. (1915)

Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre. (1917)

Trauer und Melancholie. (1917)

Das Ich und Das Es. (1923)

Das ökonomische Problem des Masochismus. (1924)

Das Unbehagen in der Kultur. (1930)

XXXII. Vorlesung der Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (Angst und Triebleben). (1932)

The following Freudian texts were consulted in the edition *Studienausgabe* (Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag GmbH, 1992):

Zur Dynamik der Übertragung (1912)

Erinnern, Wiederholung und Durcharbeiten (1914)

Bemerkungen über die Übertragungsliebe (1915)

Das Unheimliche (1919)

Die endliche und die unendliche Analyse (1937)

In addition to the German originals mentioned above, the following editions were also consulted:

FREUD, S. Obras completas / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. -11 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2008.

FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica. 1ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. Além do princípio do prazer / Jenseits des Lustprinzips. 1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos. Edição Bilingue. 1. ed. 7. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, S. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados. Edição Bilingue. 1 ed. 7. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

2) Secondary bibliography

AIRES, S. Narcisismo e psicose: cem anos depois. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

ALMEIDA, J. J. L. A lógica do sonho. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

BIRMAN, J. Estilo e Modernidade em Psicanálise. São Paulo: Editora 34, 1997. 240p.

CÔRREA, F. S. O desenvolvimento do Eu a partir do mundo que o satisfaz e o potencializa e do mundo hostil que o ataca. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

DUNKER, C. Uma gramática para a clínica psicanalítica. In: As pulsões e seus destinos. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FONSECA, E. R. Psiquismo e Vida: Sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012. 383p.

GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à metapsicologia freudiana (Volume 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

GOETHE, J. W. Die Leiden des jungen Werther. München: Anaconda Verlag. 2020.

GREEN, A. O trabalho do negativo. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUIMARÃES, L. M. Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud: origem, metapsicologia e formas sociais. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HANNS, L. A. A teoria pulsional na clínica de Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999. 232p.

HESSE, H. Siddartha. Eine indische Dichtung. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2022.

HOCK, U. Das Unbewußte Denken: Wiederholung und Todestrieb. Frankfurt am Main: Psychosozial-Verlag, 2012. 315p.

IANNINI, G. Notas. In: FREUD, S. Além do princípio do prazer / Jenseits des Lustprinzips. 1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: As pulsões e seus destinos. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Para introduzir *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, S. Além do princípio do prazer / Jenseits des Lustprinzips. 1. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LIMONGI, I. M. P. A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, 1994.

LEBRUN, G. A ideia de epistemologia. In: MOURA, C.A.R. & CACCIOLA, M.L.M.O. (org.). A filosofia e sua história. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LÖCHEL, E. “*Jenseits des Lustprinzips*”: Lesen und Wiederlesen. In: *Psyche* 8, 50: 681-674, 1996.

MEZAN, R. Freud: A trama dos conceitos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5a ed., 2013.

MONZANI, L. R. Freud: O movimento de um pensamento. Campinas. Ed. Unicamp, 1989.

_____. O suplemento e o excesso. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R.T. (org.). Freud na Filosofia Brasileira. São Paulo: Escuta, 2005.

_____. Os paradoxos do prazer em Freud. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R.T. (org.). Freud na Filosofia Brasileira. São Paulo: Escuta, 2005.

MONZANI, L. R.; SORIA, A.C.S. (orgs.). Freud: Filosofia e Psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019. 203p.

NAMBA, J. Estudos sobre as psicoses e a metapsicologia em Freud. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A.C.S. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

RAZINSKY, L. Freud, Psychoanalysis and Death. New York: Cambridge University Press, 2013. 318p.

RICOEUR, P. Da interpretação. Ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

SIMANKE, R. T. A fundação da psicanálise: Uma análise do *Projeto de uma psicologia* de Freud (Volume 1). São Paulo: Instituto Langage, 2023. 320p.

SORIA, A. C. S. Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

_____. Fantasia e realidade nos escritos metapsicológicos. In: MONZANI, L.R. & SORIA, A. C. Freud: filosofia e psicanálise. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

SORIA, A. C. S.; NAMBA, J. (orgs.). Cem anos de *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Alameda, 2023. 342p.

STORCK, T. *Trieb: Grundelemente psychodynamischen Denkens*. Stuttgart: W. Kohlhammer GmbH, 2018.

TAVARES, P. H. Sobre a tradução do vocábulo *Trieb*. In: *As pulsões e seus destinos*. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.